UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM IMUNOLOGIA BÁSICA E APLICADA

ANÁLISE DE CÉLULAS T NÃO CONVENCIONAIS EM PACIENTES COM LEUCEMIA LINFOBLÁSTICA AGUDA DE CÉLULAS B (LLA-B)

MANAUS – AM

2023

NILBERTO DIAS DE ARAÚJO

ANÁLISE DE CÉLULAS T NÃO CONVENCIONAIS EM PACIENTES COM LEUCEMIA LINFOBLÁSTICA AGUDA DE CÉLULAS B (LLA-B)

Tese apresentada para efeito de defesa de doutorado no Programa de Pós-graduação em Imunologia Básica e Aplicada da Universidade Federal do Amazonas como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em Imunologia.

Área de concentração: Imunologia Básica e Aplicada

Orientador: Prof. Dr. Allyson Guimarães da Costa

Co-orientadora: Profa. Dra. Adriana Malheiro Alle Marie

MANAUS – AM
2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A663a

Araújo, Nilberto Dias de
Análise de Células T não convencionais em pacientes com Leucemia Linfoblástica Aguda de Células B (LLA-B) : Pacientes com Leucemia Linfoblástica Aguda de Células B / Nilberto Dias de Araújo . 2023
132 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Allyson Guimarães da Costa
Coorientadora: Adriana Malheiro Alle Marie
Tese (Doutorado em Imunologia Básica e Aplicada) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Leucemia Linfoblástica Aguda de Células B. 2. Células T não Convencionais. 3. Resposta antitumoral. 4. Doença Residual Mensurável (DRM). 5. Fatores Imunológicos Solúveis. I. Costa, Allyson Guimarães da. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM IMUNOLOGIA BÁSICA E APLICADA

ANÁLISE DE CÉLULAS T NÃO CONVENCIONAIS EM PACIENTES COM LEUCEMIA LINFOBLÁSTICA AGUDA DE CÉLULAS B (LLA-B)

NILBERTO DIAS DE ARAÚJO

Banca examinadora composta por:

Prof. Dr. Allyson Guimarães da Costa

(Presidente)

Kátia Luz Torres Silva

(Membro Titular Interno do Programa)

Jerusa Araújo Quintão Arantes Faria

(Membro Titular Interno ao Programa)

Daniel Barros de Castro

(Membro Titular Externo ao Programa)

Pedro Rauel Cândido Domingos

(Membro Titular Externo ao Programa)

Dedico este trabalho a meu Pai ***João Eriberto Araújo Silva****, motivo maior da minha felicidade. Tenho certeza que não teria conseguido caminhar sozinho, sem seu amor incondicional quando em vida, sem seu apoio espiritual, que me dá estímulo para seguir em frente.*

Com todo carinho (in memoriam) a você.

Dedico

Agradecimentos

Aqui, tento expressar a imensa gratidão por tudo que realizei no período de construção desse trabalho.

Deus, pela força e capacidade que me dá todos os dias, porque fostes testemunha das dificuldades do percurso e aliado nas superações. Obrigado por me presentear com a riqueza do saber.

Aos meus ***amigos*** – injusto citar nomes e esquecer alguém, afinal, mais de uma pessoa tem feito minha vida valer a pena, não quero deixar você de fora – pela amizade e carinho sinceros, pela força, conselhos e apoio nos momentos em que precisei, pelos bons momentos compartilhados em nossas saídas e encontros. Foi muito bom conviver com vocês nesses últimos anos, e talvez sem vocês não fizesse sentido.

A meu fantástico ***Orientador, Dr. Allyson Guimarães***, pelo exemplo de pessoa e profissional, pela paciência, empenho e dedicação em ensinar (muito além de termos científicos), pela confiança e credibilidade depositadas em mim para realizar esse trabalho, me proporcionando oportunidades que mudaram minha vida. Obrigado por nunca soltar minha mão.

A minha ***Co-Orientadora***, ***Drª. Adriana Malheiro***, pelo exemplo de pessoa e profissional, que sempre me inspiraram a ser uma pessoa melhor.

As meus pais, pelo apoio e respeito que recebi para seguir em frente em busca dos meus sonhos. A todos os familiares distantes, obrigado pelo suporte e por compreenderem minha ausência nesses últimos tempos. Cada conquista minha é um triunfode vocês.

Ao meu ***irmão João Filho***, obrigado por torcer e confiar no meu potencial. Espero que esteja presente em muitas outras que ainda virão.

Aos **inconfundíveis amigos** conquistados ao longo dessa caminhada: **Fábio Gama, Juliana Neves, Diana Mota, Tatiana Bacry, Tatiana Amabile, Felipe Murta, Alex Santos e Priscila Tregue,** por toda a grande ajuda fornecida nas várias etapas do processo, desde a chegada em Manaus até a defesa do doutorado. Meu **muito obrigado** pelo apoio recebido na concretização desse sonho.

A todos os ***colegas do grupo de Pesquisa AmazonInterScience.*** Guardarei com muito carinho, inclusive nossos momentos de descontrações entre um café e uma coleta de Medula.

As minhas excepcionais alunas de Iniciação Científica (PAIC-HEMOAM): Izabela Freitas e Júlia Ghedini.

Ao MSc. **João Paulo**, pelos conselhos e pela imensurável ajuda na análise da citometria de fluxo.

A ***Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM)*** por ceder os espaços e equipamentos necessários para a execução do projeto.

A ***Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES),*** pela Bolsa de Doutorado ***e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM),*** pelo auxílio financeiro via Programa Pró-Estado (Resoluções n.º 002/2008, n.º 007/2018 e n.º 005/2019).

A ***Universidade Federal do Amazonas (UFAM)*** e ao ***Programa de Pós-Graduação em Imunologia Básica e Aplicada (PPGIBA)***, seus ***Docentes*** e ***Técnicos*** pelos valorosos ensinamentos e pela oportunidade de qualificação profissional.

RESUMO

A leucemia linfoblástica aguda (LLA) é uma neoplasia linfo-proliferativa que compromete a produção e maturação celular de origem linfoide na medula óssea. Essa proliferação desregulada resulta em alterações nos mecanismos de ação do sistema imunológico e aumento do número de blastos, ocorrendo um desequilíbrio na produção de várias moléculas imunológicas, entre elas as quimiocinas, citocinas e fatores de crescimento, podendo influenciar a resposta mediada por células. Assim, este estudo foi direcionado para descrever a frequência das populações de células T não convencionais envolvidas na resposta antitumoral de pacientes pediátricos com Leucemia Linfoblástica Aguda de células B (LLA-B) *de novo* durante a terapia de indução a remissão, proposta pelo protocolo terapêutico do Grupo Brasileiro de Tratamento da Leucemia na Infância (GBTLI), versão 2009. Foram realizados dois estudos de revisão bibliográfica sobre as populações de células T não convencionais na LLA-B, em paralelo a um estudo analítico, longitudinal e prospectivo, com coleta de amostras de medula óssea (MO) e sangue periférico (SP) de pacientes pediátricos atendidos na Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM). Uma vez diagnosticados com LLA-B, foi realizada a imunofenotipagem para a classificação em LLA-B comum e para as células T gama-delta (γδ), NKT e células MAIT, com a dosagem de moléculas imunológicas solúveis. Inicialmente, houve a publicação do artigo **"Translating Unconventional T Cells and Their Roles in Leukemia Antitumor Immunity"** abordando o papel das células T gama-delta (γδ), células T natural killer (NKT) e células T invariantes associadas à mucosa (MAIT) no contexto da leucemia e resposta antitumoral. Esta revisão teve como foco o conhecimento atual a respeito do papel destas populações de células T não convencionais na resposta imune antitumoral na leucemia, discutindo a necessidade de mais estudos sobre o potencial imunoterapêutico destas células. Posteriormente foi publicado um segundo artigo de revisão: **"γδT Cells for Leukemia Immunotherapy: New and Expanding Trends"**. Nesta revisão, destacamos diversas características das células Tγδ e suas interações na leucemia. Além disso, exploramos estratégias para maximizar suas funções antitumorais, ilustrando os achados, demonstrando a mobilização das células Tγδ contra o tumor. Delineamos nossas perspectivas sobre sua aplicabilidade terapêutica e indicamos debates pendentes para futuras pesquisas básicas e clínicas sobre leucemia, no intuito de contribuir para o avanço dos estudos sobre células Tγδ na imunoterapia do câncer. Por fim, os dados originais da tese apresentado em formato de artigo para submissão, os resultados e discussões a respeito do estudo intitulado: "**Análise de células T não convencionais e mediadores imunológicos solúveis em pacientes com leucemia linfoblástica aguda de células B (LLA-B)".** Através destes estudos, buscamos explorar a imunobiologia das células T não convencionais ainda pouco exploradas na literatura, destacando seu papel na atividade antitumoral da LLA-B.

Palavras-chaves: Células T não convencionais; leucemia linfoblástica aguda; microambiente tumoral; moléculas imunológicas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE QUADROS

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CF	Citometria de Fluxo
CD	*Cluster of differentiation*
CLs	Células leucêmicas
D0	Ao diagnóstico, início da indução a remissão do protocolo quimioterápico
D35	Dia 35 da terapia de indução a remissão do protocolo quimioterápico
D84	Dia 84 da terapia de indução a remissão do protocolo quimioterápico
DC	*Dendritic Cells*
DNAM-1	*DNAX accessory molecule-1*
DRM	Doença Residual Mínima
EDTA	Ácido etilenodiamino tetra-acético
GBTLI	Grupo Brasileiro de Tratamento de Leucemia Infantil
HEMOAM	Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas
IFN	Interferon
LLA	Leucemia linfoblástica aguda
LLA-B	Leucemia linfoblástica aguda de células B
LMA	Leucemia mieloide aguda
MAIT	*Mucosal-associated invariant* T
MHC	Complexo principal de histocompatibilidade
MIC-A/B	*MHC class I polypeptide-related sequence A/B*
MO	Medula óssea
MT	Microambiente Tumoral
NCRs	*Natural cytotoxicity receptors*
NKG2D	*Natural killer group 2 member D*
NKT	*Natural killer* T
SP	Sangue periférico
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TGF	*Transforming growth factor*
TLRs	*Toll-like receptors*
TNF	*Tumor necrosis factor*
TRAIL	*Tumor necrosis factor-related apoptosis-inducing ligand*
ULBPs	*UL16 binding protein*

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

A leucemia linfoblástica aguda (LLA) é uma alteração maligna e proliferativa de células progenitoras de origem linfoide na medula óssea, com migração de células leucêmicas para o sangue periférico e sítios extramedulares. A incidência de LLA segue uma distribuição bimodal, com o primeiro pico ocorrendo na infância e um segundo ocorrendo por volta dos 50 anos (KRUGER et al., 2019; RICHARD-CARPENTIER; KANTARJIAN; JABBOUR, 2019).

Mundialmente, a LLA é o tipo mais comum de câncer infantil, constituindo cerca de um terço de todas as neoplasias malignas de crianças, sendo quatro vezes mais frequente que a leucemia mieloide aguda (LMA) (TERWILLIGER; ABDUL-HAY, 2017). No Brasil, a Região Norte destaca-se por apresentar as maiores taxas de incidência do país, com 39% dos casos. A faixa etária mais acometida são crianças entre 2 a 6 anos, com o sexo masculino sendo o mais afetado, principalmente na primeira infância (SILVA et al., 2019).

A LLA é classificada fenotipicamente em Linhagem B (LLA Pré-B; LLA Pró-B; LLA B Comum e LLA B Madura) e Linhagem T (LLA Pró-T; LLA Pré-T; LLA T Cortical e LLA T Medular). A LLA-B comum é subtipo mais frequente, caracterizado pela proliferação anormal de clones de linfócitos B imaturos na medula óssea (MO) (FARIAS; CASTRO, 2004). O diagnóstico laboratorial é feito, embora não exclusivamente, pela presença mínima de 20% de blastos entre as células nucleadas da MO, incluindo análise de dados citomorfológicos, imunofenotípicos, citogenéticos e moleculares (SWERDLOW et al., 2016).

Os mecanismos imunológicos em pacientes com LLA ainda estão sendo investigados, contudo sabe-se que o processo neoplásico pode provocar várias desordens imunes em consequência da intensa produção de células leucêmicas (CLs), além do processo de evasão da resposta imune. Este descontrole no nicho medular induz um desequilíbrio na produção de várias moléculas, entre elas as quimiocinas e citocinas (BEHRMANN; WELLBROCK; FIEDLER, 2018; CARDOSO, 2020; KARANTANOU; GODAVARTHY; KRAUSE, 2018).

Recentemente, a resposta imune mediada por células em neoplasias malignas se tornou o foco da imunoterapia contra o câncer. Porém, na leucemia, a maioria dos estudos

sobre o potencial citotóxico das células T tem se concentrado apenas nas células T que reconhecem antígenos peptídicos (Ag) apresentados por moléculas polimórficas do complexo principal de histocompatibilidade (MHC). Isso ignora o grande potencial das populações de células T não convencionais, que incluem células T gama-delta (γδ), células natural killers T (NKT) e células T invariantes associadas à mucosa (MAIT). Coletivamente, essas populações de células T podem reconhecer antígenos lipídicos, especialmente peptídeos modificados e metabólitos de pequenas moléculas, além de apresentarem várias outras vantagens, que podem fornecer aplicações mais eficazes na imunoterapia do câncer (EHSANPOUR, 2018).

Portanto, realizar a análise de células T não convencionais no microambiente medular e sangue periférico pode ser uma estratégia eficaz para a compreensão da resposta imune frente as neoplasias hematológicas, possibilitando entender de forma mais detalhada as interações e os aspectos fisiopatológicos entre o sistema imunológico e os blastos leucêmicos na LLA-B.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Leucemias

A leucemia linfoblástica aguda (LLA) é uma desordem maligna resultante da proliferação clonal de precursores linfoides com maturação interrompida. A doença pode originar-se de células linfoides de diferentes linhagens, dando origem a leucemias de células B ou T ou às vezes com leucemia de linhagem mista (RYTTING et al., 2017).

A LLA foi uma das primeiras neoplasias malignas a responder à quimioterapia e mais tarde foi uma das primeiras que puderam ser curadas na maioria das crianças. Desde então, progressos foram feitos não apenas em novos protocolos de tratamento, mas também na modificação das formas de tratamento com base nos critérios de resposta do paciente (GREAVES, 2016; RICHARD-CARPENTIER; KANTARJIAN, 2019).

Na maioria das vezes, o início da doença é tão abrupto que os sinais e sintomas surgem já nas primeiras semanas da instalação da doença. Até o momento, sabe-se que a leucemia não é hereditária, muito menos contagiosa, no entanto foi considerado um resultado de agravo genético adquirido no DNA de uma única linhagem de células na medula óssea (GREAVES, 2018).

2.2 Epidemiologia e fatores de risco

A nova estimativa do Instituto Nacional de Câncer (INCA) do Ministério da Saúde aponta para 704 mil casos novos de câncer no Brasil para cada ano do triênio 2023 a 2025, com destaque para as regiões Sul e Sudeste, que concentram cerca de 70% da incidência (INCA, 2023). O Instituto Nacional de Câncer (INCA) estima que para cada ano do biênio 2018/2019, sejam diagnosticados 5.940 casos novos de leucemia em homens e 4.860 em mulheres. Esses valores correspondem a um risco estimado de 5,75 casos novos a cada 100 mil homens e 4,56 casos novos para cada 100 mil mulheres (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

A leucemia corresponde ao 15º tipo de câncer de maior incidência no mundo, apresentando 2,4% de todos os casos novos de câncer. No Brasil, nos últimos anos, houve um aumento expressivo na incidência de leucemia, representando atualmente o 9° câncer mais comum. A proporção de casos de leucemia entre as regiões do Brasil é variável e tem aumentado desde os últimos relatórios do INCA.

A região Norte foi identificada como a região com o segundo maior número casos de leucemia, tendo o Amazonas, particularmente sua capital Manaus, classificada em 2010 como a capital com a segunda maior taxa de incidência ajustada à idade (abaixo de 14 anos) de leucemia em crianças e adolescentes. Em 2011, teve a maior taxa de incidência no país, com 76,8 casos de leucemia por milhão de habitantes, aumentando em 2016 para 87,1 (SILVA-JUNIOR, 2019).

A leucemia linfoblástica aguda é a neoplasia mais comum em crianças e adolescentes correspondendo por 70% a 80% em menores de 15 anos e apenas 20% dos casos em adultos. A doença acomete principalmente crianças entre 2 a 6 anos, com discreto predomínio do sexo masculino comparado ao feminino, numa proporção de 2:1 (SILVA et al., 2019). Cerca de 85% dos casos tem fenótipo de células B de células precursoras, 1 a 2% são do subtipo células-B maduras e o restante é do tipo LLA de células T, que apresenta maior resistência ao tratamento padrão (TERWILLIGER; ABDUL-HAY, 2017).

Estudos epidemiológicos de leucemias agudas em crianças examinaram uma série de possíveis fatores de risco (por exemplo, ambientais, genéticos ou infecciosos) em um esforço para determinar a etiologia da doença. Apenas um fator de risco ambiental (radiação ionizante) foi significativamente ligado à LLA ou à LMA. A maioria dos fatores de risco ambientais, tais como campos eletromagnéticos (EMF) e tabagismo, tem associação fraca ou inconsistentemente com qualquer forma de leucemia infantil (GREAVES, 2018; SILVA et al., 2019).

O Amazonas possui a maior extensão territorial de todas as unidades federativas e sua capital, Manaus, foi identificada em 2010 como a capital com a segunda maior taxa de incidência ajustada por idade (menores de 14 anos) de leucemia. Em 2011, apresentou a maior taxa de incidência do país, com 76,8 casos de leucemia por milhão de habitantes, que aumentou ainda mais em 2016 para 87,1. De acordo com a Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM), o número de pacientes com diagnóstico de Leucemias aumentou em mais de 10% nos primeiros três meses de 2018. Conforme dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (Datasus), de janeiro a março de 2018, 128 pacientes foram identificados com a doença, enquanto no primeiro trimestre de 2019 houve 152 registros de leucemias agudas (SILVA-JUNIOR, 2019).

2.3 Diagnóstico

Cerca de 90% dos pacientes com LLA apresentam alterações laboratoriais e hematológicas no diagnóstico e estas representam o grau de envolvimento da MO pelos blastos. Anemia normocítica e normocrômica, com contagem de reticulócitos baixa ocorre em aproximadamente 80% dos pacientes. A leucometria está aumentada na grande maioria dos casos, porém pode haver leucopenia, com diminuição significativa de neutrófilos. A contagem de plaquetas inferior a 100.000/mm³ é comum. Em cerca de 5% dos casos a contagem de leucócitos pode ser menor que 2.000/mm³, sem linfoblastos detectáveis no sangue periférico (FARIAS; CASTRO, 2004).

Para a confirmação do diagnóstico, é realizado o mielograma para análise citomorfológica do esfregaço de medula óssea, onde costuma revelar hipercelularidade associada com linfoblastos. Além do mielograma, o refinamento no diagnóstico e classificação das leucemias é obtido através da imunofenotipagem por citometria de fluxo, técnicas de citogenética e biologia molecular (CAMPO et al., 2011; FARIAS; CASTRO, 2004; SWERDLOW et al., 2016).

2.4 Protocolo de tratamento

A grande chance de cura nos protocolos nacionais aconteceu na década de 80 quando iniciaram o primeiro protocolo multicêntrico de tratamento de LLA infantil, formando-se assim o Grupo Brasileiro de Tratamento da Leucemia Infantil (GBTLI-80). Desde então, cinco estudos foram realizados e concluídos em 1982, 1985, 1993, 1999 e 2009, respectivamente (CAZÉ; BUENO; SANTOS, 2010).

Dados brasileiros do último estudo do GBTLI (versão 2009) revelam que, em sete anos de seguimento, a taxa de sobrevida livre de eventos de crianças tratadas pelo protocolo foi de aproximadamente 76,3% para o grupo de baixo risco e 59,8% para o grupo de alto risco (GBTLI-2009). Os pacientes foram estratificados por grupo de risco e analisados durante a terapia de indução em quatro etapas: ao diagnóstico (D0), oitavo dia (D8), décimo quinto dia (D15), trigésimo quinto dia (D35) e octogésimo quarto dia (D84) após o diagnóstico.

A terapia de indução da remissão, segundo o protocolo GBTLI-2009 tem duração de 84 dias e utiliza como critérios de estratificação de risco a idade, contagem

leucocitária, linhagem celular, presença de linfoblastos no SNC e análise citogenética de anormalidades cromossômicas. A resposta precoce à indução é avaliada no D8, com contagem morfológica de blastos em sangue periférico, no D15 e D35, com avaliação da contagem morfológica de blastos e detecção da presença de doença residual mínima (DRM) por citometria de fluxo e testes moleculares (GBTLI-2009).

2.5 Fisiopatologia

A LLA é uma doença multifatorial desencadeada pela interação de fatores genéticos e ambientais, todavia, estudos apontam para uma relação entre o desenvolvimento da doença e a desregulação do sistema imunológico. As células leucêmicas podem modelar funcionalmente seu ambiente através da secreção de diversos fatores que atuam no recrutamento de células imunes como neutrófilos, macrófagos, células dendríticas, linfócitos B e T. Além disso, podem proporcionar um ambiente favorável ao desenvolvimento neoplásico (HUAN et al., 2013).

Os mecanismos imunológicos observados em pacientes com leucemia não são muito conhecidos. No entanto, com os avanços crescentes no campo da imunoterapia, tem havido um grande progresso nas pesquisas relacionadas ao microambiente tumoral na leucemia. Estudos têm demonstrado que as CLs secretam fatores que desregulam nichos de MO saudáveis, reprogramando-os e transformando-os em "nichos leucêmicos", além de induzir uma interrupção na produção balanceada de citocinas e favorecer a persistência leucêmica e o potencial metastático (CHIARINI et al., 2016).

Apesar do microambiente pró-tumoral criado pelas CLs, estudos relatam que uma resposta imune específica pode ser desencadeada e, portanto, contribuir para a defesa contra o tumor. As populações de células T consideradas não convencionais também participam desse processo, exercendo uma atividade imune antitumoral. Coletivamente, essas populações de células T diferem de outras células T principalmente na maneira como reconhecem e respondem a moléculas estranhas (GODFREY et al., 2015).

Ao contrário das células T reativas ao MHC, as células T não convencionais geralmente mostram padrões simplificados da expressão do receptor do antígeno da célula T (TCR) e geralmente têm como alvo moléculas apresentadoras de Ag monomórficas e outros ligantes, onde após sua ativação promovem respostas efetoras

rápidas e fortes. Essas populações de células T incluem células Tγδ, células NKT e células MAIT (GODFREY et al., 2018).

2.6 Células T não convencionais

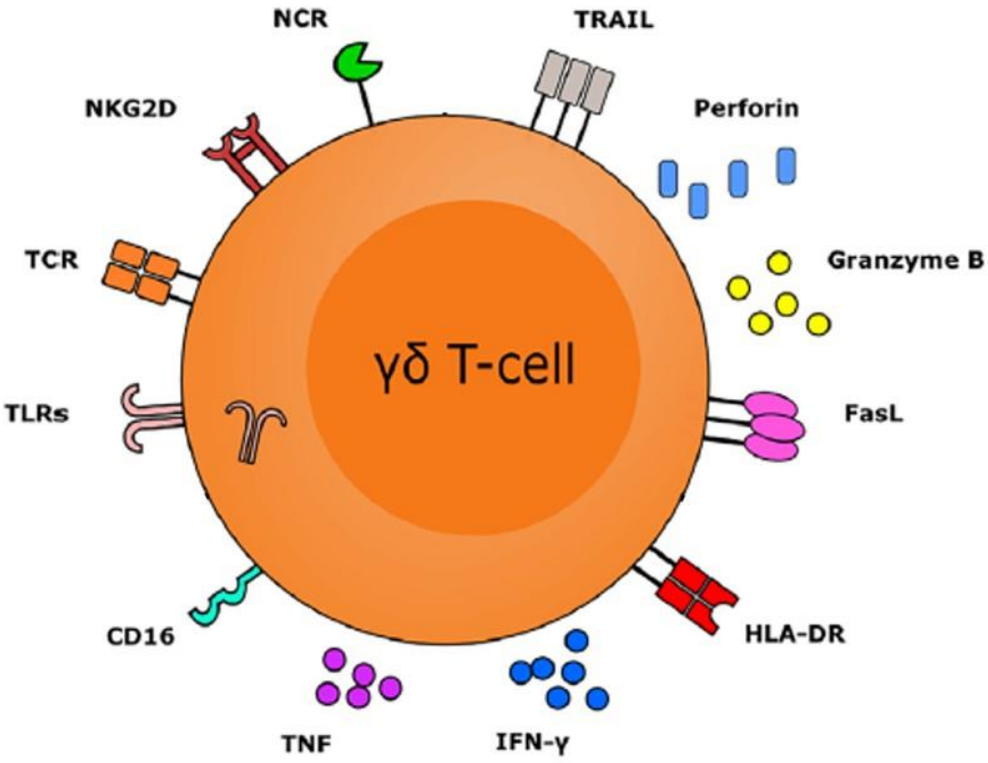
2.6.1 Células T γδ

Embora o papel imunológico das células T convencionais que expressam o receptor de células T (TCR) αβ esteja bem caracterizado, pouco ainda se sabe sobre a função da linhagem de células portadoras de TCRγδ. Esta pequena população de linfócitos possui uma biologia que atua na interface entre a imunidade inata e adaptativa, participando de várias respostas imunes durante a progressão do tumor (ZHAO; NIU; CUI, 2018).

Estas células se originam durante a linfopoiese (a partir de timócitos duplo-negativos) e se destacam pelo reconhecimento e destruição de vários tipos de tumores de forma independente do complexo principal de histocompatibilidade (MHC) (PARKER; CIOFANI, 2020; VANTOUROUT; HAYDAY, 2013). Além disso, essas células constituem até 10% das células $CD3^+$ circulantes e são classificadas de acordo com os rearranjos genéticos da cadeia δ do TCR em três subconjuntos principais: Vδ1, Vδ2 e Vδ3 (em humanos). Esses linfócitos estão presentes na circulação sanguínea, nos tecidos e nas mucosas, locais estratégicos para exercer seu alto poder citotóxico contra infecções e tumores (ZHAO; NIU; CUI, 2018).

As células Tγδ são evolutivamente conservadas e possuem diversas funções pleiotrópicas. Enquanto estas células são naturalmente especializadas na secreção de mediadores pró-inflamatórios **(Figura 1)** (WESCH; GLATZEL; KABELITZ, 2001), estes linfócitos também conseguem adotar fenótipos de resposta do tipo Th2, Th9 e Th17 (CACCAMO et al., 2011; NESS-SCHWICKERATH; JIN; MORITA, 2010; PETERS et al., 2016). No microambiente tumoral (MT), estes linfócitos expressam um diverso repertório de receptores de reconhecimento, que têm recebido um valor prognóstico favorável em diversas malignidades, incluindo leucemias (GENTLES et al., 2015).

Baseado em diversos relatórios, foi confirmado que células Tγδ são capazes de desencadear uma resposta imune através de mecanismos inatos e adaptativos, por exemplo, através da sinapse citolítica com a célula-alvo, além do recrutamento e estimulação de outras células imunes necessárias para o estabelecimento de uma resposta



antitumoral (PRESTI et al., 2018; ZHAO; NIU; CUI, 2018). Esses linfócitos conseguem induzir a regressão neoplásica através da interação célula-célula ou pela secreção de diversas moléculas solúveis (TNF-α e IFN-γ) que inibem a expansão tumoral. As moléculas efetoras induzem um aumento da atividade antitumoral de outras células citotóxicas ou regulam positivamente a expressão de MHC-I pela célula cancerosa (GAO et al., 2003).

Figura 1. Visão geral da célula Tγδ e receptores. A célula Tγδ possui capacidade multifatorial, com interações e vias cruciais, com reconhecimento de moléculas virais, presença de PAMPs, receptores do tipo NK e TLR. As células Tγδ expressam alguns receptores essenciais para o reconhecimento e destruição de tumores, o que lhe dá certa vantagem em relação a outras populações de células T convencionais, seja pelo reconhecimento independente da expressão de MHC ou pela alta expressão dos receptores citados na imagem. O repertório de reconhecimento antileucêmico inclui várias moléculas, como: NKG2D, NCRs, FasL, CD16, DNAM-1 e o próprio TCR γδ.

Fonte: Adaptado de *Canon et al*, 2021.

Além disso, as células Tγδ estimulam a hipermutação somática e a troca de isótipos em células B (CACCAMO et al., 2006; HORNER et al., 1995; PETRASCA et al., 2018), possivelmente induzindo a imunidade mediada por anticorpos. Suas funções efetoras também incluem a ativação de macrófagos e o recrutamento e ativação de células T $CD8^+$ e células NK (BRANDES; WILLIMANN; MOSER, 2005; MANIAR et al., 2010; MAO et al., 2014; MUTO et al., 2015).

O papel imunológico destes linfócitos também inclui o estímulo da maturação de células dendríticas (DCs) e, em troca, observa-se a potencialização das atividades citotóxicas dessas células (MARTINO et al., 2007; VAN ACKER et al., 2015). Notavelmente, as células neoplásicas tendem a expressar diversas moléculas induzidas pelo estresse ou antígenos metabólicos, que são reconhecidos pelo TCR γδ e receptores acessórios, mediando assim uma resposta potente contra o tumor (DE WEERDT et al., 2015; GOMES et al., 2010; GUNDERMANN et al., 2014; SIMÕES; DI LORENZO; SILVA-SANTOS, 2018).

Sem restrições à expressão de MHC, as células Tγδ reconhecem vários antígenos que são expressos em células leucêmicas (CLs) e geralmente incluem moléculas metabólicas e induzidas por estresse (CORREIA et al., 2011; GOMES et al., 2010; SIEGERS, 2012; SIEGERS et al., 2011a, 2011b). Ligantes, como MIC-A / MIC-B e ULBPs, podem ser identificados por meio do receptor NKG2D, que é expresso principalmente em células T γδ (GUNDERMANN et al., 2014; SILVA-SANTOS; STRID, 2018). Além disso, alguns metabólitos da via do mevalonato, conhecidos como fosfoantígenos (pAgs), podem ser reconhecidos diretamente pelos TCRs e são altamente regulados nas CLs (GERTNER-DARDENNE et al., 2012; PANDYRA et al., 2014).

Outras moléculas auxiliam no reconhecimento do tumor e possivelmente suportam a resposta antileucêmica de células Tγδ, como TLRs, DNAM-1, FasL (ligante de Fas), FcγRIII , TRAIL, NCRs (NKp30, NKp44 e NKp46) e o receptor 2B4 (CORREIA et al., 2011; FLAMENT et al., 1996; GERTNER-DARDENNE et al., 2012; KALYAN; WESCH; KABELITZ, 2011; MAMI-CHOUAIB et al., 1991; ZHAO; NIU; CUI, 2018).

As células $V\delta1^+$, que expressam as cadeias de TCR Vγ1 a Vγ11, respondem preferencialmente nos tecidos da pele, epitélio intestinal, pulmão, baço e fígado, onde desempenham papéis cruciais na manutenção do tecido epitelial (VANTOUROUT; HAYDAY, 2013; WU et al., 2017). Sabe-se que esses linfócitos patrulham os diversos

tecidos em busca de células em processo de estresse, derivadas de infecções e tumorigênese, mantendo assim a homeostase tecidual (DAVEY et al., 2018). Para isso, a secreção de citocinas Th1 e Th17 são essenciais para a vigilância imunológica (RAMSTEAD; JUTILA, 2012; SILVA-SANTOS; SERRE; NORELL, 2015; WU et al., 2014; ZHAO; NIU; CUI, 2018).

Essas células, embora incomuns no sangue periférico (~10% de células no sangue), apresentam alta diversidade de reconhecimento de tumor e demonstraram grande potencial contra CLs (CORREIA et al., 2011; KOZBOR et al., 1989; LANÇA et al., 2010). Correia et al. demonstrou que as células Vδ1 que expressaram NCRs conseguiram destruir células tumorais linfoides e mieloides por meio de NKp30 e NKp44, que pareciam reconhecer antígenos que são distintos de seus ligantes clássicos, como a molécula B7-H6, que se liga a NKp30 (CORREIA et al., 2011). No mesmo estudo, a expressão estável desses NCRs foi associada a níveis elevados de granzima B e parecia atuar de forma sinérgica com maior atividade citotóxica contra CLs. Levando em consideração que em algumas leucemias se observa alta expressão de membros da família ULBP, como ligantes NKG2D (POGGI et al., 2004), Lança et al. demonstraram que a expressão de ULBP1 em CLs é importante para o reconhecimento por células Vδ1 (LANÇA et al., 2010). ULBP3 foi confirmado por Poggi et al., que apresentaram resultados semelhantes (POGGI et al., 2004). Portanto, os dados sugerem provável participação imunológica dessas células e indicam uma contribuição significativa para a resposta imune antileucêmica.

Essas células também podem reconhecer antígenos lipídicos ou metabólicos que são apresentados por meio de moléculas semelhantes ao MHC de classe I, como CD1 e MR1 (DAVEY et al., 2018; WILLCOX; MOHAMMED; WILLCOX, 2020). Estas e outras características das células Vδ1 as tornam candidatas em potencial para novas abordagens imunoterapêuticas em vários tumores humanos, sendo exploradas recentemente em diversos ensaios experimentais, incluindo as leucemias (ALMEIDA et al., 2016; DI LORENZO et al., 2019; GARBER, 2020). Embora seus papéis ainda sejam pouco conhecidos, sabemos que as células Vδ1 demonstram funções importantes na atividade antitumoral e merecem destaque por apresentarem características diferentes das células Vγ9Vδ2, seja pela alta expressão de NCRs, seja pela não suscetibilidade a morte celular induzida por ativação (MCIA) (GAN; LUI; MALKOVSKY, 2001; KABELITZ, 1999; MEEH et al., 2006). Os papéis desse subtipo de células T γδ no ambiente da medula

óssea e sangue periférico in vivo, no contexto da leucemia, ainda precisam ser investigados a respeito dos ligantes e receptores de reconhecimento que atuam durante a resposta imune.

O subtipo Vδ2^{+}, que emparelha exclusivamente com a cadeia de TCR Vγ9, atua principalmente no sangue, reconhecendo fosfoantígenos (pAg) derivados de bactérias e células neoplásicas (WILLCOX; DAVEY; WILLCOX, 2018). Uma vez ativados, esses linfócitos secretam moléculas efetoras como IFN-γ, TNF, perforinas e granzimas, exercendo importantes atividades citotóxicas no sangue periférico contra patógenos e tumores (VYBOROVA et al., 2020; ZHAO; NIU; CUI, 2018). Essas células constituem até 95% das células T γδ do sangue (FONSECA et al., 2020; HINZ et al., 1997; KABELITZ et al., 1997; KOZBOR et al., 1989) e geralmente respondem a uma ampla variedade de pAgs, como IPP (isopentenil pirofosfato) e HMB-PP (4-hidroxi-3-metil-but-2-enilpirofosfato), que são intermediários da via do mevalonato em eucariotos e procariotos (GRUENBACHER; THURNHER, 2017; HERRMANN; FICHTNER; KARUNAKARAN, 2020; MOULIN et al., 2017).

O reconhecimento desses pAgs ocorre no contexto da família de moléculas da butirofilina (BTN), como BTN3A1 e BTN2A1 (BLAZQUEZ et al., 2018; KARUNAKARAN et al., 2020; RIGAU et al., 2020; WILLCOX et al., 2019), que podem ser detectados em CLs e medeiam uma resposta imune potente que pode ser usada terapeuticamente (BENYAMINE et al., 2016). Essas moléculas podem ser reconhecidas diretamente através do TCR γδ e são capazes de desencadear uma resposta do tipo Th1 contra as células-alvo (DEBARROS et al., 2011; LAFONT et al., 2001).

O mecanismo de reconhecimento de pAgs ainda não está claro, embora vários estudos tenham expandido recentemente as informações sobre como as células T γδ identificam essas moléculas. Pesquisas recentes apontam que o reconhecimento de pAgs é mediado por moléculas do tipo BTN, que são expressas em células neoplásicas (BENYAMINE et al., 2016; COMPTE et al., 2004) e são capazes de modular as respostas de células T αβ convencionais (CUBILLOS-RUIZ et al., 2010; MESSAL et al., 2011; SARTER et al., 2016; YAMAZAKI et al., 2010), e mais notavelmente, de células T γδ (BLAZQUEZ et al., 2018; DI MARCO BARROS et al., 2016; KARUNAKARAN et al., 2020; PAYNE et al., 2020; RIGAU et al., 2020; WILLCOX et al., 2019). A detecção dependente de pAgs por células Vγ9Vδ2 envolve toda a estrutura do TCR, que interage

com as moléculas de BTN através dos domínios Vγ9 e Vδ2 TCR. Dentre as várias moléculas que compõem a família BTN, as proteínas BTN3A1 e BTN2A1 atuam sinergicamente para a apresentação de pAgs às células T γδ, ligando-se diretamente ao TCR Vγ9Vδ2 (KARUNAKARAN et al., 2020; RIGAU et al., 2020; SANDSTROM et al., 2014; VAVASSORI et al., 2013).

Anteriormente, pensava-se que a expressão unitária de BTN3A1 atuava na ativação desses linfócitos de forma isolada (HARLY et al., 2012), mas agora está claro que a proteína BTN2A1 atua como um fator crítico na ativação das células Vδ2 (KARUNAKARAN et al., 2020). Para que isso ocorra, é necessário que os pAgs se liguem ao domínio intracelular (B30.2) dessas proteínas (GU et al., 2017b; YANG et al., 2019b). Após a ligação de pAgs, os domínios intra e extracelulares de BTN3A1 e BTN2A1 sofrem uma mudança conformacional (GU et al., 2017a; SALIM et al., 2017; YANG et al., 2019a) que permite o contato da cadeia TCR Vγ9 com a molécula BTN2A1, criando sinais de ativação para células T γδ (RIGAU et al., 2020). Além disso, o envolvimento de outras moléculas durante o mecanismo de detecção de pAgs não pode ser ignorado, pois estudos recentes sugerem a colaboração molecular de CDR3, periplakin e GTPase RhoB neste processo (KARUNAKARAN et al., 2020; RHODES et al., 2015; SEBESTYEN et al., 2016).

Além do reconhecimento direto e dependente de TCR, outras moléculas acessórias possivelmente suportam a atividade antileucêmica de células Vδ2 contra CLs, como o receptor DNAM-1 que reconhece o receptor de poliovírus (PVR) e ligantes de Nectina-2, ambos expressos em CLs (GERTNER-DARDENNE et al., 2012) e ULBP4 que podem ser reconhecidos por meio de NKG2D (KONG et al., 2009). As células T γδ também expressam o receptor 2B4 (que reconhece o ligante CD48), uma molécula acessória que fortalece as interações efetoras alvo e possivelmente está relacionada ao aumento da atividade citotóxica contra as células cancerosas (FLAMENT et al., 1996). Uma desvantagem dessas células $V\delta2^+$ é sua forte propensão ao MCIA após exposição prolongada a antígenos e a polarização desses linfócitos em direção a um fenótipo promotor de tumor, que limita a persistência e atuação da resposta imune (GAN; LUI; MALKOVSKY, 2001; MEEH et al., 2006).

Poucos dados estão disponíveis sobre os receptores e ligantes envolvidos nos eventos de imunidade inata e adaptativa mediada por células $V\delta3^+$, que expressam as

cadeias de TCR Vγ2, Vγ3 ou Vγ8, e são um subconjunto específico que responde principalmente no fígado (KENNA et al., 2004; MANGAN et al., 2013). A frequência dessa população de células é baixa no sangue periférico (~ 0,2% do total de células T circulantes), embora seja alta no fígado e na região intestinal (KENNA et al., 2004; MANGAN et al., 2013). Estudos relataram que as células Vδ3 estão relacionadas à imunidade antiviral, respondendo de forma eficiente contra citomegalovírus (KNIGHT et al., 2010), vírus Epstein-Barr (FARNAULT et al., 2013), hepatite (RAJORIYA et al., 2014) e infecção por HIV (KABELITZ et al., 1997).

Até o momento, seus papéis na imunidade antitumoral não são claros, embora alguns estudos tenham identificado uma expansão desses linfócitos no sangue periférico de pacientes com leucemia (BARTKOWIAK et al., 2002). Além disso, as células Vδ3 secretam IFN-γ, expressam NKG2D, FcγRIII e CD161, além de poder responder de forma restrita a CD1d, se assemelhando funcionalmente às células NKT, que reconhecem e destroem células alvo $CD1d^{+}$ (MANGAN et al., 2013; PETRASCA et al., 2018). Posteriormente, foi identificado que essas células também respondem a anexina-2 (ANX-2) (MARLIN et al., 2017), mas seu papel na leucemia ainda é inexplorado, embora tenha sido identificado que essas células se expandem durante a progressão tumoral (BARTKOWIAK et al., 2002).

As células Tγδ têm um enorme potencial para regular a imunidade local e remodelar o nicho tumoral (LO PRESTI et al., 2018; REI; PENNINGTON; SILVA-SANTOS, 2015; WU et al., 2017). As evidências discutidas até agora sugerem que essas células realizam várias atividades antitumorais por meio da identificação direta de CLs por meio do TCR γδ ou de receptores acessórios e pela secreção de moléculas efetoras solúveis contra o tumor. Apesar disso, o conhecimento emergente sobre a interação molecular e celular entre esses linfócitos e as células neoplásicas sugere que, como as células T αβ convencionais, as células Tγδ podem não estar isentas da imunossupressão estabelecida pelo microambiente tumoral (BARYAWNO et al., 2019; HÖPKEN; REHM, 2019; LAMBLE; LIND, 2018; PRESTI et al., 2017). No entanto, a falta de conhecimento sobre essas células no microambiente leucêmico dificulta a elaboração de discussões mais abrangentes sobre a possível comunicação/interação entre essa população de linfócitos e as CLs no compartimento da medula óssea e em sítios extramedulares.

Além disso, outros subconjuntos de células Tγδ que expressam outras cadeias de TCR variáveis (domínios de TCR Vδ5, Vδ6 e Vδ8) foram identificados em outras doenças hematológicas malignas, onde, por exemplo, essas células pareciam se expandir e responder às células cancerosas no sangue de pacientes com linfoma (WANG et al., 2014). No entanto, ainda não está claro se essas células respondem contra CLs e não temos informações disponíveis sobre os possíveis papéis desempenhados por esses subtipos de células Tγδ na imunidade antitumoral da leucemia. Tendo em vista sua enorme aplicabilidade terapêutica, mais pesquisas são necessárias sobre a interação das células T γδ e seus subconjuntos no microambiente leucêmico, e como isso pode impactar no prognóstico dos pacientes.

2.6.2 Células NKT

As células T natural killer (NKT) se apresentam como uma população de células T inatas caracterizadas pela expressão de um TCR semelhantes às das células T convencionais, (ABEL et al., 2018; BENLAGHA et al., 2002). Outra característica marcante dessas células é sua restrição à molécula CD1d, que é uma molécula semelhante ao MHC classe I que apresenta antígenos lipídicos e glicolipídicos (GODFREY et al., 2004; LIAO et al, 2013; WU et al., 2009).

As células NKT constituem aproximadamente 0,001-1% dos linfócitos circulantes (em humanos) e também estão presentes no timo, fígado, intestino e baço (BERZINS et al., 2005; WALDOWSKA et al, 2017). Essas células são divididas em dois subconjuntos principais, as células natural killer T invariáveis (iNKT) e células natural killer T tipo II (NKT-II) (KUMAR et al, 2014). Ambos expressam os seguintes fatores de transcrição: T-bet (ALTMAN et al., 2015; TOWNSEND et al., 2004), PLZF (KOVALOVSKY et al., 2008), RORγt, GATA-3 (ALTMAN et al., 2015) e NF-kB (VAN KAER *et al*, 2011), que juntos possuem alta plasticidade celular e permitem a polarização para fenótipos de perfil Th1, Th2 e Th17 (LEE et al., 2002; MOREIRA-TEIXEIRA et al., 2020; VAN KAER et al, 2011). Além disso, os iNKTs expressam o fator LEF-1 (CHEN *et al*, 2010; WANG *et al*, 2018), que está correlacionado com a regulação da expressão do gene que codifica a molécula CD1d em células apresentadoras de antígeno (APCs) (HASEEB et al., 2019).

Em relação à atividade antitumoral, as células NKT podem atuar diretamente por meio da interação célula-célula, através do receptor Fas e seu ligante (FasL) que

desencadeia a ativação de enzimas das caspases, ocasionando a apoptose nas células-alvo, além da interação de outros receptores como NKG2D, TRAIL, receptores naturais de citotoxicidade (NCRs) e seus ligantes **(Figura 02)** (STRATI, 2020; TOWNSEND et al., 2004; WALDOWSKA et al, 2017).

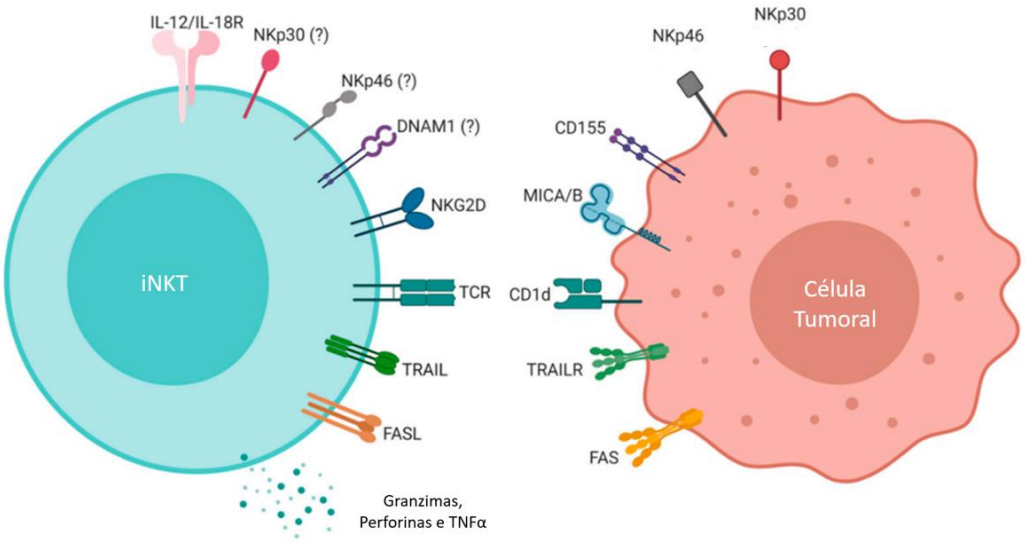


Figura 2. **Célula iNKT e sua citotoxicidade contra células tumorais**. A imagem ilustra como sinais da imunidade inata e adaptativa podem desencadear o potencial antitumoral das células iNKT através de proteínas citotóxicas solúveis e ligadas à membrana.

Fonte: Adaptado de Díaz-Basabe et al, 2020.

Há também a liberação substancial de perforinas e granzimas A e B, além da produção de granusilinas que atuam de forma semelhante às perforinas, formando poros na membrana plasmática e alterando sua permeabilidade, o que resulta na lise de células (SPARROW, 2020; WU et al., 2019).

As células NKT também podem atuar por meio de mecanismos indiretos, liberando uma gama de mediadores, principalmente as citocinas de perfil Th1 ou Th2, que podem variar dependendo do subtipo NKT (BAE et al., 2019). A liberação dos mediadores supracitados pode resultar na imunorregulação de outras células do sistema imune, por exemplo, ativando ou induzindo a maturação de DCs por meio da interação com CD1d ou CD40 / CD40L e IFN, respectivamente. Após a ativação das DCs, elas serão reguladas positivamente, expressando moléculas coestimulatórias como o CD80 e o CD86, além de liberarem citocinas como a IL-12, uma citocina pleiotrópica que desempenha papel essencial na resposta imune do tipo Th1 contra o câncer. As células iNKT também ativam células T citotóxicas CD8 através do IFN-γ, bem como células NK

convencionais e macrófagos que podem agir contra células neoplásicas (BAE et al., 2019; BASSIRI et al., 2014; IL et al, 1999; MCEWEN-SMITH et al, 2015). Além disso, as células NKT também podem estimular os linfócitos B e induzir o aumento da secreção de anticorpos da classe IgG, o que pode resultar em citotoxicidade celular dependente de anticorpos (ADCC) em células neoplásicas que posteriormente sofrerão lise celular citotóxica mediada por células (TAN et al., 2010; WALDOWSKA et al, 2017).

Devido ao seu repertório secretor e a capacidade de ativar e direcionar outras células do sistema imunológico, as células NKT contribuem fortemente para a imunovigilância tumoral. É importante destacar que uma das principais formas de reconhecimento das células cancerosas pelas células NKT ocorre por meio da interação do TCR com o antígeno apresentado pela molécula CD1d, expresso por células B, macrófagos, DCs e diversos tipos de células cancerígenas, em neoplasias sólidas e hematológicas (LEE et al., 2002; VAN KAER et al, 2011). Essas células têm demonstrado contribuir para a vigilância e supressão tumoral, controlando o estágio inicial do processo neoplásico (FIEDLER et al., 2002; GORINI et al., 2017; METELITSA et al., 2003; VIVIER et al., 2012).

As células iNKT, também conhecidas como células natural killer tipo I, apresentando características que diferem de outros subconjuntos, como reatividade a α-galactosilceramida (α-GalCer) e a expressão mais pronunciada do perfil de resposta Th1 (TERABE *et al*, 2007). Outra característica das células iNKT está relacionada ao seu TCR invariante, representado em humanos por uma cadeia TCR-α (Vα24Jα18) e uma cadeia TCR-β (Vβ11). As células iNKT reconhecem antígenos lipídicos e glicolipídios, como análogos α-GalCer, fosfolipídios, diacilgliceróis, gangliósidos (GD3) e glicoesfingolipídios (KUMAR *et al*, 2014; LIAO *et al*, 2013).

Estudos mostram que as células iNKT são fortemente reativas a α-Galcer, um glicolipídeo sintético derivado da esponja marinha *Agelas mauritianus*, que é capaz de induzir um importante efeito imunomodulador em células iNKT, que estimula a resposta antitumoral mediada por células citotóxicas (células NK e linfócitos T CD8) e estão em estado de exaustão ou anergia resultante do TME. A estimulação mediada por células iNKT demonstrou promover o fortalecimento das células citotóxicas a reverter a disfunção apresentada por essas células (BROSSAY et al., 1998; LIAO et al, 2013).

O antígeno α-GalCer apresentado através da molécula CD1d é reconhecido pelo TCR expresso em células iNKT, e induz a produção de citocinas, como IL-2, IL-12 e IL-21, que atuam em células NK convencionais e/ou células T citotóxicas CD8 anérgicas, revertendo assim a disfunção e o caráter hiporresponsivo (BAE et al., 2019; SEO et al., 2017). Além disso, as células iNKT estimuladas por α-GalCer mostraram incitar a ativação de células apresentadoras de antígenos via sinalização de CD40-CD40L e também induzir a produção de IL-12 (BAE et al., 2019; IL et al, 1999; TAN et al., 2010; ZHANG et al., 2019).

Um estudo de Fais et al., em pacientes com leucemia aguda, avaliou a expressão da molécula CD1d nas CLs, bem como a atividade das células iNKT no seu reconhecimento. Por meio da incubação de CLs com 100 ng/ml de α-GalCer por 4 horas, observou-se que os LCs $CD1d^{+}$ associados ao antígeno α-GalCer sofreram apoptose induzida por células iNKT, além de estimular a produção de citocinas INF-γ, TNF-α e IL-5 (FAIS et al., 2005). Resultados semelhantes foram observados por Bojarska-Junak et al, em um estudo com amostras de sangue periférico de pacientes com leucemia crônica, no qual células iNKT estimuladas *in vitro* por 24 horas com 100 ng/ml de α-GalCer mostraram maior expressão intracelular das citocinas INF-γ e IL-4 quando comparadas com voluntários saudáveis. O estudo também apontou que, entre as duas citocinas analisadas, a expressão de IL-4 foi maior que a de INF-γ, indicando que a célula iNKT pode adquirir uma polarização para o perfil de resposta Th2 (BOJARSKA-JUNAK et al., 2018).

Outro estudo mostrou que a frequência de células iNKT foi menor em pacientes com leucemia crônica em comparação com o grupo controle saudável. Além disso, a terapia por 14 dias com IFN-γ e 1 μM de mesilato de imatinibe em combinação com 100 ng/ml de α-GalCer nesses pacientes resultou em um aumento significativo nas células iNKT (ROSSIGNOL et al., 2012). Da mesma forma, Weinkove et al, demonstraram que CLs purificadas e estimuladas in vitro com 200 ng/ml de α-GalCer por 5 dias induziram a proliferação de células iNKT autólogas e alogênicas, mas não em uma quantidade significativa, sendo demonstrado que houve estimulação da produção de IFN-γ por células iNKT em pacientes leucêmicos. No entanto, foi observado que a cultura prolongada dessas células resultou na polarização de células iNKT para um perfil Th2, resultando em altos níveis de citocinas associadas à tolerância ao tumor (WEINKOVE et al., 2013). Investigações adicionais devem ser realizadas para identificar como a

estimulação com α-GalCer pode fornecer melhores resultados, associando o aumento da frequência das células iNKT com a polarização para um perfil de resposta contra CLs.

Finalmente, em uma análise longitudinal realizada ao longo de 18 meses com 22 pacientes com diagnóstico de leucemia ou mielodisplasia e submetidos ao transplante de células-tronco HLA haploidênticas para reconstituição de células iNKT. Nesse estudo foi relatada a existência de correlação entre a frequência de células iNKT e remissão da doença. Os dados observados mostraram que 14 pacientes cujas células iNKT foram completamente reconstituídas apresentaram remissão, e 8 pacientes cujas células iNKT não foram reconstituídas apresentaram recorrência, associando assim a frequência dessas células a um melhor prognóstico (CASORATI et al, 2012; DELLABONA et al., 2011). Além disso, a análise da frequência de células iNKT na circulação e no compartimento da medula óssea de pacientes recém-diagnosticados com leucemia aguda demonstrou que uma baixa frequência dessas células está associada a um pior prognóstico (NAJERA CHUC et al., 2012).

Ao contrário das células iNKT, as células NKT II têm uma variante de TCR αβ e formam rearranjos diversificados. Não são reativos a α-GalCer (BAE et al., 2019; DHODAPKAR et al, 2017; KUMAR et al, 2014), porém são restritos a CD1d (GODFREY et al., 2018) e reconhecem antígenos como β-glucosilceramida (β-GlcCer) e sulfatida, sendo esta última encontrada na membrana plasmática da mielina, no sistema nervoso central, no fígado, no pâncreas e nos rins (ARRENBERG *et al.*, 2010; BLOMQVIST *et al*, 2014; TERABE *et al*, 2018). Outra característica da célula NKT II está relacionada ao seu perfil de resposta, que é mais polarizado para o perfil Th2 (SINGH et al, 2018; TERABE et al, 2007).

Em contraste com os estudos com células iNKT, o número de estudos sobre o papel das células NKT II na leucemia é limitado. No entanto, alguns estudos relatam que o NKT II pode atuar de forma negativa, contribuindo para a supressão da vigilância e da atividade antitumoral e, em algumas situações, contribuindo para a progressão neoplásica (GODFREY *et al*, 2004; KUMAR *et al*, 2014; WALDOWSKA *et al*, 2017). Essa imunossupressão é mediada pela secreção de IL-13, que ativa células supressoras derivadas de mieloides (MDSCs) e estas, consequentemente, suprimem a atividade de células citotóxicas infiltrantes de tumor (SINGH *et al*, 2018).

Também se acredita que esta regulação negativa de NKT II no tumor ocorre devido a uma regulação cruzada entre iNKT e NKT II, onde o efeito das citocinas Th2 produzidas por células NKT II se sobrepõem ao efeito das citocinas Th1 produzidas por iNKT, resultando em um microambiente imunossupressor. Além disso, foi observado que os tumores crescem mais rápido quando a frequência das células NKT II é maior do que a das células iNKT, embora esse mecanismo de supressão ainda precise de mais investigação (TERABE *et al*, 2007; WALDOWSKA *et al*, 2017).

É importante observar que, além das células NKT, existem outras populações de células T não convencionais restritas a moléculas da família CD1, mais especificamente do grupo 1, composto por CD1a, CD1b e CD1c, que possuem antígenos lipídicos ou glicolipídeos, de origem microbiana ou do próprio organismo (LE NOURS et al, 2018). Semelhante às células NKT, essas populações de células restritas a CD1 são consideradas um alvo atraente para estudos na área de imunoterapia do câncer, especialmente no contexto de neoplasias hematológicas, devido à distribuição diversificada de isótipos CD1, onde se demonstrou que são expressos (CD1a, CD1b e CD1c) em 75% dos blastos na leucemia aguda (CONSONNI et al., 2017).

2.6.3 Células MAIT

As células MAIT correspondem a uma população de células T do tipo inatas e são caracterizadas pela expressão de um TCR-α restrito com um padrão de rearranjo gênico único, a saber, *TRAV1-2-TRAJ33 /12 /20 [Vα7.2-Jα33 / 12 / 20* (em humanos)], que emparelham com um repertório limitado da cadeia TCR-β, predominantemente das famílias de genes *TRBV6* e *TRBV20* (LANTZ; BENDELAC, 1994; PORCELLI et al., 1993; TILLOY et al., 1999). Formam um TCR semi-invariante restrito a antígenos não peptídicos apresentados pela proteína relacionada ao MHC-1 (MR1). A MR1 é uma molécula monomórfica altamente conservada ao longo da evolução dos mamíferos (TREINER et al., 2003; YAMAGUCHI et al., 1997), e é capaz de apresentar metabólitos derivados da vitamina B2, sintetizada por uma variedade de microrganismos para as células MAIT (CORBETT et al., 2014; ECKLE et al., 2015).

Como a maioria das células T, as células MAIT se desenvolvem no timo (MARTIN et al., 2009) e são selecionadas positivamente pelos timócitos corticais $CD4^+$

$CD8^+$ $MR1^+$ (MARTIN et al., 2009; SEACH et al., 2013). Após o processo de seleção, eles sofrem maturação extra-tímica e se integram a diferentes tecidos (KOAY et al., 2016). Em humanos, as células MAIT representam até 10% das células T do sangue periférico e são encontradas em abundância em tecidos mucosos, linfonodos mesentéricos e fígado, onde podem representar até 45% de todas as células T (GHERARDIN et al., 2018; GODFREY et al., 2019).

As células MAIT humanas podem ser diferenciadas pelo imunofenótipo, caracterizado pela presença de $CD3^+$ $V\alpha7.2^+$ e $CD161^{high}$ (RAHIMPOUR et al., 2015). Além disso, podem ser categorizadas com base na expressão de correceptores CD4 e CD8 em cinco subconjuntos: $CD4^+$ $CD8^-$, $CD4^+$ $CD8^+$, $CD4^-$ $CD8^-$, $CD4^-$ $CD8\alpha\alpha^+$ e $CD4^-$ $CD8\alpha\beta^+$ **(Figura 3)**; os dois últimos ($CD4^-$ $CD8\alpha\alpha^+$ e $CD4^-$ $CD8\alpha\beta^+$) sendo os mais abundantes e, coletivamente, correspondem a aproximadamente 80% das células MAIT (GHERARDIN et al., 2018). Digno de nota, o desenvolvimento de tetrâmeros MR1 carregados com 5-OP-RU [5- (2-oxopropilidenoamino) -6-d-ribitilaminouracil] marcou um avanço na pesquisa de células MAIT e permitiu a identificação confiável de diferentes subconjuntos fenotípicos e funcionais de células MAIT (REANTRAGOON et al., 2013).

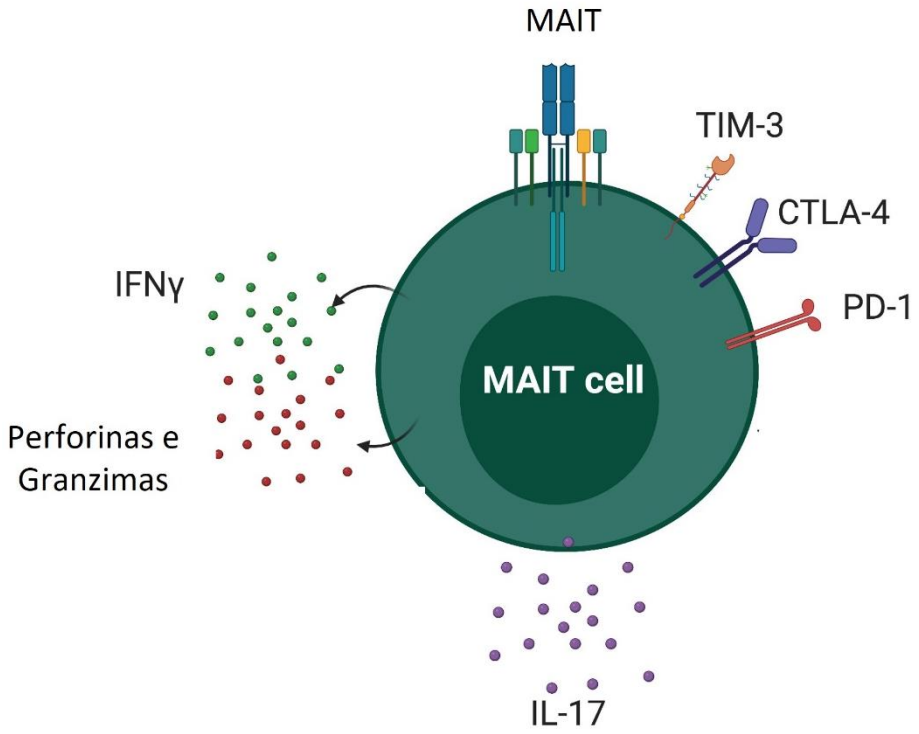


Figura 3: Células MAIT realizam ponte entre os sistemas imunológico inato e adaptativo. As células MAIT com foco no cenário do câncer, se destacam como um novo alvo em potencial para imunoterapia. Após a ativação, as células MAIT tornam-se células efetoras, capazes de produzir uma variedade de citocinas e moléculas. Além de seu papel antimicrobiano, as células MAIT estão relacionadas a respostas imunes ao câncer, com papéis benéficos e ou patogênicos relatados.

Fonte: Adaptado de *O´Neill et al*, 2021

Além das moléculas de superfície mencionadas acima, as células MAIT também expressam CD25, CD26, CD44 e CD69, bem como receptores de citocinas IL-7R, IL-12R, IL-15R e IL-18R e PLZF, fatores de transcrição T-bet e RORγt, proporcionando alta plasticidade e capacidade de secretar mediadores de perfil Th1 e Th17 (TOUBAL et al., 2019). É importante notar que a maioria das células MAIT têm um fenótipo efetor semelhante a um fenótipo de memória (DUSSEAUX et al., 2011), podendo ser rapidamente ativadas por mecanismos que não dependem da estimulação de TCR (USSHER et al., 2014). Isso se deve à alta expressão de vários receptores de quimiocinas e citocinas, sendo considerada uma propriedade que compartilham com outras células T inatas (células T γδ e células iNKT) (HAERYFAR; SHALER; RUDAK, 2018).

Após a ativação, essas células são capazes de liberar quantidades substanciais de perforinas e granzimas, além de produzirem as citocinas pró-inflamatórias TNF, IFN-γ e IL-17A, além de CCL3 e CCL4, que são quimiocinas fundamentais para as respostas imunes à infecção e inflamação (LENG et al., 2019; SERRIARI et al., 2014). A liberação desses mediadores resulta na destruição das células infectadas e na ativação de outras células do sistema imunológico, como as DCs, o que, consequentemente, leva à mobilização das células T convencionais e se reflete em uma cascata de eventos imunológicos (KURIOKA et al., 2015; SALIO et al., 2017).

Devido a algumas características das células MAIT, como sua alta frequência em humanos, além de sua capacidade de secretar rapidamente um repertório de mediadores que induz ativação e regulação de outras células do sistema imunológico, bem como a capacidade de reconhecer antígenos restritos ao MR1, a pesquisa com células MAIT, assim como outras populações de células T restritas ao MR1, tem despertado grande interesse no campo da oncologia. Atualmente, o papel funcional desencadeado por essas células T de tipo inato no câncer não é claro e tem sido objeto de vários estudos. As investigações realizadas em pacientes com neoplasias de mucosa relataram uma redução na frequência das células MAIT circulantes e mostram um acúmulo significativo dessas

células no tecido tumoral (LING et al., 2016; SUNDSTRÖM et al., 2015; WON et al., 2016; SUNDSTRÖM et al., 2015).

Além disso, um estudo *in vivo* recente mostrou que as células MAIT exibiram uma função de promoção de tumor e promoveram metástases de câncer por meio da supressão de células citotóxicas (que eram parcialmente dependentes de IL-17) após interação com moléculas MR1 expressas em células cancerosas (YAN et al., 2020).

Em contraste, foi relatado que células MAIT infiltrantes de tumor não foram comprometidas na produção de citocinas IFN-γ, TNF-α e IL-17. Além disso, no ensaio in vitro, foi observado que as células MAIT, isoladas do sangue periférico de indivíduos saudáveis, não apenas apresentaram atividade citotóxica ativada por linfocina, mas também exibiram citotoxicidade direta em linhagens celulares K562, por meio de degranulação de granzima B e perforina (WON et al., 2016).

Até o momento, o envolvimento das células MAIT na leucemia permanece amplamente inexplorado e, no contexto de outras neoplasias hematológicas, o papel funcional dessas células também é limitado. Um estudo *in vitro* de Gherardin et al. demonstrou que linhagens celulares de mieloma múltiplo (MM) expressam a proteína MR1 e são capazes de apresentar metabólitos da vitamina B para células MAIT isoladas de doadores saudáveis, que, em resposta, induzem a lise dessas células de mieloma com eficiência e cinética semelhantes às células NKT (GHERARDIN et al., 2018).

Outro estudo observou a capacidade funcional desses linfócitos por meio da análise do fenótipo celular em amostras de SP e MO (FAVREAU et al., 2017). Favreau et al. relataram que pacientes recentemente diagnosticados com MM tiveram uma diminuição significativa na frequência de células MAIT quando comparados a controles saudáveis. Eles também destacaram uma redução no fenótipo MAIT $CD8^+$ e duplo-negativo ($CD8^-$ $CD4^-$), além do comprometimento funcional do perfil de resposta Th1, com menos células MAIT produtoras de IFN-γ e TNF (FAVREAU et al., 2017). Este estudo também demonstrou que as células MAIT circulantes exibiam altos níveis de PD-1 e que seu respectivo bloqueio *in vitro* resultou na restauração da função e ativação das células MAIT. Em conjunto, esses resultados destacam a importante atividade antitumoral das células MAIT e as identificam como um potencial alvo na imunoterapia aplicada ao MM.

Da mesma forma, o MR1 também representa um alvo atraente na imunoterapia contra o câncer, devido a características como sua natureza monomórfica e expressão funcional encontrada em diversas neoplasias. A respeito disso, um estudo recente de Crowther et al. demonstraram que um clone de células T humanas potencialmente reconhece um câncer específico ou metabólito associado, restrito a MR1, e medeia a lise de diferentes tipos de células cancerosas, incluindo linhagens de CLs, como tal, mediou a regressão da leucemia *in vivo* e conferiu maior sobrevida em camundongos (CROWTHER et al., 2020).

Além disso, outras células T restritas a MR1 atípicas, que respondem a autoantígenos, foram descritas (GHERARDIN et al., 2016; LEPORE et al., 2017; MEERMEIER et al., 2016). Esse novo grupo de células T foi denominado MR1T e demonstrou reconhecer e eliminar uma ampla gama de células cancerosas que expressam MR1 (LEPORE et al., 2017). No entanto, mais pesquisas são necessárias para elucidar a natureza precisa e função dessas células, bem como sua atividade no contexto do microambiente tumoral (MT).

3. OBJETIVOS

3.1.Objetivo Geral

Analisar o perfil de células T não convencionais e mediadores imunológicos solúveis no sangue periférico e medula óssea de pacientes pediátricos com Leucemia Linfoblástica Aguda de células B (LLA-B) comum.

3.2.Objetivos Específicos

- Realizar revisão bibliográfica sobre a imunobiologia das células T não convencionais e seus mecanismos efetores na resposta antileucêmica;
- Classificar imunofenotipicamente as células dos pacientes pediátricos com Leucemia Linfoblástica Aguda de células B (LLA-B) comum;
- Descrever a frequência de células T não convencionais no sangue periférico e medula óssea de pacientes pediátricos com Leucemia Linfoblástica Aguda de células B (LLA-B) comum;
- Realizar a quantificação de mediadores imunológicos solúveis no sangue periférico e medula óssea de pacientes pediátricos com Leucemia Linfoblástica Aguda de células B (LLA-B) comum;
- Relacionar a frequência de células T não convencionais e de mediadores imunológicos solúveis com uma possível atividade antileucêmica, exercida pelas células T não convencionais circulantes e no compartimento medular de pacientes pediátricos com Leucemia Linfoblástica Aguda de células B (LLA-B) comum.

4. MATERIAL E MÉTODOS

4.1 Aspectos éticos

Este estudo faz parte de um projeto maior intitulado "*Biomarcadores celulares e moleculares envolvidos na resposta imunológica de pacientes com leucemia linfoblástica aguda: novas abordagens aplicadas ao diagnóstico, prognóstico e terapêutica*" aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM), sob número de parecer 4.982.395/2021 e CAAE 51257921.2.0000.0009 (**Anexo I**). Todos os indivíduos que participarem deste estudo serão incluídos mediante aceitação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), para aqueles acima de 06 anos de idade, alfabetizados.

4.2 Revisão Bibliográfica do estudo

Os artigos de revisão bibliográfica desenvolvidos basearam-se na busca em diferentes plataformas de pesquisa científica *on-line* de *open acess* que disponibilizaram o manuscrito na íntegra (*full-text), e para as buscas foram* utilizadas principalmente as seguintes palavras chaves: *"Unconventional T cells", "acute lymphoblastic leukemia", "tumor microenvironment",* e *"soluble immune mediators"*.

4.3 Tipo de estudo e População

Tratou-se de um estudo analítico, longitudinal e prospectivo, com coleta de amostras de medula óssea (MO) e sangue periférico (SP) de pacientes pediátricos atendidos na Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM). Uma população do estudo foi constituída de pacientes atendidos no serviço de hematologia pediátrica da Fundação HEMOAM com diagnóstico de LLA-B, obtidas por demanda espontânea no período de março de 2021 a março de 2023.

Além dos pacientes, foram recrutadas crianças (sem leucemia) atendidas na triagem clínica da Fundação HEMOAM, que realizarem o hemograma de rotina e cujo resultado não apresentou alterações em nenhum dos constituintes sanguíneos, nem infecções detectáveis pelos testes realizados de sorologia.

4.4 Critérios de Inclusão e Exclusão

Os critérios de inclusão utilizados para o grupo caso foram: pacientes recém-diagnosticados com LLA-B comum, admitidos no serviço de hematologia pediátrica da Fundação HEMOAM, com idade >1 e <18 anos, tratados com o Protocolo do Grupo Brasileiro de Tratamento das Leucemias na Infância (GBTLI)-2009.

A participação dos pacientes no estudo foi solicitada para os pais ou responsáveis legais. Após o consentimento da família, foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o (s) responsável (eis) e realizado a assinatura do documento, em duas vias e entregue uma via ao (s) responsável (eis). Também foi solicitada à criança sua participação na pesquisa e aquelas acima de 06 anos de idade e alfabetizadas foi lido o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), seguido de seu consentimento foi solicitado sua assinatura no documento, em duas vias e entregue uma via para a criança/responsável (eis). Para o grupo controle, os critérios de inclusão adotados foram: idade >1 e <18 anos, sem alterações no hemograma e sem infecção prévia há menos de 04 semanas. Não foram incluídos no estudo os indivíduos do grupo caso ou controle com doença inflamatória aguda e crônica conhecida ou com distúrbio autoimune, e recusa do TCLE e TALE.

Como critérios de exclusão, para ambos os grupos, foram adotados os seguintes parâmetros: pacientes diagnosticados com LLA que não sejam classificados em LLA-B comum, material biológico insuficiente ou coagulado.

4.5 Local e obtenção das Amostras

Para este estudo, foram utilizadas amostras de SP e MO de pacientes pediátricos com suspeita de Leucemia Aguda, obtidas através de punção aspirativa da crista ilíaca, esterno ou tíbia e através de punção venosa, respectivamente. A obtenção destas amostras ocorreu paralelamente aos procedimentos médicos habituais, de modo que foram aproveitadas da rotina médica para a pesquisa. As coletas ocorreram em dois *timepoints* da quimioterapia de remissão, sendo estes: dia do diagnóstico (Dia 0, D0) e no 35º dia da terapia de indução da remissão (Dia 35, D35). Foram coletados 2ml de MO e 3ml de SP em tubos com sistema a vácuo, contendo anticoagulante EDTA (ácido etilenodiamino tetra-acético) pela equipe médica da Fundação HEMOAM.

Além das amostras dos pacientes pediátricos utilizadas para Grupo Controle foram obtidas amostras de SP de crianças sem leucemia, obtidas através de punção venosa, para serem utilizadas como valor de referência comparativa nas análises (grupo controle para SP). As amostras obtidas foram então encaminhadas ao Laboratório Multidisciplinar de Pesquisa e foram centrifugadas a 2.000 rpm por 10 minutos. Posteriormente, o sobrenadante/plasma pobre em plaquetas (PPP) foi coletado e transferido para criotubos que, em seguida, foram identificados e condicionados em biorrepositório contendo freezers para armazenamento a -80°C, para posterior dosagem dos mediadores imunológicos solúveis. Com a fração celular restante foi realizada a marcação com anticorpos monoclonais para a imunofenotipagem por citometria de fluxo (**Figura 4**).

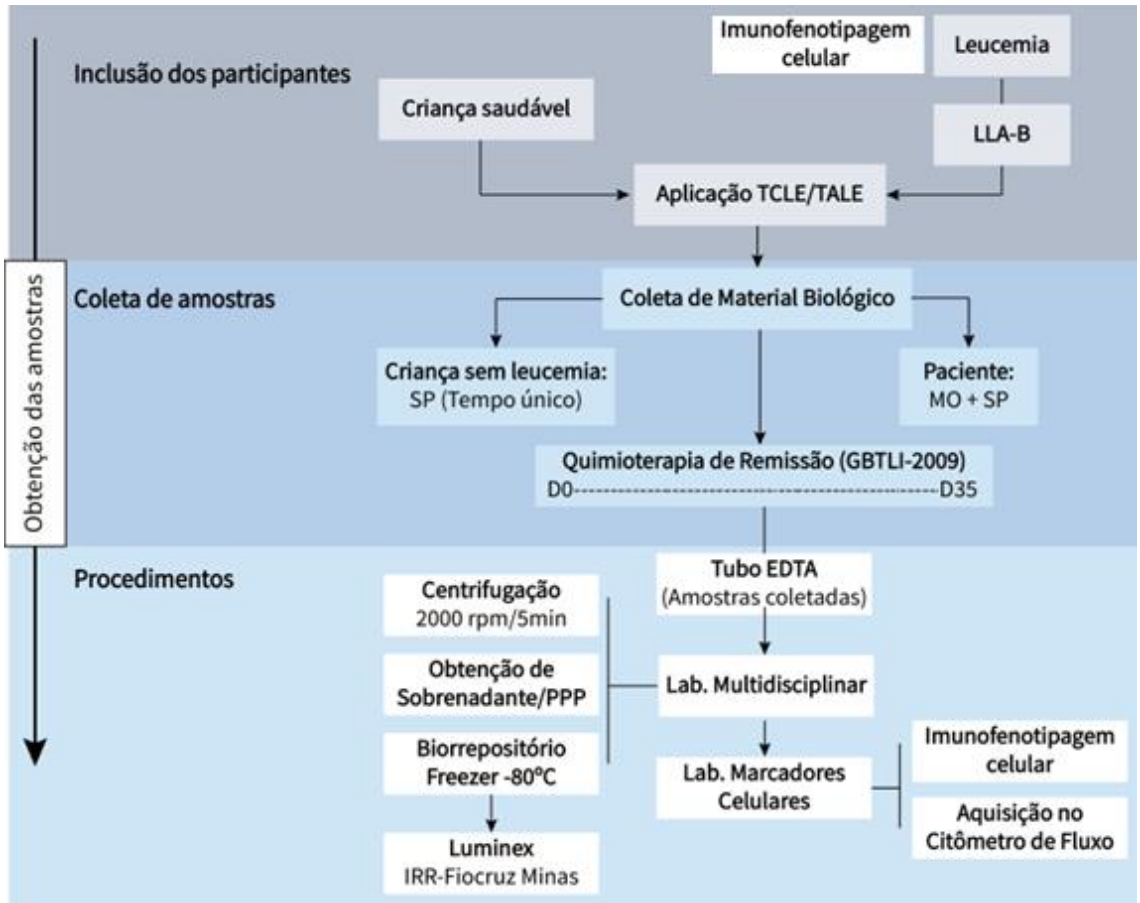


Figura 4. Fluxograma de obtenção das amostras. Demonstração detalhada das etapas de obtenção e processamento das amostras utilizadas no estudo.

4.6 Obtenção dos dados clínicos e laboratoriais

Foi elaborado um banco de dados a partir de registros do laboratório de marcadores celulares da Fundação HEMOAM e fichas de acompanhamento de pacientes que posteriormente foram digitados em planilha eletrônica Excel® 2013 (Microsoft Corporation, Redmond, WA, USA). As variáveis qualitativas e quantitativas analisadas foram: sexo e idade, parâmetros hematológicos e sorológicos, contagem de blastos e presença de Doença Residual Mensurável (DRM).

4.7 Processamento e Análise das Amostras

4.7.1 Sangue Periférico e Medula óssea

A contagem dos leucócitos, série vermelha e índices hematimétricos, bem como a contagem de plaquetas foi realizada em contador de células *ADVIA®2120i Hematology System* (*Siemens Healthcare, Erlangen, Germany*). A contagem diferencial celular (na lâmina do Sangue periférico e da medula óssea) foi feita a partir da contagem de 100 células para contabilizar o percentual de blastos corados pelo método de *May-Graunwald Giemsa*. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o achado de no mínimo 20% de blastos no esfregaço sanguíneo sugerem o diagnóstico de Leucemia Aguda (LA).

4.7.2 Diagnóstico de Leucemia Aguda

De acordo com o resultado do hemograma (tanto de sangue periférico quanto de medula óssea), as amostras que estiveram dentro dos padrões estabelecidos com suspeita de leucemia, foram encaminhadas para confecção das lâminas no Laboratório de Citoquímica e coradas pelo método de *May-Graunwald Giemsa*, para posterior contagem diferencial celular em microscópio óptico, a partir da leitura de no mínimo 20% de blastos encontrados nas lâminas de SP e MO. Decorrente a um número igual ou superior de 20% de blastos visualizados nas lâminas, as amostras de sangue de medula óssea (coletada em EDTA) foram triadas para imunofenotipagem de leucemia aguda e analisada por citometria de fluxo de acordo com o **Quadro 01.**

Quadro 01: Descrição do painel de anticorpos para triagem de leucemias agudas (LA) utilizados na imunofenotipagem e análise posterior por citometria de fluxo.

Tubo	Parâmetros	FITC	PE	PerCP	PE-Cy7	APC	APC-Cy7
01	**Triagem B / Mielóide**	cMPO (3 µL)	cCD79a (5 µL)	CD34 (5 µL)	CD19 (5 µL)	CD45 (10 µL)	-
02	**Triagem T**	-	cCD3 (2 µL)	CD34 (5 µL)	CD7 (0,5 µL)	CD45 (10 µL)	-

Para a marcação dos antígenos de superfície, foram identificados nos tubos de citometria os respectivos anticorpos monoclonais obedecendo a sequência dos fluorocromos (FITC/PE/Per-CP/PE-Cy7/APC/APC-H7). Em seguida, adicionados em cada tubo os anticorpos monoclonais, foi adicionado 100 µL da amostra de medula óssea.

Em seguida, os tubos foram homogeneizados em vórtex e incubados durante 20 minutos à Temperatura Ambiente (T.A) e protegido da luz. Posteriormente as hemácias foram lisadas com solução de lise 1X, homogeneizadas em vórtex e incubadas novamente durante 10 minutos à Temperatura Ambiente (T.A) e protegido da luz.

Após a marcação, os tubos foram centrifugados por 5 minutos a 1700 rpm (rotação por minutos), desprezado o sobrenadante por inversão, deixando escorrer o excesso em papel absorvente e adicionados 2mL da solução tampão de PBS (8,0g de NaCl, 1,16g de Na_2HPO_4, 0,2g de KH_2PO_4, 0,2 de KCl, 5,0g de BSA e 5,0g de Saponina, qsq 1L H_2O destilada, pH: 7,2), diluído a 1X, para lavagem das células não marcadas e as de não interesse para a análise. Posteriormente, as amostras foram ressuspendidas em 500 µL de PBS 1X para aquisição e leitura no Citômetro de Fluxo *FACSCanto II*® (*Becton, Dickinson and Companhy, San Jose, CA, USA*) da Fundação HEMOAM.

Para a marcação dos antígenos citoplasmáticos (cMPO, cCD79a e cCD3), após a marcação dos antígenos de superfície, foram colocados nos tubos (antes da leitura por citometria), 100 µL da solução de Fixação A *(Kit FIX & PERM Cell Fixation & Permeabilization BD™)*, homogeneizadas no vórtex e incubadas por 15 minutos à Temperatura Ambiente (T.A) e protegido da luz. Em seguida, será adicionado 2 mL de PBS 1X para lavagem, e as amostras centrifugadas por 5 minutos a 1700 rpm.

Posteriormente, o sobrenadante foi desprezado por inversão, deixando escorrer o excesso em papel absorvente. Após essa etapa de fixação celular, foi adicionado nos tubos 100 µL da solução permeabilizante B *(Kit FIX & PERM Cell Fixation &*

Permeabilization BD™), com os anticorpos citoplasmáticos [cMPO (3 µL), cCD79a (5 µL), cCD3 (2 µL)], homogeneizados no vórtex e incubados por 15 minutos à T.A e protegido da luz, para marcação dos antígenos citoplasmáticos.

Após esta fase, foi acrescentado 2 mL de PBS 1X nos tubos para lavagem, homogeneizados no vórtex, centrifugados 5 minutos a 1700 rpm e ressuspendidos com 500 µL de PBS 1X para aquisição e leitura pelo Citômetro de Fluxo *FACSCanto II®* (*Becton, Dickinson and Companhy, San Jose, CA, USA*) da Fundação HEMOAM.

4.7.3 Classificação de Leucemia Linfoblástica Aguda de células B comum

Após identificação de antígenos que caracterizam leucemia aguda de linhagem linfoblástica, com exclusão de outras linhagens ou classificações, foi realizado um painel de ampliação para diagnóstico da linhagem celular específica de Leucemia Linfoblástica Aguda de células B "comum, de acordo com o **Quadro 02.**

Quadro 02: Descrição do painel de anticorpos para Ampliação de leucemia linfoblástica aguda de células B (LLA-B) utilizados na imunofenotipagem e análise posterior por citometria de fluxo.

Tubo	Parâmetros	FITC	PE	PerCP	PE-Cy7	APC	APC-Cy7
01	**Controle (-)**	-	-	-	-	-	-
02	**AMPLIAÇÃO B**	CD20 (5 µL)	CD66c (5 µL)	CD34 (5 µL)	CD19 (5 µL)	CD45 (10 µL)	CD10 (2 µL)
03	**AMPLIAÇÃO B**	CD15/CD65 (5 µL)	NG2 (5 µL)	CD34 (5 µL)	CD19 (5ul)	CD45 (10 µL)	-
04	**AMPLIAÇÃO B**	cIgM (10 µL)	CD13/CD33 (5 µL)	CD34 (5 µL)	CD19 (5 µL)	CD45 (10 µL)	-
05	**AMPLIAÇÃO B**	CD38 (5 µL)	CD81 (5 µL)	CD34 (5 µL)	CD19 (5 µL)	CD45 (10 µL)	CD9 (3 µL)

Para a marcação dos antígenos de superfície, foram identificados nos tubos de citometria os respectivos anticorpos monoclonais obedecendo a sequência dos fluorocromos (FITC/PE/Per-CP/PE-Cy7/APC/APC-H7). Em seguida, adicionados em cada tudo os anticorpos monoclonais, foi adicionado 100 µL da amostra de sangue de medula óssea.

Em seguida, os tubos foram homogeneizados em vórtex e incubados durante 20 minutos à Temperatura Ambiente (T.A) e protegido da luz. Posteriormente as hemácias

foram lisadas com solução de lise 1X, homogeneizadas em vórtex e incubadas novamente durante 10 minutos à Temperatura Ambiente (T.A) e protegido da luz.

Após a marcação, os tubos foram centrifugados por 5 minutos a 1700 rpm (rotação por minutos), desprezado o sobrenadante por inversão, deixando escorrer o excesso em papel absorvente e adicionados 2mL da solução tampão de PBS (8,0g de NaCl, 1,16g de Na_2HPO_4, 0,2g de KH_2PO_4, 0,2 de KCl, 5,0g de BSA e 5,0g de Saponina, qsq 1L H_2O destilada, pH: 7,2), diluído a 1X, para lavagem das células não marcadas e as de não interesse para a análise. Posteriormente, as amostras foram ressuspendidas em 500 µL de PBS 1X para aquisição e leitura no Citômetro de Fluxo *FACSCanto II*® (*Becton, Dickinson and Companhy, San Jose, CA, USA*) da Fundação HEMOAM.

Para a marcação do antígeno citoplasmático (cIgM), após a marcação dos antígenos de superfície, foram colocados nos tubos (antes da leitura por citometria), 100 µL da solução de Fixação A *(Kit FIX & PERM Cell Fixation & Permeabilization BD™)*, homogeneizadas no vórtex e incubadas por 15 minutos à Temperatura Ambiente (T.A) e protegido da luz. Em seguida, foi adicionado 2 mL de PBS 1X para lavagem, e as amostras centrifugadas por 5 minutos a 1700 rpm. Posteriormente, o sobrenadante foi desprezado por inversão, deixando escorrer o excesso em papel absorvente. Após essa etapa de fixação celular, foi adicionado nos tubos 100 µL da solução permeabilizante B *(Kit FIX & PERM Cell Fixation & Permeabilization BD™)*, com o anticorpo citoplasmático [cIgM (10ul)], homogeneizados no vórtex e incubados por 15 minutos à T.A e protegido da luz, para marcação dos antígenos citoplasmáticos.

Após esta fase, foi acrescentado 2 mL de PBS 1X nos tubos para lavagem, homogeneizados no vórtex, centrifugados 5 minutos a 1700 rpm e ressuspendidos com 500 µL de PBS 1X para aquisição e leitura pelo Citômetro de Fluxo *FACSCanto II*® (*Becton, Dickinson and Companhy, San Jose, CA, USA*) da Fundação HEMOAM.

4.7.4 Imunofenotipagem de células T não convencionais por Citometria de Fluxo

A imunofenotipagem das subpopulações de células T gamma/delta (γδ), células MAIT e células NKT, tanto de amostras de SP quanto de MO, foi realizada pela técnica de Citometria de Fluxo. As subpopulações celulares propostas neste estudo foram marcadas utilizando um painel de anticorpos monoclonais conjugados com fluorocromos, específicos para os marcadores de cada população celular e as citocinas citoplasmáticas de acordo com cada célula, de acordo com o **Quadro 03**.

Quadro 03: Descrição do painel de anticorpos para imunofenotipagem de A imunofenotipagem das subpopulações de células T não convencionais: T γδ, células, iNKT e células MAIT.

Tubo	Parâmetros	FITC	PE	PerCP	PE-Cy7	APC	APC-Cy7
01	CN	-	-	-	-	-	-
02	T γδ	CD45 (5 µL)	-	CD69 (1 µL)	CD95 (1 µL)	TCRgd	CD3 (1 µL)
03	NKT	CD16	CD161		CD56	CD45	CD3 (1 µL)
04	Células MAIT	TCR Va7.2	CD161	CD69	-	CD45	CD3 (1 µL)

Inicialmente, foram adicionados ±1µl de cada anticorpo monoclonal no fundo dos respectivos tubos de ensaio. Em seguida, 100µl de amostra (MO/SP) foram adicionados em cada tubo e homogeneizados em vórtex e incubados por 30 minutos em temperatura ambiente, ao abrigo da luz. Após a marcação das células e incubação, foram adicionados 2ml de solução de lise 1X (*BD FACS™ Lysing Solution 10X Concentrate*) durante homogeneização em vórtex. Em seguida, os tubos foram novamente incubados por 10 minutos em temperatura ambiente e ao abrigo da luz. Passado a fase de incubação, os tubos foram centrifugados a 1.500 rpm por 5 minutos. O sobrenadante foi desprezado por inversão e o excesso foi brevemente escorrido em papel absorvente. Para a limpeza do pellet celular formado, foram adicionados 2ml de solução PBS-1X (*Phosphate Buffered Saline*) em cada tubo, homogeneizados em vórtex e centrifugados a 1.700 rpm por 5 minutos, desprezando o sobrenadante por inversão ao final, em um ciclo de duas lavagens seguidas. Por fim, após o ciclo de 2 lavagens do pellet celular, a amostra foi ressuspendida em 300µl de PBS-1X para posterior aquisição na plataforma de citometria de fluxo.

A aquisição das amostras foi realizada no citômetro de fluxo FACSCanto™ II (BD Biosciences) da Fundação HEMOAM. Para a identificação morfométrica e imunofenotípica das subpopulações de células T γδ foi utilizado o software FlowJo (v10), com o auxílio de "gates" para a seleção do pool celular de interesse em gráficos que combinam características morfológicas (tamanho e complexidade celular) com características imunofenotípicas através da fluorescência emitida pelos anticorpos monoclonais conjugados com fluorocromos. Os gráficos utilizados foram do tipo "dot plot", "contour plot" e histograma, pois apresentam uma melhor visualização das estratégias de análise.

4.7.5 Dosagem de citocinas, quimiocinas e fatores de crescimento para a quantificação de mediadores imunológicos solúveis

O plasma obtido das amostras de sangue periférico (SP) e medula óssea (MO) nos tempos D0 e D35 da quimioterapia de remissão foram armazenados em biorrepositório para a dosagem de mediadores imunológicos solúveis. Para as quantificações moléculas utilizou-se a plataforma Luminex Bio-Plex Pro™ human cytokines que permitiu a pesquisa dos respectivos analitos: CXCL8, CCL11, CCL3, CCL4, CCL2, CCL5, CXCL10, IL-1β, IL-6, TNF-α, IL-12(p70), IFN-γ, IL-15, CXCL10, CXCL11, IL-1β, IL-1Ra, IL-4, IL-6, IL-7, IL-10, IL-13, IL-17, IL-1Rα, IL-4, IL-5, IL-9, IL-10, IL-13, FGF-Básico, PDGF, VEGF, G-CSF e GM-CSF.

Inicialmente, descongelaram-se as amostras dos soros/plasmas (banho-maria a 37ºC), homogeneizou (vórtex por 5 segundos) e centrifugou a 14.000 x g, por 5 minutos a temperatura ambiente. Subsequentemente, adicionou-se 50 µL das amostras em placas para ensaio Luminex, previamente preparadas através da adição de 50 µL da mistura de beads (diluída 10x), em cada poço, seguida por lavagem (duas vezes com 100 µL de tampão de lavagem). Incubou-se as placas overnight, 4ºC e sob agitação (500±50rpm). No dia seguinte, adicionou-se 25µL do anticorpo de detecção em cada poço (previamente diluído 10x), incubou-se por 30 minutos em agitador (500±50rpm), temperatura ambiente e ao abrigo da luz. Subsequentemente, procedeu-se a lavagem com 100µL de tampão de lavagem, (procedimento realizado por 3 vezes).

Posteriormente, adicionou-se 50 µL da estreptavidina-ficoeritrina (SAPE) em cada poço (previamente diluído 10x) e incubou por 30 minutos em agitador (500±50rpm), temperatura ambiente e ao abrigo da luz. Subsequentemente, procedeu-se a lavagem com 100 µL de tampão de lavagem. Ressuspendeu-se o pellet com adição de 125 µL de tampão de ensaio e homogeneizou-se as amostras por 10 minutos.

Determinou-se as intensidades medias de fluorescência por aquisição das amostras (50 microesferas por analito avaliado) no equipamento Bio-Plex 200 (Bio-Rad Laboratories, California, EUA), utilizando-se o software Luminex xPONENT versão 3.1 (Merck Millipore, Massachusetts, EUA). As concentrações dos biomarcadores foram obtidas a partir da construção de curvas-padrão dos analitos (utilizando uma curva logística de ajuste de 5 parâmetros para transformar as intensidades médias de fluorescência em concentrações (pg/mL), utilizando-se o software Bio-Plex Manager™ versão 6.2 (Bio-Rad Laboratories, California, EUA).

4.7.6 Coleta de dados sociodemográficos e clínicos-hematológicos

A coleta dos dados sociodemográficos (idade, gênero) e clínico-hematológicos (grupo de risco, doença residual mínima, imunofenótipo, mielograma, hemograma) foi realizada a partir dos registros do laboratório de marcadores celulares e prontuários do Setor de Atendimento Médico e Estatístico (SAME), posteriormente foram plotados em planilha eletrônica no Microsoft Excel, onde foi construído o banco de dados do estudo.

4.8 Análise de dados

Os dados demográficos, epidemiológicos e características clínicas dos pacientes foram apresentados em formas de tabelas e gráficos, elaboradas com o programa Excel 2013 (*Microsoft Corporation, Redmond, WA, USA*). As análises estatísticas foram realizadas com os softwares *Graphpad Prism* (v8) e *Stata* (v15). Inicialmente foram realizados testes para verificar normalidade dos dados através do teste de Shapiro-Wilk. As comparações de valores entre dois grupos de dados foram realizadas com o teste t student ou Mann-Whitney, enquanto que para as comparações das variáveis com três ou mais grupos, a análise de dados foi por meio dos testes ANOVA One-way ou Kruskal-Wallis, seguido de pós-teste de Dunn's, para múltiplas comparações entre os grupos. Os níveis de significância estatística definidos em ambos os casos foi de $p<0,05$. Por fim, realizamos a análise correlação, para demonstrar as correlações positivas e negativas significativas ($p<0,05$). O índice de correlação (r) será utilizado para categorizar a força de correlação como fraca ($r\leq0,35$), moderada ($r\geq0,36$ a $r\leq0,67$) ou forte ($r\geq0,68$).

5. RESULTADOS

CAPÍTULO I

Publicação – Artigo 1 de revisão

Translating Unconventional T cells and their roles in Leukemia Antitumor Immunity, January 2021, **Journal of Immunology Research** 2021(9):6633824. DOI: 10.1155/2021/6633824.

Hindawi
Journal of Immunology Research
Volume 2021, Article ID 6633824, 15 pages
https://doi.org/10.1155/2021/6633824

Review Article

Translating Unconventional T Cells and Their Roles in Leukemia Antitumor Immunity

Nilberto Dias de Araújo,[1,2] Fábio Magalhães Gama,[1,2] Mateus de Souza Barros,[2] Thaís Lohana Pereira Ribeiro,[2] Fabíola Silva Alves,[2,3] Lilyane Amorim Xabregas,[2,3] Andréa Monteiro Tarragô,[1,2,3] Adriana Malheiro,[1,2,3,4] and Allyson Guimarães Costa[1,2,3,4,5]

[1]*Programa de Pós-Graduação em Imunologia Básica e Aplicada, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM 69067-005, Brazil*
[2]*Diretoria de Ensino e Pesquisa, Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM), Manaus, AM 69050-001, Brazil*
[3]*Programa de Pós-Graduação em Ciências Aplicadas à Hematologia, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM 69850-000, Brazil*
[4]*Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM 69850-000, Brazil*
[5]*Instituto de Pesquisa Clínica Carlos Borborema, Fundação de Medicina Tropical Doutor Heitor Vieira Dourado (FMT-HVD), Manaus, AM 69040-000, Brazil*

Correspondence should be addressed to Allyson Guimarães Costa; allyson.gui.costa@gmail.com

Received 7 November 2020; Revised 16 December 2020; Accepted 23 December 2020; Published 7 January 2021

Academic Editor: Xue-Li Zhang

Recently, cell-mediated immune response in malignant neoplasms has become the focus in immunotherapy against cancer. However, in leukemia, most studies on the cytotoxic potential of T cells have concentrated only on T cells that recognize peptide antigens (Ag) presented by polymorphic molecules of the major histocompatibility complex (MHC). This ignores the great potential of unconventional T cell populations, which include gamma-delta T cells ($\gamma\delta$), natural killer T cells (NKT), and mucosal-associated invariant T cells (MAIT). Collectively, these T cell populations can recognize lipid antigens, specially modified peptides and small molecule metabolites, in addition to having several other advantages, which can provide more effective applications in cancer immunotherapy. In recent years, these cell populations have been associated with a repertoire of anti- or protumor responses and play important roles in the dynamics of solid tumors and hematological malignancies, thus, encouraging the development of new investigations in the area. This review focuses on the current knowledge regarding the role of unconventional T cell populations in the antitumor immune response in leukemia and discusses why further studies on the immunotherapeutic potential of these cells are needed.

1. Introduction

Leukemia comprises a heterogeneous group of hematological neoplasms, which can be classified into lymphoblastic or myeloid leukemias and divided into acute and chronic types, depending on the affected cell type, maturation stage, and blast count, respectively [1]. While acute leukemias are characterized by a deep block in hematopoietic differentiation and result in an overproduction of immature blasts, chronic leukemias are characterized by the excessive production of partially mature differentiated cells, for example, lymphocytes in chronic lymphocytic leukemia (CLL) and granulocytes in chronic myeloid leukemia (CML) [2, 3]. The hallmark of these neoplasms is the increase in leukemic cells (LCs) in the bone marrow (BM) and their release in the peripheral blood (PB) and in extramedullary sites [1].

The immunological mechanisms in patients with leukemia are not very well known. However, with the increasing

Table 1: The table indicates some functions triggered by unconventional T cells in the immune response against the tumor.

Subsets	Role played in the immune response against cancer cells	Reference
$\gamma\delta$ T cells	Mediate tumor regression by recognizing MIC-A/MIC-B and ULBPs through TCR and NKG2D	[34, 35, 51, 52, 90]
	Antitumor potential increased by expression of NCRs	[36]
	Positive regulation of pAgs in LCs mediates the immune response through $\gamma\delta$ TCR	[40, 41, 72]
	BTN3A/BTN2A1 increases the antitumor functions of $\gamma\delta$ T cells in blood	[72–74]
	Mediate tumor regression by recognizing PVR and nectin-2 through TCR and DNAM-1	[41]
	BTN3A-expressing LCs are recognized and destroyed by $\gamma\delta$ T cells in blood through TCR	[69]
	Induce the maturation of DCs, which consequently enhance their activity against LCs	[29, 30]
NKT cells	Mediates tumor regression by recognizing $CD1d^+$ LCs through TCR	[133]
	Induces direct destruction of tumor cells through granulysin	[124, 125]
	Induces direct tumor lysis through FasL	[111]
MAIT cells	They act in the immunovigilance during the initial phase of the neoplastic process	[131–134]
	Induces direct cytotoxicity mediated by granzyme B and perforin in cancer cells that express MR1	[162, 175]

advances in the field of immunotherapy, there has been great progress in research regarding the tumor microenvironment in leukemia. Studies have shown that LCs secrete factors that disrupt healthy BM niches, reprogramming and transforming them into "leukemic niches," as well as inducing a disruption in balanced cytokine production, and favoring leukemic persistence and metastatic potential [4, 5]. However, despite the protumor microenvironment created by LCs, studies have reported that a specific immune response can be triggered and, therefore, contribute to the defense against the tumor, although not sufficient enough to control the neoplasia [6].

Several studies have described the immunotherapeutic potential of CD8 and CD4 T cells that recognize peptide antigens (Ag) presented by polymorphic major histocompatibility complex (MHC) class I and MHC class II molecules, respectively [7, 8]. Leaving aside, the populations of T cells are considered "unconventional," which are also implicated in tumor immunity, although their role in them is not well understood. Collectively, these T cell populations differ from their conventional counterparts mainly in the way they recognize and respond to foreign molecules. Unlike MHC-reactive T cells, unconventional T cells generally show simplified patterns of the T cell antigen receptor (TCR) expression and usually target monomorphic Ag-presenting molecules and other ligands, where after their activation, they promote rapid and strong effector responses [9, 10]. These T cell populations include $\gamma\delta$ T cells, NKT cells, and MAIT cells.

In this review, we describe the main characteristics of these T cell populations and explore their activities during the neoplastic process, as well as their relationship with the establishment of an antitumor immune response or tumor-favorable response, as described briefly in Table 1. A better understanding of the participation of these underexplored cells in tumor dynamics may provide a basis for the development of potential immunotherapeutic strategies in the field of leukemias.

2. Subsets of Unconventional T Cells in Antileukemic Response

2.1. Gamma-Delta ($\gamma\delta$) T Cells. $\gamma\delta$ T cells are developed in the thymus during lymphopoiesis and, by the expression of the TCR (T-cell receptor), composed of gamma (γ) and delta (δ) chains [11]. These cells are capable of providing a potent and lasting immune response through innate and adaptive mechanisms and stand out for their recognition and destruction of several tumors, regardless of major histocompatibility complex (MHC) expression [12]. In addition, these cells constitute up to 10% of circulating $CD3^+$ cells and are classified according to the genetic rearrangements of the δ chain of the TCR into three main subsets: Vδ1, Vδ2, and Vδ3 (in humans) [13]. These lymphocytes are present in blood circulation, tissues, and mucosal membranes, which are strategic places to exercise their high cytotoxic power against infections and tumors [14].

$\gamma\delta$ T cell lineage is evolutionarily conserved and has several pleiotropic functions. While these cells are naturally specialized in the secretion of proinflammatory mediators (Figure 1) [15], these lymphocytes can also adopt Th2-, Th9-, and Th17-like response phenotypes [16–18]. In the tumor microenvironment (TME), these lymphocytes express a diverse repertoire of recognition receptors that have received favorable prognostic value in several malignancies, including leukemia [19]. Based on several reports, it has been confirmed that $\gamma\delta$ T cells are capable of triggering an immune response by direct and indirect mechanisms, for example, through the cytolytic synapse with the target cell, and the recruitment and stimulation of other immune cells necessary for the establishment of an antitumor response [12, 20].

These lymphocytes can induce neoplastic regression through cell-cell interaction or by secreting several soluble molecules (such as IFN-γ and TNF) that inhibit tumor expansion. These effector molecules induce an increase in the antitumor activity of other cytotoxic cells or positively regulate the expression of MHC-I by cancer cells [21]. In addition, $\gamma\delta$ T cells stimulate somatic hypermutation and isotype switching in B cells [22–24] and possibly induce antibody-mediated immunity. Their effector functions also include the activation of macrophages and the recruitment and activation of $CD8^+$ cytotoxic T cells and NK cells [25–28]. The immune role of these lymphocytes also includes stimulating the maturation of dendritic cells (DCs), and, in turn, DCs are able to potentiate their cytotoxic activity

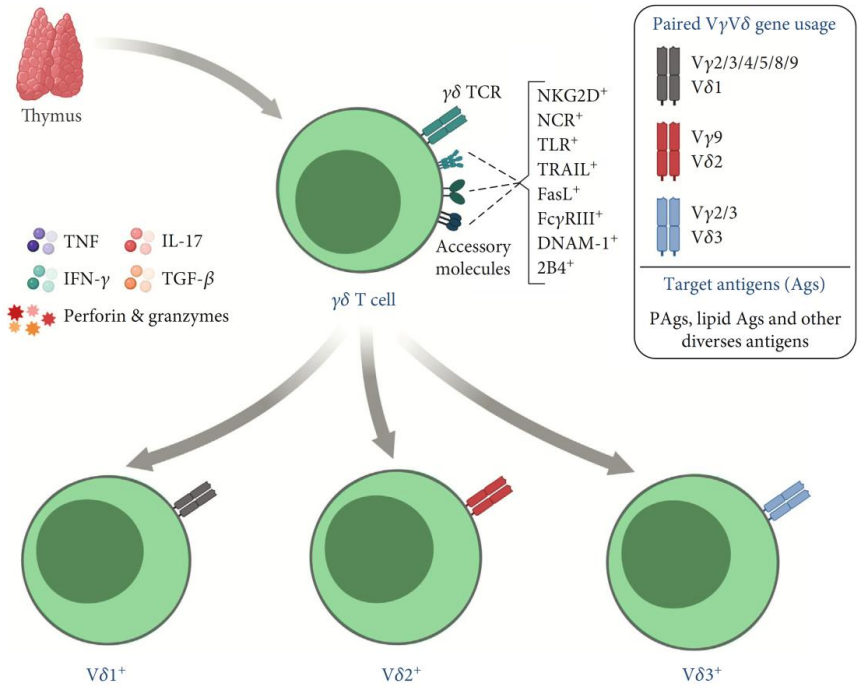


FIGURE 1: Overview of subpopulations, important receptors, and cytokines produced by γδ T cells. γδ T cells express some receptors that are essential for the tumor recognition and destruction, which gives a certain advantage when compared to other conventional T lymphocyte populations, either due to MHC independence or due to the high expression of the receptors mentioned in the image. The antileukemic recognition repertoire includes several molecules, such as NKG2D, NCRs, FasL, CD16, DNAM-1, and the TCR γδ itself.

[29, 30]. Notably, cancer cells tend to express several stress-induced molecules or metabolic antigens that are recognized through γδ TCRs and accessory receptors, thereby, mediating a potent response against the tumor [31–34].

Without restrictions on MHC expression, γδ T cells recognize several antigens that are expressed in LCs, and generally include metabolic molecules and stress-induced molecules [32, 35–38]. Ligands, such as MIC-A/MIC-B and ULBPs, can be identified through the NKG2D receptor, which is expressed mainly in γδ T cells [34, 39]. Furthermore, some metabolites of the mevalonate pathway, known as phosphoantigens (pAgs), can be recognized directly through the TCRs and are highly regulated in LCs [40, 41]. In addition, other molecules assist in tumor recognition and possibly support the antileukemic response of γδ T cells, such as TLRs (toll-like receptors), DNAM-1 (DNAX Accessory Molecule-1), FasL (Fas ligand), FcγRIII, TRAIL (TNF-related apoptosis-inducing ligand), NCRs (Natural Cytotoxicity Receptors) such as NKp30, NKp44, and NKp46, and the 2B4 receptor [12, 36, 41–44].

Vδ1$^+$ cells, which express TCR chains Vγ1 to Vγ11, respond preferentially in skin tissues, intestinal epithelium, lung, spleen, and liver, where they play crucial roles in maintaining epithelial tissue [14, 45]. It is known that these lymphocytes patrol the several tissues in search of stressed cells, derived from infections and tumorigenesis, thus, maintaining tissue homeostasis [46]. For this, the secretion of Th1 and Th17 cytokines is essential for immune surveillance [12, 47–49].

These cells, although uncommon in peripheral blood (~ 10% of blood γδ T cells), have a high diversity of tumor recognition and have demonstrated great potential against LCs [36, 50, 51]. Correia et al. demonstrated that Vδ1$^+$ cells that expressed NCRs managed to destroy lymphoid and myeloid cancer cells through NKp30 and NKp44, which seemed to recognize antigens that are distinct from their classic ligands, such as the molecule B7-H6, which binds to NKp30 [36]. In the same study, the stable expression of these NCRs was associated with elevated levels of granzyme B and seemed to synergize greater cytotoxic activity against LCs [36]. Taking into account that in some leukemias, a high expression of members of the ULBP family is observed, as NKG2D ligands [52], Lança et al. demonstrated that the expression of ULBP1 in LCs is important for recognition by Vδ1 cells [51]. ULBP3 was confirmed by Poggi et al. who presented similar findings [52]. Therefore, the data suggest possible immunological participation of these cells and indicate a significant contribution to the antileukemic immune response.

These cells can also recognize lipid or metabolic antigens that are presented through MHC class I-like molecules, such as CD1 and MR1 [46, 53]. These and other characteristics of Vδ1 cells make them potential candidates for new immunotherapeutic approaches in several human tumors, and these

have recently been explored in several experimental trials, including some against leukemia [54–56]. Although their roles are still poorly known, we know that Vδ1 cells demonstrate important functions in antitumor activity, and these deserve to be highlighted since they present characteristics that are different to Vγ9Vδ2 cells, either due to their high expression of NCRs or the nonsusceptibility to activation-induced cell death (AICD) [57–59]. The roles of this subset of $\gamma\delta$ T cells in the environment of bone marrow and peripheral blood *in vivo*, in the context of leukemia, still need further investigation regarding the ligands and receptors of recognition that are engaged during the immune response.

The V$\delta2^+$ subset, which pairs exclusively with the Vγ9 TCR chain, responds mainly in the blood, where it recognizes pAgs derived from bacteria and cancer cells [60]. Once activated, these lymphocytes secrete effector molecules such as IFN-γ, TNF, perforins, and granzymes and exert important cytotoxic activities in peripheral blood against pathogens and tumors [12, 61]. These cells make up as much as 95% of blood $\gamma\delta$ T cells [50, 62–64] and generally respond to a wide variety of pAgs, such as IPP (isopentenyl pyrophosphate) and HMB-PP (4-hydroxy-3-methyl-but-2-enylpyrophosphate), which are intermediates of the mevalonate pathway in eukaryotes and prokaryotes [65–67]. The recognition of these pAgs occurs in the context of the butyrophilin (BTN) family of molecules, such as BTN3A1 and BTN2A1 [68–71], which can be detected in LCs, and mediates a potent immune response that can be used therapeutically [72]. These molecules can be recognized directly through the $\gamma\delta$ TCR and are capable of triggering a Th1-like response against the target cells [73, 74].

The mechanism for recognizing pAgs is not yet clear, although several studies have recently expanded the information about how $\gamma\delta$ T cells identify these molecules. Recent reports have pointed out that pAgs recognition is mediated by BTN-like molecules, which are expressed in cancer cells [72, 75] and are able to modulate the responses of conventional $\alpha\beta$ T cells [76–79], and most notably, of $\gamma\delta$ T cells [68–71, 80, 81]. The dependent detection of pAgs by Vγ9Vδ2 cells involves the entire structure of the TCR, which interacts with BTN molecules through the Vγ9 and Vδ2 TCR domains. Among the various molecules that make up the BTN family, the proteins BTN3A1 and BTN2A1 synergize the presentation of pAgs to $\gamma\delta$ T cells, binding directly to the TCR Vγ9Vδ2 [68, 70, 82, 83].

Previously, it was thought that the unit expression of BTN3A1 performed the activation of these lymphocytes alone [84], but it is now clear that the BTN2A1 protein acts as a critical factor in the activation of Vδ2 cells [70]. For this to occur, it is necessary that pAgs bind to the intracellular domain (B30.2) of these proteins [85, 86]. After binding of pAgs, the intra- and extracellular domains of BTN3A1 and BTN2A1 undergo a conformational change [85–87] that allows the contact of the TCR Vγ9 chain with the BTN2A1 molecule, sending activation signals to $\gamma\delta$ T cells [68]. In addition, the involvement of other molecules during the pAgs detection mechanism cannot be ignored, as recent reports suggest the molecular collaboration of CDR3, periplakin, and GTPase RhoB in this process [70, 88, 89].

In addition to direct and TCR-dependent recognition, other accessory molecules possibly support the antileukemic activity of Vδ2 cells against LCs, such as the DNAM-1 receptor that recognizes the PVR (poliovirus receptor) and Nectin-2 ligands, both expressed in LCs [41], and ULBP4 that can be recognized through NKG2D [90]. $\gamma\delta$ T cells also express the 2B4 receptor (which recognizes the CD48 ligand), an accessory molecule that strengthens target effector interactions and is possibly related to increased cytotoxic activity against cancer cells [44]. One disadvantage of these V$\delta2^+$ cells is their strong propensity for AICD upon prolonged exposure to antigens and the polarization of these lymphocytes towards a tumor-promoting phenotype, which limits the persistence and efficiency of the immune response [57, 59].

Little data is available regarding the receptors and ligands involved in the events of innate and adaptive immunity mediated by V$\delta3^+$ cells, which express the TCR chains Vγ2, Vγ3, or Vγ8 and are a specific subset that responds mainly in the liver [91, 92]. The frequency of this cell population is low in peripheral blood (~0.2% of total circulating T cells) though it is high in the liver and intestinal region [91, 92]. Studies have reported that V$\delta3^+$ cells are related to antiviral immunity, responding efficiently against cytomegalovirus [93], Epstein-Barr virus [94], hepatitis [95], and HIV infection [64]. So far, their roles in antitumor immunity are not clear, although some reports have identified an expansion of these lymphocytes in the peripheral blood of patients with leukemia [96]. Also, Vδ3 cells secrete IFN-γ, express NKG2D, FcγRIII, and CD161, and appear to respond in a restricted way to CD1d, functionally resembling iNKT cells, which recognize and destroy CD1d$^+$ target cells [24, 91]. Subsequently, it was identified that these cells also respond to ANX-2 (annexin-2) [97], but their role in leukemia is still unexplored, although it has been identified that these cells expand during tumor progression [96].

$\gamma\delta$ T cells have an enormous potential to regulate local immunity and remodel the tumor niche [45, 98, 99]. The evidence discussed so far suggests that these cells realize various antitumor activities through the direct identification of LCs through the $\gamma\delta$ TCR or accessory receptors and by secreting soluble effector molecules against the tumor. Despite this, emerging knowledge about the molecular and cellular interaction between these lymphocytes and cancer cells suggests that, like conventional $\alpha\beta$ T cells, $\gamma\delta$ T cells may possibly not be exempt from the immunosuppression established by the TME [100–103]. However, the lack of knowledge about these cells in the leukemic microenvironment makes it difficult to elaborate larger and more comprehensive discussions about the possible crosstalk between this population of lymphocytes and the LCs in the bone marrow compartment and in extramedullary sites.

In addition, other subsets of $\gamma\delta$ T cells that express other variable TCR chains (TCR domains Vδ5, Vδ6, and Vδ8) have been identified in other hematological malignancies, where, for example, these cells seemed to expand and respond to cancer cells in the blood of patients with lymphoma [104]. However, it is still unclear whether these cells respond against LCs and not have information available on the possible roles played by these $\gamma\delta$ T cell subsets in

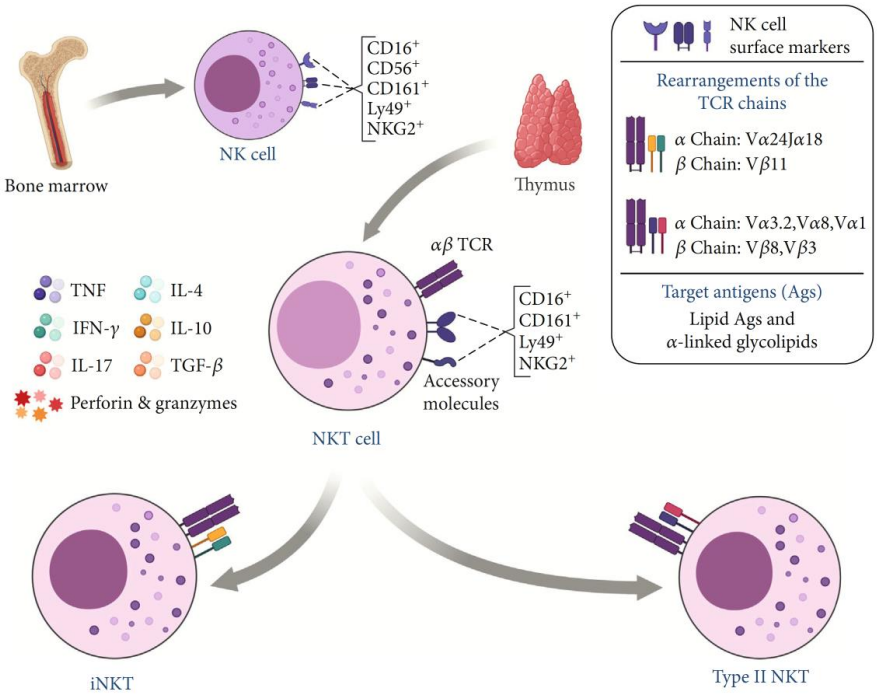


FIGURE 2: Overview of subpopulations, important receptors, and cytokines produced by NKT cells. Unlike conventional NK cells that mature in the bone marrow, NKT cells develop in the thymus and acquire an invariant or variant TCR, through which their subgroups are stratified. Recent studies show that these lymphocytes participate in the antitumor immune response by recognizing CD1d+ tumors and secreting Th1, Th2, and Th17 profile cytokines.

leukemia antitumor immunity. In view of its enormous therapeutic applicability, further research is needed on the interaction of $\gamma\delta$ T cells and their subsets in the leukemic microenvironment and on how this can impact the prognosis of patients.

2.2. Natural Killer T (NKT) Cells. Natural killer T cells (NKT) correspond to a population of innate-like T cells characterized by the expression of a TCR composed of alpha (α) and beta (β) chains similar to those of conventional T cells, in addition to specific surface markers of natural killer cells (NK), such as $CD16^+$, $CD56^+$, $CD69^+$, $CD161^+$, $NKG2D^+$, and $Ly49A^+$ [105, 106]. Another striking feature of these cells is their restriction to the CD1d molecule, which is an MHC class I-like molecule that presents lipid and glycolipid antigens [107–109].

NKT cells constitute approximately 0.001-1% of circulating lymphocytes (in humans) and are also present in the thymus, liver, intestine, and spleen [110, 111]. These cells are divided into two main subsets, the invariant natural killer T (iNKT) and natural killer T type II (NKTII) cells [112]. Both express the following transcription factors: T-bet [113, 114], PLZF [115], RORγt, GATA-3 [114], and NF-kB [116], which together grant high cellular plasticity and allow polarization for phenotypes of profile Th1, Th2, and Th17 [116–118]. In addition, iNKTs express the LEF-1 factor [119, 120], which is correlated with the regulation of the expression of the gene that encodes the CD1d molecule in antigen presenting cells (APCs). The LEF-1 factor also plays a crucial role as a regulator of the Wnt pathway, and it is possible that it influences the growth, development, differentiation, and functions of NKT cells [121].

In regards to their antitumor activity, NKT cells can act directly through cell-cell interaction, through the Fas receptor and its ligand (FasL) that trigger the activation of caspase enzymes and cause apoptosis of the target cells, in addition to the interaction of other receptors such as NKG2D, TRAIL, natural cytotoxicity receptors (NCRs), and their ligands (Figure 2) [111, 113, 122]. There is also the substantial release of perforins and granzymes A and B, in addition to the production of Granulysin that act in a similar way to perforins, forming pores in the plasma membrane and altering their permeability, which results in cell lysis [123, 124].

NKT cells also can act through indirect mechanisms by releasing a range of mediators, especially Th1 or Th2 profile cytokines, which can vary depending on the NKT subtype, a fact that will be discussed later [125]. The release of the aforementioned mediators can results in the immunoregulation of other cells of the immune system, for example, activating or inducing the maturation of DCs through interaction with CD1d or CD40/CD40L and IFN, respectively. After activation of DCs, they will be regulated positively, expressing costimulatory molecules such as CD86 and CD80, in addition to release cytokines such as IL-12, a

pleiotropic cytokine that plays an essential role in Th1-type immune response against cancer. iNKT cells also activate CD8 cytotoxic T cells through the IFN, as well as conventional NK cells and macrophages that can act against cancer cells [125–128]. In addition, NKT cells can also stimulate B lymphocytes and induce increased secretion of IgG class antibodies, which can result in antibody-dependent cell cytotoxicity (ADCC) in cancer cells that will subsequently undergo cytotoxic cell-mediated cell lysis [111, 129].

Due to their secretory repertoire and the ability to activate and target other cells of the immune system, NKT cells contribute strongly to tumor immunovigilance. It is important to highlight that one of the main forms of recognition of cancer cells by NKT cells occurs through the interaction of the TCR with the antigen presented by the CD1d molecule, expressed by B cells, macrophages, DCs, and several types of cancer cells, in solid and hematological neoplasms [116, 117]. These cells have been shown to contribute to tumor surveillance and suppression, controlling the initial stage of the neoplastic process [130–133].

iNKT cells, also known as natural killer type I cells, have characteristics that differ from other subsets, such as reactivity to ∝-galactosylceramide (α-GalCer) and the more pronounced expression of the Th1 response profile [134]. Another characteristic of iNKT cells is related to its invariant TCR, represented in humans by a TCR-α chain (Vα24Jα18) and a TCR-β chain (Vβ11). iNKT cells recognize lipid antigens and glycolipids such as α-GalCer analogs, phospholipids, diacylglycerols, gangliosides (GD3), and glycosphingolipids [107, 112].

Studies show that iNKT cells are strongly reactive to α-GalCer, a synthetic glycolipid derived from the marine sponge *Agelas mauritianus*, which is capable of inducing an important immunomodulatory effect in iNKT cells and which stimulates the antitumor response mediated by cytotoxic cells (NK cells and TCD8$^+$ lymphocytes) that are in a state of exhaustion or anergy resulting from the TME. Stimulation mediated by iNKT cells has been shown to promote the invigoration of cytotoxic cells and reverse the dysfunction presented by these cells [107, 135].

The α-GalCer antigen presented through the CD1d molecule is recognized by the TCR expressed in iNKT cells and induces the production of cytokines, such as IL-2, IL-12, and IL-21, which act on conventional NK cells and exhausted or anergic CD8 cytotoxic T cells, thus, reversing the dysfunction and the hyporesponsive character [125, 136]. In addition, α-GalCer-stimulated iNKT cells have been shown to incite the activation of APCs via CD40-CD40L signaling and also induce the production of IL-12 [125, 126, 129, 137].

A study by Fais et al., in patients with acute leukemia, evaluated the expression of the CD1d molecule in LCs, as well as the activity of iNKT cells in their recognition. Where, through incubating LCs with 100 ng/ml of α-GalCer for 4 hours, it was observed that the CD1d$^+$ LCs associated with the α-GalCer antigen underwent apoptosis induced by iNKT cells, in addition to stimulating the production of cytokines INF-γ, TNF-α, and IL-5 [138]. Similar results were observed by Bojarska-Junak et al. in a study with BP samples from patients with chronic leukemia, in which iNKT cells stimulated *in vitro* for 24 hours with 100 ng/ml of α-GalCer showed greater intracellular expression of the INF-γ and IL-4 cytokines when compared with healthy volunteers. The study also pointed out that, among the two cytokines analyzed, the expression of IL-4 was greater than that of INF-γ, indicating that the iNKT cell may acquire a polarization for the Th2 response profile [139].

Another study showed that the frequency of iNKT cells was lower in patients with chronic leukemia compared to the healthy control group and that therapy for 14 days with IFN-γ and 1 μM IM (imatinib mesylate) in combination with 100 ng/ml of α-GalCer in these patients resulted in a significant increase in iNKT cells [140]. Similarly, Weinkove et al. demonstrated that LCs purified and stimulated in vitro with 200 ng/ml of α-GalCer for 5 days incited the proliferation of autologous and allogeneic iNKT cells, but not in a significant amount it was also demonstrated that there was a stimulation of IFN-γ production by iNKT cells in leukemic patients. However, it was observed that the prolonged culture of these cells resulted in the polarization of iNKT cells to a Th2 profile and resulted in high levels of cytokines associated with tumor tolerance [141]. Additional investigations should be carried out to identify how stimulation with α-GalCer can provide better results, associating the increased frequency of iNKT cells with polarization for a response profile against LCs.

Finally, in a longitudinal analysis carried out over 18 months with 22 patients that had been diagnosed with leukemia or myelodysplasia and who underwent HLA haploidentical stem cell transplantation for iNKT cell reconstitution, the existence of a correlation between the frequency of iNKT cells and disease remission was reported. The observed data showed that 14 patients whose iNKT cells were completely reconstituted showed remission, and 8 patients whose iNKT cells were not reconstituted showed recurrence, thus, associating the frequency of these cells with a better prognosis [142, 143]. Furthermore, the analysis of the frequency of iNKT cells in the circulation and bone marrow compartment of newly diagnosed patients with acute leukemia demonstrated that a low frequency of these cells is associated with a worse prognosis [144].

Unlike iNKT cells, NKT II cells have an $\alpha\beta$ TCR variant and form diversified rearrangements. They are not reactive to α-GalCer [112, 125, 145]; however, they are restricted to CD1d [146] and recognize antigens such as β-glucosylceramide (β-GlcCer) and sulfatide, the latter being found in the plasma membrane of myelin, in the central nervous system, in the liver, in the pancreas, and in the kidneys [147–149]. Another characteristic of the NKT II cell is related to its response profile, which is more polarized for the Th2 profile [134, 150].

In contrast to studies on iNKT cells, the number of studies on the role of NKT II cells in leukemia is limited. However, some studies report that NKT II can act in a negative way by contributing to the suppression of surveillance and antitumor activity and, in some situations, contributing to neoplastic progression [111, 112, 151]. Such immunosuppression is mediated through the secretion of IL-13, which activates myeloid-derived suppressor cells (MDSCs), and these, consequently, suppress the activity of tumor-infiltrating

cytotoxic cells [150]. It is also believed that this negative regulation of NKT II in the tumor occurs due to a cross-regulation between iNKT and NKT II, where the effect of Th2 cytokines produced by NKT II cells overlap the effect by the Th1 cytokines produced by iNKT, resulting in an immunosuppressed microenvironment. In addition, it has been observed that tumors grow faster when the frequency of NKT II cells is higher than that of iNKT cells, although this suppression mechanism still needs further investigation [111, 134].

It is important to note that, in addition to NKT cells, there are other populations of nonconventional T cells restricted to molecules of the CD1 family, more specifically group 1, composed of CD1a, CD1b, and CD1c, which have lipid antigens or glycolipids, of microbial origin or from the organism itself [152]. Similar to NKT cells, these CD1-restricted cell populations are considered an attractive target for studies in the field of cancer immunotherapy, especially in the context of hematological neoplasms, due to the diversified distribution of CD1 isotypes, where they have been shown to be expressed (CD1a, CD1b, and CD1c) in 75% of acute leukemia blasts [153].

2.3. Mucosal-Associated Invariant T (MAIT) Cells. MAIT cells correspond to a population of innate-like T cells and are characterized by the expression of a restricted TCR-α with a unique gene rearrangement pattern, namely, TRAV1-2-TRAJ33 / 12/20 (Vα7.2-Jα33 / 12/20 in humans), which pair with a limited repertoire of the TCR-β chain, predominantly from the TRBV6 and TRBV20 gene families [154–156], and form a semi-invariant TCR restricted to nonpeptide antigens presented by MHC-related protein 1 (MR1). MR1 is a monomorphic molecule that is highly conserved throughout the evolution of mammals [157, 158] and is capable of presenting metabolites derived from vitamin B2 that is synthesized by a variety of microorganisms for MAIT cells [159, 160].

Like most T cells, MAIT cells develop in the thymus [161] and are positively selected by the cortical thymocytes $CD4^+$ $CD8^+$ $MR1^+$ [161, 162]. After the selection process, they undergo extrathymic maturation and integrate with different tissues [163]. In humans, MAIT cells represent up to 10% of peripheral blood T cells and are found in abundance in mucous tissues, mesenteric lymph nodes, and liver, where they can represent up to 45% of all T cells [164, 165].

Human MAIT cells can be immunophenotyped as $CD3^+$ Vα7.2$^+$ $CD161^{HI}$ [166] and can be categorized based on the expression of CD4 and CD8 coreceptors in five subsets: $CD4^+$ $CD8^-$, $CD4^+$ $CD8^+$, $CD4^-$ $CD8^-$, $CD4^-$ CD8$\alpha\alpha^+$ e $CD4^-$ CD8$\alpha\beta^+$ (Figure 3); the last two ($CD4^-$ CD8$\alpha\alpha^+$ and $CD4^-$ CD8$\alpha\beta^+$) being the most abundant and collectively correspond to approximately 80% of MAIT cells [164]. Of note, the development of MR1 tetramers loaded with 5-OP-RU [5-(2-oxopropylideneamino)-6-d-ribitylaminouracil] marked a breakthrough in MAIT cell research and have allowed for the reliable identification of distinct phenotypical and functional MAIT cell subsets [167].

In addition to the surface molecules mentioned above, MAIT cells also express CD25, CD26, CD44, and CD69, as well as IL-7R, IL-12R, IL-15R, and IL-18R cytokine receptors and PLZF, T transcription factors T-bet and RORγt, providing high plasticity and the ability to secrete mediators of Th1 profile and/or Th17 profile [168]. It is important to note that most MAIT cells have a memory-like phenotype effector [169] and can be quickly activated by mechanisms that do not depend on TCR stimulation [170]. This is due to the high expression of various cytokine and chemokine receptors, a property they share with other innate-like T cells ($\gamma\delta$ and iNKT cells) [171].

After activation, these cells are able to release substantial quantities of perforin and granzymes, in addition to producing the proinflammatory cytokines TNF, IFNγ, and IL-17A, as well as CCL3 and CCL4, which are chemokines that are crucial for immune responses to infection and inflammation [172, 173]. The release of these mediators results in the destruction of infected cells and the activation of other immune cells, such as DCs, which consequently leads to the mobilization of conventional T cells and reflects in a cascade of immunological events [174, 175].

Due to some characteristics of MAIT cells, such as their high frequency in humans and their ability to rapidly secrete a repertoire of mediators that induces activation and regulation of other cells of the immune system, in addition to the ability to recognize antigens restricted to MR1, research on MAIT cells, as well as other populations of T cells restricted to MR1, has aroused great interest in the field of oncology. Currently, the functional role triggered by these innate-like T cells in cancer is unclear and has been the subject of several studies.

Investigations performed on patients with mucosal neoplasms have reported a reduction in the frequency of circulating MAIT cells and show a significant accumulation of these cells in the tumor tissue [176–178]. However, it is important to note that tumor-infiltrating MAIT cells were less able to produce IFN-γ in response to factors secreted by the TME [178]. In addition, a recent *in vivo* study by Yan et al. showed that MAIT cells exhibited a tumor-promoting function and promoted cancer metastasis through the suppression of cytotoxic cells (which was partly IL-17 dependent) after interaction with MR1 molecules expressed on cancer cells [179].

In contrast, in the study by Won et al., tumor-infiltrating MAIT cells were not compromised in the production of cytokines IFN-y, TNF-α, and IL-17. In addition, in the *in vitro* assay, it was observed that MAIT cells, isolated from PB from healthy individuals, not only had lymphokine-activated killer activity but also exhibited direct cytotoxicity in K562 cell lines through the degranulation of granzyme B and perforin [177].

To date, the involvement of MAIT cells in leukemia remains largely unexplored, and, in the context of other hematological neoplasms, the functional role of these cells is also limited. An *in vitro* study by Gherardin et al. demonstrated that multiple myeloma (MM) cell lines express the MR1 protein and are capable of presenting vitamin B metabolites to MAIT cells isolated from healthy donors, which, in response, induce the lysis of these myeloma cells with efficiency and kinetics similar to NK cells [164].

Another study observed the functional capacity of these lymphocytes by analyzing the cell phenotype in samples of

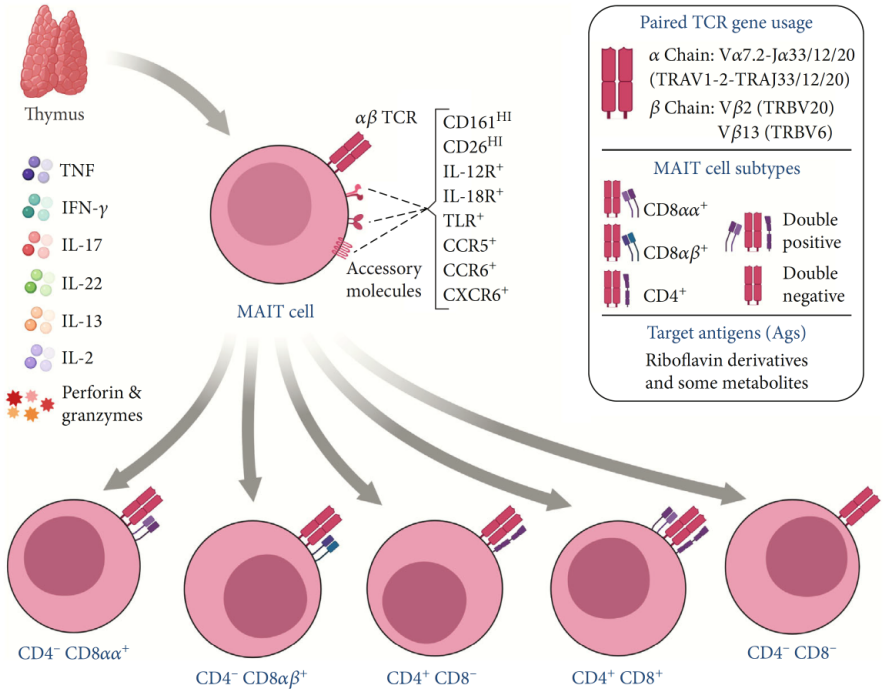


FIGURE 3: Overview of subpopulations, important receptors, and cytokines produced by MAIT cells. MAIT cells develop in the thymus, where they acquire a semi-invariant TCR, restricted to MR1. In humans, they can be categorized into five subsets based on the expression of the CD4 and CD8 coreceptors, with $CD4^-$ $CD8\alpha\alpha^+$ or $CD4^-$ $CD8\alpha\beta^+$ being the most abundant, collectively corresponding to approximately 80% of MAIT cells. They produce a repertoire of Th1 and Th17 cytokines (IFN-γ, TNF, IL-2, IL-17A, and IL-22), in addition to perforins and granzymes B, and express various cytokine, chemokine, and homing molecules.

PB and BM [180]. Favreau et al. reported that patients recently diagnosed with MM had a significant decrease in the frequency of MAIT cells when compared to healthy controls. They also highlighted a reduction in the MAIT $CD8^+$ and double-negative ($CD8^-$ $CD4^-$) phenotype, in addition to the functional impairment of the Th1 response profile, with fewer IFN-γ and TNFα producing MAIT cells [180]. Favreau et al. also demonstrated that circulating MAIT cells exhibited high levels of PD-1 and that their respective *in vitro* blockade resulted in the restoration of MAIT cell function and activation [180]. As a whole, these results highlight the important antitumor activity of MAIT cells and identify them as a potential immunotherapeutic target in MM.

Likewise, MR1 also represents an attractive target in immunotherapy against cancer, due to characteristics such as its monomorphic nature and functional expression found in several types of cancer cells [181]. In this regard, a recent study by Crowther et al. demonstrated that a human T cell clone potentially recognizes a specific cancer or associated metabolite, restricted to MR1, and mediates the lysis of different types of cancer cells, including LCs lineages, as such, it mediated *in vivo* leukemia regression and conferred longer survival in mice [182]. Moreover, other atypical MR1-restricted T cells, which respond to autoantigens, have been described [181, 183, 184]. This new group of T cells has been named MR1T and has been shown to recognize and eliminate a wide range of cancer cells that express MR1 [181]. However, more research is needed to elucidate the precise nature and function of these cells, as well as their activity in the context of TME.

3. Concluding Remarks and Perspectives

Unconventional T cells can promote tumor rejection and offer advantages that indicate them as being potential targets for T-cell-based immunotherapy. Although effective, it is important to note that unconventional T cells are not exempt from the influence of checkpoint receptors, since these cells positively regulate the inhibitory PD1 receptor on their cell surface after activation [185–187]. However, checkpoint blockade therapy using drugs based on anti-PD1 and anti-CTLA-4 is proving to be a powerful approach for preventing effector cells from entering into a state of anergy caused by cancer cells, thereby, providing a persistent immune response [188].

In the context of hematologic neoplasms, among the promising alternatives to conventional chemotherapy are the upcoming immunotherapies, in particular, the transfer of chimeric antigen receptor (CAR) T cells [189]. These autologous T cells, which are designed to express a CAR receptor against the CD19 antigen, are at the forefront of contemporary oncohematological therapies and lead to high

rates of remission in B cell malignancies [190, 191]. It is important to highlight the obstacles, such as the complex and expensive individualized manufacturing process and the loss or modulation of the target CD19 antigen, that lead to resistance and relapse after therapy with CAR T cells.

In this scenario, unconventional T cells present themselves as possible solutions to overcome these obstacles, since they have a series of specific biological characteristics that can significantly expand and diversify the repertoire of CAR-based therapies, although they also have their limitations [192]. Few preclinical studies have investigated unconventional T cells as alternative platforms for CAR engineering, and, given this limitation, it is not surprising that there is a very low number of clinical trials that evaluate the viability of CAR $\gamma\delta$ T therapies (B cell lymphoma, NCT02656147; and acute myeloid leukemia, NCT03885076) and CAR NKT (refractory B cell neoplasm, NCT03774654) in hematologic neoplasms that are in progress.

The fact is that the role of unconventional T cells during the neoplastic process is usually related to better immune surveillance or antitumor response in patients with leukemia, and that, to date, unconventional T cells are still largely underexplored. Factors, such as the absence of barriers related to histocompatibility, since the molecules that present Ag for unconventional T cells are monomorphic; activation by TCR dependent and independent mechanisms; ability to gather quick and powerful responses; in addition to the high frequency in specific tissues in humans, all demonstrate the need for further studies on the immunotherapeutic potential of these cells and, mainly, the translation of these studies into clinical trials.

Abbreviations

AICD: Activation-induced cell death
ALL: Acute lymphoblastic leukemia
AML: Acute myeloid leukemia
ANX-2: Annexin-2
APCs: Antigen-presenting cells
BM: Bone marrow
BTN: Butyrophilin
BTN2A1: Butyrophilin subfamily 2 member A1
BTN3A: Butyrophilin 3A
CAR: Chimeric antigen receptor
CD: Cluster of differentiation
CDR3: Complementarity-determining region–3
CTLA-4: Cytotoxic T-lymphocyte–associated antigen 4
CLL: Chronic lymphocytic leukemia
CML: Chronic myeloid leukemia
DCs: Dendritic cells
DNAM-1: DNAX accessory molecule-1
Fas: Fas Cell Surface Death Receptor
FasL: Fas ligand
FcγRIII: Fc-gamma receptor type III
GM-CSF: Granulocyte-macrophage colony-stimulating factor
HIV: Human immunodeficiency virus
HMB-PP: (E)-4-Hydroxy-3-methyl-but-2-enyl pyrophosphate
IFN: Interferon
IL: Interleukin
iNKT: Invariant NKT
IPP: *Isopentenyl pyrophosphate*
LCs: Leukemic cells
MAIT: Mucosal-associated invariant T
MHC: Major histocompatibility complex
MIC-A: MHC class I polypeptide-related sequence A
MIC-B: MHC class I polypeptide-related sequence B
MM: Multiple myeloma
MR1: MHC class I-related protein
NCRs: Natural cytotoxicity receptors
NK: Natural killer
NKG2D: Natural-killer group 2 member D
NKT: Natural killer T
PB: Peripheral blood
PD1: Programmed cell death protein 1
pAgs: Phosphoantigens
PVR: Poliovirus receptor
TCR: T-cell receptor
TGF: Transforming growth factor
TLRs: Toll-like receptors
TME: Tumor microenvironment
TNF: Tumor necrosis factor
TRAIL: TNF-related apoptosis-inducing ligand
ULBP: UL16-binding protein
α-GalCer: α-Galactosylceramide
$\gamma\delta$ T: Gamma-delta T.

Additional Points

Cell-mediated immune response in malignant neoplasms is becoming the focus in immunotherapy against cancer. Unconventional T cells utilize a range of receptors and proinflammatory or regulatory profiles that directly contribute to the immune response in the leukemic microenvironment. The role played by unconventional T cells found in the leukemic medullary microenvironment may be related to the patient's prognosis. Cytokines and chemokines secreted by unconventional T cells include IL-1β, IL-4, IL-6, IL-10, IL-13, IL-17, IL-22, IL-23, IFN-γ, TNF-α, and TGF-β.

Disclosure

The funders had no role in study design, decision to publish, or preparation of the manuscript.

Conflicts of Interest

The authors declare that there are no conflicts of interest regarding the publication of this paper.

Acknowledgments

This study was funded by Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) (Pró-Estado Program-#002/2008, PAMEQ Program-#004/2019, and PAPAC Program-#005/2019), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), and Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). NDA, FMG, FSA, LAX, MSB, TLPR, and ISC received fellowships from CAPES and FAPEAM (PhD, Masters, and SI student). AM is a level 2 research fellow from CNPq.

References

[1] A. Ehsanpour, N. Saki, M. Bagheri, M. M. Behzad, and S. Abroun, "The expression of microvesicles in leukemia: prognostic approaches," *Cell Journal*, vol. 21, pp. 115–123, 2018.

[2] R. A. Van Etten, "Mechanisms of transformation by the _BCR-ABL_ oncogene: new perspectives in the post-imatinib era," *Leukemia Research*, vol. 28, pp. 21–28, 2004.

[3] R. A. Van Etten, "Aberrant cytokine signaling in leukemia," *Oncogene*, vol. 26, no. 47, pp. 6738–6749, 2007.

[4] F. Chiarini, A. Lonetti, C. Evangelisti et al., "Advances in understanding the acute lymphoblastic leukemia bone marrow microenvironment: from biology to therapeutic targeting," *Biochimica et Biophysica Acta (BBA) - Molecular Cell Research*, vol. 1863, no. 3, pp. 449–463, 2016.

[5] J. Huan, N. I. Hornick, M. J. Shurtleff et al., "RNA trafficking by acute myelogenous leukemia exosomes," *Cancer Research*, vol. 73, no. 2, pp. 918–929, 2013.

[6] P. Yotnda, P. Mintz, K. Grigoriadou, F. Lemonnier, E. Vilmer, and P. Langlade-Demoyen, "Analysis of T-cell defects in the specific immune response against acute lymphoblastic leukemia cells," *Experimental Hematology*, vol. 27, pp. 1375–1383, 1999.

[7] T. Ahrends and J. Borst, "The opposing roles of CD4+ T cells in anti-tumour immunity," *Immunology*, vol. 154, pp. 582–592, 2018.

[8] N. R. Maimela, S. Liu, and Y. Zhang, "Fates of CD8+ T cells in tumor microenvironment," *Computational and Structural Biotechnology Journal*, vol. 17, pp. 1–13, 2019.

[9] D. I. Godfrey, A. P. Uldrich, J. McCluskey, J. Rossjohn, and D. B. Moody, "The burgeoning family of unconventional T cells," *Nature Immunology*, vol. 16, pp. 1114–1123, 2015.

[10] D. I. Godfrey, J. Le Nours, D. M. Andrews, A. P. Uldrich, and J. Rossjohn, "Cell targets for cancer immunotherapy," *Immunity*, vol. 48, pp. 453–473, 2018.

[11] D. G. Pellicci, H.-F. Koay, and S. P. Berzins, "Thymic development of unconventional T cells: how NKT cells, MAIT cells and γδ T cells emerge," *Nature Reviews Immunology*, vol. 20, no. 12, pp. 756–770, 2020.

[12] Y. Zhao, C. Niu, and J. Cui, "Gamma-delta (γδ) T cells: friend or foe in cancer development," *Journal of Translational Medicine*, vol. 16, no. 1, p. 3, 2018.

[13] C. M. Parker, V. Groh, H. Band et al., "Evidence for extrathymic changes in the T cell receptor γ/δ repertoire," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 171, pp. 1597–1612, 1990.

[14] P. Vantourout and A. Hayday, "Six-of-the-best: unique contributions of γδ T cells to immunology," *Nature Reviews Immunology*, vol. 13, pp. 88–100, 2013.

[15] D. Wesch, A. Glatzel, and D. Kabelitz, "Differentiation of resting human peripheral blood γδ T cells toward Th1- or Th2-phenotype," *Cellular Immunology*, vol. 212, pp. 110–117, 2001.

[16] K. J. Ness-Schwickerath, C. Jin, and C. T. Morita, "Cytokine requirements for the differentiation and expansion of IL-17A– and IL-22–producing human Vγ2Vδ2 T cells," *The Journal of Immunology*, vol. 184, pp. 7268–7280, 2010.

[17] N. Caccamo, C. La Mendola, V. Orlando et al., "Differentiation, phenotype, and function of interleukin-17-producing human vγ9vδ2 T cells," *Blood*, vol. 118, pp. 129–138, 2011.

[18] C. Peters, R. Häsler, D. Wesch, and D. Kabelitz, "Human Vδ2 T cells are a major source of interleukin-9," *Proceedings of the National Academy of Sciences*, vol. 113, pp. 12520–12525, 2016.

[19] A. J. Gentles, A. M. Newman, C. L. Liu et al., "The prognostic landscape of genes and infiltrating immune cells across human cancers," *Nature Medicine*, vol. 21, pp. 938–945, 2015.

[20] P. E. Lo, G. Pizzolato, A. M. Corsale et al., "γδ T cells and tumor microenvironment: from immunosurveillance to tumor evasion," *Frontiers in Immunology*, vol. 9, 2018.

[21] Y. Gao, W. Yang, M. Pan et al., "γδ T cells provide an early source of interferon γ in tumor immunity," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 198, pp. 433–442, 2003.

[22] A. A. Horner, H. Jabara, N. Ramesh, and R. S. Geha, "γ/δ T lymphocytes express CD40 ligand and induce isotype switching in B lymphocytes," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 181, pp. 1239–1244, 1995.

[23] N. Caccamo, L. Battistini, M. Bonneville et al., "CXCR5 identifies a subset of Vγ9Vδ2 T cells which secrete IL-4 and IL-10 and help B cells for antibody production," *The Journal of Immunology*, vol. 177, pp. 5290–5295, 2006.

[24] A. Petrasca, A. M. Melo, E. P. Breen, and D. G. Doherty, "Human Vδ3 + γδ T cells induce maturation and IgM secretion by B cells," *Immunology Letters*, vol. 196, pp. 126–134, 2018.

[25] M. Brandes, K. Willimann, and B. Moser, "Professional antigen-presentation function by human gd T cells," *Science*, vol. 309, no. 5732, pp. 264–268, 2005.

[26] M. Muto, M. Baghdadi, R. Maekawa, H. Wada, and K. I. Seino, "Myeloid molecular characteristics of human γδ T cells support their acquisition of tumor antigen-presenting capacity," *Cancer Immunology, Immunotherapy*, vol. 64, pp. 941–949, 2015.

[27] C. Mao, X. Mou, Y. Zhou et al., "Tumor-activated T cells from gastric cancer patients induce the antitumor immune response of T cells via their antigen-presenting cell-like effects," *Journal of Immunology Research*, vol. 2014, 10 pages, 2014.

[28] A. Maniar, X. Zhang, W. Lin et al., "Human γδ T lymphocytes induce robust NK cell-mediated antitumor cytotoxicity through CD137 engagement," *Blood*, vol. 116, pp. 1726–1733, 2010.

[29] H. H. Van Acker, S. Anguille, V. F. Van Tendeloo, and E. Lion, "Empowering gamma delta T cells with antitumor immunity by dendritic cell-based immunotherapy," *Oncoimmunology*, vol. 4, no. 8, article e1021538, 2015.

[30] A. Martino, R. Casetti, A. Sacchi, and F. Poccia, "Central memory Vγ9Vδ2 T lymphocytes primed and expanded by Bacillus Calmette-Guérin-infected dendritic cells kill mycobacterial-infected monocytes," *The Journal of Immunology*, vol. 179, pp. 3057–3064, 2007.

[31] A. E. Simões, B. Di Lorenzo, and B. Silva-Santos, "Molecular determinants of target cell recognition by human γδ T cells," *Frontiers in Immunology*, vol. 9, pp. 1–7, 2018.

[32] A. Q. Gomes, D. V. Correia, A. R. Grosso et al., "Identification of a panel of ten cell surface protein antigens associated

with immunotargeting of leukemias and lymphomas by peripheral blood γδ t cells," *Haematologica*, vol. 95, pp. 1397–1404, 2010.

[33] I. de Weerdt, S. Terpstra, T. Hofland et al., "Chronic lymphocytic leukemia (CLL) cells are susceptible to γδ-T cell mediated killing, provided CLL-derived γδ-T cell dysfunction can be reversed," *Blood*, vol. 126, pp. 2914–2914, 2015.

[34] S. Gundermann, E. Klinker, B. Kimmel et al., "A comprehensive analysis of primary acute myeloid leukemia identifies biomarkers predicting susceptibility to human allogeneic Vγ9Vδ2 T cells," *Journal of Immunotherapy*, vol. 37, pp. 321–330, 2014.

[35] G. M. Siegers, H. Dhamko, X.-H. Wang et al., "Human Vδ1 γδ T cells expanded from peripheral blood exhibit specific cytotoxicity against B-cell chronic lymphocytic leukemia-derived cells," *Cytotherapy*, vol. 13, pp. 753–764, 2011.

[36] D. V. Correia, M. Fogli, K. Hudspeth, M. Gomes Da Silva, D. Mavilio, and B. Silva-Santos, "Differentiation of human peripheral blood Vδ1+ T cells expressing the natural cytotoxicity receptor NKp30 for recognition of lymphoid leukemia cells," *Blood*, vol. 118, pp. 992–1001, 2011.

[37] G. M. Siegers, T. C. Felizardo, A. Mark Mathieson et al., "Anti-leukemia activity of in vitro-expanded human gamma delta T cells in a xenogeneic Ph+leukemia model," *PLoS One*, vol. 6, no. 2, article e16700, 2011.

[38] G. M. Siegers, "Anti-leukemia activity of human gamma delta T cells," *Oncoimmunology*, vol. 1, pp. 237–239, 2012.

[39] B. Silva-Santos and J. Strid, "Working in "NK mode": natural killer group 2 member D and natural cytotoxicity receptors in stress-surveillance by γδ T cells," *Frontiers in Immunology*, vol. 9, p. 24, 2018.

[40] A. Pandyra, P. J. Mullen, M. Kalkat et al., "Immediate utility of two approved agents to target both the metabolic mevalonate pathway and its restorative feedback loop," *Cancer Research*, vol. 74, pp. 4772–4782, 2014.

[41] J. Gertner-Dardenne, R. Castellano, E. Mamessier et al., "Human Vγ9Vδ2 T cells specifically recognize and kill acute myeloid leukemic blasts," *The Journal of Immunology*, vol. 188, pp. 4701–4708, 2012.

[42] S. Kalyan, D. Wesch, and D. Kabelitz, "Aminobisphosphonates and toll-like receptor ligands: recruiting Vγ9Vδ2 T cells for the treatment of hematologic malignancy," *Current Medicinal Chemistry*, vol. 18, no. 34, pp. 5206–5216, 2011.

[43] F. Mami-Chouaib, P. Del Porto, D. Delorme, and T. Hercend, "Further evidence for a gamma/delta T cell receptor-mediated TCT.1/CD48 recognition," *Journal of Immunological*, vol. 147, no. 9, pp. 2864–2867, 1991.

[44] C. Flament, K. Bellagha, A. Rosenthal-Allieri, S. Chouaib, and F. Mami-Chouaib, "CD48 may serve as an accessory molecule for the activation of a subset of human γ/δ T cells," *Human Immunology*, vol. 46, pp. 82–92, 1996.

[45] D. Wu, P. Wu, F. Qiu, Q. Wei, and J. Huang, "Human γδT-cell subsets and their involvement in tumor immunity," *Cellular & Molecular Immunology*, vol. 14, pp. 245–253, 2017.

[46] M. S. Davey, C. R. Willcox, A. T. Baker, S. Hunter, and B. E. Willcox, "Recasting human Vδ1 lymphocytes in an adaptive role," *Trends in Immunology*, vol. 39, pp. 446–459, 2018.

[47] B. Silva-Santos, K. Serre, and H. Norell, "γδT cells in cancer," *Nature reviews immunology*, vol. 15, pp. 683–691, 2015.

[48] Y. L. Wu, Y. P. Ding, Y. Tanaka et al., "γδ T cells and their potential for immunotherapy," *International Journal of Biological Sciences*, vol. 10, pp. 119–135, 2014.

[49] A. G. Ramstead and M. A. Jutila, "Complex role of γδ T-cell-derived cytokines and growth factors in cancer," *Journal of Interferon & Cytokine Research*, vol. 32, pp. 563–569, 2012.

[50] D. Kozbor, G. Trinchieri, D. S. Monos et al., "Human TCR-γ+/δ+, CD8+ T lymphocytes recognize tetanus toxoid in an MHC-restricted fashion," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 169, pp. 1847–1851, 1989.

[51] T. Lança, D. V. Correia, C. F. Moita et al., "The MHC class Ib protein ULBP1 is a nonredundant determinant of leukemia/-lymphoma susceptibility to γδ T-cell cytotoxicity," *Blood*, vol. 115, pp. 2407–2411, 2010.

[52] A. Poggi, C. Venturino, S. Catellani et al., "Vδ1 T lymphocytes from B-CLL patients recognize ULBP3 expressed on leukemic B cells and up-regulated by trans-retinoic acid," *Cancer Research*, vol. 64, pp. 9172–9179, 2004.

[53] B. E. Willcox, F. Mohammed, and C. R. Willcox, "γδ TCR recognition of MR1: adapting to life on the flip side," *Trends in Biochemical Sciences*, vol. 45, pp. 551–553, 2020.

[54] A. R. Almeida, D. V. Correia, A. Fernandes-Platzgummer et al., "Delta one T cells for immunotherapy of chronic lymphocytic leukemia: clinical-grade expansion/differentiation and preclinical proof of concept," *Clinical Cancer Research*, vol. 22, pp. 5795–5804, 2016.

[55] B. Di Lorenzo, A. E. Simões, F. Caiado et al., "Broad cytotoxic targeting of acute myeloid leukemia by polyclonal delta one T cells," *Cancer Immunology Research*, vol. 7, pp. 552–558, 2019.

[56] K. Garber, "γδ T cells bring unconventional cancer-targeting to the clinic - again," *Nature Biotechnology*, vol. 38, pp. 389–391, 2020.

[57] Y. H. Gan, S. S. N. Lui, and M. Malkovsky, "Differential susceptibility of naïve and activated human γδ T cells to activation-induced cell death by T-cell receptor cross-linking," *Molecular Medicine*, vol. 7, pp. 636–643, 2001.

[58] D. Kabelitz, "Effector functions and control of human γδ T-cell activation," *Microbes and Infection*, vol. 1, pp. 255–261, 1999.

[59] P. F. Meeh, M. King, R. L. O'Brien et al., "Characterization of the γδ T cell response to acute leukemia," *Cancer Immunology, Immunotherapy*, vol. 55, pp. 1072–1080, 2006.

[60] C. R. Willcox, M. S. Davey, and B. E. Willcox, "Development and selection of the human Vγ9Vδ2+ T-cell repertoire," *Frontiers in Immunology*, vol. 9, p. 1501, 2018.

[61] A. Vyborova, D. X. Beringer, D. Fasci et al., "γ9δ2T cell diversity and the receptor interface with tumor cells," *Journal of Clinical Investigation*, vol. 130, no. 9, pp. 4637–4651, 2020.

[62] S. Fonseca, V. Pereira, C. Lau, M. dos Anjos Teixeira, M. Bini-Antunes, and M. Lima, "Human peripheral blood gamma delta T cells: report on a series of healthy Caucasian Portuguese adults and comprehensive review of the literature," *Cells*, vol. 9, p. 729, 2020.

[63] T. Hinz, D. Wesch, F. Halary et al., "Identification of the complete expressed human TCR V(γ) repertoire by flow cytometry," *International Immunology*, vol. 9, pp. 1065–1072, 1997.

[64] D. Kabelitz, T. Hinz, T. Dobmeyer et al., "Clonal expansion of Vγ3/Vδ3-expressing γδ T cells in a HIV-1/2-negative patient with CD4 T-cell deficiency," *British Journal of Haematology*, vol. 96, pp. 266–271, 1997.

[65] G. Gruenbacher and M. Thurnher, "Mevalonate metabolism in immuno-oncology," *Frontiers in Immunology*, vol. 8, p. 1714, 2017.

[66] M. Moulin, J. Alguacil, S. Gu et al., "Vγ9Vδ2 T cell activation by strongly agonistic nucleotidic phosphoantigens," *Cellular and Molecular Life Sciences*, vol. 74, pp. 4353–4367, 2017.

[67] T. Herrmann, A. S. Fichtner, and M. M. Karunakaran, "An update on the molecular basis of phosphoantigen recognition by Vγ9Vδ2 T cells," *Cells*, vol. 9, p. 1433, 2020.

[68] M. Rigau, S. Ostrouska, T. S. Fulford et al., "Butyrophilin 2A1 is essential for phosphoantigen reactivity by gd T cells," *Science*, vol. 367, article eaay5516, 2020.

[69] J. L. Blazquez, A. Benyamine, C. Pasero, and D. Olive, "New insights into the regulation of $\gamma\delta$ T cells by BTN3A and other BTN/BTNL in tumor immunity," *Frontiers in Immunology*, vol. 9, pp. 1–11, 2018.

[70] M. M. Karunakaran, C. R. Willcox, M. Salim et al., "Butyrophilin-2A1 directly binds germline-encoded regions of the Vγ9Vδ2 TCR and is essential for phosphoantigen sensing," *Immunity*, vol. 52, pp. 487–498.e6, 2020.

[71] C. R. Willcox, P. Vantourout, M. Salim et al., "Butyrophilin-like 3 directly binds a human Vγ4+ T cell receptor using a modality distinct from clonally-restricted antigen," *Immunity*, vol. 51, pp. 813–825.e4, 2019.

[72] A. Benyamine, A. le Roy, E. Mamessier et al., "BTN3A molecules considerably improve Vγ9Vδ2T cells-based immunotherapy in acute myeloid leukemia," *Oncoimmunology*, vol. 5, no. 10, article e1146843, 2016.

[73] V. Lafont, J. Liautard, J. P. Liautard, and J. Favero, "Production of TNF-α by human Vγ9Vδ2 T cells via engagement of FcγRIIIA, the low affinity type 3 receptor for the Fc portion of IgG, expressed upon TCR activation by nonpeptidic antigen," *Journal of Immunology*, vol. 166, pp. 7190–7199, 2001.

[74] A. deBarros, M. Chaves-Ferreira, F. D'Orey, J. C. Ribot, and B. Silva-Santos, "CD70-CD27 interactions provide survival and proliferative signals that regulate T cell receptor-driven activation of human $\gamma\delta$ peripheral blood lymphocytes," *Eur J Immunol*, vol. 41, pp. 195–201, 2011.

[75] E. Compte, P. Pontarotti, Y. Collette, M. Lopez, and D. Olive, "Frontline: characterization of BT3 molecules belonging to the B7 family expressed on immune cells," *European Journal of Immunology*, vol. 34, pp. 2089–2099, 2004.

[76] J. R. Cubillos-Ruiz, D. Martinez, U. K. Scarlett et al., "CD277 is a negative co-stimulatory molecule universally expressed by ovarian cancer microenvironmental cells," *Oncotarget*, vol. 1, pp. 329–338, 2010.

[77] T. Yamazaki, I. Goya, D. Graf, S. Craig, N. Martin-Orozco, and C. Dong, "A butyrophilin family member critically inhibits T cell activation," *Journal of Immunology*, vol. 185, pp. 5907–5914, 2010.

[78] K. Sarter, E. Leimgruber, F. Gobet et al., "Btn2a2, a T cell immunomodulatory molecule coregulated with MHC class II genes," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 213, pp. 177–187, 2016.

[79] N. Messal, E. Mamessier, A. Sylvain et al., "Differential role for CD277 as a co-regulator of the immune signal in T and NK cells," *European Journal of Immunology*, vol. 41, pp. 3443–3454, 2011.

[80] K. K. Payne, J. A. Mine, S. Biswas et al., "BTN3A1 governs antitumor responses by coordinating ab and gd T cells," *Science*, vol. 369, pp. 942–949, 2020.

[81] R. D. M. Barros, N. A. Roberts, R. J. Dart et al., "Epithelia use butyrophilin-like molecules to shape organ-specific $\gamma\delta$ T cell compartments," *Cell*, vol. 167, pp. 203–218.e17, 2016.

[82] S. Vavassori, A. Kumar, G. S. Wan et al., "Butyrophilin 3A1 binds phosphorylated antigens and stimulates human $\gamma\delta$ T cells," *Nature Immunology*, vol. 14, pp. 908–916, 2013.

[83] A. Sandstrom, C. M. Peigné, A. Léger et al., "The intracellular B30.2 domain of butyrophilin 3A1 binds phosphoantigens to mediate activation of human Vγ9Vδ2T Cells," *Immunity*, vol. 40, pp. 490–500, 2014.

[84] C. Harly, Y. Guillaume, S. Nedellec et al., "Key implication of CD277/butyrophilin-3 (BTN3A) in cellular stress sensing by a major human $\gamma\delta$ T-cell subset," *Blood*, vol. 120, pp. 2269–2279, 2012.

[85] S. Gu, J. R. Sachleben, C. T. Boughter et al., "Phosphoantigen-induced conformational change of butyrophilin 3A1 (BTN3A1) and its implication on Vγ9Vδ2 T cell activation," *Proceedings of the National Academy of Sciences*, vol. 114, pp. E7311–E7320, 2017.

[86] Y. Yang, L. Li, L. Yuan et al., "A structural change in butyrophilin upon phosphoantigen binding underlies phosphoantigen-mediated Vγ9Vδ2 T cell activation," *Immunity*, vol. 50, pp. 1043–1053.e5, 2019.

[87] M. Salim, T. J. Knowles, A. T. Baker et al., "BTN3A1 discriminates $\gamma\delta$ T cell phosphoantigens from nonantigenic small molecules via a conformational sensor in its B30.2 domain," *ACS Chemical Biology*, vol. 12, pp. 2631–2643, 2017.

[88] Z. Sebestyen, W. Scheper, A. Vyborova et al., "RhoB mediates phosphoantigen recognition by Vγ9Vδ2 T cell receptor," *Cell Reports*, vol. 15, pp. 1973–1985, 2016.

[89] D. A. Rhodes, H.-C. Chen, A. J. Price et al., "Activation of human $\gamma\delta$ T cells by cytosolic interactions of BTN3A1 with soluble phosphoantigens and the cytoskeletal adaptor periplakin," *Journal of Immunology*, vol. 194, pp. 2390–2398, 2015.

[90] Y. Kong, W. Cao, X. Xi, C. Ma, L. Cui, and W. He, "The NKG2D ligand ULBP4 binds to TCRγ9/δ2 and induces cytotoxicity to tumor cells through both TCR$\gamma\delta$ and NKG2D," *Blood*, vol. 114, pp. 310–317, 2009.

[91] B. A. Mangan, M. R. Dunne, V. P. O'Reilly et al., "Cutting edge: CD1d restriction and Th1/Th2/Th17 cytokine secretion by human Vδ3 T cells," *Journal of Immunology*, vol. 191, pp. 30–34, 2013.

[92] T. Kenna, L. Golden-Mason, S. Norris, J. E. Hegarty, C. O'Farrelly, and D. G. Doherty, "Distinct subpopulations of $\gamma\delta$ T cells are present in normal and tumor-bearing human liver," *Clinical Immunology*, vol. 113, pp. 56–63, 2004.

[93] A. Knight, A. J. Madrigal, S. Grace et al., "The role of Vδ2-negative $\gamma\delta$ T cells during cytomegalovirus reactivation in recipients of allogeneic stem cell transplantation," *Blood*, vol. 116, pp. 2164–2172, 2010.

[94] L. Farnault, J. Gertner-Dardenne, F. Gondois-Rey et al., "Clinical evidence implicating gamma-delta T cells in EBV control following cord blood transplantation," *Bone Marrow Transplant*, vol. 48, pp. 1478-1479, 2013.

[95] N. Rajoriya, J. Fergusson, J. A. Leithead, and P. Klenerman, "Gamma delta T-lymphocytes in hepatitis C and chronic liver disease," *Frontiers in Immunology*, vol. 5, pp. 1–9, 2014.

[96] J. Bartkowiak, D. Kulczyck-Wojdala, J. Z. Blonski, and T. Robak, "Molecular diversity of gammadelta T cells in

peripheral blood from patients with B-cell chronic lymphocytic leukaemia," *Neoplasma*, vol. 49, pp. 86–90, 2002.

[97] R. Marlin, A. Pappalardo, H. Kaminski et al., "Sensing of cell stress by human γδ TCR-dependent recognition of annexin A2," *Proceedings of the National Academy of Sciences*, vol. 114, pp. 3163–3168, 2017.

[98] M. Rei, D. J. Pennington, and B. Silva-Santos, "The emerging protumor role of γδ T lymphocytes: implications for cancer immunotherapy," *Cancer Research*, vol. 75, pp. 798–802, 2015.

[99] E. Lo Presti, R. Di Mitri, G. Pizzolato, F. Mocciaro, F. Dieli, and S. Meraviglia, "γδ cells and tumor microenvironment: a helpful or a dangerous liason?," *Journal of Leukocyte Biology*, vol. 103, pp. 485–492, 2018.

[100] P. E. Lo, G. Pizzolato, E. Gulotta et al., "Current advances in γδ T cell-based tumor immunotherapy," *Frontiers in Immunology*, vol. 8, p. 1401, 2017.

[101] U. E. Höpken and A. Rehm, "Targeting the tumor microenvironment of leukemia and lymphoma," *Trends in Cancer*, vol. 5, pp. 351–364, 2019.

[102] A. J. Lamble and E. F. Lind, "Targeting the immune microenvironment in acute myeloid leukemia: a focus on T cell immunity," *Frontiers in Oncology*, vol. 8, p. 213, 2018.

[103] N. Baryawno, D. Przybylski, M. S. Kowalczyk et al., "A cellular taxonomy of the bone marrow stroma in homeostasis and leukemia," *Cell*, vol. 177, pp. 1915–1932.e16, 2019.

[104] L. Wang, M. Xu, C. Wang et al., "The feature of distribution and clonality of tcr γ / δ subfamilies T cells in patients with b-cell non-Hodgkin lymphoma," *Journal of Immunology Research*, vol. 2014, 6 pages, 2014.

[105] A. M. Abel, C. Yang, M. S. Thakar, and S. Malarkannan, "Natural killer cells: development, maturation, and clinical utilization," *Frontiers in Immunology*, vol. 9, 2018.

[106] K. Benlagha, T. Kyin, A. Beavis, L. Teyton, and A. Bendelac, "A thymic precursor to the NK T cell lineage," *Science*, vol. 296, pp. 553–555, 2002.

[107] C.-M. Liao, M. I. Zimmer, and C.-R. Wang, "The functions of type I and type II natural killer T cells in inflammatory bowel diseases," *Inflamm Bowel Dis*, vol. 19, pp. 1330–1338, 2013.

[108] L. Wu, C. L. Gabriel, V. V. Parekh, and L. Van Kaer, "Invariant natural killer T cells: innate-like T cells with potent immunomodulatory activities," *Tissue Antigens*, vol. 73, pp. 535–545, 2009.

[109] D. I. Godfrey, H. R. MacDonald, M. Kronenberg, M. J. Smyth, and L. Van Kaer, "NKT cells: what's in a name?," *Nature Reviews Immunology*, vol. 4, pp. 231–237, 2004.

[110] S. P. Berzins, A. D. Cochrane, D. G. Pellicci, M. J. Smyth, and D. I. Godfrey, "Limited correlation between human thymus and blood NKT cell content revealed by an ontogeny study of paired tissue samples," *European Journal of Immunology*, vol. 35, pp. 1399–1407, 2005.

[111] M. Waldowska, A. Bojarska-Junak, and J. Roliński, "A brief review of clinical trials involving manipulation of invariant NKT cells as a promising approach in future cancer therapies," *Central European Journal of Immunology*, vol. 42, pp. 181–195, 2017.

[112] V. Kumar and T. L. Delovitch, "Different subsets of natural killer T cells may vary in their roles in health and disease," *Immunology*, vol. 142, pp. 321–336, 2014.

[113] M. J. Townsend, A. S. Weinmann, J. L. Matsuda et al., "T-bet regulates the terminal maturation and homeostasis of NK and V α 14 i NKT cells," *Immunity*, vol. 20, pp. 477–494, 2004.

[114] J. B. Altman, A. D. Benavides, R. Das, and H. Bassiri, "Antitumor responses of invariant natural killer T cells," *Journal of Immunology Research*, vol. 2015, 10 pages, 2015.

[115] D. Kovalovsky, O. U. Uche, S. Eladad et al., "The BTB–zinc finger transcriptional regulator PLZF controls the development of invariant natural killer T cell effector functions," *Nature Immunology*, vol. 9, pp. 1055–1064, 2008.

[116] L. Van Kaer, V. V. Parekh, and L. Wu, "Invariant natural killer T cells: bridging innate and adaptive immunity," *Cell Tissue Res*, vol. 343, pp. 43–55, 2011.

[117] P. T. Lee, K. Benlagha, L. Teyton, and A. Bendelac, "Distinct functional lineages of human V α 24 natural killer T cells," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 195, pp. 637–641, 2002.

[118] L. Moreira-Teixeira, M. Resende, M. Coffre et al., "Proinflammatory environment dictates the IL-17 – producing capacity of human invariant NKT cells," *The Journal of Immunology*, vol. 186, pp. 5758–5765, 2020.

[119] H. Wang and K. A. Hogquist, "How lipid-specific T cells become effectors: the differentiation of iNKT subsets," *Frontiers in Immunology*, vol. 9, 2018.

[120] Q.-Y. Chen, T. Zhang, S. H. Pincus et al., "Human CD1D gene expression is regulated by LEF-1 through distal promoter regulatory elements," *The Journal of Immunology*, vol. 184, pp. 5047–5054, 2010.

[121] M. Haseeb, R. H. Pirzada, Q. U. Ain, and S. Choi, "Wnt signaling in the regulation of immune cell and cancer therapeutics," *Cells*, vol. 8, no. 11, p. 1380, 2019.

[122] F. Strati, "License to kill : when iNKT cells are granted the use of lethal cytotoxicity," *International Journal of Molecular Sciences*, vol. 21, pp. 1–17, 2020.

[123] C. Wu, J. Li, L. Li et al., "Extracellular vesicles derived from natural killer cells use multiple cytotoxic proteins and killing mechanisms to target cancer cells," *Journal of Extracellular Vesicles*, vol. 8, no. 1, 2019.

[124] E. Sparrow, "Granulysin: the attractive side of a natural born killer," *Immunology Letters*, vol. 217, pp. 126–132, 2020.

[125] E. A. Bae, H. Seo, I. K. Kim, I. Jeon, and C. Y. Kang, "Roles of NKT cells in cancer immunotherapy," *Archives of Pharmacal Research*, vol. 42, no. 7, pp. 543–548, 2019.

[126] H. Kitamura, K. Iwakabe, T. Yahata et al., "The natural killer T (NKT) cell ligand α-galactosylceramide demonstrates its immunopotentiating effect by inducing interleukin (IL)-12 production by dendritic cells and IL-12 receptor expression on NKT cells," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 189, pp. 1121–1128, 1999.

[127] H. Bassiri, R. Das, P. Guan et al., "iNKT cell cytotoxic responses control T-lymphoma growth in vitro and in vivo," *Cancer Immunology Research*, vol. 2, pp. 59–69, 2014.

[128] R. M. McEwen-Smith, M. Salio, and V. Cerundolo, "The regulatory role of invariant NKT cells in tumor immunity," *Cancer Immunology Research*, vol. 3, pp. 425–435, 2015.

[129] J. Tan, W. Xiao, L. Wang, and Y. He, "Type I natural killer T cells : naturally born for fighting," *Acta Pharmacologica Sinica*, vol. 31, pp. 1123–1132, 2010.

[130] E. Vivier, S. Ugolini, D. Blaise, C. Chabannon, and L. Brossay, "Targeting natural killer cells and natural killer T cells in cancer," *Natural Killer Cells*, vol. 12, pp. 239–252, 2012.

[131] F. Gorini, L. Azzimonti, G. Delfanti et al., "Invariant NKT cells contribute to chronic lymphocytic leukemia surveillance and prognosis," *Blood*, vol. 129, pp. 3440–3451, 2017.

[132] L. S. Metelitsa, K. I. Weinberg, P. D. Emanuel, and R. C. Seeger, "Expression of CD1d by myelomonocytic leukemias provides a target for cytotoxic NKT cells," *Leukemia*, vol. 17, pp. 1068–1077, 2003.

[133] T. Fiedler, W. Walter, T. E. Reichert, and M. J. Maeurer, "Regulation of CD1d expression by murine tumor cells: escape from immunosurveillance or alternate target molecules?," *International Journal of Cancer*, vol. 98, pp. 389–397, 2002.

[134] M. Terabe and J. A. Berzofsky, "NKT cells in immunoregulation of tumor immunity: a new immunoregulatory axis," *Trends Immunol*, vol. 28, pp. 491–496, 2007.

[135] L. Brossay, M. Chioda, N. Burdin et al., "CD1d-mediated recognition of an α-galactosylceramide by natural killer T cells is highly conserved through mammalian evolution," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 188, pp. 1521–1528, 1998.

[136] H. Seo, I. Jeon, B.-S. Kim et al., "IL-21-mediated reversal of NK cell exhaustion facilitates anti-tumour immunity in MHC class I-deficient tumours," *Nature Communications*, vol. 8, pp. 1–14, 2017.

[137] Y. Zhang, R. Springfield, S. Chen et al., "α-GalCer and iNKT cell-based cancer immunotherapy: realizing the therapeutic potentials," *Frontiers in Immunology*, vol. 10, 2019.

[138] F. Fais, C. Tenca, G. Cimino et al., "CD1d expression on B-precursor acute lymphoblastic leukemia subsets with poor prognosis," *Leukemia*, vol. 19, pp. 551–556, 2005.

[139] A. Bojarska-Junak, M. Waldowska, J. Woś et al., "Intracellular IL-4 and IFN-γ expression in iNKT cells from patients with chronic lymphocytic leukemia," *Oncology Letters*, vol. 15, pp. 1580–1590, 2017.

[140] A. Rossignol, A. Levescot, F. Jacomet et al., "Evidence for BCR-ABL-dependent dysfunctions of iNKT cells from chronic myeloid leukemia patients," *European Journal of Immunology*, vol. 42, pp. 1870–1875, 2012.

[141] R. Weinkove, C. R. Brooks, J. M. Carter, I. F. Hermans, and F. Ronchese, "Functional invariant natural killer T-cell and CD1d axis in chronic lymphocytic leukemia: implications for immunotherapy," *Haematologica*, vol. 98, no. 3, pp. 376–384, 2013.

[142] P. Dellabona, G. Casorati, C. de Lalla, D. Montagna, and F. Locatelli, "On the use of donor-derived iNKT cells for adoptive immunotherapy to prevent leukemia recurrence in pediatric recipients of HLA haploidentical HSCT for hematological malignancies," *Clinical Immunology*, vol. 140, no. 2, pp. 152–159, 2011.

[143] G. Casorati, C. de Lalla, and P. Dellabona, "Invariant natural killer T cells reconstitution and the control of leukemia relapse in pediatric haploidentical hematopoietic stem cell transplantation," *OncoImmunology*, vol. 1, pp. 355–357, 2014.

[144] A. E. Najera Chuc, L. A. M. Cervantes, F. P. Retiguin, J. V. Ojeda, and E. R. Maldonado, "Low number of invariant NKT cells is associated with poor survival in acute myeloid leukemia," *Journal of Cancer Research and Clinical Oncology*, vol. 138, pp. 1427–1432, 2012.

[145] M. V. Dhodapkar and V. Kumar, "Type II NKT cells and their emerging role in health and disease," *The Journal of Immunology*, vol. 198, pp. 1015–1021, 2017.

[146] L. Nours, D. M. Andrews, A. P. Uldrich, J. Rossjohn, and D. I. Godfrey, "Unconventional T cell targets for cancer immunotherapy," *Immunity*, vol. 48, no. 3, pp. 453–473, 2018.

[147] M. Terabe and J. A. Berzofsky, "Tissue-specific roles of NKT cells in tumor immunity," *Frontiers in Immunology*, vol. 9, pp. 1–11, 2018.

[148] M. Blomqvist, S. Rhost, S. Teneberg et al., "Multiple tissue-specific isoforms of sulfatide activate CD1d-restricted type II NKT cells," *European Journal of Immunology*, vol. 39, pp. 1726–1735, 2014.

[149] P. Arrenberg, R. Halder, Y. Dai, I. Maricic, and V. Kumar, "Oligoclonality and innate-like features in the TCR repertoire of type II NKT cells reactive to a-linked self-glycolipid," *Proceedings of the National Academy of Sciences*, vol. 107, no. 24, pp. 10984–10989, 2010.

[150] A. K. Singh, P. Tripathi, and S. L. Cardell, "Type II NKT cells: an elusive population with immunoregulatory properties," *Frontiers in Immunology*, vol. 9, p. 1969, 2018.

[151] D. I. Godfrey and M. Kronenberg, "Going both ways: immune regulation via CD1d-dependent NKT cells," *Journal of Clinical Investigation*, vol. 114, pp. 1379–1388, 2004.

[152] J. Le Nours, A. Shahine, and S. Gras, "Molecular features of lipid-based antigen presentation by group 1 CD1 molecules," *Seminars in Cell & Developmental Biology*, vol. 84, pp. 48–57, 2018.

[153] M. Consonni, C. de Lalla, A. Bigi, P. Dellabona, and G. Casorati, "Harnessing the CD1 restricted T cell response for leukemia adoptive immunotherapy," *Cytokine & Growth Factor Reviews*, vol. 36, pp. 117–123, 2017.

[154] S. Porcelli, C. E. Yockey, M. B. Brenner, and S. P. Balk, "Analysis of T cell antigen receptor (TCR) expression by human peripheral blood CD4-8- alpha/beta T cells demonstrates preferential use of several V beta genes and an invariant TCR alpha chain," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 178, pp. 1–16, 1993.

[155] O. Lantz and A. Bendelac, "An invariant T cell receptor alpha chain is used by a unique subset of major histocompatibility complex class I-specific CD4+ and CD4-8- T cells in mice and humans," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 180, pp. 1097–1106, 1994.

[156] F. Tilloy, E. Treiner, S.-H. Park et al., "An invariant T cell receptor α chain defines a novel TAP-independent major histocompatibility complex class Ib–restricted α/β T cell subpopulation in mammals," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 189, pp. 1907–1921, 1999.

[157] E. Treiner, L. Duban, S. Bahram et al., "Selection of evolutionarily conserved mucosal-associated invariant T cells by MR1," *Nature*, vol. 422, pp. 164–169, 2003.

[158] H. Yamaguchi, M. Hirai, Y. Kurosawa, and K. Hashimoto, "A highly conserved major histocompatibility complex class I-related gene in mammals," *Biochem Biophys Res Commun*, vol. 238, pp. 697–702, 1997.

[159] S. B. G. Eckle, A. J. Corbett, A. N. Keller et al., "Recognition of vitamin B precursors and byproducts by mucosal associated invariant T cells," *Journal of Biological Chemistry*, vol. 290, pp. 30204–30211, 2015.

[160] A. J. Corbett, S. B. G. Eckle, R. W. Birkinshaw et al., "T-cell activation by transitory neo-antigens derived from distinct microbial pathways," *Nature*, vol. 509, pp. 361–365, 2014.

[161] E. Martin, E. Treiner, L. Duban et al., "Stepwise development of MAIT cells in mouse and human," *PLoS Biology*, vol. 7, article e1000054, 3 pages, 2009.

[162] N. Seach, L. Guerri, L. Le Bourhis et al., "Double positive thymocytes select mucosal-associated invariant T cells," *Journal of Immunology*, vol. 191, no. 12, pp. 6002–6009, 2013.

[163] H.-F. Koay, N. A. Gherardin, A. Enders et al., "A three-stage intrathymic development pathway for the mucosal-associated invariant T cell lineage," *Nature Immunology*, vol. 17, pp. 1300–1311, 2016.

[164] N. A. Gherardin, L. Loh, L. Admojo et al., "Enumeration, functional responses and cytotoxic capacity of MAIT cells in newly diagnosed and relapsed multiple myeloma," *Scientific Reports*, vol. 8, p. 4159, 2018.

[165] D. I. Godfrey, H.-F. Koay, J. McCluskey, and N. A. Gherardin, "The biology and functional importance of MAIT cells," *Nature Immunology*, vol. 20, no. 9, pp. 1110–1128, 2019.

[166] A. Rahimpour, H. F. Koay, A. Enders et al., "Identification of phenotypically and functionally heterogeneous mouse mucosal-associated invariant T cells using MR1 tetramers," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 212, pp. 1095–1108, 2015.

[167] R. Reantragoon, A. J. Corbett, I. G. Sakala et al., "Antigen-loaded MR1 tetramers define T cell receptor heterogeneity in mucosal-associated invariant T cells," *Journal of Experimental Medicine*, vol. 210, pp. 2305–2320, 2013.

[168] A. Toubal, I. Nel, S. Lotersztajn, and A. Lehuen, "Mucosal-associated invariant T cells and disease," *Nature Reviews Immunology*, vol. 19, pp. 643–657, 2019.

[169] M. Dusseaux, E. Martin, N. Serriari et al., "Human MAIT cells are xenobiotic-resistant, tissue-targeted, CD161hi IL-17–secreting T cells," *Blood*, vol. 117, pp. 1250–1259, 2011.

[170] J. E. Ussher, M. Bilton, E. Attwod et al., "CD161 ++ CD8 + T cells, including the MAIT cell subset, are specifically activated by IL-12+IL-18 in a TCR-independent manner," *European Journal of Immunology*, vol. 44, pp. 195–203, 2014.

[171] S. M. M. Haeryfar, C. R. Shaler, and P. T. Rudak, "Mucosa-associated invariant T cells in malignancies: a faithful friend or formidable foe?," *Cancer Immunol Immunother*, vol. 67, pp. 1885–1896, 2018.

[172] N.-E. Serriari, M. Eoche, L. Lamotte et al., "Innate mucosal-associated invariant T (MAIT) cells are activated in inflammatory bowel diseases," *Clinical & Experimental Immunology*, vol. 176, pp. 266–274, 2014.

[173] T. Leng, H. D. Akther, C.-P. Hackstein et al., "TCR and inflammatory signals tune human MAIT cells to exert specific tissue repair and effector functions," *Cell Reports*, vol. 28, pp. 3077–3091.e5, 2019.

[174] M. Salio, O. Gasser, C. Gonzalez-Lopez et al., "Activation of human mucosal-associated invariant T cells induces CD40L-dependent maturation of monocyte-derived and primary dendritic cells," *The Journal of Immunology*, vol. 199, pp. 2631–2638, 2017.

[175] A. Kurioka, J. E. Ussher, C. Cosgrove et al., "MAIT cells are licensed through granzyme exchange to kill bacterially sensitized targets," *Mucosal Immunology*, vol. 8, pp. 429–440, 2015.

[176] L. Ling, Y. Lin, W. Zheng et al., "Circulating and tumor-infiltrating mucosal associated invariant T (MAIT) cells in colorectal cancer patients," *Scientific Reports*, vol. 6, article 20358, 2016.

[177] E. J. Won, J. K. Ju, Y.-N. Cho et al., "Clinical relevance of circulating mucosal-associated invariant T cell levels and their anti-cancer activity in patients with mucosal-associated cancer," *Oncotarget*, vol. 7, pp. 76274–76290, 2016.

[178] P. Sundström, F. Ahlmanner, P. Akéus et al., "Human mucosa-associated invariant T cells accumulate in colon adenocarcinomas but produce reduced amounts of IFN-γ," *Journal of Immunology*, vol. 195, pp. 3472–3481, 2015.

[179] J. Yan, S. Allen, E. McDonald et al., "MAIT cells promote tumor initiation, growth, and metastases via tumor MR1," *Cancer Discovery*, vol. 10, pp. 124–141, 2020.

[180] M. Favreau, K. Venken, S. Faict et al., "Both mucosal-associated invariant and natural killer T-cell deficiency in multiple myeloma can be countered by PD-1 inhibition," *Haematologica*, vol. 102, pp. e266–e270, 2017.

[181] M. Lepore, A. Kalinichenko, S. Calogero et al., "Functionally diverse human T cells recognize non-microbial antigens presented by MR1," *Elife*, vol. 6, 2017.

[182] M. D. Crowther, G. Dolton, M. Legut et al., "Genome-wide CRISPR–Cas9 screening reveals ubiquitous T cell cancer targeting via the monomorphic MHC class I-related protein MR1," *Nature Immunology*, vol. 21, pp. 178–185, 2020.

[183] E. W. Meermeier, B. F. Laugel, A. K. Sewell et al., "Human TRAV1-2-negative MR1-restricted T cells detect S. pyogenes and alternatives to MAIT riboflavin-based antigens," *Nature Communications*, vol. 7, article 12506, 2016.

[184] N. A. Gherardin, A. N. Keller, R. E. Woolley et al., "Diversity of T cells restricted by the MHC class I-related molecule MR1 facilitates differential antigen recognition," *Immunity*, vol. 44, pp. 32–45, 2016.

[185] K. Wu, J. Feng, Y. Xiu et al., "Vδ2 T cell subsets, defined by PD-1 and TIM-3 expression, present varied cytokine responses in acute myeloid leukemia patients," *International Immunopharmacology*, vol. 80, article 106122, 2020.

[186] T. Hoeres, E. Holzmann, M. Smetak, J. Birkmann, and M. Wilhelm, "PD-1 signaling modulates interferon-γ production by gamma delta ($\gamma\delta$) T-cells in response to leukemia," *Oncoimmunology*, vol. 8, 2018.

[187] K. Durgan, M. Ali, P. Warner, and Y. E. Latchman, "Targeting NKT cells and PD-L1 pathway results in augmented anti-tumor responses in a melanoma model," *Cancer Immunol Immunother*, vol. 60, pp. 547–558, 2011.

[188] I. Melero, D. M. Berman, M. A. Aznar, A. J. Korman, J. L. P. Gracia, and J. Haanen, "Evolving synergistic combinations of targeted immunotherapies to combat cancer," *Nature Reviews Cancer*, vol. 15, pp. 457–472, 2015.

[189] S. K. Tasian, "Acute myeloid leukemia chimeric antigen receptor T-cell immunotherapy: how far up the road have we traveled?," *Therapeutic Advances in Hematology*, vol. 9, pp. 135–148, 2018.

[190] E. Jacoby, S. A. Shahani, and N. N. Shah, "Updates on CAR T-cell therapy in B-cell malignancies," *Immunological Reviews*, vol. 290, pp. 39–59, 2019.

[191] A. I. Salter, M. J. Pont, and S. R. Riddell, "Chimeric antigen receptor–modified T cells: CD19 and the road beyond," *Blood*, vol. 131, pp. 2621–2629, 2018.

[192] D. Cortés-Selva, B. Dasgupta, S. Singh, and I. S. Grewal, "Innate and innate-like cells: the future of chimeric antigen receptor (CAR) cell therapy," *Trends in Pharmacological Sciences*, vol. 42, pp. 45–59, 2020.

CAPÍTULO II

Publicação – Artigo 2 de revisão

γδ T Cells for Leukemia Immunotherapy: New and Expanding Trends Translating Unconventional T cells and their roles in Leukemia Antitumor Immunity, January 2021, **Frontiers of Immunology.** 21 Sep 22; 12:729085. DOI**:** 10.3389/fimmu.2021.729085.

frontiers in Immunology

REVIEW
published: 22 September 2021
doi: 10.3389/fimmu.2021.729085

γδ T Cells for Leukemia Immunotherapy: New and Expanding Trends

Mateus de Souza Barros[1†], Nilberto Dias de Araújo[1,2†], Fábio Magalhães-Gama[1,3], Thaís Lohana Pereira Ribeiro[1], Fabíola Silva Alves Hanna[1,2], Andréa Monteiro Tarragô[1,4], Adriana Malheiro[1,2,4] and Allyson Guimarães Costa[1,2,4,5,6,7]*

[1] Diretoria de Ensino e Pesquisa, Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM), Manaus, Brazil, [2] Programa de Pós-Graduação em Imunologia Básica e Aplicada, Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, Brazil, [3] Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Instituto René Rachou - Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) Minas, Belo Horizonte, Brazil, [4] Programa de Pós-Graduação em Ciências Aplicadas à Hematologia, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, Brazil, [5] Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical, UEA, Manaus, Brazil, [6] Instituto de Pesquisa Clínica Carlos Borborema, Fundação de Medicina Tropical Doutor Heitor Vieira Dourado (FMT-HVD), Manaus, Brazil, [7] Escola de Enfermagem de Manaus, UFAM, Manaus, Brazil

OPEN ACCESS

Edited by:
Nicolas Dulphy, Université de Paris, France

Reviewed by:
Masakazu Toi, Kyoto University, Japan
Tiziana Schioppa, University of Brescia, Italy

***Correspondence:**
Allyson Guimarães Costa
allyson.gui.costa@gmail.com

†These authors have contributed equally to this work

Specialty section:
This article was submitted to Cancer Immunity and Immunotherapy, a section of the journal Frontiers in Immunology

Received: *22 June 2021*
Accepted: *30 August 2021*
Published: *22 September 2021*

Citation:
Barros MS, de Araújo ND, Magalhães-Gama F, Pereira Ribeiro TL, Alves Hanna FS, Tarragô AM, Malheiro A and Costa AG (2021) γδ T Cells for Leukemia Immunotherapy: New and Expanding Trends. Front. Immunol. 12:729085. doi: 10.3389/fimmu.2021.729085

Recently, many discoveries have elucidated the cellular and molecular diversity in the leukemic microenvironment and improved our knowledge regarding their complex nature. This has allowed the development of new therapeutic strategies against leukemia. Advances in biotechnology and the current understanding of T cell-engineering have led to new approaches in this fight, thus improving cell-mediated immune response against cancer. However, most of the investigations focus only on conventional cytotoxic cells, while ignoring the potential of unconventional T cells that until now have been little studied. γδ T cells are a unique lymphocyte subpopulation that has an extensive repertoire of tumor sensing and may have new immunotherapeutic applications in a wide range of tumors. The ability to respond regardless of human leukocyte antigen (HLA) expression, the secretion of antitumor mediators and high functional plasticity are hallmarks of γδ T cells, and are ones that make them a promising alternative in the field of cell therapy. Despite this situation, in particular cases, the leukemic microenvironment can adopt strategies to circumvent the antitumor response of these lymphocytes, causing their exhaustion or polarization to a tumor-promoting phenotype. Intervening in this crosstalk can improve their capabilities and clinical applications and can make them key components in new therapeutic antileukemic approaches. In this review, we highlight several characteristics of γδ T cells and their interactions in leukemia. Furthermore, we explore strategies for maximizing their antitumor functions, aiming to illustrate the findings destined for a better mobilization of γδ T cells against the tumor. Finally, we outline our perspectives on their therapeutic applicability and indicate outstanding issues for future basic and clinical leukemia research, in the hope of contributing to the advancement of studies on γδ T cells in cancer immunotherapy.

Keywords: gamma-delta T cells, leukemic microenvironment, off-the-shelf cell therapy, clinical trials, cell transplantation

INTRODUCTION

The leukemic microenvironment is composed of a complex and distinct network of factors that strongly support the growth and clonal dissemination of leukemic cells (LCs), thus impacting the patient's clinical outcome (1–4). In this context, whereas conventional T cells ($CD4^+$ or $CD8^+$) and natural killer cells (NK) have been reported as "cytotoxicity mediators" capable of inducing tumor regression *in vivo* and controlling leukemic proliferation, several reports pointed to the fact that other T cells considered "unconventional" also have a high potential for coordinating the immune system and play complex and promising roles in cancer immunity (5–9). These antitumor responses are generally mediated by individual molecules with high or low diversity, such as the alpha-beta (αβ) or gamma-delta (γδ) T cell receptor (TCR) (10, 11).

In contrast to the αβ TCR, which is highly reactive to polymorphic molecules of the major histocompatibility complex (MHC), γδ TCR-expressing T cells perform their functions through recognition of antigens (Ags) presented by several monomorphic molecules, which in turn, promote a strong, rapid and effective response (12–14). In addition to being evolutionarily conserved, γδ T cells are important effectors, since they link innate and adaptive immune responses (11, 15, 16), and are highlighted as promising targets in cancer immunotherapy, especially for leukemias. These hematological malignancies are highly heterogeneous and are defined based on blast count, maturation stage and flow cytometry immunophenotyping, which allows them to be generally classified in acute lymphoblastic leukemia (ALL), chronic lymphocytic leukemia (CLL), acute myeloid leukemia (AML) and chronic myeloid leukemia (CML) (4, 17–23).

A potential therapy against these malignancies may depend on the mobilization and targeting of effector immune cells capable of producing antitumor factors and effectively killing LCs in different compartments with the absence of toxicity or alloreactivity. In this context, γδ T cells have unique attributes that support the promising development of an off-the-shelf cell therapy, as these lymphocytes provide a lasting and efficient response through mechanisms that include a higher cytotoxicity, functional plasticity, the production of several soluble molecules and responsiveness independent of MHC/HLA expression (24, 25). Although the tumor microenvironment (TME) and the adjacent LCs may develop several strategies to escape from γδ T cell-mediated immune surveillance, *ex vivo* or *in vivo* activation, the expansion and the genetic modification of these lymphocytes may increase their antileukemic reactivity and overcome suppression and resistance established by the TME (1, 26).

There is emerging evidence that γδ T cells exhibit persistent antitumor responses in different compartments in patients with leukemia and preserve healthy tissues; however, the adjacent mechanisms are still poorly understood (27–31). Therefore, γδ T cells are being translated into several clinical and therapeutic strategies targeting these hematological malignancies. Herein, we integrate the current knowledge regarding the diversity of γδ T cells and their associated potential in leukemia immune surveillance. Several approaches to improve their antitumor functions allow effective targeting against LCs and, therefore, will be discussed here. Finally, we emphasize open questions about γδ T cells and their subtypes, and also highlight their therapeutic applicability against leukemia. A better understanding of the functional relevance of γδ T cells in these malignancies has important implications, as we may be close to the unprecedented ascension of T cell-based therapies and their positioning as key-components for improving immunotherapy against cancer.

UNTANGLING THE RIDDLE OF γδ T CELL DIVERSITY

γδ T cells make up a lymphoid lineage that has relevant functions in tissues and blood circulation. Their development is regulated in the thymus, where they undergo maturation in different stages of thymic ontogeny (32–34). In this process, genetic rearrangements define the compromise and differentiation of double-negative thymocytes ($CD4^-$ and $CD8^-$) for the T cell lineage-expressing γδ TCR (35–38). Subsequently, these cells migrate to peripheral blood (PB) and mucosal tissues, where they play key roles in the host's immunity as primary effectors in the response against infections and cancer (15, 39, 40), preceding the responses of the αβ T cell lineage (41).

Currently, four major subtypes of human γδ T cells have been documented, which are defined by the TCR δ chain (i.e., Vδ1, Vδ2, Vδ3 and Vδ5) according to the Lefranc & Rabbits's system nomenclature (42). Vδ1 and Vδ2 subtypes are the most predominant (11, 43–45). Vδ3 cells make up the majority of $Vδ1^-/Vδ2^-$ subtypes and are rarely found in PB, although they are found in large numbers in the liver (46). Vδ5 cells also can be found in PB or tissues, but their functions are not entirely clear (43, 47–50). Here, we will focus on Vδ1, Vγ9Vδ2 and Vδ3 cells that are primarily thought to be involved in antileukemic responses.

Overall, γδ T cells constitute up to 10% of circulating $CD3^+$ cells, though predominate among all tissue-resident T cells (51–54). Vδ1 and Vγ9Vδ2 subtypes represent ~10% and 90% of blood γδ T cells, respectively (51, 55, 56). While polyclonal Vδ1 cells are distributed throughout tissues, and exhibit adaptive-like behavior after detection of metabolic Ags and stress-induced molecules, Vδ2 cells predominate in blood and exhibit innate-like behavior after detecting molecules named phosphoantigens (pAgs) and other non-peptide antigens (11, 39, 57–59). A minor subtype of Vδ3 cells makes up ~0.2% of total circulating T cells and recognize CD1d and annexin-A2 (ANX2) (49, 60). In addition, little-known subtypes include Vδ5 cells, which detect the endothelial protein C receptor (EPCR), and other distinct clonal populations such as Vδ4, Vδ6, Vδ7 and Vδ8 (43, 61–63). Nonetheless, the enigma of the combinatorial and functional diversity of γδ TCRs has been partly revealed only for the Vδ1 and Vγ9Vδ2 subtypes **(Table 1)**.

TABLE 1 | Diversity of human γδ T cells.

Subtype	Paired Vγ gene usage	Tissue distribution	Major secreted effector molecules	Major recognition receptors	Activation stimulus or TCR ligand	Ref.
Vδ1	Vγ2, Vγ3, Vγ4, Vγ5, Vγ8, Vγ9, Vγ10, Vγ11	Skin, gut, liver, spleen, lung, PB and BM	IFN-γ, TNF, IL-4, TGF-β and IL-17	TCR, TRAIL, FasL, NKG2D, NCR, FcγRIII and 2B4	Lipid Ags, MIC-A/B, ULBP, NCRL, CD1, MR1 and BTNL	(13, 29, 64–70)
Vδ2	Vγ9	PB, spleen, BM and LN	IFN-γ, TNF and IL-17	TCR, TRAIL, FasL, NKG2D, DNAM-1, TLR, FcγRIII and 2B4	pAgs, BTN, BTNL, N-BPs, MICA/B, ULBP, PVR and Nectin-2	(71–75)
Vδ3	Vγ2, Vγ3, Vγ8	Liver, gut, PB, BM and LN	IFN-γ, TNF, IL-4 and IL-17	TCR, FcγRIII and NKG2D	CD1d and ANX2	(46, 49, 60)
Vδ4	Vγ6	PB	ND	ND	ND	(61–63)
Vδ5	Vγ4	PB	IFN-γ and TNF	TCR	EPCR	(43)
Vδ6	ND	PB	ND	ND	ND	(61–63)
Vδ7	ND	PB	ND	ND	ND	(61–63)
Vδ8	ND	PB	ND	ND	ND	(61–63)

An expanded view of human γδ T cell subtypes allow us to observe that their diversity is principally dictated by the individual variations of γδ TCRs and the diversity of their co-receptors. The TCR repertoire of Vγ9Vδ2 cells is the best known and targets butyrophilin (BTN) proteins, for example, which undergo a spatial and conformational change in the target cell membrane, and activate these lymphocytes in a phosphoantigens (pAgs)-dependent fashion. In contrast, non-Vδ2 TCRs are still poorly studied, although some ligands have been discovered, namely, CD1, MHC class I related protein (MR1) and the endothelial protein C receptor (EPCR), which can be expressed in cancer cells. Additionally, cell activation is not mediated only by γδ TCR binding to their cognate ligand, but optionally requires the engagement of co-receptors, such as DNAX accessory molecule-1 (DNAM-1) and natural cytotoxicity receptors (NCR), which results in the high production of effector molecules.

ANX2, annexin A2; BM, bone marrow; BTNL, butyrophilin-like; FasL, human apoptosis-related factor ligand; FcγRIII, Fc gamma receptor III; LN, lymph node; MICA / B, MHC class I chain-related antigens A and B; N-BPs, aminobiphosphonates; NCRL, NCR ligand; ND, not determined; NKG2D, natural killer group 2 member D; PB, peripheral blood; PVR, polyoma virus receptor; TCR, T cell receptor; TLR, toll-like receptor; TRAIL, tumor necrosis factor-related apoptosis-inducing ligand; ULBP, UL16-binding proteins.

γδ T CELLS AND LEUKEMIA: THE LEUKEMIC MICROENVIRONMENT MATTERS

Basic scientific discoveries regarding leukemia have revealed that LCs adopt numerous mechanisms for evading immune surveillance (1, 76, 77). This cancer cell hallmark involves a heterogeneous group of components i.e., stromal and/or immune cells, specific receptors and soluble molecules that are present in the leukemic microenvironment, and which reprogram the hematopoietic niche and promote the clonal expansion of LCs in the bone marrow (BM). The subsequent tumor overload in this compartment results in the release of LCs into the blood, constituting two important sites of high leukemic clonal proliferation (1, 4, 26, 78). This is because LCs can bypass antitumor responses and, consequently, develop a high potential for making the environment extremely tolerogenic (79–81). For this, they adopt intrinsic and extrinsic strategies that impair the immune response of T cells and NK cells (26, 77, 82). Among these strategies, the negative regulation of HLA expression, high expression of inhibitory ligands for programmed cell death 1 (PD1), cytotoxic T lymphocyte antigen 4 (CTLA4) or lymphocyte activation gene 3 (LAG3) and the production of regulatory factors (i.e., cytokines, chemokines and inhibitory enzymes) are important changes that contribute to the inhibition of antitumor cells and the recruitment of suppressor cells that support the survival of LCs (83–99).

These established modifications in the leukemic microenvironment have great capacity for modifying cellular functions and for suppressing antileukemic responses – a consequence of the increase in components, such as regulatory T (Treg) cells, immunosuppressive myeloid cells (IMC), mesenchymal stromal cells (MSC) and inhibitory proteins (e.g., PD1 and CTLA4), which have a high regulatory influence (1, 26). γδ T cells are not exempt within this context, since they are susceptible to the effects of several molecules such as interleukin (IL)-4, IL-6, IL-13, IL-17, IL-23 and transforming growth factor beta (TGF-β) (100–105). These factors can play synergistic or pleiotropic roles, and can induce γδ T cell exhaustion or their polarization into a tumor-promoting phenotype (**Figure 1**), thus contributing to malignant progression (24, 106–109).

Although LCs can escape the immune surveillance of αβ T cells and NK cells, they have several molecular targets that can be detected by γδ T cells; however, the crosstalk between these lymphocytes and the leukemic microenvironment is still poorly understood (**Figure 1**). Initially, γδ T cell responsiveness does not depend on MHC expression by LCs, whereas conventional αβ T cells require the MHC-Ag axis for activation to occur. The restricted specificity of conventional αβ TCR is also an important factor to be considered, as it is restricted to the detection of peptide antigens. In contrast, γδ TCR can identify stress-induced molecules, pAgs, lipid Ags and many other non-peptide molecules (110). In the context of leukemias, these attributes may offer an unconventional response pathway against these hematological malignancies.

Mobilization and Recruitment of γδ T Cells Into the TME

The pattern of γδ T cell migration and recruitment has not yet been fully characterized in the context of cancer and, therefore, represents an important question to be investigated. In humans,

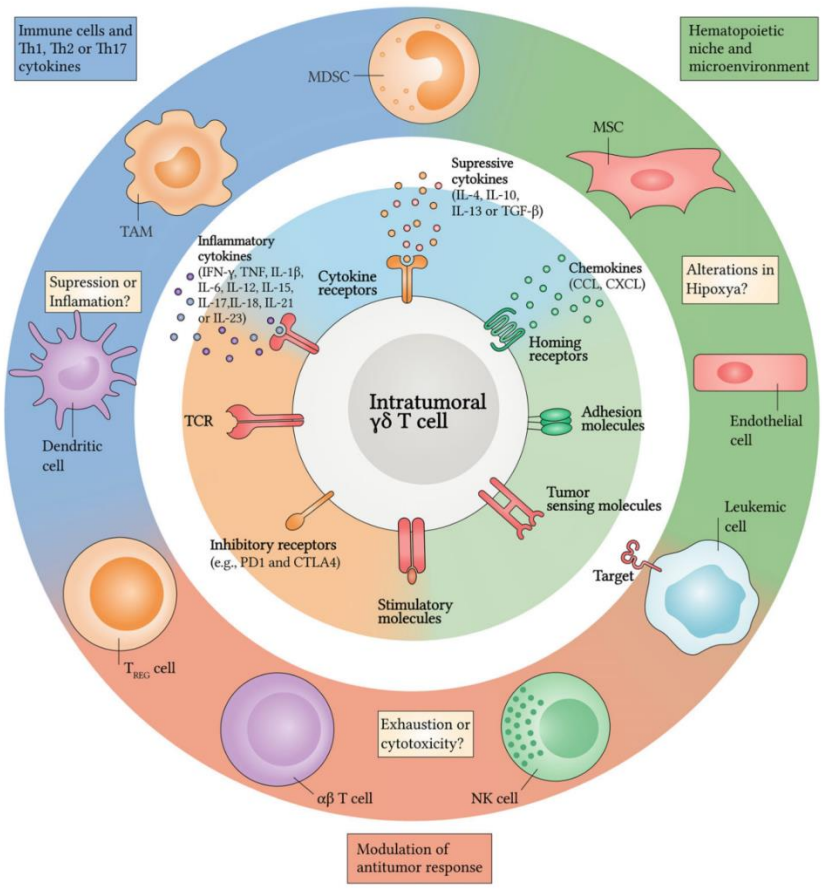


FIGURE 1 | Crosstalk between γδ T cells and the leukemic microenvironment. Upon infiltrating the TME, γδ T cells are exposed to several persistent inflammatory and/or suppressive signals. Pathways implicated in crosstalk with the leukemic microenvironment can be classified into three general categories (center and inner circle): (i) cell-to-cell signals including antigen recognition by γδ T cell receptor (TCR), stimulatory or inhibitory molecules and/or tumor-sensing molecules; (ii) soluble factors such as cytokines and chemokines that will drive changes in expression levels of (iii) homing receptors and adhesion molecules. Several stromal and/or immune cells could be the source of many of these changes (outer circle). Among these, tumor-associated macrophages (TAM), myeloid-derived suppressor cells (MDSC), regulatory T (Treg) cells and dendritic cells (DC) retain their reprogramming potential into the TME by regulating inflammation or suppression through Th1, Th2 and Th17 cytokines. In addition, the hematopoietic niche can regulate hypoxia, responsible for supporting leukemic cells (LC) survival. Mesenchymal stromal cells (MSC) and endothelial cells can also express many factors that attract antitumor cells, such as γδ T cells, αβ T cells and NK cells which can exert cytotoxicity or undergo cell exhaustion after infiltrating the leukemic microenvironment. CCL, CC-chemokine ligand; CTLA4, cytotoxic T lymphocyte antigen 4; CXCL, CXC-chemokine ligand; PD1, programmed cell death protein 1.

Vδ1 cells up-regulate the expression of CC-chemokine receptor 2 (CCR2) and CXC-chemokine receptor 3 (CXCR3) and infiltrate the TME. They are also activated by CC-chemokine ligand 12 (CCL2) and CXC-chemokine ligand 10 (CXCL10) and exhibit higher IFN-γ production (111, 112). Furthermore, Vδ1 cells express CXCR1 strongly and CCR5 weakly, whereas their Vγ9Vδ2 counterpart only exhibit strong expression of CCR5 (113). Interestingly, the CCR4/CCR8–CCL17/CCL22 pathway has also been shown to be an additional axis of chemoattractant signaling that recruits Vδ1 cells to the TME (114). It is important to note that Vγ9Vδ2 cells, besides retaining a high expression of CCR5, also express CCR3 and CXCR3, and can trigger antitumor responses in peripheral tissues during metastasis (115, 116).

A more accurate analysis of the profile of homing receptors expressed by γδ T cells would reveal how these cells migrate to the bone marrow microenvironment, for example. It is known that the mobilization of immune cells in this compartment is mediated mainly by the CXCR4-CXCL12 pathway, and it has been shown that $CXCR4^+$ γδ T cells (preferably Vδ1 cells) respond to CXCL2 *in vitro*, but their intramedullary homing abilities have not yet been evaluated in the *in vivo* context of leukemia (117–119).

Despite this, many *in vitro* studies have shown that γδ T cells recognize and destroy leukemia blasts, but the complex network of interactions with the tumor environment *in vivo* remains poorly elucidated (120–122). A comparative analysis suggested that Vδ1 TCR-expressing γδ T cells were the most frequent subtype in the BM of pediatric patients with ALL (123). Subsequently, a low circulating γδ T cell frequency was detected in patients with AML before chemotherapy. Patients who regressed to minimal residual disease exhibited higher γδ T cell frequencies, whereas patients with a high leukemic burden exhibited decreased counts (27).

Transcriptomic analyses revealed an abundance of tumor-infiltrating Vγ9Vδ2 cells in cohorts of patients with leukemia (124). This high frequency was positively correlated with the survival of these patients. Although these results are encouraging, the method used to determine the relative proportions of these cells has failed to differentiate them correctly from αβ T cells and NK cells. As a result, this may have contributed to a higher γδ T cell count.

Vδ1 cells have been reported to have increased percentages in patients with CLL (28–31). A high frequency of these cells has been shown to be directly proportional to leukemic progression, that is, patients in more severe states exhibited higher Vδ1 cell counts when compared to healthy patients. This allows these lymphocytes to constitute the major γδ T cell subtype in the PB of these patients, where Vγ9Vδ2 cells generally predominate. This finding was also accompanied by cytotoxic Vδ1 cells with high granzyme (Gzm) B expression (28). Taken together, these data suggest that leukemia affects the γδ T cell frequency and that these cells have some influence during disease regression or progression.

On the other hand, a higher Vγ9Vδ2 cell frequency was associated with a poor prognosis in patients with untreated CLL (125). These lymphocytes showed a dysfunctional phenotype with reduced expression of NKG2D, although the derived LCs showed a high pAgs synthesis. This suggests that Vγ9Vδ2 cells expand in patients with leukemia and may exhibit functional exhaustion, apparently after long-term exposure to pAgs produced by LCs. Based on these reports, it becomes clear that the precise frequency of these cells and their clinical significance during the progression of leukemia is still controversial. In addition, the few studies carried out again suggest that the microenvironment of these malignancies has a strong influence on γδ T cells.

The Leukemic Cell–γδ T Cell Interactome

The sensing of LCs and γδ T cell activation are attributed to antigen recognition by γδ TCR and/or NK cell receptors (NKR), which include the natural killer group 2 member D (NKG2D) receptor, for example **(Figure 2)**. Several reports have shown that LCs express several NKG2D ligands, which include stress-induced molecules, such as MHC class I chain-related protein A (MIC-A), MHC class I chain-related protein B (MIC-B) and UL16-binding proteins (ULBP) (71, 126, 127), while the lack of expression of these ligands is high related to immune evasion of LCs (128, 129). Besides this, some γδ T cell subtypes have a well-documented role in promoting NKG2D-mediated antileukemic responses.

Vδ1 cells recognize and destroy ULBP3$^+$ MIC-A$^+$ LCs and produce higher concentrations of interferon (IFN)-γ and tumor necrosis factor (TNF) in response to the tumor (29). In parallel, Vδ2 cells detect high regulated ULBP1 in LCs and this is indicative of tumor susceptibility to the cytotoxicity of these lymphocytes (130–132). It has also been established that Vδ1 and Vδ2 cells can destroy ULBP2$^+$ LCs (133). Although an almost undetectable ULBP4 expression has been reported in leukemias (129, 134), remarkably, it has been shown that Vδ2 cells detect this molecule in LCs and respond with potent cytotoxicity (135). Therefore, the NKG2D receptor plays a key-role in γδ T cell-mediated immune surveillance in leukemia.

In addition to the expression of stress-induced molecules, an uncontrolled synthesis of metabolic molecules by cancer cells has emerged as a target that can be detected exclusively by reactive γδ T cells, such as the pAgs identified by Vγ9Vδ2 TCR. The pAgs detection mechanism involves butyrophilin (BTN) molecules, which are proteins related to the B7 family of co-stimulatory molecules. BTNs are essential prerequisites in γδ T cell activation, as they perform the intracellular capture of pAgs, undergo spatial and conformational changes in the membrane surface of target cells and consequently bind to the Vγ9 and Vδ2 TCR chains, sending strong stimulatory signals (72, 73). Thus, BTN3A2 has been shown to mediate the recognition of leukemic blasts even though it does not have the B30.2 intracellular domain, important in the internal pAgs uptake (136, 137). This suggests that BTN3A2 can recruit other isoforms, such as BTN3A1 or BTN3A3, and send activation signals through their intracellular domains (138). It is important to highlight that the presentation of pAgs by BTN proteins is highly regulated in LCs, whereas in normal cells the opposite occurs (139).

γδ T cells can also identify specific Ags in the context of monomorphic MHC class I molecules, such as the CD1 protein family (64). These proteins can mediate endogenous or exogenous lipid Ags recognition by γδ TCR and can be detected without loading with lipid Ags (140–142). Two major subtypes of CD1-reactive γδ T cells have been identified, namely Vδ1 and Vδ3 cells (60, 143). It is well established that these molecules are expressed in LCs and exhibit different expression patterns that are related to the leukemia subtype (144). In this context, γδ T cells may play important roles against LCs through the recognition of CD1 proteins and their isoforms.

In fact, CD1 proteins have established themselves as mediators of γδ T cell antitumor responses (145). It is important to note that the Vδ1 subtype represents a large proportion of these reactive cells (143), therefore it is suspected that Vδ1 cells can contribute to antitumor immunity through a CD1-dependent pathway. Recently, it was discovered that these cells with Vδ1 TCR, specifically Vγ4Vδ1 cells, detected CD1b in transfected LCs while they producing IFN-γ after recognition (146). These cells also recognized BTN-like (BTNL) proteins, such as BTNL3 and BTNL8, which suggests that CD1b-reactive

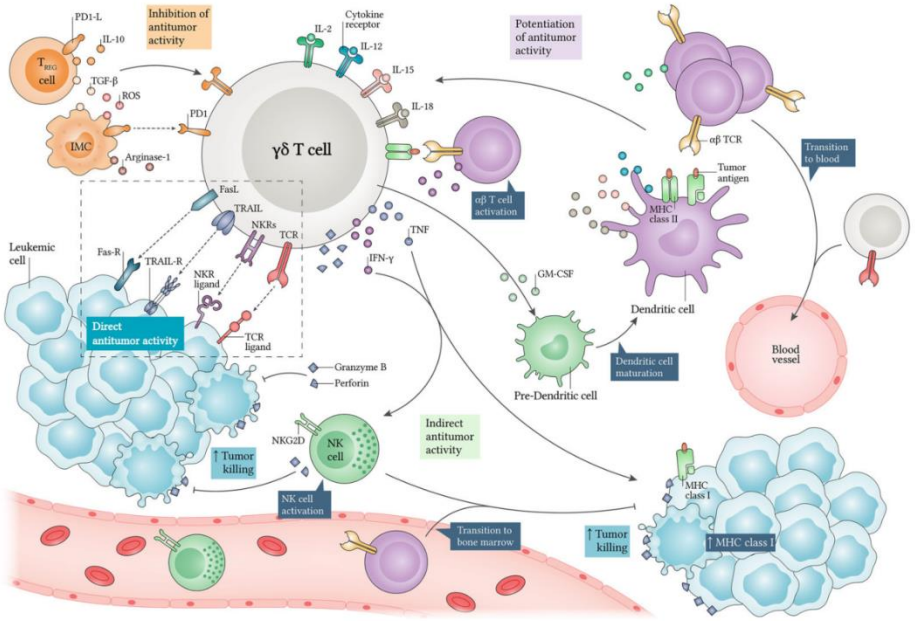


FIGURE 2 | Antileukemic roles of γδ T cells and their regulation. γδ T cells kill leukemic cells (LC) *via* direct and indirect mechanisms. When identifying LCs through γδ TCR and co-receptors such as natural killer cell receptors (NKR), they secrete high levels of perforins and granzymes, mediating direct target killing. Additionally, γδ T cells produce interferon (IFN)-γ and tumor necrosis factor (TNF), which can increase MHC class I expression in LCs, and enhance αβ T cell-mediated cytotoxicity. IFN-γ release also allows NK cell activation, which can enhance tumor killing *via* NKG2D. Alternatively, γδ T cell-derived granulocyte-macrophage colony-stimulating factor (GM-CSF) can induce dendritic cell (DC) maturation, which in turn potentiates antitumor responses *via* interleukin (IL)-2, IL-12, IL-15 and IL-18. Thus, αβ or γδ T cells and NK cells can be recruited for exerting cytotoxicity in many compartments. Moreover, γδ T cells display APC functions and support αβ T cell and NK cell polarization towards an antitumor phenotype. In contrast, their cytotoxicity can be decreased by regulatory T (Treg) cells and immunosuppressive myeloid cells (IMC), since they produce several inhibitory factors such as IL-10, transforming growth factor β (TGF-β), reactive oxygen species (ROS) and Arginase-1. Finally, PD1-PD1L axis expression can regulate γδ T cell antitumor activities. APC, antigen-presenting cell; FasL, Fas ligand; Fas-R, Fas receptor; PD1, programmed cell death protein 1; PD1-L, PD1 ligand; TRAIL, tumor necrosis factor-related apoptosis-inducing ligand; TRAIL-R, TRAIL receptor.

γδ T cells may respond through the engagement and bispecific combination of CD1b and BTNLs (13).

CD1c recognition has also been investigated and although it does not yet have a well-defined description, it has been shown that this isoform can be recognized by γδ T cells (147). Their involvement in detection of LCs has not yet been reported, although it is clear whether CD1c is positively regulated in LCs (144), thus hypothesizing a possible role for CD1c in γδ T cell activation. In contrast, CD1d has been extensively investigated and the molecular insights about its recognition by γδ T cells have helped us significantly to understand its participation in immune surveillance (148). Interestingly, a high expression of CD1d has been associated with a poor prognosis in leukemia (149–152), but it should be noted that Vδ3 cells can expand and respond against $CD1d^+$ target cells through a CD1d-restricted reactivity and with a potent secretion of effector molecules, such as IFN-γ (60, 153). Although initial studies suggest a CD1 protein-mediated cytotoxicity, questions regarding γδ T cell subtypes and their reactivity to these ligands, in the context of leukemia, still remain.

Monomorphic MHC class I-related protein (MR1) has gained prominence after many discoveries about its regulatory role in mucosal-associated invariant T (MAIT) cell biology and its expression in cancer. This protein can mediate the recognition of folate and riboflavin derived small metabolites (154, 155). In addition, recent reports support that MR1 can present not yet defined specific tumor Ags for MR1-restricted T cells (156, 157). As expected, it was also recently established that γδ TCR recognizes this molecule (65), although direct evidence for $MR1^+$ LCs detection has not yet emerged. The identification of this protein by MR1-reactive T cells may mean a new therapeutic target for cancer immunotherapy and clearly places γδ T cells on the map as a promising and important T cell population.

As discussed above, detection of LCs appears to involve many Ags and stimulatory receptors and is not driven solely by the binding of γδ TCRs to their cognate ligands, but optionally requires the involvement of additional co-receptors and targets. Other NKRs, such as DNAX accessory molecule-1 (DNAM-1), can identify their ligands, such as the polyoma virus receptor (PVR) and nectin-2 molecules, in LCs (74, 158). Although a negative role has been reported for DNAM-1 expression in leukemia (159), this co-receptor is involved in the activation of γδ T cell cytotoxicity after interaction with their ligands in leukemic blasts. This is evidenced when Vγ9Vδ2 cells kill LCs

in a TCR and DNAM-1 dependent fashion, with robust secretion of perforins and granzymes (74).

Notably, Vδ1 cells can lyse LCs *via* NKp30 and NKp44, which are highly regulated *via* the synergistic signal of cytokines and TCR (66). The expression of these natural cytotoxicity receptors (NCR) is related to higher granzyme production and cytotoxicity (66). It is important to highlight that NKp30 has been proven to be crucial for Vδ1 cell-mediated antitumor response. However, NKp30 and NKp44 are bound to an as yet undetermined target (66), ignoring their classic ligands, such as B7-H6 and MLL5 that bind to NKp30 and NKp44, respectively (67), suggesting an as yet unknown additional ligand. In addition, NKp46-expressing Vδ1 cells showed higher cytotoxic activity against LCs and IFN-γ and Gzm B production, while $NKp46^-$ γδ T cells showed reduced antileukemic activity (68). Despite this, the target ligand recognized by $NKp46^+$ γδ T cells in LCs has not yet been demonstrated, although it is well established that cancer cells express ligands for this protein (69, 70).

HARNESSING γδ T CELLS AGAINST LEUKEMIA: FROM MARROW TO BLOOD

γδ T cells are loaded with effector weapons of great potential for cancer immunotherapy (160). Findings in recent years point to important roles for these cells, highlighting them as potential predictive biomarkers, which justifies the current focus of studies on the nature of these cells and the TME (14, 25, 161). It is important to remember that several characteristics discussed here make γδ T cells potential candidates for innovative therapies against tumors and include: (i) activation in a TCR-independent manner; (ii) the ability to recognize Ags regardless of MHC/HLA expression; (iii) effector molecules production and direct and indirect cytotoxicity potentiation against cancer cells; and (iv) their role as antigen-presenting cells (APC) that induce the proliferation of antitumor cells **(Figure 2)**.

Given the high responsiveness against LCs and the absence of toxicity or alloreactivity against the host (162, 163), the application of γδ T cells in leukemia treatment may mean a new advance in cancer immunity and immunotherapy. To make this possible, several strategies for γδ T cell handling have been developed and tested and have presented interesting data **(Figure 3)**. The following subsections will focus on clinical trials and findings, as well as the activity of these cells in response to applied methods. Afterwards, we will discuss potential therapies that may specifically target γδ T cells and their subtypes, while summarizing the main approaches that are being explored to reach their clinical potential.

Expanding γδ T Cells With pAgs, Drugs, Cytokines and Feeder Cells

Intrinsic synthesis of pAgs in cancer cells can be manipulated through pharmacological blockade mediated by aminobiphosphonates (N-BP), such as zoledronate (ZOL) and pamidronate (PAM), which interfere metabolically in the mevalonate pathway (164). The mechanism involved causes these compounds to block the enzymatic activity of farnesyl pyrophosphate synthase, which is present in this metabolic pathway. N-BP–induced interruption results in the intracellular accumulation of pAgs in cancer cells or APCs with subsequent recognition by γδ T cells and activation after cell-cell interaction (165–168). Cancer cell sensitizing with these compounds increases the tumor's susceptibility to γδ T cell cytotoxicity, and this also applies in leukemia (132).

Some experimental evaluations took advantage of the γδ T cell recognition mechanism (directed to pAgs) to obtain a better *in vitro* or *in vivo* expansion of these lymphocytes and test their therapeutic efficacy. To date, these approaches have focused on ZOL, (E)-4-Hydroxy-3-methyl-but-2-enyl pyrophosphate (HMB-PP) and synthetic pAgs, such as bromohydrin pyrophosphate (BrHPP) (169, 170). These compounds are generally administered in combination with low cytokine doses such as IFNs, IL-2, IL-12, IL-15, IL-18 and IL-21. In addition, these approaches can induce an antitumor phenotype and the pronounced expression of associated receptors (171–176).

Vγ9Vδ2 cell expansion has become more accessible because, in addition to being the most prevalent subtype in PB (55, 56), it can also recognize a diversity of relatively well-defined target molecules (177). When these cells are treated with ZOL + IL-2 + IFN type I, their cytotoxic activity is increased and Vγ9Vδ2 cells may be able to efficiently destroy lymphoid and myeloid lineage LCs, as proposed by Watanabe et al. (171). In their study, γδ T cells were generated *in vitro* with ZOL + IL-2 for 14 days, and after this period they were activated with IFN type I for up to 3 days. Thus, the resultant γδ T cells were well expanded in the culture and showed a significant expression of CD69, TNF-related apoptosis-inducing ligand (TRAIL), IFN-γ and TNF, which suggests the acquisition of an activated phenotype and antileukemic reactivity.

In the same vein, sensitization with ZOL + Imatinib has also been shown to increase the cytotoxic synapse between Vγ9Vδ2 cells and LCs (178). Initially, Imatinib resistant or sensitive LCs had low susceptibility to γδ T cells, but *in vitro* treatment with ZOL + Imatinib was able to reverse this situation. The lysis of these LCs was mediated by TCR, NKG2D, TRAIL and perforins. This high cytotoxicity was dependent on ZOL, since it was observed that Vγ9Vδ2 cells exerted low antitumor activity that was slightly increased after sensitization of LCs. To validate these findings, it was further demonstrated that when Vγ9Vδ2 cells, ZOL and IL-2 are infused in a leukemia mouse model, they mediate tumor regression *in vivo* and confer greater survival in these mice (178).

The ability of N-BPs to invigorate exhausted Vγ9Vδ2 cells has also been reported in other investigations (179, 180) and appears to be a promising alternative for their use, given that a higher exhausted γδ T cell frequency has also observed in leukemia (27, 125). It is important to note that, in this context, these cells exhibit a low expression of CD107a, FcγRIII (CD16), IFN-γ and TNF, while B and T lymphocyte attenuator (BTLA), LAG3 and PD1 proteins are more highly regulated on their cell surface (179, 180). When cultured with allogeneic LCs, these lymphocytes had low cytotoxic activity, while γδ T cells from healthy patients

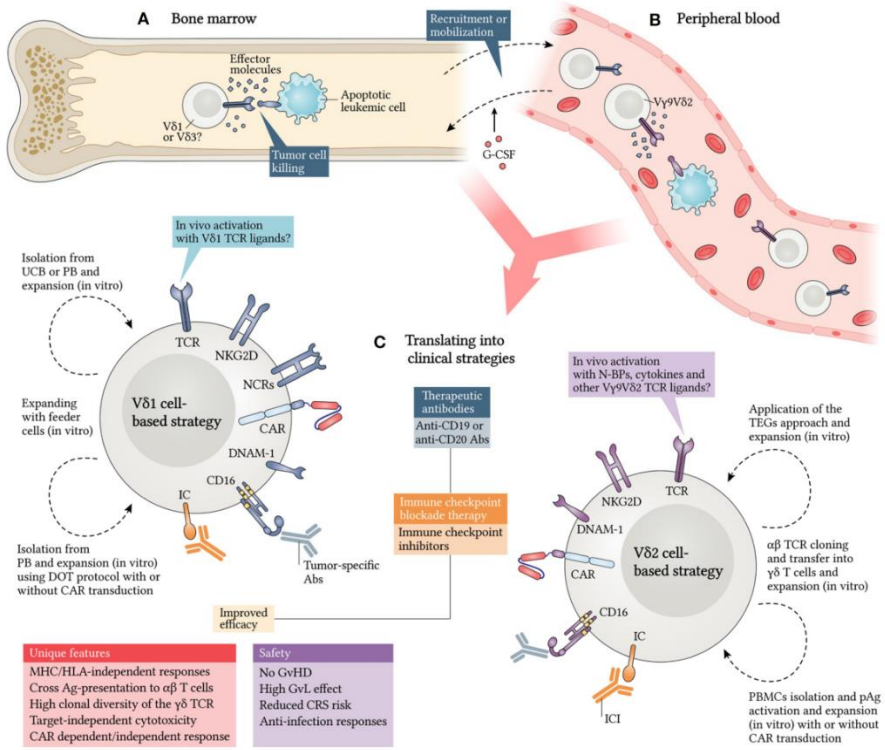


FIGURE 3 | Translating γδ T cells into clinical strategies against leukemia. γδ T cells exert antitumor responses in different compartments and expressing distinct TCR patterns. Vδ1 and Vδ3 subtypes have been implicated as cytotoxic mediators in bone marrow **(A)**, while Vγ9Vδ2 cells have been shown to respond mainly in peripheral blood **(B)**. However, strategies are directed towards Vδ1 and Vδ2 subtypes, as they are the best known **(C)**. Granulocyte colony-stimulating factor (G-CSF) was shown to be a potential adjuvant to mobilize γδ T cells for peripheral blood and enrich the graft. Additionally, Vδ1 cells can be isolated from UCB or PB and expanded *in vitro* using some approaches, such as the DOT protocol, already reviewed here. *In vivo* stimulation with Vδ1 TCR ligands may be a good alternative, but it remains poorly investigated. In parallel, Vδ2 cells can be isolated from PB and activated and/or expanded *in vitro* using pAgs. A new therapeutic concept consists in the cloning and transfer of γδ TCRs into αβ T cells (TEGs) and can enhance antileukemic responses. The fact is that many of these strategies give rise to γδ T cells that express several recognition receptors and have a higher capacity to target leukemic cells (LC), which can be further improved with chimeric antigen receptor (CAR) transduction. Moreover, the use of therapeutic antibodies (Abs), such as immune checkpoint inhibitors (ICI), anti-CD19 and anti-CD20 Abs, can also provide improved efficiency in potential approaches, since γδ T cells have unique features and an attractive degree of safety for their translation into clinical trials. CRS, cytokine release syndrome; DOT, Delta One T; PB, peripheral blood; IC, immune checkpoint; TEGs, T cells engineered to express a defined γδTCRs; UCB, umbilical cord blood.

responded efficiently (179). Notably, when Vγ9Vδ2 cells that were considered dysfunctional were cultured *ex vivo* with mature monocyte-derived dendritic cells (Mo-DC) and N-BPs for 8 days without the presence of LCs, the observed functional impairments could be reversed (179).

Ibrutinib has also been shown to activate γδ T cells against LCs, since Weerdt et al. reported that it was able to induce an antitumor phenotype (180). In their study, allogeneic and autologous γδ T cells were cultured with LCs. As already seen, γδ T cells from patients with leukemia proved to be dysfunctional in terms of cytokine production and cytotoxicity, while those from healthy patients had a strong antitumor activity (179). When Vγ9Vδ2 cells from both cases are treated with Ibrutinib, an effector Th1 phenotype and memory cells are induced. Overall, their antitumor properties can be recovered after *ex vivo* stimulation and after treatment with Ibrutinib, which binds to the IL-2–inducible T cell kinase molecule and promotes activation against LCs (180).

Other investigations have presented a new alternative: the combination of IL-15 plus N-BPs or pAgs promotes significantly greater expansion, high cytotoxicity and a more pronounced Th1 phenotype in γδ T cells, when compared to expansion methods using only IL-2 (174, 181, 182). IL-15 is a powerful growth factor for γδ T cells (183, 184) and can synergize with other molecules and enhance the antileukemic capacity of these cells **(Figure 2)**, as we will highlight below.

The *ex vivo* tests carried out by Van Acker et al. (174) demonstrated that the administration of IL-15 + isopentenyl pyrophosphate (IPP) is able to improve γδ T cell cytotoxicity against LCs. In contrast, γδ T cells stimulated with IL-2 + IPP were more likely to deviate to a Th2 and Th17-like response phenotype when interacting with LCs (174). It is important to

highlight that stimulation by IL-15 promoted a more robust IFN-γ and TNF secretion when compared to IL-2 stimulation. In addition, culturing these lymphocytes with IL-2, IL-15 and ZOL for 14 days critically enhanced the expansion rates to almost 1000-fold the total yield of viable cells, which showed a 590-fold increase in the γδ T cells cultured only with IL-2 + ZOL (174).

Interestingly, when IL-2 + IL-15 and ZOL are administered to γδ T cells isolated from patients with leukemia, during 14 days of culture, they assume different phenotypic states. Most of them may exhibit an effector memory phenotype ($CD45RA^-$ $CD27^-$), followed by a central memory phenotype ($CD45RA^-$ $CD27^+$) (174). In addition, positive regulation of CD56, CD80 and CD86 is also provided (174), suggesting that, in addition to exerting strong antileukemic activity, these cells may also act as APCs and improve the antitumor responses.

Vγ9Vδ2 cell expansion using IL-2 may not even promote satisfactory proliferative rates; however, it is clear that the synergism between IL-2 and IL-15 confers a substantial increase in an inflammatory profile (174, 181), as these cytokines promote a higher transcription factor T-bet expression (181), which in turn, is related to greater cytotoxicity. In addition, the advantage of γδ T cells expanded with IL-2 + IL-15 can be maintained under one of TME's hallmarks *in vivo*, namely hypoxia (181). In fact, a striking feature of the leukemic microenvironment is the low partial pressure of oxygen that favors the tumor-associated immunosuppressive pathways, while at the same time promoting expansion of LCs (185). In this context, the persistence of γδ T cells in hypoxia further demonstrates their clinical importance.

Alternatively, the combination of ZOL, IL-2 + IL-18 also promotes the proliferation of effector cells (186, 187) since IL-18 is an important inducer of IFN-γ secretion (188). Given this, it has been reported that this cytokine indirectly induces the expansion of γδ T cells. Tsuda et al. (186) showed that Vγ9Vδ2 cells are efficiently expanded in response to ZOL, IL-2 + IL-18, but in a $CD56^{bright}$ $CD11c^+$ NK-like cell dependent fashion (187). Many studies have reported that the involvement of NK-like cells in the proliferation of γδ T cells implies greater expansion efficiency when compared to methods using dendritic cells (DC) or monocytes (187, 189–191). These findings suggest an approach targeted at feeder cells that may be responsible for γδ T cell clonal proliferation in different methods *in vitro* and, perhaps, *in vivo*.

IL-18 can also directly support γδ T cell expansion, even in the absence of feeder cells (192). When Vγ9Vδ2 cells are treated only with ZOL, there is a delay in their *in vitro* expansion, as prolonged exposure subjects these cells to acute ZOL toxicity (193). However, when IL-18 combined with geranylgeranyl pyrophosphate (GGPP) is added, the proliferative capacity is restored by inhibiting the toxic effects of ZOL, which allows a substantial expansion of viable γδ T cells to occur. IL-18 + GGPP also were able to activate γδ T cells, exhibiting a central memory or effector memory phenotype and with higher IFN-γ production and CD56 expression (192).

In a subsequent study, treatment with ZOL + IL-2 and culture with Mo-DCs stimulated an activated phenotype in γδ T cells. In this context, immature Mo-DCs have been shown to have a particularly higher capacity to intensify γδ T cell cytotoxicity against LCs, whether in autologous or allogeneic condition (194). Furthermore, IL-15 producing DCs isolated from healthy patients and patients with leukemia (in remission) can potentiate γδ T cell cytotoxicity *in vitro* (182). These DCs induced NKp30, CD16, CD80 and CD86 expression in γδ T cells in an IL-15 dependent manner. This methodology was able to produce γδ T cells with higher expression of co-stimulatory molecules and low expression of inhibitory proteins. In addition, stimulation with DCs + IPP + allogeneic LCs led to high IFN-γ secretion and strong antitumor activity (182).

Deniger et al. (162) demonstrate a new strategy that involves the use of artificial APCs (aAPCs) derived from the K562 leukemic lineage. These feeder cells were modified to express molecules, such as CD19, CD64, CD86, 4-1BBL and IL-15, on their membrane surface. When γδ T cells are cultured with aAPCs + IL-2 + IL-21, there is a remarkably robust 4900 ± 1700-fold polyclonal expansion (162). Most of these cells expressed different γδ TCR domains. Resultant γδ T cells also were able to kill LCs *via* TCR, NKG2D and DNAM-1 (162).

In the same vein, Cho et al. (175) used $CD80^+$, $CD83L^+$ and 4-$1BBL^+$ aAPCs. At low IL-2 concentrations, these co-stimulatory molecules promoted a remarkable Vγ9Vδ2 cell expansion that secreted higher levels of IFN-γ and TNF (175). Notwithstanding, there was no significant proliferation rate (106-fold increase) when compared to the hefty increase observed in the previous study (162). Triple co-stimulation with these molecules induced not only the high IFN-γ and TNF production, but also the positive regulation of a range of other molecules such as IL-2, IL-6, perforins, Gzm A and Fas ligand (FasL) (175). Most importantly, the expanded cells exhibited a terminal effector phenotype ($CD27^{low}$ $CD45RA^{high}$), followed by an effector memory phenotype (175).

Unlike most of the investigations discussed above, other studies have focused on γδ T cells that express the Vδ1 TCR chain. Substantial evidence has demonstrated the ability of this subtype to kill LCs, as already reviewed. Unlike the Vγ9Vδ2 subtype, these cells do not show susceptibility to activation-induced cell death (AICD), which has been reported in several experimental trials (125, 195, 196). These cells can also exercise immune surveillance for long periods, favoring the longevity of cancer immunity (197–199). Several unique attributes have been discovered that particularly place Vδ1 cells as attractive targets in antileukemic therapies. So far, a few studies have emerged that have sought to translate the functional role of these lymphocytes and their applicability, as we will highlight below.

Siegers et al. (30) developed an *in vitro* expansion protocol that enabled the proliferation of γδ T cells isolated from PB after treatment with lectin-based compounds named Concanavalin-A (Con-A). Thus, it was possible to expand Vδ1 cells in a greater proportion than the Vγ9Vδ2 subtype when Con-A was combined with IL-2 + IL-4. The low Vγ9Vδ2 cell proportion was motivated by the period of exposure to Con-A, which induced AICD in these lymphocytes (30). Noteworthy, the resulting Vδ1 cells exerted an efficient cytotoxic activity against LCs through TCR, NKG2D, CD56 and FasL (30).

Subsequently, proof-of-concept studies were performed on leukemia xenograft models using a newly established cell generation protocol called Delta One T (DOT), which was designed by Almeida et al. (31). Specifically, this clinical-grade protocol consists of two steps. First, γδ T cells are isolated from PB of healthy donors or patients with leukemia using magnetic beads and are cultured *in vitro* for 14 days. During this time, these lymphocytes are expanded using a combination of molecules, such as IFN-γ, IL-1β, IL-4 + IL-21, in association with anti-CD3 antibodies (Abs). Then, the expanded cells are transferred to a new culture medium, where they are restimulated by anti-CD3 combined with IL-15 and IFN-γ for another 7 days (31). Overall, this is a 3-week protocol that involves γδ TCR and cytokine stimulation that can accomplish its goals efficiently.

When γδ T cells were submitted to the DOT protocol, expansion was obtained with rates greater than 1000-fold, thus allowing the viable and efficient proliferation of highly cytotoxic cells. It is noteworthy that, with this cell proportion rate, Vδ1 cells, which are generally less frequent in the blood (55, 56), expand from less than 0.5% of all circulating T cells to more than 70% (25, 31). Notably, Vδ1 cells with high expression of NKp30, NKp44, DNAM-1 and 2B4 are also provided, all well established as key-receptors in antileukemic responses (66, 74). These lymphocytes do not regulate inhibitory proteins on their membrane surface, even after 3 weeks of continuous stimulation. In addition, many cell adhesion molecules and chemokine receptors are positively regulated, while these lymphocytes can kill autologous and allogeneic LCs *in vivo*, and ignoring normal cells (31).

Finally, the same protocol was tested by Lorenzo et al. (200), in which γδ T cells from PB were reinforced using a range of stimulatory molecules (31). While the previous study sought to mobilize Vδ1 cells against a CLL xenograft model (31), the latter work applied the DOT protocol to an AML xenograft model (200). It is important to highlight that in both cases there was an efficient regression of tumors, and this increased mice survival (31, 200). In addition, γδ T cells avoided systemic metastasis of LCs (31). They exerted their antileukemic activity against AML blasts in a partially TCR-dependent manner, while they depended on the B7-H6 expression (200), which binds to NKp30 (67).

Blocking Immune Checkpoints in γδ T Cells and Leukemic Cells

Although they are potent, γδ T cell antitumor responses can be regulated by immune checkpoints (IC). Many inhibitory proteins, such as PD1, CTLA4, LAG3, BTLA, T cell immunoreceptor with Ig and ITIM domains (TIGIT) and T cell immunoglobulin and mucin domain-containing protein 3 (TIM3), are key mediators in inflammatory regression and cell suppression, in the context of the TME (93, 201, 202). Generally, these molecular interactions can act synergistically with the infiltration of suppressive cells that support tumor evasion through the establishment of a strongly tolerogenic environment (26, 76). However, recent advances in cancer immunotherapy using monoclonal Abs (mAbs) targeting ICs, the immune checkpoint inhibitors (ICI), have shown that combinatorial blocking of proteins, such as PD1 and PD-L1, can restore cellular functions and reestablish antitumor activity (203, 204).

The mechanisms of γδ T cell regulation mediated by ICs are diverse and poorly understood, but seemingly unified by the fact that these receptors functionally complement each other and ensure the adjustment of the immune response. PD1 and BTLA are the most potent ICs shown to suppress γδ T cell cytotoxicity in cancer (205, 206). Although CTLA4 expression has not been consistently assessed, it is known that this molecule is rarely expressed in activated γδ T cells (207, 208). Importantly, the expression of these ICs may vary between γδ T cell subtypes, where, for example, Vδ1 cells exhibit higher PD1 expression than their Vγ9Vδ2 counterpart (209).

Early after activation, when the γδ TCRs find their cognate ligands, γδ T cells begin to rapidly display many of these ICs on the cell surface (205, 207). Collectively, the expression of these proteins is low or stable, but temporary, and is sufficient to reduce cytokine production, proliferation and survival of γδ T cells (205, 206, 208, 210, 211). These changes can also be observed in leukemia, as γδ T cells increase the expression of PD1, CTLA4 and BTLA, while LCs strongly regulate the expression of their ligands, such as PD-L1, CD80 and/or CD86, and herpesvirus-entry mediator (HVEM), respectively (212). This represents an important barrier, as these molecules can prevent the efficient activation of γδ T cells and the associated antitumor response. Blocking the expression of these inhibitory receptors through the use of ICIs may be an interesting alternative to reverse the state of anergy and/or cell exhaustion.

The influence of ICIs on γδ T cells and their potential impact on the associated cytotoxic activity, in the context of the leukemic microenvironment, has not yet been characterized and is, therefore, an open question. Despite this, PD1 has been shown to negatively regulate Vγ9Vδ2 cell responses, while the addition of ZOL + anti–PD-L1 was able to bypass the inhibitory signals and promote γδ T cell reactivation against LCs in a TCR-dependent fashion (205). Therefore, this discovery allows us to suggest that γδ TCR-mediated activation is capable of overcoming the inhibitory effects of the PD1/PD-L1 pathway, since the application of ICIs plus ZOL, which is a strong Vγ9Vδ2 TCR stimulator, apparently synergizes the activation of γδ T cells and restores their tumor reactivity (205).

Notably, Hoeres et al. (213) demonstrated that although PD1 signaling can modulate the production of IFN-γ in leukemia-reactive γδ T cells, its additional blockage and stimulation with ZOL can increase the production of this cytokine. Although it did not show a significant effect on the destruction of LCs by γδ T cells, the action of anti-PD1 + ZOL in these lymphocytes was able to induce high IFN-γ secretion, which is a potent inflammatory and antitumor factor (213). As noted, cytokine secretion, such as IFN-γ, can be negatively regulated, and we can infer from this study that the application of ICIs potentially reverses this suppressive condition and is able to stimulate the triggering of an antitumor response.

In addition to PD1/PD-L1, other inhibitory proteins are highly regulated in LCs (i.e., CTLA4, BTLA, TIGIT, TIM3 and LAG3) and their effects on γδ T cells have not yet been fully investigated (26, 159, 214–216). However, previous studies have shown that some of these receptors have great potential for deregulating their antitumor activity, reflecting in cytokine production (213, 217). Nonetheless, evaluating these components before proceeding to a clinical application is important, since these molecules most likely prevent the efficient killing of LCs. This is one of several mechanisms of tumor escape that are commonly observed in recent and innovative treatment modalities, and which also include the chimeric antigen receptor (CAR) T cell therapy (218).

Focusing on γδ T Cell-Engager Molecules in the Leukemic Microenvironment

Antibodies Direct γδ T Cells Against LCs

As we have shown herein, data from *in vitro* experiments and mouse models unequivocally demonstrate the potential of γδ T cells against leukemia. Knowledge obtained regarding the many signals that regulate their activation and the tumor resistance underlying γδ T cells offers additional approaches that, in addition to inducing an activated status, a (poly)clonal expansion or a more pronounced Th1 phenotype, may also allow more specific targeting against the tumor. Improving γδ T cell efficiency against LCs, however, requires strategies based on their cytotoxic nature, which include, for example, antibody-dependent cell cytotoxicity (ADCC) (75, 219). Therefore, this implies a role for CD16, mAbs and bispecific antibodies (bsAbs) that bind to their respective target antigens.

CD16-mediated ADCC plays an important role in tumor destruction. For this to occur, CD16 must bind to the constant fraction of Abs IgG, thus constituting an optional axis in target cell killing. γδ T cells constitute the major blood T cell population that expresses CD16 (220, 221), although this expression is variable (222). Given this, the potential engagement of therapeutic Abs with the product of Vγ9Vδ2 cells can provide an efficient alternative against LCs (223). Several studies have shown that γδ T cells mediate leukemic regression *via* a CD16-dependent pathway (136, 223–226), in particular the Vγ9Vδ2 subtype, which positively regulates CD16 and TNF expression when stimulated with pAgs (227).

mAbs-coated LCs are efficiently destroyed by $CD16^+$ γδ T cells *via* ADCC and these lymphocytes subsequently exhibit APC functions and activate αβ T cells, apparently through the tumor Ags presentation by MHC class II (228). It has been shown that the application of therapeutic CD20-targeting Abs, such as Rituximab (RTX), improves the antileukemic effect of these lymphocytes through tumor destruction by ADCC *in vitro*. This leads γδ T cells to secrete high levels of IFN-γ, perforins and CCL5 (219). In addition, BrHPP implementation potentiates the RTX bioactivity and consequently also increases γδ T cell cytotoxicity against $CD20^+$ LCs *in vitro* and *in vivo* (75).

When peripheral blood mononuclear cells (PBMC) are stimulated with ZOL + IL-2 *ex vivo* and then cultured with LCs and Obinutuzumab (anti-CD20), it is observed that γδ T cells perform ADCC more efficiently than NK cells (223). Most importantly, the cytotoxicity of these lymphocytes cultured with Obinutuzumab is more potent compared to other tested mAbs, such as RTX. This view was reinforced when LCs treated with Obinutuzumab were substantially lysed in a CD16-dependent manner (223).

Benyamine et al. (136) demonstrated that BTN3A-targeting mAbs (anti-BTN3A 20.1) sensitize LCs and act indirectly in tumor destruction. This is due to the anti-BTN3A Abs binding in three different target molecules: BTN3A1, BTN3A2 and BTN3A3. The combination of these mAbs with γδ T cells and the subsequent infusion in a leukemia murine model was able to decrease the leukemic load in the PB and BM, increasing survival in these mice (136). Taken together, these data create the expectation that targeting mAbs to BTN proteins can be potentially useful in new therapeutic approaches.

Like most other surface molecules expressed in LCs, CD19 is also a potential target to be considered. When LCs are incubated with γδ T cells and modified anti-CD19 Abs (Ab 4G7SDIE), a significant increase in the degranulation marker CD107a is observed, as well as the strong IFN-γ and TNF production (224). In addition, the adoption of bsAbs targeting CD19/CD16 (bsAbs N19-C16) is also able to increase the expression of these inflammatory molecules (224). Interestingly, bsAbs targeting CD19/CD3 (bsAbs N19-CU) also strongly activated γδ T cells and, unlike the other previously tested Abs, mediated the lysis of LCs (224). It should be noted that the use of Abs modified to have a triple specificity to CD16 and CD19 (triplebody SPM-1) was also able to activate these lymphocytes against $CD19^+$ target cells, which was evidenced by the expression of antitumor mediators (225).

The projection of a bsAbs targeting the Vγ9 TCR chain and CD123 (anti-TRGV9/CD123 engager) was also able to recruit γδ T cells against AML blasts (229). This engagement induced its activation and cytotoxicity against endogenous LCs, as evidenced by CD69, CD25 and Gzm B positive regulation. Interestingly, these activated γδ T cells exhibited a low secretion of IL-6 and IL-10, which are cytokines that are highly related to cytokine release syndrome (CRS) in patients undergoing αβ T cell-based therapies (229–231). The efficacy of this approach is evidenced when anti-Vγ9/CD123 directed γδ T cells were infused into a leukemia mouse model and controlled the leukemic proliferation in different compartments in these mice (229).

Finally, it has been shown that CD1d is also an attractive target. A recent study showed that CD1d specific single domain Abs can guide γδ T cells (226). These engagers were able to mobilize and activate these lymphocytes against autologous LCs from patients with CLL. This allowed γδ T cells to produce many inflammatory molecules and maintain their pAgs reactivity (226). Taken together, the many studies reviewed here allow us to suggest that the therapeutic application of Abs can be improved with the use of N-BPs that enhance γδ T cell activation. However, their therapeutic application against leukemia still needs more detailed investigation.

γδ T Cells Expressing CARs

While the application of therapeutic Abs has significantly increased the effectiveness of leukemia treatments, other approaches are also emerging with promising healing potential. Current advances in genetic engineering enable CAR transduction in NK cells, macrophages and T cells, thus offering new horizons for cell therapy, although this has been primarily focused on conventional αβ T cells (232, 233). In this context, γδ T cells are also undergoing a number of improvements in order to enhance their antitumor capacities.

The fact is that γδ T cells can be redirected with CARs against surface molecules expressed by LCs (234). Their unique innate properties and their high capacity for tumor sensing and killing place them in an interesting position in potential approaches against leukemia. CAR γδ T cells can offer a triple activity because, for example, they can recognize LCs (i) through the direct engagement of γδ TCR to their cognate ligand, (ii) through NKRs and their associated ligands, or (iii) through CAR specificity to the target antigen **(Figure 3)** (234, 235). Besides this, their APC functions (211) may allow the prolongation of immune response in the TME (228), since the CAR acquisition preserves the ability of γδ T cells to present tumor Ags (235).

The applicability of these genetically modified T cells has been established by some of the previous studies that evaluated the viability of viral transduction (236, 237) or electroporation (238) of the CAR. Rischer et al. (236) demonstrated for the first time that Vγ9Vδ2 cells can be efficiently transduced with CAR genes. Their study also showed that γδ T cells expressing anti-CD19 CARs destroy $CD19^+$ LCs and produce high levels of IFN-γ in a target-dependent fashion (236). Subsequently, Deniger et al. (238) showed that the introduction of CAR by electroporation in PB-derived γδ T cells is able to produce polyclonal CAR T cells that express Vδ1, Vδ2 and Vδ3 TCR chains (238). For this to happen, approaches already reviewed here were used (162).

Noteworthy, one study demonstrated that CAR γδ T cells adopt a highly activated, but not exhausted, phenotype, as highlighted by the low regulation of CD57 (238). In addition, these lymphocytes tend to assume distinct phenotypic states of effector memory, while positively regulating homing molecules. Specifically, these homing receptors included CXCR4, a molecule associated with migration to BM, as well as CD62L and CCR7, which are linked to migration to lymph nodes (238). This is encouraging since BM and lymph nodes are sites of high tumor growth in acute and chronic leukemias (1, 4, 26, 78, 239–241).

Surprisingly, it has also been confirmed that CAR γδ T cells recognize and kill LCs in BM regardless of the CD19 target. Rozenbaum et al. (242) recently showed that these modified lymphocytes have high IFN-γ production and reactivity to $CD19^{+/-}$ LCs *in vitro*, which was even enhanced with the addition of ZOL. To investigate *in vivo* efficacy, the authors injected CAR γδ T cells in a leukemia mouse model. Although it did not induce a complete remission, the infusion of these cells led to a drastic reduction in the leukemic burden in the BM of these mice, which was even more pronounced when ZOL was administered (242).

These studies demonstrate that the production of CAR γδ T cells is viable and supports the high effectiveness of these lymphocytes against many malignancies, especially in leukemias. In contrast to conventional CAR T cell therapy, approaches based on γδ T cells can overcome several currently reported limitations, such as modulation of tumor antigen expression (242, 243) and CRS (229–231).

How About Molecular Switching of TCRs?

One interesting strategy for targeting lymphocytes against the tumor is to design γδ T cells with αβ TCRs or to design αβ T cells with γδ TCRs (244). This therapeutic concept has great potential for combining some unique γδ T cell properties, such as the rapid responsiveness to the tumor, the expression of individual molecules, and the absence of alloreactivity, with the high proliferative capacity and specific reactivity of conventional αβ T cells. Combining these unique aspects through TCR transduction leads us to expect that the resulting antileukemic responses will be long-lasting and based on immunological memory.

This new concept of modified T cells, named T cells engineered with defined γδ TCRs (TEG), was adopted in some studies that showed that TEGs kill LCs *in vitro* and *in vivo* models (245). TEGs tend to deregulate the intrinsic αβ TCR expression in their membrane surface, avoiding the graft-*vs*-host disease (GvHD) (245, 246). In addition, $CD4^+$ TEGs retain their ability to induce a complete maturation of DCs, and stimulation with PAM can potentiate the cytotoxicity of $CD8^+$ or $CD4^+$ TEGs since it promotes higher production of inflammatory molecules, such as IFN-γ, TNF, and IL- 2, *in vivo* (245).

Similar results were obtained when TEGs cultured with LCs reduced the tumor *in vitro* (247). In addition, the infusion of TEGs plus IL-2 + PAM in an AML murine model enabled reactivity directed to LCs without affecting the healthy hematopoietic compartment and without being influenced by the TME, when inserted into mice that expressed IL-3, granulocyte-macrophage colony-stimulating factor (GM-CSF), and stem cell factor (SCF) (247), which are molecules that support tumor growth *in vivo* (248). Therefore, TEGs demonstrated efficiency in reducing the tumor in xenograft models with minimal alloreactivity, which stimulated the projection of a robust manufacturing procedure of TEGs that were validated under good manufacturing practice (GMP) conditions (244, 249).

Finally, γδ T cells transduced with αβ TCR plus CD4 and CD8 co-receptors showed high antitumor activity against LCs (250). As similarly observed in TEGs, transduction of αβ TCR induced a low expression of endogenous γδ TCR. In addition, modified $CD8^+$ or $CD4^+$ γδ T cells expressed high levels of IFN-γ and IL-4, although IFN-γ production was more pronounced in $CD8^+$ cells. Most importantly, these transduced cells were able to kill LCs *in vitro*, although $CD8^+$ γδ T cells have shown more efficiency than $CD4^+$ cells (250, 251). This evidence supports the important role of γδ T cells in TCR gene transfer-based approaches while suggesting an improved antileukemic capacity when TCR transduction is combined with co-receptors, in particular, with the CD8 protein.

Converting γδ T Cells Into Living Drugs

Source, Isolation and Pre-Activation

γδ T cells and their subtypes are present in several tissues, but the ideal source for obtaining all these lymphocytes is still being determined. Despite this, therapeutic γδ T cells for infusion can be obtained from peripheral blood (252, 253) or umbilical cord blood (UCB) (254, 255). It is important to note that the frequency of γδ T cells varies between 5-10% of peripheral blood T cells (51, 52), while they constitute <1% of T cells in UCB (254). The functional differences between γδ T cell subtypes in these sources are not yet clear, but it is already established that while the subtype expressing Vγ9Vδ2 TCR predominates in PB (51, 55, 56), polyclonal γδ T cells expressing the Vδ1 TCR domain predominate in UCB (52, 256, 257).

γδ T cell expansion from PB is a well-established method and is usually adopted in clinical and experimental trials. For isolation of these lymphocytes, the starting material is the product of leukapheresis, which can be initially enriched through stimuli with several soluble factors (e.g., cytokines and N-BPs) and later undergoes removal of αβ T cells and $CD19^+$ B cells through the use of magnetic beads, depletion or separation kits (optionally maintaining NK cells) (169, 252, 253). Since increasing the γδ T cell product from leukapheresis can further improve its therapeutic handling, adopting the use of molecules as the granulocyte colony-stimulating factor (G-CSF) may mobilize a large amount of antileukemic γδ T cells for peripheral blood, as shown in several studies (258–262).

Alternatively, physical exercise and the consequent systemic activation of β-adrenergic receptors (β-AR), immediately before PBMC isolation, has been shown to substantially increase mobilization for PB, *ex vivo* expansion and antitumor capacity. In their study, Baker et al. (263) showed that the practice of physical exercises can predict the expansion potential of γδ T cells, which is mobilized in a β-AR type 2 dependent fashion. Therefore, patients with high levels of physical activity mobilized γδ T cells that expanded *ex vivo* in much higher percentages compared to blood at rest when stimulated with IL-2 + ZOL for 14 days (263). These cells had higher expression of CD56 and NKG2D and showed high cytotoxicity against LCs *in vitro*.

On the other hand, γδ T cell isolation from UCB is still poorly investigated and so far, it has not been the target of cell expansion protocols in clinical trials. Berglund et al. (264) showed that it is possible to expand γδ T cells derived from UCB *in vitro*. The authors developed an expansion protocol based on the application of ZOL + IL-2 in culture for 14 days. This promotes the growth of Vγ9Vδ2 cells that mostly adopt a central memory phenotype and secrete higher levels of IL-1β, IL-2 and IL-8 (264). In general, the acquisition and handling of UCB-derived γδ T cells still need to be investigated more fully. Some factors, such as the low frequency of Vγ9Vδ2 cells (more easily expanded *in vitro*) in UCB and the poorly defined phenotypic diversity in this environment, make handling more limited (254). The approaches discussed here are viable targets for adoptive cell therapy because they also serve as adequate and economical adjuvants for hematopoietic stem cell transplantation (HSCT) (263, 264).

It is not clear whether pre-activation with ZOL + IL-2 can trigger the total antitumor capacity of γδ T cells. However, many *in vitro* approaches that use other molecules, such as IL-15, have demonstrated greater potential in stimulating the activation of these lymphocytes. As already reviewed, IL-15 associated with pAgs promotes high cytotoxicity in γδ T cells, which is evidenced by the high T-bet expression (181). In addition, the combined use of IL-2 + IL-15 can provide γδ T cells with antileukemic properties (174, 181, 182) even in hypoxia (181).

A mix of cytokines combined with Abs can also promote a pre-activated state in γδ T cells, as evidenced in studies using the DOT protocol. Notably, the use of IFN-γ, IL-1β, IL-4, IL-15, and IL-21 with anti-CD3 Abs positively regulates many NKRs, while ICs, such as PD1, CTLA4 and CD94/NK group 2 member A (NKG2A), are negatively regulated on the cell surface (31, 200). In addition, many homing receptors, such as signal-regulatory protein alpha (SIRPα), integrin-β7, CD31, CD56, CD96 and intercellular adhesion molecule 1 (ICAM-1), are expressed, as well as chemokine receptors, such as CXCR3, CCR6 and CX3C chemokine receptor 1 (CX3CR1) (31). Noteworthy, the junction of these cytokines promotes γδ T cells with APC functions and a higher potential to migrate and recirculate between blood and tissues (31, 174). Therefore, pre-activation using these approaches may lead to better crosstalk with other cytotoxic cells (e.g., NK) or LCs in different compartments (265).

The HSCT Questions

The functional importance of γδ T cells in HSCT has received enormous attention after many years of research. The fact is that the frequency of these lymphocytes may fluctuate between treated and untreated individuals, either during chemotherapy (27, 266) or after HSCT (267–273), implying relevant roles for γδ T cells in the patient's recovery (274). Several initial reports have shown that αβ TCR depleted allogeneic HSTC (allo-HSCT) was able to increase disease-free survival (2-5 years) after transplantation (267, 268, 273). Notably, this was correlated with a high γδ T cell frequency circulating in the PB and mediating the graft-*vs*-leukemia (GvL) effect (267). The Vδ1 subtype represented the highest proportion of these cells in the blood of patients (267, 273, 275).

Given that γδ TCRs are not restricted to HLA expression, the triggering of the GvHD effect is less likely, since tumor detection depends on more ubiquitous targets (273, 276). Therefore, the high frequency of these cells contributes to the restoration of the hematopoietic niche and is related to antileukemic responses (273); although this is not their only contribution to the success of HSCT. Higher γδ T cell percentages and a lower incidence of infection was been observed in many patients after HSCT, indicating protective roles in fungal, bacterial and viral infections (268, 273, 276). This made it possible to increase survival in patients with a high frequency of these cells when compared to patients with low or normal counts (277).

Cytomegalovirus (CMV) infection and its reactivation is a major concern after HSCT and, notably, γδ T cells can be essential effectors in controlling viral expansion. Knight et al. (278) reported for the first time that Vδ1 and Vδ3 cells expand as

a result of an active response against CMV in patients after allo-HSCT; although there were previous data that showed that these subtypes expand in CMV infection in immunocompetent individuals (275, 276, 279). Interestingly, CMV reactivation after allo-HSCT mobilized these non-Vδ2 subtypes against infected cells and against LCs *in vivo* (280). This is intriguing and leads us to infer that the reactivation of CMV after HSCT can benefit patients with leukemia, as it impacts the incidence of disease recurrence (281).

Epstein-Barr virus (EBV) infection is also a problem. Farnaut et al. (282) showed that EBV infection resulted in a significant Vδ1 cell expansion in a patient with ALL transplanted with UCB, which represented more than 80% of the total circulating γδ T cells. One year after transplantation, these cells were highly differentiated and exhibit CD57 and CD8 expression while minimally expressing the BTLA protein (282). These data suggest a strongly adaptive response from Vδ1 and Vδ3 cells that possibly improves the efficacy of allografts (269).

Overall, the graft enriched with γδ T cells provides a lower relapse incidence during immune reconstitution after HSCT (274). This is evidenced when patients with low frequencies of these lymphocytes have a high rate of death from relapse (283). In addition, γδ T cell innate and adaptive responses can also prevent the occurrence of infections after HSCT (269, 284, 285). Finally, their functional plasticity can assist in immunological tolerance to the graft and avoid GvHD, as evidenced in many studies (258, 260). Therefore, the data highlighted here position γδ T cells as potential targets in applications aimed at improving clinical results after HSCT, since they induce a potent GvL effect in the absence of GvHD.

THE STATE-OF-THE-ART FOR CLINICAL TRIALS

Although promising, γδ T cells have not yet been fully translated into clinical research that targets leukemia. Although clinical studies carried out over two decades have shown that γδ T cells have low toxicity and reactivity against the host (274), the clinical efficacy of adoptive therapy with γδ T cells has not been consistently reported (**Table 2**). *In vivo* stimulation, that is, the activation of autologous γδ T cells using N-BPs + IL-2, induced few measurable responses in patients with leukemia. Wilhelm et al. (286) included 4 patients with CLL in a clinical study based on PAM + IL-2 *in vivo* infusion. None of the 4 patients were able to obtain objective or complete responses, which was also evidenced by the low expansion of endogenous γδ T cells *in vitro* when isolated from these patients.

Kunzmann et al. (287) evaluated stimulation with ZOL + IL-2 in several tumors. In this clinical trial, 8 patients with AML were included. Only 2 of them had an objective response, and they achieved a partial remission. Notably, ZOL infusion in pediatric patients with acute leukemia after HSCT depleted for αβ TCR and $CD19^+$ B cells prolonged the disease-free survival in these patients, since it was associated with high numbers of circulating γδ T cells (271). This was also reported in a subsequent clinical trial that evaluated 46 pediatric patients with acute leukemia and reported that 3 or more repeated ZOL infusions offer a lower rate of transplant-related death, lower occurrence of relapses and absence of GvHD. Global disease-free survival is also improved (272).

The efficiency degree of donor γδ T cell *ex vivo* expansion is evidenced when the graft is depleted for αβ TCR, as this was able to induce a remarkable clinical recovery in 74 patients with acute and chronic leukemia, in which 43 achieved an objective response and 25 achieved complete remission, with no risk of recurrence and with improved survival after allo-HSCT (267). The subsequent follow-up of 153 patients with acute leukemia after allo-HSCT showed that γδ T cell-enriched graft, even inducing few complete remissions (36 patients), was able to confer a long-term survival advantage in patients who exhibited high γδ T cell frequency in the blood (268). Finally, ZOL + IL-2 *in vivo* stimulation after infusion of PBMC depleted for αβ T cells in 2 patients resulted in a higher *in vivo* expansion of donor γδ T cells and NK cells that induced complete remission in these patients (288).

It is important to highlight that many Phase I clinical trials are emerging to investigate γδ T cells as alternative axes in several established therapies since the available clinical and preclinical data suggest that γδ T cell-based strategies be combined with agents that better target these cells against the tumor. Therefore,

TABLE 2 | Executed clinical trials with γδ T cell-based strategies.

Leukemia subtype	*N* included	Interventions	Objective response	Complete response	Ref.
***In vivo* stimulation (autologous)**					
CLL	4	PAM and IL-2	0/4	0/4	(276)
AML	8	ZOL and IL-2	2/8	0/8	(277)
ALL and AML	43	ZOL	ND	ND	(261)
ALL, AML and MPAL	46	ZOL after allo-HSCT depleted for αβ T cells/$CD19^+$ B cells	ND	ND	(262)
***Ex vivo* expansion (donor γδ T cells)**					
ALL, AML and CLL	74	Allo-HSCT depleted for αβ T cells	43/74	25/43	(257)
ALL and AML	153	Allo-HSCT depleted for αβ T cells	100/153	36/153	(258)
AML and SPL	2	ZOL and IL-2 after CD4/CD8 depleted haplo-PBMC	2/2	2/2	(278)

ALL, acute lymphoblastic leukemia; AML, acute myeloid leukemia; allo-HSCT, allogeneic hematopoietic stem cell transplantation; CLL, chronic lymphocytic leukemia; haplo, haploidentical; IL, interleukin; MPAL, mixed phenotype acute leukemia; ND, not determined; PAM, pamidronate; PBMC, peripheral blood mononuclear cell; SPL, secondary plasma cell leukemia; ZOL, zoledronate.

TABLE 3 | Currently registered γδ T cell-based clinical trials.

Disease or clinical condition	*N* intended inclusion	Interventions	Phase	Start	Status	Study identifier
***In vivo* stimulation (autologous)**						
ALL and AML	22	ZOL after haplo-HSCT depleted for αβ T cells/CD19$^+$ B cells	I	January, 2016	Recruiting	NCT02508038
Eligible patients for HSCT	20	ZOL and IL-2	I	March, 2019	Recruiting	NCT03862833
***Ex vivo* expansion (autologous)**						
AML	20	PB collection and BM aspirate (OS)	NA	August, 2018	Recruiting	NCT03885076
Relapsed or refractory AML	38	γδ T cell infusion	I	September, 2019	Recruiting	NCT04008381
Relapsed or refractory CLL	6	γδ T cell infusion	I	October, 2019	Recruiting	NCT04028440
ALL, AML and CML	38	EAGD T cell infusion after HSCT	I	January, 2020	Recruiting	NCT03533816
Genetic engineering						
AML	18	TEG001	I	June, 2017	Recruiting	NTR6541
ALL and CLL	48	anti-CD19 CAR γδ T cells infusion	I	October, 2017	Not yet recruiting	NCT02656147

ALL, acute lymphoblastic leukemia; AML, acute myeloid leukemia; BM, bone marrow; CAR, chimeric antigen receptor; CLL, chronic lymphocytic leukemia; EAGD T cell, expanded/activated γδ T cells; haplo, haploidentical; HSCT, hematopoietic stem cell transplantation; IL, interleukin; NA, not applicable; OS, observational study; PB, peripheral blood; TEG, T cells engineered to express a defined γδ TCR; ZOL, zoledronate.

several studies aiming at the optimization of γδ T cell antitumor reactivity through genetic engineering approaches are currently registered **(Table 3)**. The use of these lymphocytes as platforms for CAR (NCT02656147) and TEG (NTR6541) engineering can overcome many obstacles observed in conventional adoptive therapy with αβ T cells and NK cells, although they also have their limitations (215, 228). Finally, *in vivo* stimulation and *ex vivo* expansion are also being insistently evaluated in the context of allo-HSCT (NCT02508038, NCT03862833) and the γδ T cell product infusion (NCT03885076, NCT04008381, NCT04028440, NCT03533816) in the expectation that a safe, effective and tolerable method for the treatment of patients will be discovered.

CONCLUDING REMARKS AND OUTLOOKS FOR THE FUTURE

Through this review, we hope to shed light on a relatively unexplored unconventional T cell. Nonetheless, it is one that has proven to be an important component in the leukemic microenvironment, since it responds effectively against the tumor and is able to affect the clinical outcome in patients with leukemia, as we recently reviewed (289). γδ T cells have unique immunological properties that allow the development of an off-the-shelf immunotherapy with universal applicability, that is, independent of histocompatibility related factors since γδ T cells respond regardless of MHC/HLA expression and recognize Ags presented by ubiquitous monomorphic molecules in many tumors in humans.

Furthermore, the clinical responses reported in clinical and pre-clinical trials, already reviewed here, highlight the importance of further increasing γδ T cell reactivity, either by raising intracellular pAg concentrations to "sensitize" LCs or by projecting γδ T cells with higher expression of receptors associated with cytotoxicity, adhesion and homing, as this allows recirculation and immune surveillance in different tumor compartments, even under hypoxia. The fact that these cells predominate in the blood and healthy or malignant tissues provides a migratory advantage over αβ T cells or NK cells and a greater ability to infiltrate and respond in the leukemic microenvironment; in particular the Vδ1 subtype, which has improved cytotoxicity and resistance to exhaustion or AICD.

The difficulty that still needs to be overcome for the therapeutic use of these cells is, in fact, is that of how to obtain a clinically significant cell proportion. As such, new techniques for cell expansion (or improvement) are necessary. In addition, ensuring that γδ T cell antileukemic phenotype is not diverted by TME stimuli also represents another challenge to be faced. Therefore, the modulation and effective targeting of these cells need to be achieved. Finally, improving and maintaining their *in vivo* persistence and invigorating exhausted γδ T cells also represent additional barriers that can be reversed using molecular factors that support their cytotoxicity in TME *in vivo*. The fact is that the innate and adaptive γδ T cell properties will lead to advances in better antileukemic approaches and potentially establish which of these will provide a real and applicable translational perspective.

AUTHOR CONTRIBUTIONS

NDA and MSB established the initial conception, projected, and wrote this manuscript. NDA, MSB and TLPR collected, analyzed, and reviewed the data. MSB designed the illustrations and tables. NDA, FM-G, FSHA, AMT, AM and AGC supervised the project development, interpreted the data, and reviewed this manuscript. All authors contributed to the article and approved the submitted version.

FUNDING

This work was funded by Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) (Pró-Estado Program - #002/2008, PAPAC Program - #005/2019 and and POSGRAD Program-#006/2020), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de

Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) (PROCAD-Amazônia 2018 Program-#88881.200581/2018-01) and the Brazilian Ministry of Health. MSB, TLPR, NDA, FM-G and FSHA have fellowships from FAPEAM, CAPES and CNPq (SI and PhD students). AM is a level 2 research fellow from CNPq. The funders had no role in study design and decision to publish, or preparation of the manuscript.

ACKNOWLEDGMENTS

We would like to thank all the authors, researchers at HEMOAM, UFAM and FMT-HVD for their critical discussions and insightful and encouraging ideas. We are also grateful for the support and thoughts that helped shape our intuition and the perspectives highlighted in this manuscript.

REFERENCES

1. Höpken UE, Rehm A. Targeting the Tumor Microenvironment of Leukemia and Lymphoma. *Trends Cancer* (2019) 5:351–64. doi: 10.1016/j.trecan.2019.05.001
2. Batsivari A, Haltalli MLR, Passaro D, Pospori C, Lo Celso C, Bonnet D. Dynamic Responses of the Haematopoietic Stem Cell Niche to Diverse Stresses. *Nat Cell Biol* (2020) 22:7–17. doi: 10.1038/s41556-019-0444-9
3. Méndez-Ferrer S, Bonnet D, Steensma DP, Hasserjian RP, Ghobrial IM, Gribben JG, et al. Bone Marrow Niches in Haematological Malignancies. *Nat Rev Cancer* (2020) 20:285–98. doi: 10.1038/s41568-020-0245-2
4. Witkowski MT, Kousteni S, Aifantis I. Mapping and Targeting of the Leukemic Microenvironment. *J Exp Med* (2020) 217(1–13):e20190589. doi: 10.1084/jem.20190589
5. Carlsten M, Järås M. Natural Killer Cells in Myeloid Malignancies: Immune Surveillance, NK Cell Dysfunction, and Pharmacological Opportunities to Bolster the Endogenous NK Cells. *Front Immunol* (2019) 10:1–18. doi: 10.3389/fimmu.2019.02357
6. Sander FE, Rydström A, Bernson E, Kiffin R, Riise R, Aurelius J, et al. Dynamics of Cytotoxic T Cell Subsets During Immunotherapy Predicts Outcome in Acute Myeloid Leukemia. *Oncotarget* (2016) 7:7586–96. doi: 10.18632/oncotarget.7210
7. Wang M, Zhang C, Tian T, Zhang T, Wang R, Han F, et al. Increased Regulatory T Cells in Peripheral Blood of Acute Myeloid Leukemia Patients Rely on Tumor Necrosis Factor (TNF)-α-TNF Receptor-2 Pathway. *Front Immunol* (2018) 9:1274. doi: 10.3389/fimmu.2018.01274
8. Godfrey DI, Le Nours J, Andrews DM, Uldrich AP, Rossjohn J. Unconventional T Cell Targets for Cancer Immunotherapy. *Immunity* (2018) 48:453–73. doi: 10.1016/j.immuni.2018.03.009
9. Godfrey DI, Uldrich AP, Mccluskey J, Rossjohn J, Moody DB. The Burgeoning Family of Unconventional T Cells. *Nat Immunol* (2015) 16:1114–23. doi: 10.1038/ni.3298
10. Lepore M, Mori L, De Libero G. The Conventional Nature of Non-MHC-Restricted T Cells. *Front Immunol* (2018) 9:1365. doi: 10.3389/fimmu.2018.01365
11. Davey MS, Willcox CR, Baker AT, Hunter S, Willcox BE. Recasting Human Vδ1 Lymphocytes in an Adaptive Role. *Trends Immunol* (2018) 39:446–59. doi: 10.1016/j.it.2018.03.003
12. La Gruta NL, Gras S, Daley SR, Thomas PG, Rossjohn J. Understanding the Drivers of MHC Restriction of T Cell Receptors. *Nat Rev Immunol* (2018) 18:467–78. doi: 10.1038/s41577-018-0007-5
13. Melandri D, Zlatareva I, Chaleil RAG, Dart RJ, Chancellor A, Nussbaumer O, et al. The γδtcr Combines Innate Immunity With Adaptive Immunity by Utilizing Spatially Distinct Regions for Agonist Selection and Antigen Responsiveness. *Nat Immunol* (2018) 19:1352–65. doi: 10.1038/s41590-018-0253-5
14. Sebestyen Z, Prinz I, Déchanet-Merville J, Silva-Santos B, Kuball J. Translating Gammadelta (γδ) T Cells and Their Receptors Into Cancer Cell Therapies. *Nat Rev Drug Discovery* (2020) 19:169–84. doi: 10.1038/s41573-019-0038-z
15. Willcox CR, Davey MS, Willcox BE. Development and Selection of the Human Vγ9vδ2+ T-Cell Repertoire. *Front Immunol* (2018) 9:1501. doi: 10.3389/fimmu.2018.01501
16. Davey MS, Willcox CR, Hunter S, Kasatskaya SA, Remmerswaal EBM, Salim M, et al. The Human Vδ2+ T-Cell Compartment Comprises Distinct Innate-Like Vγ9+ and Adaptive Vγ9- Subsets. *Nat Commun* (2018) 9:1–14. doi: 10.1038/s41467-018-04076-0
17. Bosch F, Dalla-Favera R. Chronic Lymphocytic Leukaemia: From Genetics to Treatment. *Nat Rev Clin Oncol* (2019) 16:684–701. doi: 10.1038/s41571-019-0239-8
18. Richard-Carpentier G, Kantarjian H, Jabbour E. Recent Advances in Adult Acute Lymphoblastic Leukemia. *Curr Hematol Malig Rep* (2019) 14:106–18. doi: 10.1007/s11899-019-00503-1
19. Vetrie D, Helgason GV, Copland M. The Leukaemia Stem Cell: Similarities, Differences and Clinical Prospects in CML and AML. *Nat Rev Cancer* (2020) 20:158–73. doi: 10.1038/s41568-019-0230-9
20. Iacobucci I, Mullighan CG. Genetic Basis of Acute Lymphoblastic Leukemia. *J Clin Oncol* (2017) 35:975–83. doi: 10.1200/JCO.2016.70.7836
21. Greaves M. A Causal Mechanism for Childhood Acute Lymphoblastic Leukaemia. *Nat Rev Cancer* (2018) 18:471–84. doi: 10.1038/s41568-018-0015-6
22. Campo E, Swerdlow SH, Harris NL, Pileri S, Stein H, Jaffe ES. The 2008 WHO Classification of Lymphoid Neoplasms and Beyond: Evolving Concepts and Practical Applications. *Blood* (2011) 117:5019–32. doi: 10.1182/blood-2011-01-293050
23. Swerdlow SH, Campo E, Pileri SA, Lee Harris N, Stein H, Siebert R, et al. The 2016 Revision of the World Health Organization Classification of Lymphoid Neoplasms. *Blood* (2016) 127:2375–90. doi: 10.1182/blood-2016-01-643569
24. Zhao Y, Niu C, Cui J. Gamma-Delta (γδ) T Cells: Friend or Foe in Cancer Development. *J Transl Med* (2018) 16:1–13. doi: 10.1186/s12967-017-1378-2
25. Silva-Santos B, Mensurado S, Coffelt SB. γδ T Cells: Pleiotropic Immune Effectors With Therapeutic Potential in Cancer. *Nat Rev Cancer* (2019) 19:392–404. doi: 10.1038/s41568-019-0153-5
26. Curran EK, Godfrey J, Kline J. Mechanisms of Immune Tolerance in Leukemia and Lymphoma. *Trends Immunol* (2017) 38:513–25. doi: 10.1016/j.it.2017.04.004
27. Aswald JM, Wang XH, Aswald S, Lutynski A, Minden MD, Messner HA, et al. Flow Cytometric Assessment of Autologous γδ T Cells in Patients With Acute Myeloid Leukemia: Potential Effector Cells for Immunotherapy? *Cytom Part B - Clin Cytom* (2006) 70:379–90. doi: 10.1002/cyto.b.20115
28. Simões C, Silva I, Carvalho A, Silva S, Santos S, Marques G, et al. Quantification and Phenotypic Characterization of Peripheral Blood Vδ1 + T Cells in Chronic Lymphocytic Leukemia and Monoclonal B Cell Lymphocytosis. *Cytom Part B - Clin Cytom* (2019) 96:164–8. doi: 10.1002/cyto.b.21645
29. Poggi A, Venturino C, Catellani S, Clavio M, Miglino M, Gobbi M, et al. Vδ1 T Lymphocytes From B-CLL Patients Recognize ULBP3 Expressed on Leukemic B Cells and Up-Regulated by Trans-Retinoic Acid. *Cancer Res* (2004) 64:9172–9. doi: 10.1158/0008-5472.CAN-04-2417
30. Siegers GM, Dhamko H, Wang XH, Mathieson AM, Kosaka Y, Felizardo TC, et al. Human Vδ1 γδ T Cells Expanded From Peripheral Blood Exhibit Specific Cytotoxicity Against B-Cell Chronic Lymphocytic Leukemia-Derived Cells. *Cytotherapy* (2011) 13:753–64. doi: 10.3109/14653249.2011.553595
31. Almeida AR, Correia DV, Fernandes-Platzgummer A, Da Silva CL, Da Silva MG, Anjos DR, et al. Delta One T Cells for Immunotherapy of Chronic Lymphocytic Leukemia: Clinical-Grade Expansion/Differentiation and Preclinical Proof of Concept. *Clin Cancer Res* (2016) 22:5795–804. doi: 10.1158/1078-0432.CCR-16-0597
32. Muro R, Takayanagi H, Nitta T. T Cell Receptor Signaling for γδt Cell Development. *Inflammation Regener* (2019) 39:1–11. doi: 10.1186/s41232-019-0095-z
33. Pellicci DG, Koay HF, Berzins SP. Thymic Development of Unconventional T Cells: How NKT Cells, MAIT Cells and γδ T Cells Emerge. *Nat Rev Immunol* (2020) 20:756–70. doi: 10.1038/s41577-020-0345-y
34. Muñoz-Ruiz M, Sumaria N, Pennington DJ, Silva-Santos B. Thymic Determinants of γδ T Cell Differentiation. *Trends Immunol* (2017) 38:336–44. doi: 10.1016/j.it.2017.01.007

35. Saito H, Kranz DM, Takagaki Y, Hayday AC, Eisen HN, Tonegawa S, et al. and Expressed Gene in a Clone of Cytotoxic T Lymphocytes. *Nature* (1984) 312:36–40. doi: 10.1038/312036a0
36. Brenner MB, McLean J, Dialynas DP, Strominger JL, Smith JA, Owen FL, et al. Identification of a Putative Second T-Cell Receptor. *Nature* (1986) 322:145–9. doi: 10.1038/322145a0
37. Bank I, Depinho RA, Brenner MB, Cassimeris J, Alt FW, Chess L. A Functional T3 Molecule Associated With a Novel Heterodimer on the Surface of Immature Human Thymocytes. *Nature* (1986) 322:179–81. doi: 10.1038/322179a0
38. Borst J, Van De Griend RJ, Van Oostveen JW, Ang SL, Melief CJ, Seidman JG. Bolhuis RLH. A T-Cell Receptor γ/CD3 Complex Found on Cloned Functional Lymphocytes. *Nature* (1987) 325:683–8. doi: 10.1038/325683a0
39. Di Lorenzo B, Ravens S, Silva-Santos B. High-Throughput Analysis of the Human Thymic Vδ1+ T Cell Receptor Repertoire. *Sci Data* (2019) 6:115. doi: 10.1038/s41597-019-0118-2
40. Ribot JC, Lopes N, Silva-Santos B. γδ T Cells in Tissue Physiology and Surveillance. *Nat Rev Immunol* (2020) 21:1–12. doi: 10.1038/s41577-020-00452-4
41. Parker ME, Ciofani M. Regulation of γδ T Cell Effector Diversification in the Thymus. *Front Immunol* (2020) 11:42. doi: 10.3389/fimmu.2020.00042
42. LeFranc MP, Forster A, Baer R, Stinson MA, Rabbitts TH. Diversity and Rearrangement of the Human T Cell Rearranging γ Genes: Nine Germ-Line Variable Genes Belonging to Two Subgroups. *Cell* (1986) 45:237–46. doi: 10.1016/0092-8674(86)90388-0
43. Willcox CR, Pitard V, Netzer S, Couzi L, Salim M, Silberzahn T, et al. Cytomegalovirus and Tumor Stress Surveillance by Binding of a Human γδ T Cell Antigen Receptor to Endothelial Protein C Receptor. *Nat Immunol* (2012) 13:872–9. doi: 10.1038/ni.2394
44. Petrasca A, Melo AM, Breen EP, Doherty DG. Human Vδ3 + γδ T Cells Induce Maturation and IgM Secretion by B Cells. *Immunol Lett* (2018) 196:126–34. doi: 10.1016/j.imlet.2018.02.002
45. Vyborova A, Beringer DX, Fasci D, Karaiskaki F, van Diest E, Kramer L, et al. γ9δ2t Cell Diversity and the Receptor Interface With Tumor Cells. *J Clin Invest* (2020) 130:4637–51. doi: 10.1172/JCI132489
46. Kenna T, Golden-Mason L, Norris S, Hegarty JE, O'Farrelly C, Doherty DG. Distinct Subpopulations of γδ T Cells Are Present in Normal and Tumor-Bearing Human Liver. *Clin Immunol* (2004) 113:56–63. doi: 10.1016/j.clim.2004.05.003
47. Kashani E, Föhse L, Raha S, Sandrock I, Oberdörfer L, Koenecke C, et al. A Clonotypic Vγ4jγ1/Vδ5dδ2jδ1 Innate γδ T-Cell Population Restricted to the CCR6+CD27- Subset. *Nat Commun* (2015) 6:1–11. doi: 10.1038/ncomms7477
48. Alejenef A, Pachnio A, Halawi M, Christmas SE, Moss PAH, Khan N. Cytomegalovirus Drives Vδ2neg γδ T Cell Inflation in Many Healthy Virus Carriers With Increasing Age. *Clin Exp Immunol* (2014) 176:418–28. doi: 10.1111/cei.12297
49. Marlin R, Pappalardo A, Kaminski H, Willcox CR, Pitard V, Netzer S, et al. Sensing of Cell Stress by Human γδ TCR-Dependent Recognition of Annexin A2. *Proc Natl Acad Sci USA* (2017) 114:3163–8. doi: 10.1073/pnas.1621052114
50. Kabelitz D, Hinz T, Dobmeyer T, Mentzel U, Marx S, Böhme A, et al. Clonal Expansion of Vγ3/Vδ3-Expressing γδ T Cells in a HIV-1/2-Negative Patient With CD4 T-Cell Deficiency. *Br J Haematol* (1997) 96:266–71. doi: 10.1046/j.1365-2141.1997.d01-2027.x
51. Kozbor D, Trinchieri G, Monos DS, Isobe M, Russo G, Haney JA, et al. Human TCR-γ+/δ+, CD8+ T Lymphocytes Recognize Tetanus Toxoid in an MHC-Restricted Fashion. *J Exp Med* (1989) 169:1847–51. doi: 10.1084/jem.169.5.1847
52. Parker CM, Groh V, Band H, Porcelli SA, Morita C, Fabbi M, et al. Evidence for Extrathymic Changes in the T Cell Receptor γ/δ Repertoire. *J Exp Med* (1990) 171:1597–612. doi: 10.1084/jem.171.5.1597
53. Khairallah C, Chu TH, Sheridan BS. Tissue Adaptations of Memory and Tissue-Resident Gamma Delta T Cells. *Front Immunol* (2018) 9:2636. doi: 10.3389/fimmu.2018.02636
54. Mayassi T, Jabri B. Human Intraepithelial Lymphocytes. *Mucosal Immunol* (2018) 11:1281–9. doi: 10.1038/s41385-018-0016-5
55. Hinz T, Wesch D, Halary F, Marx S, Choudhary A, Arden B, et al. Identification of the Complete Expressed Human TCR V(γ) Repertoire by Flow Cytometry. *Int Immunol* (1997) 9:1065–72. doi: 10.1093/intimm/9.8.1065
56. Wesch D, Hinz T, Kabelitz D. Analysis of the TCR V(γ) Repertoire in Healthy Donors and HIV-1-Infected Individuals. *Int Immunol* (1998) 10:1067–75. doi: 10.1093/intimm/10.8.1067
57. Willcox BE, Mohammed F, Willcox CR. γδ TCR Recognition of MR1: Adapting to Life on the Flip Side. *Trends Biochem Sci* (2020) 45:551–3. doi: 10.1016/j.tibs.2020.03.012
58. Willcox CR, Mohammed F, Willcox BE. The Distinct MHC-Unrestricted Immunobiology of Innate-Like and Adaptive-Like Human γδ T Cell Subsets—Nature's CAR-T Cells. *Immunol Rev* (2020) 298:25–46. doi: 10.1111/imr.12928
59. Papadopoulou M, Sanchez Sanchez G, Vermijlen D. Innate and Adaptive γδ T Cells: How, When, and Why. *Immunol Rev* (2020) 298:99–116. doi: 10.1111/imr.12926
60. Mangan BA, Dunne MR, O'Reilly VP, Dunne PJ, Exley MA, O'Shea D, et al. Cutting Edge: CD1d Restriction and Th1/Th2/Th17 Cytokine Secretion by Human Vδ3 T Cells. *J Immunol* (2013) 191:30–4. doi: 10.4049/jimmunol.1300121
61. Wang L, Xu M, Wang C, Zhu L, Hu J, Chen S, et al. The Feature of Distribution and Clonality of Tcr γ/δ Subfamilies T Cells in Patients With B-Cell Non-Hodgkin Lymphoma. *J Immunol Res* (2014) 2014:1–6. doi: 10.1155/2014/241246
62. Christopoulos P, Bukatz D, Kock S, Malkovsky M, Finke J, Fisch P. Improved Analysis of Tcrγδ Variable Region Expression in Humans. *J Immunol Methods* (2016) 434:66–72. doi: 10.1016/j.jim.2016.04.009
63. Zheng H, Wang X, Ma Y, Xu B, Chen S, Yang L, et al. The TCR γδ Repertoire and Relative Gene Expression Characteristics of T-ALL Cases With Biclonal Malignant Vδ1 and Vδ2 T Cells. *DNA Cell Biol* (2014) 33:49–56. doi: 10.1089/dna.2013.2199
64. Porcelli S, Brenner MB, Greenstein JL, Balk SP, Terhorst C, Bleicher PA. Recognition of Cluster of Differentiation 1 Antigens by Human CD4-CD8-Cytolytic T Lymphocyte. *Nature* (1989) 341:447–50. doi: 10.1038/341447a0
65. Le Nours J, Gherardin NA, Ramarathinam SH, Awad W, Wiede F, Gully BS, et al. A Class of Gd T Cell Receptors Recognize the Underside of the Antigen-Presenting Molecule MR1. *Science (80-)* (2019) 366:1522–7. doi: 10.1126/science.aav3900
66. Correia DV, Fogli M, Hudspeth K, Gomes Da Silva M, Mavilio D, Silva-Santos B. Differentiation of Human Peripheral Blood Vδ1+ T Cells Expressing the Natural Cytotoxicity Receptor NKp30 for Recognition of Lymphoid Leukemia Cells. *Blood* (2011) 118:992–1001. doi: 10.1182/blood-2011-02-339135
67. Barrow AD, Martin CJ, Colonna M. The Natural Cytotoxicity Receptors in Health and Disease. *Front Immunol* (2019) 10:909. doi: 10.3389/fimmu.2019.00909
68. Mikulak J, Oriolo F, Bruni E, Roberto A, Colombo FS, Villa A, et al. NKp46-Expressing Human Gut-Resident Intraepithelial Vδ1 T Cell Subpopulation Exhibits High Antitumor Activity Against Colorectal Cancer. *JCI Insight* (2019) 4:17. doi: 10.1172/jci.insight.125884
69. Lakshmikanth T, Burke S, Ali TH, Kimpfler S, Ursini F, Ruggeri L, et al. NCRs and DNAM-1 Mediate NK Cell Recognition and Lysis of Human and Mouse Melanoma Cell Lines *In Vitro* and *In Vivo*. *J Clin Invest* (2009) 119:1251–63. doi: 10.1172/JCI36022
70. Glasner A, Ghadially H, Gur C, Stanietsky N, Tsukerman P, Enk J, et al. Recognition and Prevention of Tumor Metastasis by the NK Receptor Nkp46/NCR1. *J Immunol* (2012) 188:2509–15. doi: 10.4049/jimmunol.1102461
71. Rincon-Orozco B, Kunzmann V, Wrobel P, Kabelitz D, Steinle A, Herrmann T. Activation of Vγ9vδ2 T Cells by NKG2D. *J Immunol* (2005) 175:2144–51. doi: 10.4049/jimmunol.175.4.2144
72. Rigau M, Ostrouska S, Fulford TS, Johnson DN, Woods K, Ruan Z, et al. Butyrophilin 2A1 Is Essential for Phosphoantigen Reactivity by Gd T Cells. *Science (80-)* (2020) 367(1–23):eaay5516. doi: 10.1126/science.aay5516
73. Karunakaran MM, Willcox CR, Salim M, Paletta D, Fichtner AS, Noll A, et al. Butyrophilin-2a1 Directly Binds Germline-Encoded Regions of the

Vγ9vδ2 TCR and Is Essential for Phosphoantigen Sensing. *Immunity* (2020) 52:487–498.e6. doi: 10.1016/j.immuni.2020.02.014

74. Gertner-Dardenne J, Castellano R, Mamessier E, Garbit S, Kochbati E, Etienne A, et al. Human Vγ9vδ2 T Cells Specifically Recognize and Kill Acute Myeloid Leukemic Blasts. *J Immunol* (2012) 188:4701–8. doi: 10.4049/jimmunol.1103710
75. Gertner-Dardenne J, Bonnafous C, Bezombes C, Capietto AH, Scaglione V, Ingoure S, et al. Bromohydrin Pyrophosphate Enhances Antibody-Dependent Cell-Mediated Cytotoxicity Induced by Therapeutic Antibodies. *Blood* (2009) 113:4875–84. doi: 10.1182/blood-2008-08-172296
76. Chiarini F, Lonetti A, Evangelisti C, Buontempo F, Orsini E, Evangelisti C, et al. Advances in Understanding the Acute Lymphoblastic Leukemia Bone Marrow Microenvironment: From Biology to Therapeutic Targeting. *Biochim Biophys Acta - Mol Cell Res* (2016) 1863:449–63. doi: 10.1016/j.bbamcr.2015.08.015
77. Rovatti PE, Gambacorta V, Lorentino F, Ciceri F, Vago L. Mechanisms of Leukemia Immune Evasion and Their Role in Relapse After Haploidentical Hematopoietic Cell Transplantation. *Front Immunol* (2020) 11:147. doi: 10.3389/fimmu.2020.00147
78. Herndon TM, Chen SS, Saba NS, Valdez J, Emson C, Gatmaitan M, et al. Direct *In Vivo* Evidence for Increased Proliferation of CLL Cells in Lymph Nodes Compared to Bone Marrow and Peripheral Blood. *Leukemia* (2017) 31:1340–7. doi: 10.1038/leu.2017.11
79. Hanahan D, Weinberg RA. Hallmarks of Cancer: The Next Generation. *Cell* (2011) 144:646–74. doi: 10.1016/j.cell.2011.02.013
80. Zhao Y, Shao Q, Peng G. Exhaustion and Senescence: Two Crucial Dysfunctional States of T Cells in the Tumor Microenvironment. *Cell Mol Immunol* (2020) 17:27–35. doi: 10.1038/s41423-019-0344-8
81. Rotte A, Bhandaru M, Rotte A, Bhandaru M. *Mechanisms of Immune Evasion by Cancer*. In: *Immunotherapy of Melanoma*. Springer, Cham. (2016). doi: 10.1007/978-3-319-48066-4_8
82. Duarte D, Hawkins ED, Lo Celso C. The Interplay of Leukemia Cells and the Bone Marrow Microenvironment. *Blood* (2018) 131:1507–11. doi: 10.1182/blood-2017-12-784132
83. Zhang L, Gajewski TF, Kline J. PD-1/PD-L1 Interactions Inhibit Antitumor Immune Responses in a Murine Acute Myeloid Leukemia Model. *Blood* (2009) 114:1545–52. doi: 10.1182/blood-2009-03-206672
84. Yang H, Bueso-Ramos C, Dinardo C, Estecio MR, Davanlou M, Geng QR, et al. Expression of PD-L1, PD-L2, PD-1 and CTLA4 in Myelodysplastic Syndromes is Enhanced by Treatment With Hypomethylating Agents. *Leukemia* (2014) 28:1280–8. doi: 10.1038/leu.2013.355
85. Kornblau SM, McCue D, Singh N, Chen W, Estrov Z, Coombes KR. Recurrent Expression Signatures of Cytokines and Chemokines Are Present and Are Independently Prognostic in Acute Myelogenous Leukemia and Myelodysplasia. *Blood* (2010) 116:4251–61. doi: 10.1182/blood-2010-01-262071
86. Curti A, Aluigi M, Pandolfi S, Ferri E, Isidori A, Salvestrini V, et al. Acute Myeloid Leukemia Cells Constitutively Express the Immunoregulatory Enzyme Indoleamine 2,3-Dioxygenase [3]. *Leukemia* (2007) 21:353–5. doi: 10.1038/sj.leu.2404485
87. Corm S, Berthon C, Imbenotte M, Biggio V, Lhermitte M, Dupont C, et al. Indoleamine 2,3-Dioxygenase Activity of Acute Myeloid Leukemia Cells Can be Measured From Patients' Sera by HPLC and is Inducible by IFN-γ. *Leuk Res* (2009) 33:490–4. doi: 10.1016/j.leukres.2008.06.014
88. Mussai F, De Santo C, Abu-Dayyeh I, Booth S, Quek L, McEwen-Smith RM, et al. Acute Myeloid Leukemia Creates an Arginase-Dependent Immunosuppressive Microenvironment. *Blood* (2013) 122:749–58. doi: 10.1182/blood-2013-01-480129
89. Fechter K, Dorronsoro A, Jakobsson E, Ferrin I, Lang V, Sepulveda P, et al. Ifnγ Regulates Activated Vδ2+ T Cells Through a Feedback Mechanism Mediated by Mesenchymal Stem Cells. *PloS One* (2017) 12:e0169362. doi: 10.1371/journal.pone.0169362
90. Pérez-García A, Brunet S, Berlanga JJ, Tormo M, Nomdedeu J, Guardia R, et al. CTLA-4 Genotype and Relapse Incidence in Patients With Acute Myeloid Leukemia in First Complete Remission After Induction Chemotherapy. *Leukemia* (2009) 23:486–91. doi: 10.1038/leu.2008.339
91. Zhong RK, Loken M, Lane TA, Ball ED. CTLA-4 Blockade by a Human MAb Enhances the Capacity of AML-Derived DC to Induce T-Cell Responses Against AML Cells in an Autologous Culture System. *Cytotherapy* (2006) 8:3–12. doi: 10.1080/14653240500499507
92. Zhou Q, Munger ME, Highfill SL, Tolar J, Weigel BJ, Riddle M, et al. Program Death-1 Signaling and Regulatory T Cells Collaborate to Resist the Function of Adoptively Transferred Cytotoxic T Lymphocytes in Advanced Acute Myeloid Leukemia. *Blood* (2010) 116:2484–93. doi: 10.1182/blood-2010-03-275446
93. Chen X, Liu S, Wang L, Zhang W, Ji Y, Ma X. Clinical Significance of B7-H1 (PD-L1) Expression in Human Acute Leukemia. *Cancer Biol Ther* (2008) 7:622–7. doi: 10.4161/cbt.7.5.5689
94. Krönig H, Kremmler L, Haller B, Englert C, Peschel C, Andreesen R, et al. Interferon-Induced Programmed Death-Ligand 1 (PD-L1/B7-H1) Expression Increases on Human Acute Myeloid Leukemia Blast Cells During Treatment. *Eur J Haematol* (2014) 92:195–203. doi: 10.1111/ejh.12228
95. Vago L, Perna SK, Zanussi M, Mazzi B, Barlassina C, Stanghellini MTL, et al. Loss of Mismatched HLA in Leukemia After Stem-Cell Transplantation. *N Engl J Med* (2009) 361:478–88. doi: 10.1056/nejmoa0811036
96. Stölzel F, Hackmann K, Kuithan F, Mohr B, Füssel M, Oelschlägel U, et al. Clonal Evolution Including Partial Loss of Human Leukocyte Antigen Genes Favoring Extramedullary Acute Myeloid Leukemia Relapse After Matched Related Allogeneic Hematopoietic Stem Cell Transplantation. *Transplantation* (2012) 93:744–9. doi: 10.1097/TP.0b013e3182481113
97. Masuda K, Hiraki A, Fujii N, Watanabe T, Tanaka M, Matsue K, et al. Loss or Down-Regulation of HLA Class I Expression at the Allelic Level in Freshly Isolated Leukemic Blasts. *Cancer Sci* (2007) 98:102–8. doi: 10.1111/j.1349-7006.2006.00356.x
98. Berrien-Elliott MM, Jackson SR, Meyer JM, Rouskey CJ, Nguyen TLM, Yagita H, et al. Durable Adoptive Immunotherapy for Leukemia Produced by Manipulation of Multiple Regulatory Pathways of CD8+ T-Cell Tolerance. *Cancer Res* (2013) 73:605–16. doi: 10.1158/0008-5472.CAN-12-2179
99. Moqattash S, Lutton JD. Leukemia Cells and the Cytokine Network. *Proc Soc Exp Biol Med* (1998) 219:8–27. doi: 10.3181/00379727-219-44311
100. Chen H, He W. Human Regulatory γδt Cells and Their Functional Plasticity in the Tumor Microenvironment. *Cell Mol Immunol* (2018) 15:411–3. doi: 10.1038/cmi.2017.73
101. Presti EL, Pizzolato G, Corsale AM, Caccamo N, Sireci G, Dieli F, et al. γδ T Cells and Tumor Microenvironment: From Immunosurveillance to Tumor Evasion. *Front Immunol* (2018) 9:1395. doi: 10.3389/fimmu.2018.01395
102. Lo Presti E, Di Mitri R, Pizzolato G, Mocciaro F, Dieli F, Meraviglia S. γδ Cells and Tumor Microenvironment: A Helpful or a Dangerous Liason? *J Leukoc Biol* (2018) 103:485–92. doi: 10.1002/JLB.5MR0717-275RR
103. Peters C, Häsler R, Wesch D, Kabelitz D. Human Vδ2 T Cells are a Major Source of Interleukin-9. *Proc Natl Acad Sci USA* (2016) 113:12520–5. doi: 10.1073/pnas.1607136113
104. Presti EL, Pizzolato G, Gulotta E, Cocorullo G, Gulotta G, Dieli F, et al. Current Advances in γδ T Cell-Based Tumor Immunotherapy. *Front Immunol* (2017) 8:1401. doi: 10.3389/fimmu.2017.01401
105. Angkasekwinai P, Dong C. IL-9-Producing T Cells: Potential Players in Allergy and Cancer. *Nat Rev Immunol* (2021) 21:37–48. doi: 10.1038/s41577-020-0396-0
106. Fleming C, Morrissey S, Cai Y, Yan J. γδ T Cells: Unexpected Regulators of Cancer Development and Progression. *Trends Cancer* (2017) 3:561–70. doi: 10.1016/j.trecan.2017.06.003
107. Raverdeau M, Cunningham SP, Harmon C, Lynch L. γδ T Cells in Cancer: A Small Population of Lymphocytes With Big Implications. *Clin Transl Immunol* (2019) 8(1–15):e1080. doi: 10.1002/cti2.1080
108. Li C, Donninger H, Eaton J, Yaddanapudi K. Regulatory Role of Immune Cell-Derived Extracellular Vesicles in Cancer: The Message Is in the Envelope. *Front Immunol* (2020) 11:1525. doi: 10.3389/fimmu.2020.01525
109. Wan J, Wu Y, Ji X, Huang L, Cai W, Su Z, et al. IL-9 and IL-9-Producing Cells in Tumor Immunity. *Cell Commun Signal* (2020) 18:50. doi: 10.1186/s12964-020-00538-5
110. Hayday AC, Vantourout P. The Innate Biologies of Adaptive Antigen Receptors. *Annu Rev Immunol* (2020) 38:487–510. doi: 10.1146/annurev-immunol-102819-023144
111. Lança T, Costa MF, Gonçalves-Sousa N, Rei M, Grosso AR, Penido C, et al. Protective Role of the Inflammatory CCR2/CCL2 Chemokine Pathway

Through Recruitment of Type 1 Cytotoxic γδ T Lymphocytes to Tumor Beds. *J Immunol* (2013) 190:6673–80. doi: 10.4049/jimmunol.1300434
112. Ye J, Ma C, Wang F, Hsueh EC, Toth K, Huang Y, et al. Specific Recruitment of γδ Regulatory T Cells in Human Breast Cancer. *Cancer Res* (2013) 73:6137–48. doi: 10.1158/0008-5472.CAN-13-0348
113. Glatzel A, Wesch D, Schiemann F, Brandt E, Janssen O, Kabelitz D. Patterns of Chemokine Receptor Expression on Peripheral Blood γδ T Lymphocytes: Strong Expression of CCR5 Is a Selective Feature of Vδ2/Vγ9 γδ T Cells. *J Immunol* (2002) 168:4920–9. doi: 10.4049/jimmunol.168.10.4920
114. Zhou J, Kang N, Cui L, Ba D, He W. Anti-γδ TCR Antibody-Expanded γδ T Cells: A Better Choice for the Adoptive Immunotherapy of Lymphoid Malignancies. *Cell Mol Immunol* (2012) 9:34–44. doi: 10.1038/cmi.2011.16
115. Nicol AJ, Tokuyama H, Mattarollo SR, Hagi T, Suzuki K, Yokokawa K, et al. Clinical Evaluation of Autologous Gamma Delta T Cell-Based Immunotherapy for Metastatic Solid Tumours. *Br J Cancer* (2011) 105:778–86. doi: 10.1038/bjc.2011.293
116. Devaud C, Bilhere E, Loizon S, Pitard V, Behr C, Moreau JF, et al. Antitumor Activity of γδ T Cells Reactive Against Cytomegalovirus- Infected Cells in a Mouse Xenograft Tumor Model. *Cancer Res* (2009) 69:3971–8. doi: 10.1158/0008-5472.CAN-08-3037
117. Geherin SA, Wilson RP, Jennrich S, Debes GF. CXCR4 is Dispensable for T Cell Egress From Chronically Inflamed Skin *via* the Afferent Lymph. *PloS One* (2014) 9:95626. doi: 10.1371/journal.pone.0095626
118. Poggi A, Carosio R, Fenoglio D, Brenci S, Murdaca G, Setti M, et al. Migration of Vδ1 and Vδ2 T Cells in Response to CXCR3 and CXCR4 Ligands in Healthy Donors and HIV-1-Infected Patients: Competition by HIV-1 Tat. *Blood* (2004) 103:2205–13. doi: 10.1182/blood-2003-08-2928
119. Poggi A, Zancolli M, Catellani S, Borsellino G, Battistini L, Zocchi MR. Migratory Pathways of γδ T Cells and Response to CXCR3 and CXCR4 Ligands: Adhesion Molecules Involved and Implications for Multiple Sclerosis Pathogenesis. In: *Annals of the New York Academy of Sciences*. (2007) Blackwell Publishing Inc. p. 68–78. doi: 10.1196/annals.1381.008
120. Mingari MC, Varese P, Bottino C, Melioli G, Moretta A, Moretta L. Clonal Analysis of CD4 CD8- Human Thymocytes Expressing a T Cell Receptor γ/δ Chain. Direct Evidence for the *De Novo* Expression of CD8 Surface Antigen and of Cytolytic Activity Against Tumor Targets*. *Eur J Immunol* (1988) 18:1831–4. doi: 10.1002/eji.1830181127
121. Rivas A, Koide J, Cleary ML, Engleman EG. Evidence for Involvement of the γ,δ T Cell Antigen Receptor in Cytotoxicity Mediated by Human Alloantigen-Specific T Cell Clones *J Immunol* (1989) 142:1840–6.
122. Bensussan A, Lagabrielle JF, Castaigne S, Boisson N, Miclea JM, Benbunan M, et al. Human CD3 γδ + Activated Lymphocytes Exhibit Killer Activity *In Vitro* Against Autologous Leukemic Cells *Nouv Rev Fr Hematol* (1989) 31:129–32.
123. Duval M, Yotnda P, Bensussan A, Oudhiri N, Guidal C, Rohrlich P, et al. Potential Antileukemic Effect of γδ T Cells in Acute Lymphoblastic Leukemia. *Leukemia* (1995) 9:863–8.
124. Tosolini M, Pont F, Poupot M, Vergez F, Nicolau-Travers ML, Vermijlen D, et al. Assessment of Tumor-Infiltrating Tcrvγ9vδ2 γδ Lymphocyte Abundance by Deconvolution of Human Cancers Microarrays. *Oncoimmunology* (2017) 6(1–10):e1284723. doi: 10.1080/2162402X.2017.1284723
125. Coscia M, Vitale C, Peola S, Foglietta M, Rigoni M, Griggio V, et al. Dysfunctional Vγ9vδ2 T Cells are Negative Prognosticators and Markers of Dysregulated Mevalonate Pathway Activity in Chronic Lymphocytic Leukemia Cells. *Blood* (2012) 120:3271–9. doi: 10.1182/blood-2012-03-417519
126. Hilpert J, Zeiser M, Kanz L, Baessler T, Steinle A, Salih HR. NKG2D and Its Ligands In Leukemia: Comprehensive Analysis of Expression, Release and Modulation of NK Cell Reactivity. *Blood* (2010) 116:1686–6. doi: 10.1182/blood.v116.21.1686.1686
127. Salih HR, Antropius H, Gieseke F, Lutz SZ, Kanz L, Rammensee HG, et al. Functional Expression and Release of Ligands for the Activating Immunoreceptor NKG2D in Leukemia. *Blood* (2003) 102:1389–96. doi: 10.1182/blood-2003-01-0019
128. Paczulla AM, Rothfelder K, Raffel S, Konantz M, Steinbacher J, Wang H, et al. Absence of NKG2D Ligands Defines Human Acute Myeloid Leukaemia Stem Cells and Mediates Their Immune Evasion. *Blood* (2018) 132:769–9. doi: 10.1182/blood-2018-99-118047
129. Paczulla AM, Rothfelder K, Raffel S, Konantz M, Steinbacher J, Wang H, et al. Absence of NKG2D Ligands Defines Leukaemia Stem Cells and Mediates Their Immune Evasion. *Nature* (2019) 572:254–9. doi: 10.1038/s41586-019-1410-1
130. Lança T, Correia DV, Moita CF, Raquel H, Neves-Costa A, Ferreira C, et al. The MHC Class Ib Protein ULBP1 is a Nonredundant Determinant of Leukemia/Lymphoma Susceptibility to γδ T-Cell Cytotoxicity. *Blood* (2010) 115:2407–11. doi: 10.1182/blood-2009-08-237123
131. Gomes AQ, Correia DV, Grosso AR, Lança T, Ferreira C, Lacerda JF, et al. Identification of a Panel of Ten Cell Surface Protein Antigens Associated With Immunotargeting of Leukemias and Lymphomas by Peripheral Blood γδ T Cells. *Haematologica* (2010) 95:1397–404. doi: 10.3324/haematol.2009.020602
132. Gundermann S, Klinker E, Kimmel B, Flierl U, Wilhelm M, Einsele H, et al. A Comprehensive Analysis of Primary Acute Myeloid Leukemia Identifies Biomarkers Predicting Susceptibility to Human Allogeneic Vγ9vδ2 T Cells. *J Immunother* (2014) 37:321–30. doi: 10.1097/CJI.0000000000000043
133. Peipp M, Wesch D, Oberg HH, Lutz S, Muskulus A, Van De Winkel JGJ, et al. CD20-Specific Immunoligands Engaging NKG2D Enhance γδ T Cell-Mediated Lysis of Lymphoma Cells. *Scand J Immunol* (2017) 86:196–206. doi: 10.1111/sji.12581
134. Zöller T, Wittenbrink M, Hoffmeister M, Steinle A. Cutting an NKG2D Ligand Short: Cellular Processing of the Peculiar Human NKG2D Ligand Ulbp4. *Front Immunol* (2018) 9:620. doi: 10.3389/fimmu.2018.00620
135. Han B, Zhao Y, Lin Y, Fu S, Limengmeng W, Mingming Z, et al. Hydroxychloroquine Sensitizes Chronic Myeloid Leukemia Cells to Vγ9vδ2 T Cell-Mediated Lysis Independent of Autophagy. *Int J Oncol* (2017) 50:1810–20. doi: 10.3892/ijo.2017.3934
136. Benyamine A, Le Roy A, Mamessier E, Gertner-Dardenne J, Castanier C, Orlanducci F, et al. BTN3A Molecules Considerably Improve Vγ9vδ2T Cells-Based Immunotherapy in Acute Myeloid Leukemia. *Oncoimmunology* (2016) 5(1–10):e1146843. doi: 10.1080/2162402X.2016.1146843
137. Sandstrom A, Peigné CM, Léger A, Crooks JE, Konczak F, Gesnel MC, et al. The Intracellular B30.2 Domain of Butyrophilin 3A1 Binds Phosphoantigens to Mediate Activation of Human Vγ9vδ2t Cells. *Immunity* (2014) 40:490–500. doi: 10.1016/j.immuni.2014.03.003
138. Rhodes DA, Chen H-C, Price AJ, Keeble AH, Davey MS, James LC, et al. Activation of Human γδ T Cells by Cytosolic Interactions of BTN3A1 With Soluble Phosphoantigens and the Cytoskeletal Adaptor Periplakin. *J Immunol* (2015) 194:2390–8. doi: 10.4049/jimmunol.1401064
139. Sebestyen Z, Scheper W, Vyborova A, Gu S, Rychnavska Z, Schiffler M, et al. RhoB Mediates Phosphoantigen Recognition by Vγ9vδ2 T Cell Receptor. *Cell Rep* (2016) 15:1973–85. doi: 10.1016/j.celrep.2016.04.081
140. Agea E, Russano A, Bistoni O, Mannucci R, Nicoletti I, Corazzi L, et al. Human CD1-Restricted T Cell Recognition of Lipids From Pollens. *J Exp Med* (2005) 202:295–308. doi: 10.1084/jem.20050773
141. Russano AM, Bassotti G, Agea E, Bistoni O, Mazzocchi A, Morelli A, et al. CD1-Restricted Recognition of Exogenous and Self-Lipid Antigens by Duodenal γδ + T Lymphocytes. *J Immunol* (2007) 178:3620–6. doi: 10.4049/jimmunol.178.6.3620
142. Luoma AM, Castro CD, Mayassi T, Bembinster LA, Bai L, Picard D, et al. Crystal Structure of Vδ1t Cell Receptor in Complex With CD1d-Sulfatide Shows MHC-Like Recognition of a Self-Lipid by Human γδ T Cells. *Immunity* (2013) 39:1032–42. doi: 10.1016/j.immuni.2013.11.001
143. Bai L, Picard D, Anderson B, Chaudhary V, Luoma A, Jabri B, et al. The Majority of CD1d-Sulfatide-Specific T Cells in Human Blood Use a Semiinvariant Vδ1 TCR. *Eur J Immunol* (2012) 42:2505–10. doi: 10.1002/eji.201242531
144. Lepore M, de Lalla C, Gundimeda R, Gsellinger H, Consonni M, Garavaglia C, et al. A Novel Self-Lipid Antigen Targets Human T Cells Against CD1c+ Leukemias. *J Exp Med* (2014) 211:1363–77. doi: 10.1084/jem.20140410
145. Luoma AM, Castro CD, Adams EJ. γδ T Cell Surveillance *via* CD1 molecules. *Trends Immunol* (2014) 35:613–21. doi: 10.1016/j.it.2014.09.003
146. Reijneveld JF, Ocampo TA, Shahine A, Gully BS, Vantourout P, Hayday AC, et al. Human γδ T Cells Recognize CD1b by Two Distinct Mechanisms. *Proc Natl Acad Sci USA* (2020) 117:22944–52. doi: 10.1073/pnas.2010545117

147. Spada FM, Grant EP, Peters PJ, Sugita M, Melián A, Leslie DS, et al. Self-Recognition of CD1 by γ/δ T Cells: Implications for Innate Immunity. *J Exp Med* (2000) 191:937–48. doi: 10.1084/jem.191.6.937
148. Uldrich AP, Le Nours J, Pellicci DG, Gherardin NA, Mcpherson KG, Lim RT, et al. CD1d-Lipid Antigen Recognition by the γδ TCR. *Nat Immunol* (2013) 14:1137–45. doi: 10.1038/ni.2713
149. Bojarska-Junak A, Hus I, Chocholska S, Tomczak W, Woś J, Czubak P, et al. CD1d Expression is Higher in Chronic Lymphocytic Leukemia Patients With Unfavorable Prognosis. *Leuk Res* (2014) 38:435–42. doi: 10.1016/j.leukres.2013.12.015
150. Anastasiadis A, Kotsianidis I, Papadopoulos V, Spanoudakis E, Margaritis D, Christoforidou A, et al. CD1d Expression as a Prognostic Marker for Chronic Lymphocytic Leukemia. *Leuk Lymphoma* (2014) 55:320–5. doi: 10.3109/10428194.2013.803222
151. Kotsianidis I, Nakou E, Spanoudakis E, Bouchliou I, Moustakidis E, Miltiades P, et al. The Diagnostic Value of CD1d Expression in a Large Cohort of Patients With B-Cell Chronic Lymphoproliferative Disorders. *Am J Clin Pathol* (2011) 136:400–8. doi: 10.1309/AJCP2F2DOXOTXHZA
152. Guo W, Dong A, Xing C, Lin X, Pan X, Lin Y, et al. CD1d Levels in Peripheral Blood of Patients With Acute Myeloid Leukemia and Acute Lymphoblastic Leukemia. *Oncol Lett* (2014) 8:825–30. doi: 10.3892/ol.2014.2208
153. Bartkowiak J, Kulczycka-Wojdala D, Blonski JZ, Robak T. Molecular Diversity of γδ T Cells in Peripheral Blood From Patients With B-Cell Chronic Lymphocytic Leukaemia. *Neoplasma* (2002) 49:86–90.
154. Kjer-Nielsen L, Patel O, Corbett AJ, Le Nours J, Meehan B, Liu L, et al. MR1 Presents Microbial Vitamin B Metabolites to MAIT Cells. *Nature* (2012) 491:717–23. doi: 10.1038/nature11605
155. Corbett AJ, Eckle SBG, Birkinshaw RW, Liu L, Patel O, Mahony J, et al. T-Cell Activation by Transitory Neo-Antigens Derived From Distinct Microbial Pathways. *Nature* (2014) 509:361–5. doi: 10.1038/nature13160
156. Crowther MD, Dolton G, Legut M, Caillaud ME, Lloyd A, Attaf M, et al. Genome-Wide CRISPR–Cas9 Screening Reveals Ubiquitous T Cell Cancer Targeting *via* the Monomorphic MHC Class I-Related Protein MR1. *Nat Immunol* (2020) 21:178–85. doi: 10.1038/s41590-019-0578-8
157. Lepore M, Kalinichenko A, Calogero S, Kumar P, Paleja B, Schmaler M, et al. Functionally Diverse Human T Cells Recognize non-Microbial Antigens Presented by MR1. *Elife* (2017) 6(1–22):e24476. doi: 10.7554/eLife.24476
158. Bottino C, Castriconi R, Pende D, Rivera P, Nanni M, Carnemolla B, et al. Identification of PVR (CD155) and Nectin-2 (CD112) as Cell Surface Ligands for the Human DNAM-1 (CD226) Activating Molecule. *J Exp Med* (2003) 198:557–67. doi: 10.1084/jem.20030788
159. Jin Z, Ye W, Lan T, Zhao Y, Liu X, Chen J, et al. Characteristic of TIGIT and DNAM-1 Expression on Foxp3+ γδ T Cells in AML Patients. *BioMed Res Int* (2020) 2020:1–10. doi: 10.1155/2020/4612952
160. Yazdanifar M, Barbarito G, Bertaina A, Airoldi I. γδ T Cells: The Ideal Tool for Cancer Immunotherapy. *Cells* (2020) 9(1–26):1305. doi: 10.3390/cells9051305
161. Li Y, Li G, Zhang J, Wu X, Chen X. The Dual Roles of Human γδ T Cells: Anti-Tumor or Tumor-Promoting. *Front Immunol* (2021) 11:619954. doi: 10.3389/fimmu.2020.619954
162. Deniger DC, Maiti SN, Mi T, Switzer KC, Ramachandran V, Hurton LV, et al. Activating and Propagating Polyclonal Gamma Delta T Cells With Broad Specificity for Malignancies. *Clin Cancer Res* (2014) 20:5708–19. doi: 10.1158/1078-0432.CCR-13-3451
163. Xiao L, Chen C, Li Z, Zhu S, Tay JC, Zhang X, et al. Large-Scale Expansion of Vγ9vδ2 T Cells With Engineered K562 Feeder Cells in G-Rex Vessels and Their Use as Chimeric Antigen Receptor–Modified Effector Cells. *Cytotherapy* (2018) 20:420–35. doi: 10.1016/j.jcyt.2017.12.014
164. Idrees ASM, Sugie T, Inoue C, Murata-Hirai K, Okamura H, Morita CT, et al. Comparison of γδ T Cell Responses and Farnesyl Diphosphate Synthase Inhibition in Tumor Cells Pretreated With Zoledronic Acid. *Cancer Sci* (2013) 104:536–42. doi: 10.1111/cas.12124
165. Gober HJ, Kistowska M, Angman L, Jenö P, Mori L, De Libero G. Human T Cell Receptor γδ Cells Recognize Endogenous Mevalonate Metabolites in Tumor Cells. *J Exp Med* (2003) 197:163–8. doi: 10.1084/jem.20021500
166. Roelofs AJ, Jauhiainen M, Mönkkönen H, Rogers MJ, Mönkkönen J, Thompson K. Peripheral Blood Monocytes are Responsible for γδ T Cell Activation Induced by Zoledronic Acid Through Accumulation of IPP/DMAPP. *Br J Haematol* (2009) 144:245–50. doi: 10.1111/j.1365-2141.2008.07435.x
167. Soriano-Sarabia N, Sandvold H, Jomaa H, Kubin T, Bein G, Hackstein H. Primary MHC-Class II + Cells Are Necessary To Promote Resting Vδ2 Cell Expansion in Response to (E)-4-Hydroxy-3-Methyl-But-2-Enyl-Pyrophosphate and Isopentenyl Pyrophosphate. *J Immunol* (2012) 189:5212–22. doi: 10.4049/jimmunol.1200093
168. Green AE, Lissina A, Hutchinson SL, Hewitt RE, Temple B, James D, et al. Recognition of Nonpeptide Antigens by Human Vγ9vδ2 T Cells Requires Contact With Cells of Human Origin. *Clin Exp Immunol* (2004) 136:472–82. doi: 10.1111/j.1365-2249.2004.02472.x
169. Wang S. Expansion of Gamma Delta T Cells - A Short Review on Bisphosphonate and K562-Based Methods. *J Immunol Sci* (2018) 2:6–12. doi: 10.29245/2578-3009/2018/3.1133
170. Espinosa E, Belmant C, Pont F, Luciani B, Poupot R, Romagné F, et al. Chemical Synthesis and Biological Activity of Bromohydrin Pyrophosphate, a Potent Stimulator of Human γδ T Cells. *J Biol Chem* (2001) 276:18337–44. doi: 10.1074/jbc.M100495200
171. Watanabe N, Narita M, Yokoyama A, Sekiguchi A, Saito A, Tochiki N, et al. Type I IFN-Mediated Enhancement of Anti-Leukemic Cytotoxicity of γδ T Cells Expanded From Peripheral Blood Cells by Stimulation With Zoledronate. *Cytotherapy* (2006) 8:118–29. doi: 10.1080/14653240600620200
172. Saito A, Narita M, Watanabe N, Tochiki N, Satoh N, Yano T, et al. Anti-Tumor Cytotoxicity of γδ T Cells Expanded From Blood Cells of Myeloma and Leukemia Patients Against Self Tumor Cells — Enhancement of the Anti-Tumor Cytotoxicity by Type I IFN, Dendritic Cells, and Activated αβ T Cells. *Blood* (2007) 110:4762–2. doi: 10.1182/blood.v110.11.4762.4762
173. Saito A, Narita M, Watanabe N, Yokoyama A, Sekiguchi A, Tochiki N, et al. Anti-Tumor Cytotoxicity of Blood γδ T Cells Expanded From Leukemia Patients Against Autologous Leukemia Cells—Enhancement of the Anti-Tumor Cytotoxicity by Type I IFN. *Blood* (2005) 106:2385–5. doi: 10.1182/blood.v106.11.2385.2385
174. Van Acker HH, Anguille S, Willemen Y, Van Den Bergh JM, Berneman ZN, Lion E, et al. Interleukin-15 Enhances the Proliferation, Stimulatory Phenotype, and Antitumor Effector Functions of Human Gamma Delta T Cells. *J Hematol Oncol* (2016) 9:1–13. doi: 10.1186/s13045-016-0329-3
175. Cho H-WH-I, Kim S-Y, Sohn D-H, Lee M-J, Park M-Y, Sohn H-J, et al. Triple Costimulation *via* CD80, 4-1BB, and CD83 Ligand Elicits the Long-Term Growth of Vγ9vδ2 T Cells in Low Levels of IL-2. *J Leukoc Biol* (2016) 99:521–9. doi: 10.1189/jlb.1hi0814-409rr
176. Kunzmann V, Bauer E, Feurle J, Weißinger F, Tony HP, Wilhelm M. Stimulation of γδ T Cells by Aminobisphosphonates and Induction of Antiplasma Cell Activity in Multiple Myeloma. *Blood* (2000) 96:384–92. doi: 10.1182/blood.v96.2.384.013k07_384_392
177. Herrmann T, Fichtner AS, Karunakaran MM. An Update on the Molecular Basis of Phosphoantigen Recognition by Vγ9vδ2 T Cells. *Cells* (2020) 9:1433. doi: 10.3390/cells9061433
178. D'Asaro M, La Mendola C, Di Liberto D, Orlando V, Todaro M, Spina M, et al. Vγ9vδ2 T Lymphocytes Efficiently Recognize and Kill Zoledronate-Sensitized, Imatinib-Sensitive, and Imatinib-Resistant Chronic Myelogenous Leukemia Cells. *J Immunol* (2010) 184:3260–8. doi: 10.4049/jimmunol.0903454
179. de Weerdt I, Terpstra S, Hofland T, Lameris R, de Bruin RCG, Levin M-D, et al. Chronic Lymphocytic Leukemia (CLL) Cells Are Susceptible to γδ-T Cell Mediated Killing, Provided CLL-Derived γδ-T Cell Dysfunction Can be Reversed. *Blood* (2015) 126:2914–4. doi: 10.1182/blood.v126.23.2914.2914
180. De Weerdt I, Hofland T, Lameris R, Endstra S, Jongejan A, Moerland PD, et al. Improving CLL Vγ9vδ2-T-Cell Fitness for Cellular Therapy by *Ex Vivo* Activation and Ibrutinib. *Blood* (2018) 132:2260–72. doi: 10.1182/blood-2017-12-822569
181. Aehnlich P, Carnaz Simões AM, Skadborg SK, Holmen Olofsson G, thor Straten P. Expansion With IL-15 Increases Cytotoxicity of Vγ9vδ2 T Cells and Is Associated With Higher Levels of Cytotoxic Molecules and T-Bet. *Front Immunol* (2020) 11:1868. doi: 10.3389/fimmu.2020.01868
182. Van Acker HH, Anguille S, De Reu H, Berneman ZN, Smits EL, Van Tendeloo VF. Interleukin-15-Cultured Dendritic Cells Enhance Anti-Tumor Gamma Delta T Cell Functions Through IL-15 Secretion. *Front Immunol* (2018) 9:658. doi: 10.3389/fimmu.2018.00658

183. Ribot JC, Ribeiro ST, Correia DV, Sousa AE, Silva-Santos B. Human γδ Thymocytes Are Functionally Immature and Differentiate Into Cytotoxic Type 1 Effector T Cells Upon IL-2/IL-15 Signaling. *J Immunol* (2014) 192:2237–43. doi: 10.4049/jimmunol.1303119
184. García VE, Jullien D, Song M, Uyemura K, Shuai K, Morita CT, et al. IL-15 Enhances the Response of Human γδ T Cells to Nonpetide Microbial Antigens(1998). Available at: http://www.jimmunol.org/content/160/9/ http://www.jimmunol.org/content/160/9/4322.full#ref-list-1 (Accessed January 17, 2021).
185. Deynoux M, Sunter N, Hérault O, Mazurier F. Hypoxia and Hypoxia-Inducible Factors in Leukemias. *Front Oncol* (2016) 6:41. doi: 10.3389/fonc.2016.00041
186. Tsuda J, Li W, Yamanishi H, Yamamoto H, Okuda A, Kubo S, et al. Involvement of CD56 Bright CD11c + Cells in IL-18–Mediated Expansion of Human γδ T Cells. *J Immunol* (2011) 186:2003–12. doi: 10.4049/jimmunol.1001919
187. Li W, Okuda A, Yamamoto H, Yamanishi K, Terada N, Yamanishi H, et al. Regulation of Development of CD56brightCD11c+ NK-Like Cells With Helper Function by IL-18. *PloS One* (2013) 8:e82586. doi: 10.1371/journal.pone.0082586
188. Okamura H, Tsutsui H, Komatsu T, Yutsudo M, Tanimoto T, Torigoe K, et al. Cloning of a New Cytokine That Induces IFN-γ Production by T Cells. *Nature* (1995) 378:88–91. doi: 10.1038/378088a0
189. Li W, Kubo S, Okuda A, Yamamoto H, Ueda H, Tanaka T, et al. Effect of IL-18 on Expansion of γδ T Cells Stimulated by Zoledronate and IL-2. *J Immunother* (2010) 33:287–96. doi: 10.1097/CJI.0b013e3181c80ffa
190. Sugie T, Murata-Hirai K, Iwasaki M, Morita CT, Li W, Okamura H, et al. Zoledronic Acid-Induced Expansion of γδ T Cells From Early-Stage Breast Cancer Patients: Effect of IL-18 on Helper NK Cells. *Cancer Immunol Immunother* (2013) 62:677–87. doi: 10.1007/s00262-012-1368-4
191. Ramírez-Ramírez D, Vadillo E, Arriaga-Pizano LA, Mayani H, Estrada-Parra S, Velasco-Velázquez MA, et al. Early Differentiation of Human CD11c+NK Cells With γδ T Cell Activation Properties Is Promoted by Dialyzable Leukocyte Extracts. *J Immunol Res* (2016) 2016:1–12. doi: 10.1155/2016/4097642
192. Nussbaumer O, Gruenbacher G, Gander H, Komuczki J, Rahm A, Thurnher M. Essential Requirements of Zoledronate-Induced Cytokine and γδ T Cell Proliferative Responses. *J Immunol* (2013) 191:1346–55. doi: 10.4049/jimmunol.1300603
193. Wang H, Sarikonda G, Puan K-J, Tanaka Y, Feng J, Giner J-L, et al. Indirect Stimulation of Human Vγ2vδ2 T Cells Through Alterations in Isoprenoid Metabolism. *J Immunol* (2011) 187:5099–113. doi: 10.4049/jimmunol.1002697
194. Saito A, Narita M, Yokoyama A, Watanabe N, Tochiki N, Satoh N, et al. Enhancement of Anti-Tumor Cytotoxicity of Expanded Gammadelta T Cells by Stimulation With Monocyte-Derived Dendritic Cells. *J Clin Exp Hematop* (2007) 47:61–72. doi: 10.3960/jslrt.47.61
195. Sicard H, Ingoure S, Luciani B, Serraz C, Fournié J-J, Bonneville M, et al. *In Vivo* Immunomanipulation of Vγ9vδ2 T Cells With a Synthetic Phosphoantigen in a Preclinical Nonhuman Primate Model. *J Immunol* (2005) 175:5471–80. doi: 10.4049/jimmunol.175.8.5471
196. Ferrarini M, Delfanti F, Gianolini M, Rizzi C, Alfano M, Lazzarin A, et al. NF-κb Modulates Sensitivity to Apoptosis, Proinflammatory and Migratory Potential in Short- *Versus* Long-Term Cultured Human γδ Lymphocytes. *J Immunol* (2008) 181:5857–64. doi: 10.4049/jimmunol.181.9.5857
197. Wu D, Wu P, Wu X, Ye J, Wang Z, Zhao S, et al. *Ex Vivo* Expanded Human Circulating Vδ1 γδt Cells Exhibit Favorable Therapeutic Potential for Colon Cancer. *Oncoimmunology* (2015) 4:1–13. doi: 10.4161/2162402X.2014.992749
198. Knight A, MacKinnon S, Lowdell MW. Human Vdelta1 Gamma-Delta T Cells Exert Potent Specific Cytotoxicity Against Primary Multiple Myeloma Cells. *Cytotherapy* (2012) 14:1110–8. doi: 10.3109/14653249.2012.700766
199. Siegers GM, Lamb LS. Cytotoxic and Regulatory Properties of Circulating Vδ1+ γδ T Cells: A New Player on the Cell Therapy Field? *Mol Ther* (2014) 22:1416–22. doi: 10.1038/mt.2014.104
200. Di Lorenzo B, Simões AE, Caiado F, Tieppo P, Correia DV, Carvalho T, et al. Broad Cytotoxic Targeting of Acute Myeloid Leukemia by Polyclonal Delta One T Cells. *Cancer Immunol Res* (2019) 7:552–8:e4304 (1–7). doi: 10.1158/2326-6066.CIR-18-0647
201. Chen C, Liang C, Wang S, Chio CL, Zhang Y, Zeng C, et al. Expression Patterns of Immune Checkpoints in Acute Myeloid Leukemia. *J Hematol Oncol* (2020) 13:28. doi: 10.1186/s13045-020-00853-x
202. He X, Xu C. Immune Checkpoint Signaling and Cancer Immunotherapy. *Cell Res* (2020) 30:660–9. doi: 10.1038/s41422-020-0343-4
203. Liao D, Wang M, Liao Y, Li J. Niu T. A Review of Efficacy and Safety of Checkpoint Inhibitor for the Treatment of Acute Myeloid Leukemia. *Front Pharmacol* (2019) 10:609. doi: 10.3389/fphar.2019.00609
204. Miao YR, Zhang Q, Lei Q, Luo M, Xie GY, Wang H, et al. ImmuCellAI: A Unique Method for Comprehensive T-Cell Subsets Abundance Prediction and Its Application in Cancer Immunotherapy. *Adv Sci* (2020) 7:1902880. doi: 10.1002/advs.201902880
205. Iwasaki M, Tanaka Y, Kobayashi H, Murata-Hirai K, Miyabe H, Sugie T, et al. Expression and Function of PD-1 in Human γδ T Cells That Recognize Phosphoantigens. *Eur J Immunol* (2011) 41:345–55. doi: 10.1002/eji.201040959
206. Gertner-Dardenne J, Fauriat C, Orlanducci F, Thibult ML, Pastor S, Fitzgibbon J, et al. The Co-Receptor BTLA Negatively Regulates Human Vg9Vd2 T-Cell Proliferation: A Potential Way of Immune Escape for Lymphoma Cells. *Blood* (2013) 122:922–31. doi: 10.1182/blood-2012-11-464685
207. Peters C, Oberg HH, Kabelitz D, Wesch D. Phenotype and Regulation of Immunosuppressive Vδ2-Expressing γδ T Cells. *Cell Mol Life Sci* (2014) 71:1943–60. doi: 10.1007/s00018-013-1467-1
208. Ribeiro ST, Ribot JC, Silva-Santos B. Five Layers of Receptor Signaling in γδ T-Cell Differentiation and Activation. *Front Immunol* (2015) 6:15. doi: 10.3389/fimmu.2015.00015
209. Paquin-Proulx D, Barsotti NS, Santos BAN, Marinho AKBB, Kokron CM, Carvalho KI, et al. Inversion of the Vδ1 to Vδ2 γδ T Cell Ratio in CVID Is Not Restored by IVIg and Is Associated With Immune Activation and Exhaustion. *Med (United States)* (2016) 95(1-7):e4304. doi: 10.1097/MD.0000000000004304
210. Zumwalde NA, Sharma A, Xu X, Ma S, Schneider CL, Romero-Masters JC, et al. Adoptively Transferred Vγ9vδ2 T Cells Show Potent Antitumor Effects in a Preclinical B Cell Lymphomagenesis Model. *JCI Insight* (2017) 2(1–15): e93179. doi: 10.1172/jci.insight.93179
211. Bekiaris V, Šedý JR, Macauley MG, Rhode-Kurnow A, Ware CF. The Inhibitory Receptor BTLA Controls γδ T Cell Homeostasis and Inflammatory Responses. *Immunity* (2013) 39:1082–94. doi: 10.1016/j.immuni.2013.10.017
212. Kang SH, Hwang HJ, Yoo JW, Kim H, Choi ES, Hwang SH, et al. Expression of Immune Checkpoint Receptors on T-Cells and Their Ligands on Leukemia Blasts in Childhood Acute Leukemia. *Anticancer Res* (2019) 39:5531–9. doi: 10.21873/anticanres.13746
213. Hoeres T, Holzmann E, Smetak M, Birkmann J, Wilhelm M. PD-1 Signaling Modulates Interferon-γ Production by Gamma Delta (γδ) T-Cells in Response to Leukemia. *Oncoimmunology* (2019) 8(1–11):e1550618. doi: 10.1080/2162402X.2018.1550618
214. Chen C, Liang C, Wang S, Chio CL, Zhang Y, Zeng C, et al. Expression Patterns of Immune Checkpoints in Acute Myeloid Leukemia. *J Hematol Oncol* (2020) 13:28. doi: 10.1186/s13045-020-00853-x
215. Karabon L, Partyka A, Ciszak L, Pawlak-Adamska E, Tomkiewicz A, Bojarska-Junak A, et al. Abnormal Expression of BTLA and CTLA-4 Immune Checkpoint Molecules in Chronic Lymphocytic Leukemia Patients. *J Immunol Res* (2020) 2020:1–12. doi: 10.1155/2020/6545921
216. Jin Z, Lan T, Zhao Y, Du J, Chen J, Lai J, et al. Higher TIGIT+CD226- γδ T Cells in Patients With Acute Myeloid Leukemia. *Immunol Invest* (2020) 2020:1–11. doi: 10.1080/08820139.2020.1806868
217. Wu K, Feng J, Xiu Y, Li Z, Lin Z, Zhao H, et al. Vδ2 T Cell Subsets, Defined by PD-1 and TIM-3 Expression, Present Varied Cytokine Responses in Acute Myeloid Leukemia Patients. *Int Immunopharmacol* (2020) 80:106122. doi: 10.1016/j.intimp.2019.106122
218. Hosseinkhani N, Derakhshani A, Kooshkaki O, Shadbad MA, Hajiasgharzadeh K, Baghbanzadeh A, et al. Immune Checkpoints and Car-T Cells: The Pioneers in Future Cancer Therapies? *Int J Mol Sci* (2020) 21:1–28. doi: 10.3390/ijms21218305

219. Tokuyama H, Hagi T, Mattarollo SR, Morley J, Wang Q, Fai-So H, et al. Vγ9vδ2 T Cell Cytotoxicity Against Tumor Cells Is Enhanced by Monoclonal Antibody Drugs - Rituximab and Trastuzumab. *Int J Cancer* (2008) 122:2526–34. doi: 10.1002/ijc.23365
220. Lanier LL, Kipps TJ, Phillips JH. Functional Properties of a Unique Subset of Cytotoxic CD3+ T Lymphocytes That Express Fc Receptors for IgG (CD16/LEU-11 Antigen). *J Exp Med* (1985) 162:2089–106. doi: 10.1084/jem.162.6.2089
221. Braakman E, van de Winkel JGJ, van Krimpen BA, Jansze M, Bolhuis RLH. CD16 on Human γδ T Lymphocytes: Expression, Function, and Specificity for Mouse IgG Isotypes. *Cell Immunol* (1992) 143:97–107. doi: 10.1016/0008-8749(92)90008-D
222. Fonseca S, Pereira V, Lau C, Teixeira M dos A, Bini-Antunes M, Lima M. Human Peripheral Blood Gamma Delta T Cells: Report on a Series of Healthy Caucasian Portuguese Adults and Comprehensive Review of the Literature. *Cells* (2020) 9:729. doi: 10.3390/cells9030729
223. Hoeres T, Pretscher D, Holzmann E, Smetak M, Birkmann J, Triebel J, et al. Improving Immunotherapy Against B-Cell Malignancies Using γδ T-Cell-Specific Stimulation and Therapeutic Monoclonal Antibodies. *J Immunother* (2019) 42:331–44. doi: 10.1097/CJI.0000000000000289
224. Seidel UJE, Vogt F, Grosse-Hovest L, Jung G, Handgretinger R, Lang P. γδ T Cell-Mediated Antibody-Dependent Cellular Cytotoxicity With CD19 Antibodies Assessed by an Impedance-Based Label-Free Real-Time Cytotoxicity Assay. *Front Immunol* (2014) 5:618. doi: 10.3389/fimmu.2014.00618
225. Schiller CB, Braciak TA, Fenn NC, Seidel UJE, Roskopf CC, Wildenhain S, et al. CD19-Specific Triplebody SPM-1 Engages NK and Gd T Cells for Rapid and Efficient Lysis of Malignant B-Lymphoid Cells. *Oncotarget* (2016) 7:83392–408. doi: 10.18632/oncotarget.13110
226. de Weerdt I, Lameris R, Ruben JM, de Boer R, Kloosterman J, King LA, et al. *Clin Cancer Res* (2021) 27(6). doi: 10.1158/1078-0432.ccr-20-4576
227. Lafont V, Liautard J, Liautard JP, Favero J. Production of TNF-α by Human Vγ9vδ2 T Cells Via Engagement of Fcγriiia, the Low Affinity Type 3 Receptor for the Fc Portion of IgG, Expressed Upon TCR Activation by Nonpeptidic Antigen. *J Immunol* (2001) 166:7190–9. doi: 10.4049/jimmunol.166.12.7190
228. Himoudi N, Morgenstern DA, Yan M, Vernay B, Saraiva L, Wu Y, et al. Human γδ T Lymphocytes Are Licensed for Professional Antigen Presentation by Interaction With Opsonized Target Cells. *J Immunol* (2012) 188:1708–16. doi: 10.4049/jimmunol.1102654
229. Ganesan R, Chennupati V, Ramachandran B, Hansen MR, Singh S, Grewal IS. Selective Recruitment of γδ T Cells by a Bispecific Antibody for the Treatment of Acute Myeloid Leukemia. *Leukemia* (2021) 35:1–11. doi: 10.1038/s41375-021-01122-7
230. Harrer DC, Simon B, Fujii S, Shimizu K, Uslu U, Schuler G, et al. RNA-Transfection of γ/δ T Cells With a Chimeric Antigen Receptor or an α/β T-Cell Receptor: A Safer Alternative to Genetically Engineered α/β T Cells for the Immunotherapy of Melanoma. *BMC Cancer* (2017) 17:1–17. doi: 10.1186/s12885-017-3539-3
231. Xu Y, Yang Z, Horan LH, Zhang P, Liu L, Zimdahl B, et al. A Novel Antibody-TCR (AbTCR) Platform Combines Fab-Based Antigen Recognition With Gamma/Delta-TCR Signaling to Facilitate T-Cell Cytotoxicity With Low Cytokine Release. *Cell Discovery* (2018) 4:62. doi: 10.1038/s41421-018-0066-6
232. Cortés-Selva D, Dasgupta B, Singh S, Grewal IS. Innate and Innate-Like Cells: The Future of Chimeric Antigen Receptor (CAR) Cell Therapy. *Trends Pharmacol Sci* (2021) 42:45–59. doi: 10.1016/j.tips.2020.11.004
233. Fleischer LC, Spencer HT, Raikar SS. Targeting T Cell Malignancies Using CAR-Based Immunotherapy: Challenges and Potential Solutions. *J Hematol Oncol* (2019) 12:1–21. doi: 10.1186/s13045-019-0801-y
234. Fisher J, Anderson J. Engineering Approaches in Human Gamma Delta T Cells for Cancer Immunotherapy. *Front Immunol* (2018) 9:1409. doi: 10.3389/fimmu.2018.01409
235. Capsomidis A, Benthall G, Van Acker HH, Fisher J, Kramer AM, Abeln Z, et al. Chimeric Antigen Receptor-Engineered Human Gamma Delta T Cells: Enhanced Cytotoxicity With Retention of Cross Presentation. *Mol Ther* (2018) 26:354–65. doi: 10.1016/j.ymthe.2017.12.001
236. Rischer M, Pscherer S, Duwe S, Vormoor J, Jürgens H, Rossig C. Human γδ T Cells as Mediators of Chimaeric-Receptor Redirected Anti-Tumour Immunity. *Br J Haematol* (2004) 126:583–92. doi: 10.1111/j.1365-2141.2004.05077.x
237. Wang RN, Wen Q, He WT, Yang JH, Zhou CY, Xiong WJ, et al. Optimized Protocols for γδ T Cell Expansion and Lentiviral Transduction. *Mol Med Rep* (2019) 19:1471–80. doi: 10.3892/mmr.2019.9831
238. Deniger DC, Switzer K, Mi T, Maiti S, Hurton L, Singh H, et al. Bispecific T-Cells Expressing Polyclonal Repertoire of Endogenous γδ T-Cell Receptors and Introduced CD19-Specific Chimeric Antigen Receptor. *Mol Ther* (2013) 21:638–47. doi: 10.1038/mt.2012.267
239. Lee JY, Kim HJ. Lymph Angiogenic Influences on Hematopoietic Cells in Acute Myeloid Leukemia. *Exp Mol Med* (2014) 46:e122–2. doi: 10.1038/emm.2014.72
240. Verma D, Zanetti C, Godavarthy PS, Kumar R, Minciacchi VR, Pfeiffer J, et al. Bone Marrow Niche-Derived Extracellular Matrix-Degrading Enzymes Influence the Progression of B-Cell Acute Lymphoblastic Leukemia. *Leukemia* (2020) 34:1540–52. doi: 10.1038/s41375-019-0674-7
241. Baryawno N, Przybylski D, Kowalczyk MS, Kfoury Y, Severe N, Gustafsson K, et al. A Cellular Taxonomy of the Bone Marrow Stroma in Homeostasis and Leukemia. *Cell* (2019) 177:1915–1932.e16. doi: 10.1016/j.cell.2019.04.040
242. Rozenbaum M, Meir A, Aharony Y, Itzhaki O, Schachter J, Bank I, et al. Gamma-Delta CAR-T Cells Show CAR-Directed and Independent Activity Against Leukemia. *Front Immunol* (2020) 11:1347. doi: 10.3389/fimmu.2020.01347
243. Greenbaum U, Mahadeo KM, Kebriaei P, Shpall EJ, Saini NY. Chimeric Antigen Receptor T-Cells in B-Acute Lymphoblastic Leukemia: State of the Art and Future Directions. *Front Oncol* (2020) 10:1594. doi: 10.3389/fonc.2020.01594
244. Straetemans T, Kierkels GJJ, Doorn R, Jansen K, Heijhuurs S, dos Santos JM, et al. GMP-Grade Manufacturing of T Cells Engineered to Express a Defined γδtcr. *Front Immunol* (2018) 9:1062. doi: 10.3389/fimmu.2018.01062
245. Marcu-Malina V, Heijhuurs S, Van Buuren M, Hartkamp L, Strand S, Sebestyen Z, et al. Redirecting αβt Cells Against Cancer Cells by Transfer of a Broadly Tumor-Reactive γδt-Cell Receptor. *Blood* (2011) 118:50–9. doi: 10.1182/blood-2010-12-325993
246. Gründer C, Van Dorp S, Hol S, Drent E, Straetemans T, Heijhuurs S, et al. γ9 and δ2cdr3 Domains Regulate Functional Avidity of T Cells Harboring γ9δ2tcrs. *Blood* (2012) 120:5153–62. doi: 10.1182/blood-2012-05-432427
247. Johanna I, Straetemans T, Heijhuurs S, Aarts-Riemens T, Norell H, Bongiovanni L, et al. Evaluating *In Vivo* Efficacy - Toxicity Profile of TEG001 in Humanized Mice Xenografts Against Primary Human AML Disease and Healthy Hematopoietic Cells. *J Immunother Cancer* (2019) 7:69. doi: 10.1186/s40425-019-0558-4
248. Wunderlich M, Chou FS, Link KA, Mizukawa B, Perry RL, Carroll M, et al. AML Xenograft Efficiency Is Significantly Improved in NOD/SCID-IL2RG Mice Constitutively Expressing Human SCF, GM-CSF and IL-3. *Leukemia* (2010) 24:1785–8. doi: 10.1038/leu.2010.158
249. Straetemans T, Gründer C, Heijhuurs S, Hol S, Slaper-Cortenbach I, Bönig H, et al. Untouched GMP-Ready Purified Engineered Immune Cells to Treat Cancer. *Clin Cancer Res* (2015) 21:3957–68. doi: 10.1158/1078-0432.CCR-14-2860
250. Van Der Veken LT, Hagedoorn RS, Van Loenen MM, Willemze R, Falkenburg JHF, Heemskerk MHM. αβ T-Cell Receptor Engineered γδ T Cells Mediate Effective Antileukemic Reactivity. *Cancer Res* (2006) 66:3331–7. doi: 10.1158/0008-5472.CAN-05-4190
251. Hiasa A, Nishikawa H, Hirayama M, Kitano S, Okamoto S, Chono H, et al. Rapid αβ TCR-Mediated Responses in γδ T Cells Transduced With Cancer-Specific TCR Genes. *Gene Ther* (2009) 16:620–8. doi: 10.1038/gt.2009.6
252. Kondo M, Izumi T, Fujieda N, Kondo A, Morishita T, Matsushita H, et al. Expansion of Human Peripheral Blood γδ T Cells Using Zoledronate. *J Vis Exp* (2011) 55:e3182. doi: 10.3791/3182
253. Kondo M, Sakuta K, Noguchi A, Ariyoshi N, Sato K, Sato S, et al. Zoledronate Facilitates Large-Scale *Ex Vivo* Expansion of Functional γδ T Cells From Cancer Patients for Use in Adoptive Immunotherapy. *Cytotherapy* (2008) 10:842–56. doi: 10.1080/14653240802419328
254. Placido R, Auricchio G, Gabriele I, Galli E, Brunetti E, Colizzi V, et al. Characterization of the Immune Response of Human Cord-Blood Derived γδ T Cells to Stimulation With Aminobisphosphonate Compounds.

IntJ Immunopathol Pharmacol (2011) 24:101–10. doi: 10.1177/039463201102400112

255. Cairo C, Sagnia B, Cappelli G, Colizzi V, Leke RGF, Leke RJ, et al. Human Cord Blood γδ T Cells Expressing Public Vγ2 Chains Dominate the Response to Bisphosphonate Plus Interleukin-15. *Immunology* (2013) 138:346–60. doi: 10.1111/imm.12039
256. Kalyan S, Kabelitz D. Defining the Nature of Human γδ T Cells: A Biographical Sketch of the Highly Empathetic. *Cell Mol Immunol* (2013) 10:21–9. doi: 10.1038/cmi.2012.44
257. Dimova T, Brouwer M, Gosselin F, Tassignon J, Leo O, Donner C, et al. Effector Vγ9vδ2 T Cells Dominate the Human Fetal γδ T-Cell Repertoire. *Proc Natl Acad Sci USA* (2015) 112:E556–65. doi: 10.1073/pnas.1412058112
258. Xuan L, Wu X, Zhang Y, Fan Z, Ling Y, Huang F, et al. Granulocyte Colony-Stimulating Factor Affects the Distribution and Clonality of TRGV and TRDV Repertoire of T Cells and Graft-*Versus*-Host Disease. *J Transl Med* (2011) 9:215. doi: 10.1186/1479-5876-9-215
259. Bian Z, Xu LP, Fu Q, Huo M, Liu L, Zhao X, et al. Homeostatic γδ T Cell Contents Are Preserved by Granulocyte Colony-Stimulating Factor Priming and Correlate With the Early Recovery of γδ T Cell Subsets After Haploidentical Hematopoietic Stem Cell Transplantation. *Biol Blood Marrow Transplant* (2018) 24:252–9. doi: 10.1016/j.bbmt.2017.10.027
260. Xuan L, Wu X, Qiu D, Gao L, Liu H, Fan Z, et al. Regulatory γδ T Cells Induced by G-CSF Participate in Acute Graft-*Versus*-Host Disease Regulation in G-CSF-Mobilized Allogeneic Peripheral Blood Stem Cell Transplantation. *J Transl Med* (2018) 16:144. doi: 10.1186/s12967-018-1519-2
261. Otto M, Barfield RC, Iyengar R, Gatewood J, Müller I, Holladay MS, et al. Human γδ T Cells From G-CSF-Mobilized Donors Retain Strong Tumoricidal Activity and Produce Immunomodulatory Cytokines After Clinical-Scale Isolation. *J Immunother* (2005) 28:73–8. doi: 10.1097/00002371-200501000-00009
262. Dolstra H, Fredrix H, van der Meer A, De Witte T, Figdor C, Van De Wiel-Van Kemenade E. TCR γδ Cytotoxic T Lymphocytes Expressing the Killer Cell-Inhibitory Receptor P58.2 (CD158b) Selectively Lyse Acute Myeloid Leukemia Cells. *Bone Marrow Transplant* (2001) 27:1087–93. doi: 10.1038/sj.bmt.1703043
263. Baker FL, Bigley AB, Agha NH, Pedlar CR, O'Connor DP, Bond RA, et al. Systemic β-Adrenergic Receptor Activation Augments the *Ex Vivo* Expansion and Anti-Tumor Activity of Vγ9vδ2 T-Cells. *Front Immunol* (2020) 10:3082. doi: 10.3389/fimmu.2019.03082
264. Berglund S, Gaballa A, Sawaisorn P, Sundberg B, Uhlin M. Expansion of Gammadelta T Cells From Cord Blood: A Therapeutical Possibility. *Stem Cells Int* (2018) 2018:1–15. doi: 10.1155/2018/8529104
265. Maniar A, Zhang X, Lin W, Gastman BR, Pauza CD, Strome SE, et al. Human γδ T Lymphocytes Induce Robust NK Cell-Mediated Antitumor Cytotoxicity Through CD137 Engagement. *Blood* (2010) 116:1726–33. doi: 10.1182/blood-2009-07-234211
266. Kreutzman A, Juvonen V, Kairisto V, Ekblom M, Stenke L, Seggewiss R, et al. Mono/oligoclonal T and NK Cells are Common in Chronic Myeloid Leukemia Patients at Diagnosis and Expand During Dasatinib Therapy. *Blood* (2010) 116:772–82. doi: 10.1182/blood-2009-12-256800
267. Lamb LS, Henslee-Downey PJ, Parrish RS, Godder K, Thompson J, Lee C, et al. Increased Frequency of Tcrγδ+ T Cells in Disease-Free Survivors Following T Cell-Depleted, Partially Mismatched, Related Donor Bone Marrow Transplantation for Leukemia. *J Hematother Stem Cell Res* (1996) 5:503–9. doi: 10.1089/scd.1.1996.5.503
268. Godder KT, Henslee-Downey PJ, Mehta J, Park BS, Chiang KY, Abhyankar S, et al. Long Term Disease-Free Survival in Acute Leukemia Patients Recovering With Increased γδ T Cells After Partially Mismatched Related Donor Bone Marrow Transplantation. *Bone Marrow Transplant* (2007) 39:751–7. doi: 10.1038/sj.bmt.1705650
269. Ravens S, Schultze-Florey C, Raha S, Sandrock I, Drenker M, Oberdörfer L, et al. Human γδ T Cells are Quickly Reconstituted After Stem-Cell Transplantation and Show Adaptive Clonal Expansion in Response to Viral Infection. *Nat Immunol* (2017) 18:393–401. doi: 10.1038/ni.3686
270. Vilmer E, Guglielmi P, David V, Leca G, Rabian C, Degos L, et al. Predominant Expression of Circulating CD3+ Lymphocytes Bearing Gamma T Cell Receptor in a Prolonged Immunodeficiency After Allogeneic Bone Marrow Transplantation. *J Clin Invest* (1988) 82:755–61. doi: 10.1172/JCI113675
271. Bertaina A, Zorzoli A, Petretto A, Barbarito G, Inglese E, Merli P, et al. Zoledronic Acid Boosts γδ T-Cell Activity in Children Receiving αβ+ T and CD19+ Cell-Depleted Grafts From an HLA-Haplo-Identical Donor. *Oncoimmunology* (2017) 6:e1216291. doi: 10.1080/2162402X.2016.1216291
272. Merli P, Algeri M, Galaverna F, Milano GM, Bertaina V, Biagini S, et al. Immune Modulation Properties of Zoledronic Acid on Tcrγδ T-Lymphocytes After Tcrαβ/CD19-Depleted Haploidentical Stem Cell Transplantation: An Analysis on 46 Pediatric Patients Affected by Acute Leukemia. *Front Immunol* (2020) 11:699. doi: 10.3389/fimmu.2020.00699
273. Lamb LS, Gee AP, Hazlett LJ, Musk P, Parrish RS, O'Hanlon TP, et al. Influence of T Cell Depletion Method on Circulating γδ T Cell Reconstitution and Potential Role in the Graft-*Versus*-Leukemia Effect. *Cytotherapy* (1999) 1:7–19. doi: 10.1080/0032472031000141295
274. Arruda LCM, Gaballa A, Uhlin M. Impact of γδ T Cells on Clinical Outcome of Hematopoietic Stem Cell Transplantation: Systematic Review and Meta-Analysis. *Blood Adv* (2019) 3:3436–48. doi: 10.1182/bloodadvances.2019000682
275. Hirokawa M, Horiuchi T, Kawabata Y, Kitabayashi A, Miura AB. Reconstitution of γδ T Cell Repertoire Diversity After Human Allogeneic Hematopoietic Cell Transplantation and the Role of Peripheral Expansion of Mature T Cell Population in the Graft. *Bone Marrow Transplant* (2000) 26:177–85. doi: 10.1038/sj.bmt.1702478
276. Cela ME, Holladay MS, Rooney CM, Richardson S, Alexander B, Krance RA, et al. γδ T Lymphocyte Regeneration After T Lymphocyte-Depleted Bone Marrow Transplantation From Mismatched Family Members or Matched Unrelated Donors(1996). Available at: https://europepmc.org/article/med/8640174 (Accessed August 4, 2020).
277. Perko R, Kang G, Sunkara A, Leung W, Thomas PG, Dallas MH. Gamma Delta T Cell Reconstitution Is Associated With Fewer Infections and Improved Event-Free Survival After Hematopoietic Stem Cell Transplantation for Pediatric Leukemia. *Biol Blood Marrow Transplant* (2015) 21:130–6. doi: 10.1016/j.bbmt.2014.09.027
278. Knight A, Madrigal AJ, Grace S, Sivakumaran J, Kottaridis P, Mackinnon S, et al. The Role of Vδ2-Negative γδ T Cells During Cytomegalovirus Reactivation in Recipients of Allogeneic Stem Cell Transplantation. *Blood* (2010) 116:2164–72. doi: 10.1182/blood-2010-01-255166
279. Pitard V, Roumanes D, Lafarge X, Couzi L, Garrigue I, Lafon M-E, et al. Long-Term Expansion of Effector/Memory Vδ2– γδ T Cells is a Specific Blood Signature of CMV Infection. *Blood* (2008) 112:1317–24. doi: 10.1182/blood-2008-01-136713
280. Scheper W, Van Dorp S, Kersting S, Pietersma F, Lindemans C, Hol S, et al. γδt Cells Elicited by CMV Reactivation After Allo-SCT Cross-Recognize CMV and Leukemia. *Leukemia* (2013) 27:1328–38. doi: 10.1038/leu.2012.374
281. Elmaagacli AH, Steckel NK, Koldehoff M, Hegerfeldt Y, Trenschel R, Ditschkowski M, et al. Early Human Cytomegalovirus Replication After Transplantation is Associated With a Decreased Relapse Risk: Evidence for a Putative Virus-*Versus*-Leukemia Effect in Acute Myeloid Leukemia Patients. *Blood* (2011) 118:1402–12. doi: 10.1182/blood-2010-08-304121
282. Farnault L, Gertner-Dardenne J, Gondois-Rey F, Michel G, Chambost H, Hirsch I, et al. Clinical Evidence Implicating Gamma-Delta T Cells in EBV Control Following Cord Blood Transplantation. *Bone Marrow Transplant* (2013) 48:1478–9. doi: 10.1038/bmt.2013.75
283. Minculescu L, Marquart HV, Ryder LP, Andersen NS, Schjoedt I, Friis LS, et al. Improved Overall Survival, Relapse-Free-Survival, and Less Graft-*vs.*-Host-Disease in Patients With High Immune Reconstitution of TCR Gamma Delta Cells 2 Months After Allogeneic Stem Cell Transplantation. *Front Immunol* (2019) 10:1997. doi: 10.3389/fimmu.2019.01997
284. Liu J, Bian Z, Wang X, Xu LP, Fu Q, Wang C, et al. Inverse Correlation of Vδ2+ T-Cell Recovery With EBV Reactivation After Haematopoietic Stem Cell Transplantation. *Br J Haematol* (2018) 180:276–85. doi: 10.1111/bjh.15037
285. Liu J, Gao H, Xu LP, Mo XD, Liu R, Liang S, et al. Immunosuppressant Indulges EBV Reactivation and Related Lymphoproliferative Disease by Inhibiting Vδ2+ T Cells Activities After Hematopoietic Transplantation

for Blood Malignancies. *J Immunother Cancer* (2020) 8(1–13):e000208. doi: 10.1136/jitc-2019-000208

286. Wilhelm M, Kunzmann V, Eckstein S, Reimer P, Weissinger F, Ruediger T, et al. γδ T Cells for Immune Therapy of Patients With Lymphoid Malignancies. *Blood* (2003) 102:200–6. doi: 10.1182/blood-2002-12-3665
287. Kunzmann V, Smetak M, Kimmel B, Weigang-Koehler K, Goebeler M, Birkmann J, et al. Tumor-Promoting *Versus* Tumor-Antagonizing Roles of γδ T Cells in Cancer Immunotherapy: Results From a Prospective Phase I/II Trial. *J Immunother* (2012) 35:205–13. doi: 10.1097/CJI.0b013e318245bb1e
288. Wilhelm M, Smetak M, Schaefer-Eckart K, Kimmel B, Birkmann J, Einsele H, et al. Successful Adoptive Transfer and *In Vivo* Expansion of Haploidentical γδ T Cells. *J Transl Med* (2014) 12:1–5. doi: 10.1186/1479-5876-12-45
289. de Araújo ND, Gama FM, de Souza Barros M, Ribeiro TLP, Alves FS, Xabregas LA, et al. Translating Unconventional T Cells and Their Roles in Leukemia Antitumor Immunity. *J Immunol Res* (2021) 2021:1–15. doi: 10.1155/2021/6633824

Conflict of Interest: The authors declare that the research was conducted in the absence of any commercial or financial relationships that could be construed as a potential conflict of interest.

Publisher's Note: All claims expressed in this article are solely those of the authors and do not necessarily represent those of their affiliated organizations, or those of the publisher, the editors and the reviewers. Any product that may be evaluated in this article, or claim that may be made by its manufacturer, is not guaranteed or endorsed by the publisher.

CAPÍTULO III

Artigo com dados experimentais para publicação

Análise de células T não convencionais e mediadores imunológicos solúveis em pacientes com Leucemia Linfoblástica Aguda de Células B

Nilberto Dias de Araujo[1,2], Mateus de Souza Barros[1,2], Fabio Magalhães-Gama[2,3], Juliana Costa Neves[4,5], Thaís Lohana Pereira Ribeiro[2,6], Izabela Freitas[2], Júlia Ghedini[2], Fabíola Silva Alves Hanna[1,2], Andrea Monteiro Tarragô[2,6], Adriana Malheiro[1,2,3,6], Allyson Guimarães Costa[1,2,3,4,5,6,7]*

[1]Programa de Pós-Graduação em Imunologia Básica e Aplicada, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil;

[2]Diretoria de Ensino e Pesquisa, Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM), Manaus, AM, Brasil;

[3]Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Instituto René Rachou - Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Minas, Belo Horizonte, Brasil;

[4]Programa de Pós-Graduação em Medicina Tropical, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil;

[5]Instituto de Pesquisa Clínica Carlos Borborema, Fundação de Medicina Tropical Doutor Heitor Vieira Dourado (FMT-HVD), Manaus, AM, Brasil;

[6]Programa de Pós-Graduação em Ciências Aplicadas à Hematologia, Universidade do Estado do Amazonas (UEA), Manaus, AM, Brasil;

[7]Escola de Enfermagem de Manaus, Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM, Brasil.

[*]**Autor para correspondência:** Allyson G. Costa - allyson.gui.costa@gmail.com, Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM), Av. Constantino Nery, 4397, Chapada, Manaus, AM, CEP 69050-001, Brasil.

RESUMO

As células T não convencionais existem como subconjuntos de linfócitos que apresentam padrões simplificados de expressão do receptor de antígeno de célula T (TCR). Apesar dessas células apresentarem uma baixa frequência, eles desempenham um papel crucial em várias doenças imunomediadas, inclusive no câncer. Neste estudo, usamos um painel de citometria de fluxo para identificar células T γδ, NKT e células MAIT em amostras de medula óssea [MO (n=25)] e sangue periférico (n=25) de pacientes diagnosticados com LLA-B, e amostras de pacientes sem diagnóstico de doenças onco-hematológicas para o grupo controle [GC (n=25)]. Os resultados revelaram que as células T γδ no sangue periférico (SP) em pacientes com Leucemia Linfoblástica Aguda de Células B (LLA-B) no dia do diagnóstico (D0) apresentaram-se aumentadas com diferença estatística

significativa quando comparado ao grupo controle de pacientes sem a doença. Curiosamente também foi observado um aumento nessas células entre o grupo com LLA-B entre os dias D0 e D35 tanto nas amostras de sangue periférico quanto de medula óssea. As células NKT apresentaram um comportamento semelhante, aumentando sua frequência no sangue periférico em pacientes com LLA-B no dia do diagnóstico (D0). Foi observado um aumento nessas células entre o grupo com LLA-B entre os dias D0 e D35 nas amostras de SP, mas não foi observado o mesmo comportamento quando comparado entre os grupos de amostra de MO nos tempos D0 e D35. Em relação as células MAIT houve um aumento significativo quando comparado o D0 de pacientes com LLA-B com o GC, e quando comparado o grupo de pacientes com LLA-B na MO nos tempos D0 e D35. Em paralelo, foi demonstrado que a maioria dos mediadores imunológicos solúveis, tais como citocinas, quimiocinas e fatores de crescimento que tiveram um aumento significativo em diferentes compartimentos (SP e MO) em diferentes tempos de indução ao tratamento da doença em relação ao grupo controle, com exceção de IFN-γ, IL-17 e PDGF que foi observado aumento apenas no D35. O papel desempenhado pelas células T não convencionais encontradas no sangue periférico e no microambiente medular neoplásico e a produção de citocinas podem estar relacionadas com a resposta imune antitumoral de pacientes com leucemia linfoblástica aguda de células B comum e supostamente estão participando para manutenção ou não da patogênese da doença após o tratamento quimioterápico.

Palavras-chaves: Células T não convencionais; leucemia linfoblástica aguda; microambiente tumoral; citocinas.

INTRODUÇÃO

As leucemias compreendem um grupo heterogêneo de neoplasias hematológicas, que podem ser classificadas em leucemias linfoblásticas ou mieloblásticas e divididas em tipos agudos e crônicos, dependendo do tipo de célula afetada, estágio de maturação e contagem de blastos, respectivamente[1]. Enquanto as leucemias agudas são caracterizadas por um bloqueio profundo na diferenciação hematopoiética e resultam em uma superprodução de blastos imaturos, as leucemias crônicas são caracterizadas pela produção excessiva de células diferenciadas parcialmente maduras[2,3].

Os mecanismos imunológicos em pacientes com leucemia são pouco conhecidos. No entanto, com o aumento dos avanços nas pesquisas sobre o microambiente tumoral na leucemia, houve grande progresso no campo da imunoterapia. Estudos demonstraram que as LCs secretam fatores que perturbam os nichos saudáveis da MO, reprogramando-os e transformando-os em "nichos leucêmicos", além de induzir uma interrupção na produção equilibrada de citocinas e favorecer a persistência leucêmica e o potencial metastático[4,5]. No entanto, apesar do microambiente pró-tumoral criado pelas células leucêmicas (CL), estudos relatam que uma resposta imune específica pode ser desencadeada e, portanto,

contribuir para a defesa contra o tumor, embora não seja suficiente para controlar a neoplasia[6].

Vários estudos têm descrito o potencial imunoterapêutico de células T CD8 e CD4 que reconhecem antígenos peptídicos (Ag) apresentados por moléculas polimórficas do complexo principal de histocompatibilidade (MHC) classe I e MHC classe II, respectivamente[7]. Algumas populações de células T são consideradas "não convencionais", que também estão implicadas na imunidade tumoral, embora seu papel nelas não seja bem compreendido. Coletivamente, essas populações de células T diferem de suas contrapartes convencionais principalmente na maneira como reconhecem e respondem a moléculas estranhas[8].

Ao contrário das células T reativas ao MHC, as células T não convencionais geralmente apresentam padrões simplificados de expressão do receptor de antígeno de célula T (TCR) e geralmente têm como alvo moléculas monomórficas apresentadoras de Ag e outros ligantes, onde, após sua ativação, promovem rápida e forte respostas efetivas[9]. Essas populações de células T incluem células T γδ, células NKT e células MAIT[10].

Dessa maneira, no contexto da LLA-B, a contribuição do nosso trabalho com o objetivo de estimar a frequência dessas células T não convencionais, e de seus produtos (citocinas, quimiocinas e fatores de crescimento) para a conversão do microambiente normal em nichos leucêmicos é um tópico ainda distante de ser totalmente elucidado, mas tornou-se, um alvo atraente em termos para futuras pesquisa translacionais para melhorar o manejo clínico da doença ([11-13]).

MATERIAL E MÉTODOS

Aspectos éticos

Este estudo faz parte de um projeto maior intitulado "*Biomarcadores celulares e moleculares envolvidos na resposta imunológica de pacientes com leucemia linfoblástica aguda: novas abordagens aplicadas ao diagnóstico, prognóstico e terapêutica*" aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM), sob número de parecer 4.982.395/2021 e CAAE 51257921.2.0000.0009.

População do estudo

A população do estudo foi constituída de pacientes atendidos no serviço de hematologia pediátrica da Fundação HEMOAM com diagnóstico de LLA-B, obtidas por demanda espontânea no período de março de 2021 a março de 2023.

Além dos pacientes, foram recrutadas crianças (sem leucemia) atendidas na triagem clínica da Fundação HEMOAM, que realizarem o hemograma de rotina e cujo resultado não apresentaram alterações em nenhum dos constituintes sanguíneos, nem infecções detectáveis pelos testes realizados de sorologia.

Critério de exclusão

Como critérios de exclusão, foram adotados os seguintes parâmetros: pacientes diagnosticados com LLA que não sejam classificados em LLA-B comum, material biológico insuficiente ou coagulado.

Obtenção das Amostras

Para este estudo, foram utilizadas amostras de SP e MO de pacientes pediátricos com suspeita de Leucemia Aguda, obtidas através de punção aspirativa da crista ilíaca, esterno ou tíbia e através de punção venosa, respectivamente. A obtenção destas amostras ocorreu paralelamente aos procedimentos médicos habituais, de modo que foram aproveitadas da rotina médica para a pesquisa. As coletas ocorreram em dois *timepoints* da quimioterapia de remissão, sendo estes: dia do diagnóstico (Dia 0, D0) e no 35º dia da terapia de indução da remissão (Dia 35, D35). Foram coletados 2ml de MO e 3ml de SP em tubos com sistema a vácuo, contendo anticoagulante EDTA (ácido etilenodiamino tetra-acético) pela equipe médica da Fundação HEMOAM.

Diagnóstico de LLA-B

Para o diagnóstico e a caracterização imunofenotípica em LLA-B, foram utilizadas amostras de aspirado medular que apresentaram 20% ou mais de blastos na leitura da lâmina de Mielograma. Essas células, na imunofenotipagem (IF), apresentaram-se de tamanho pequeno e baixa complexidade interna, com intensidade de fluorescência fraca a moderada para CD45. Em seguida, foi realizada a IF para especificar a linhagem celular transformada e a subclassificação em LLA-B comum, através da identificação de antígenos de membrana, citoplasmáticos ou nucleares, também conhecidos como clusters

de diferenciação (CD), presentes na superfície das CLs ou em seu compartimento intracelular **(Tabela 3).**

Imunofenotipagem de LLA-B comum e células T não convencionais

Foi realizado a imunofenotipagem (IF) por citometria de fluxo para classificação das Leucemias Linfoblásticas de Célula B comum, e também IF das subpopulações de células T gamma/delta (γδ) (Anti-CD3, ANTI-γδ, anti-CD45, Anti-CD95), células NKT (anti-CD3, Anti-CD16, anti-CD45, Anti-CD56 e anti-CD161) e células MAIT (anti-CD3, anti-Vα7.2, anti-CD45, e anti-CD161), tanto de amostras de SP quanto de MO, pela técnica de Citometria de Fluxo. As subpopulações celulares propostas neste estudo foram marcadas utilizando um painel de anticorpos monoclonais conjugados com fluorocromos específicos para os marcadores de cada população celular (FITC, PE, PERCP, PE-Cy7, APC e APC-Cy7 ou APG-H7). Os resultados obtidos na imunofenotipagem foram analisados através do software FlowJo (v10).

Dosagem de citocinas, quimiocinas e fatores de crescimento para a quantificação de biomarcadores solúveis sistêmicos

O plasma obtido das amostras de SP e MO nos tempos D0 e D35 da quimioterapia de remissão foram armazenados em biorrepositório para a dosagem de mediadores solúveis. Para as quantificações dos biomarcadores solúveis sistêmicos utilizou-se a plataforma Luminex Bio-Plex Pro™ human cytokines que permitiu a pesquisa dos respectivos analitos: CXCL8, CCL11, CCL3, CCL4, CCL2, CCL5, CXCL10, IL-1β, IL-6, TNF-α, IL-12(p70), IFN-γ, IL-15, CXCL10, CXCL11, IL-1β, IL-1Ra, IL-4, IL-6, IL-7, IL-10, IL-13, IL-17, IL-1Rα, IL-4, IL-5, IL-9, IL-10, il-13, FGF-Básico, PDGF, VEGF, G-CSF e GM-CSF, através do software *Luminex xPONENT* versão 3.1.

Análise de dados

Os dados demográficos (idade e sexo), epidemiológicos e características clínicas dos pacientes foram apresentados em formas de tabelas e gráficos, elaboradas com o programa Excel 2013 (*Microsoft Corporation, Redmond, WA, USA*). As análises estatísticas foram realizadas com os softwares *Graphpad Prism* (v8) e *Stata* (v15). Inicialmente, foi realizado teste para verificar normalidade dos dados através do teste de Shapiro-Wilk. As comparações de valores entre dois grupos de dados foram realizadas com teste Mann-Whitney, enquanto para as comparações das variáveis com três ou mais grupos, com o teste Kruskal-Wallis, seguido de pós-teste de Dunn's, para múltiplas

comparações entre os grupos. Para a construção, das redes biológicas para demonstração das interações complexas entre as subpopulações de células T não convencionais e os mediadores imunológicos solúveis avaliados, foi realizada com o teste de correlação de Spearman com elaboração das redes com o software Cytoscape® (v3.0.3).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população do estudo consistiu de amostras de Sangue Periférico (SP) de crianças sem leucemia, que foram atendidas no serviço de hematologia pediátrica na Fundação HEMOAM, cujo resultado do hemograma não apresentou alterações, para o GC (n=25), e pacientes que receberam o diagnóstico de LLA-B comum (n=25), sendo para este último utilizadas amostras de SP (LLA-B SP) e amostras de MO (LLA-B MO). Os pacientes do GC apresentaram idade mediana de 10 (IQR 6-18), enquanto com LLA-B a mediana de idade foi de 7 (IQR 4-9) anos. O sexo masculino foi predominante tanto nos pacientes do GC (13/12), quanto nos pacientes com LLA-B (18/7) conforme observado na **Tabela 1.**

Tabela 1. Distribuição dos pacientes dos grupos Controle e LLA-B.

Variáveis	**GC** ***n=25***	**LLA-B** ***n=25***	***Valor - p***
Gênero ***(Masculino/Feminino)***	13/12	18/7	0,243
Idade ***(anos, mediana [IQR])***	10 [6-18]	7 [4-9]	**0,0016**

GC, grupo controle; LLA-B, pacientes com Leucemia Linfoblástica Aguda de Células B; IQR, intervalo interquartil. Diferença significativa em p<0,05 está representada em negrito.

Os dados hematológicos de cada grupo, juntamente com as medianas e os resultados da análise estatística estão descritos na **Tabela 2**. Pacientes com LLA-B no D0, tanto no Sangue Periférico (SP) quanto de Medula Óssea (MO) apresentaram uma diminuição significativa de neutrófilos, hemoglobina e plaquetas em comparação ao GC, refletindo a usual tríade da leucemia, caracterizada por anemia, neutropenia e trombocitopenia[14].

Não foi observado um aumento de leucócitos totais no grupo LLA-B (SP-D0) em relação ao GC. No entanto, houve uma diferença significativa entre o grupo LLA-B (SP-

D35) quando comparado aos grupos (SP D0) e CG. Além disso, o grupo LLA-B (MO-D0) apresentou um aumento significativo no número de leucócitos totais quando comparado ao grupo LLA-B (MO-D35), corroborando com a ideia de que em alguns casos nem sempre pode-se observar uma leucometria alta no SP, com a presença rara de blastos naqueles pacientes leucopênicos, mas uma presença numerosa naqueles com leucocitose na MO [12-14].

Na LLA-B, os marcadores mais importantes incluem CD10, CD19 e CD79a (196, 197). O pool menos diferenciado da linhagem B expressa marcadores mais precoces, que são CD19, CD22 e CD79a, definindo, por tanto, a LLA Pró-B. A positividade para CD10 (antígeno *Calla*) define o subtipo LLA-B comum, e a expressão da cadeia mμ pesada citoplasmática de imunoglobulina (Ig) define o subtipo Pré-B; enquanto a expressão adicional de Ig de superfície, com expressão fraca ou ausente de CD10, define a LLA-B madura[15].

Tabela 2. Dados do Hemograma de pacientes do grupo controle e pacientes do grupo LLA-B, sendo estes últimos estratificados nos tempos D0 e D35.

Parâmetros	**GC (n=25)**	**LLA-B (n=25)**			
		SP		**MO**	
		D0	**D35**	**D0**	**D35**
Hemácias	4,9 (4,5 - 5,2)	2,7 (2,4 – 3,3)[a]	3,0 (2,8 – 3,3)[b]	2,5 (2,0 – 3,0)[d]	2,9 (2,6 – 3,3)
Hemoglobina	14,0 (12,7 - 14,4)	7,7 (6,6 – 9,1)[a,c]	8,6 (8,1 – 9,6)[b]	7,0 (5,6 – 8,2)[d]	8,8 (7,6 – 9,6)
Plaquetas	285 (180 - 364)	34 (20 – 87)[a,c]	155 (68 – 256)[b]	32 (23 – 65)[d]	98 (49 – 201)
Leucócitos Totais	7,4 (6,1 - 9,1)	6,5 (2,8 – 18,3)[c]	2,4 (1,8– 5,2)[b]	33,3 (7,0 – 120)[d]	6,6 (3,3 – 17)
Neutrófilos	3,7 (3,0 – 4,5)	0,4 (0,1 – 2,1)[a]	1,0 (0,3 – 1,7)[b]	0,6 (0,1 – 3,3)[d]	3,0 (0,7 – 6,3)

SP, sangue periférico; MO, medula óssea; D0, dia do diagnostico; D35, trinta e cinco dias após o diagnóstico; IQR, intervalo interquartil. A análise descritiva está expressa em Mediana (IQR).

Valor de referência: Hemácias: 4,5 - 6,0 x10^6/μL; Hemoglobina: 12 - 18 g/dL; Plaquetas: 130 - 400 x10^3/μL; Leucócitos Totais: 5,2 - 12,4 x10^3/μL; Neutrófilos: 1,9 - 8,0 x10^3/μL; Eosinófilos: 0,1 - 5,0 x10^3/μL; Basófilos: 0,0 - 2,0 x10^3/μL.

[a]Diferença significativa de SP-D0 para o GC; [b]Diferença significativa de SP-D35 para o GC; [c]Diferença significativa de SP-D0 para SP-D35; [d]Diferença significativa de MO-D0 para MO-D35; Fonte em negrito indica significância estatística em $p<0,05$.

Tabela 03. Perfil imunofenotípico dos Linfoblastos encontrados na Medula Óssea (MO) de pacientes diagnosticados com Leucemia Linfoblástica Aguda de Células B comum.

[1] ID dos Pacientes	[2] Tamanho	[3] Complexidade	[4] Expressão de marcador Pan-Leucocitário	[5] IF dos marcadores para linhagem Linfoblástica de células B						[6] IF de marcadores de imaturidade		[7] IF de marcador anômalo-mieloide
	(FSC)	*(SSC)*	CD45	CD10	CD19	CD20	cCD79a	CD81	cIgM	CD34	CD38	CD66c
001	Pequeno	Baixa	Fraca	+	+/++	-/+	+	+/++	(-)	-/+	-/+	-/+
002	Pequeno	Baixa	Fraca	-/+	++	-/+	+/++	++	(-)	-/+	+/-	(-)
003	Pequeno	Baixa	Fraca	+/-	+/++	(-)	+	+/++	(-)	+/-	-/+	+/-
004	Pequeno	Baixa	Moderada	-/+	+/++	-/+	+/-	+/++	(-)	+/++	(-)	+/-
005	Pequeno	Baixa	Fraca	+	+/++	(-)	+	+	(-)	+	-/+	+/-
006	Médio	Baixa	Fraca	++	+/++	(-)	+	+	(-)	-/+	(-)	+/-
007	Pequeno	Baixa	Moderada	+/++	+/-	(-)	+/-	+	(-)	(-)	-/+	-/+
008	Médio	Baixa	Fraca	++	+/++	(-)	+/-	+	(-)	+	-/+	+/-
009	Médio	Baixa	Fraca	++	+	(-)	+	+	(-)	+/-	(-)	+
010	Pequeno	Baixa	Fraca	+	+/++	-/+	+	+/++	(-)	(-)	+	(-)
011	Pequeno	Baixa	Moderada	-/+	+	(-)	+	+/++	(-)	+	+/-	+/++
012	Pequeno	Baixa	Moderada	+	++	(-)	++	+	(-)	(-)	(-)	(-)
013	Pequeno	Baixa	Moderada	+/-	+/++	(-)	+/-	+/++	(-)	+	(-)	+/++
014	Pequeno	Baixa	Fraca	+/++	+/++	(-)	+	+	(-)	-/+	-/+	+/-
015	Pequeno	Baixa	Moderada	+/-	++	(-)	+	++	(-)	(-)	+/-	+/-
016	Pequeno	Baixa	Moderada	++	++	(-)	+	++	(-)	+/-	-/+	+/-
017	Pequeno	Baixa	Moderada	+/++	+	(-)	+/-	++	(-)	(-)	+/-	(-)
018	Pequeno	Baixa	Fraca	+/++	+/++	(-)	+	+	(-)	-/+	+/-	(-)
019	Pequeno	Baixa	Fraca	+/++	+/++	(-)	+/-	+	(-)	-/+	-/+	(-)
020	Grande	Media	Ausente	++	++	+	++	++	(-)	+	-/+	(-)
021	Pequeno	Baixa	Fraca	++	+/++	(-)	+	+/-	(-)	+/-	-/+	+/++
022	Pequeno	Baixa	Moderada	+	++	(-)	+	+/++	(-)	-/+	+	++
023	Pequeno	Baixa	Fraca	+/++	+	-/+	+/-	++	(-)	-/+	+/-	-/+
024	Pequeno	Baixa	Fraca	+/++	+/++	(-)	+/-+	+	(-)	+	-/+	(-)
025	Pequeno	Baixa	Fraca	++	+/++	-/+	+	+/++	(-)	-/+	+/-	+

[1] ID: Identificação dos pacientes. [2] Tamanho (*FFC: Forward Scatter* – Classificação do tamanho em pequeno, médio ou grande). [3] Complexidade (*SSC: Side Scatter* – Classificação da complexidade/granulosidade em baixa, média ou alta). [4] Expressão Do Marcados Pan-Leucocitário CD45: Ausente, Fraca ou Moderada. [5] IF: Intensidade da Fluorescência dos Marcadores de Linfoblastos de células B comum. [6] IF: Intensidade da Fluorescência dos Marcadores de imaturidade. [7] IF: Intensidade da Fluorescência de Marcador de Anômalo (mieloide). Intensidade de Fluorescência: +: Intensidade Moderada. ++: Intensidade Forte. +/-: >50% das células positivas, com Moderada Intensidade. -/+: <50% das células positivas, com Moderada Intensidade.

Nossos dados apontam que 17/25 pacientes chegaram a fase de Consolidação de Remissão da doença com classificação em medula M1 (< 5% na contagem de blastos), 6/25 M2 (intervalo entre > 5% e < 25% na contagem de blastos) e apenas 2/25 com classificação M3 (> 25% na contagem de blastos) (Tabela 4). A análise desses parâmetros pode indicar a necessidade de mudanças na abordagem terapêutica e no grupo de risco, de modo a melhorar o suporte clínico e aumentar a sobrevida dos pacientes com a doença [16].

A análise de DRM é um importante indicador clínico de resposta à terapia, pois consiste na avaliação de CLs residuais sobreviventes à quimioterapia e que são capazes de repovoar a MO, resultando em episódios de recidiva da doença, caso não tratada. Dessa forma, quando um paciente exibe níveis de DRM ≥0.01% (10^{-4}) de CLs na MO e no SP o risco de recidiva é significativamente maior do que aqueles pacientes que exibem níveis inferiores a 0.01%. Por tanto, quanto maior o valor de DRM ao final da fase de indução, maior é o risco de recaída e menor é a taxa de sobrevida, de acordo com diferentes relatórios[17].

A Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM) atualmente adota os critérios estabelecidos pelo GBTLI-2009 na rotina clínica para o tratamento da LLA-B comum. Este protocolo é organizado em 6 fases, sendo elas as terapias de Pré-fase, Indução da Remissão, Consolidação da Remissão, Intensificação, Consolidação Tardia, e, por último, Manutenção. Neste protocolo, a estratificação de grupos de risco baseia-se na resposta à terapia, avaliada no 8° dia da fase de indução (D8) pela contagem de blastos no SP, no 15° dia da fase de indução (D15) pela avaliação morfológica da MO e DRM por citometria de fluxo, e no 35° dia da terapia de indução (D35) através da análise morfológica da MO[18].

Tabela 04. Leucometria e quantitativo de blastos na Medula Óssea (MO) dos pacientes com LLA-B nos tempos D0 (dia do diagnóstico do paciente), D15 (quinze dias após o início da Terapia de Indução de Remissão da Doença, de acordo com o protocolo estabelecido), para pesquisa de Doença Residual Mensurável (DRM) e D35 (trinta e cinco dias após o início do tratamento**),** para avaliação medular.

	*DIAGNOSTICO		**DRM		***REMISSAO MORFOLOGICA		
TEMPOS	**D0**		**D15**		**D35**		
ID. DOS PACIENTES	**LEUCOMETRIA (/mm3)**	***BLASTOS (%)**	**LEUCOMETRIA (mm3)**	****BLASTOS (%)**	**LEUCOMETRIA (mm3)**	*****BLASTOS (%)**	**CLASSIFICACAO MEDULAR**
001	5.760	58 %	1.010	0,5%	2.320	<5 %	M1
002	521.400	93 %	7.260	15%	15.240	>25%	M3
003	111.900	90 %	12.090	0,3 %	34.050	5 - 25%	M2
004	231.500	88 %	2.590	10,8 %	28.200	5 - 25%	M2
005	12.630	75 %	3.070	9,10 %	3.120	<5 %	M1
006	6.350	82 %	940	0,27 %	4.860	<5 %	M1
007	5.600	65 %	1.910	0,1 %	6.680	<5 %	M1
008	270.400	95 %	2.590	21,2 %	3.270	5 - 25%	M2
009	5.420	73 %	6.430	6,4 %	4.510	<5 %	M1
010	13.990	63 %	3.410	0	10.020	<5 %	M1
011	114.400	79%	5.190	16,0 %	25.880	5 - 25%	M2
012	3.640	32 %	5.680	1,3 %	15.59	<5 %	M1
013	31.930	67 %	1.140	26,2 %	49.280	<5 %	M1
014	8.790	60 %	2.950	25,9 %	1.200	<5 %	M1
015	33.350	61 %	76.440	38,1 %	3.420	5 - 25%	M2
016	7.670	21 %	14.290	3,3 %	20.850	<5 %	M1
017	92.570	84 %	3.750	0,11 %	4.970	<5 %	M1
018	9.960	78 %	3.620	11,4 %	1.940	<5 %	M1
019	109.900	95 %	2.160	0,11 %	4.110	5 - 25%	M1
020	5.740	20 %	520	0,7 %	2.150	<5 %	M1
021	594.100	88 %	3.860	35,8 %	12.670	>25%	M3
022	8.140	22 %	480	0,04 %	10.300	<5 %	M1
023	212.600	88%	5.640	0,001 %	14.510	5 - 25%	M2
024	125.800	85%	1.260	0	4.830	<5 %	M1
025	74.090	95%	9.670	2 %	19.710	<5 %	M1

ID: Identificação dos pacientes. D0: Dia do diagnóstico do paciente. D15: 15 dias após o início do tratamento. D35: 35 dias após o início do tratamento. Doença Residual Mensurável (DRM). M1: < 5% na contagem de blastos. M2: intervalo entre > 5% e < 25% na contagem de blastos. M3: > 25% na contagem de blastos. (%): percentual. (/mm^3): por milímetros cúbicos* Imunofenotipagem por Citometria de Fluxo. ** Imunofenotipagem por Citometria de Fluxo. ***Leitura do Mielograma por Microscopia Óptica.

Em relação a frequência das células T não convencionais, em nossos dados, observou-se que os pacientes com LLA-B apresentaram uma frequência aumentada de células T γδ no momento do diagnóstico (D0) (**Figura 6**). Houve uma diminuição no D0 e D35 no SP de pacientes com LLA-B em relação ao GC, porém houve um aumento estatisticamente significativo quanto a essas células nos tempos D0 e D35 na MO.

Alguns estudos *in vitro* mostraram que células T não convencionais reconhecem e destroem os blastos de leucemia, mas os mecanismos adjacentes ainda são pouco estudados. A exemplo, análises revelaram uma abundância de células T γδ infiltrantes de tumor em coortes de pacientes com leucemia[19]. Essa alta frequência foi positivamente correlacionada com a sobrevida desses pacientes. Da mesma forma, foi relatado que as células Tγδ têm porcentagens aumentadas em pacientes com LLC e que esse subtipo se expande no sangue periférico, exibindo alta liberação de grânulos citotóxicos contendo granzimas B Tomados em conjunto, esses dados sugerem que a leucemia afeta a frequência de células T não convencionais e que essas células têm alguma influência durante a regressão ou progressão da doença[20-21].

Um estudo de Weinkove e colaboradores mostrou que a frequência de células NKT foi menor em pacientes com leucemia crônica em comparação com o grupo controle saudável e que a terapia por 14 dias com IFN-γ e 1 μM IM (mesilato de imatinibe) em combinação com 100 ng/ml de α- GalCer nesses pacientes resultou em um aumento significativo nas células NKT. Da mesma forma, Weinkove et al. demonstraram que LCs purificadas e estimuladas in vitro com 200 ng/ml de α-GalCer por 5 dias incitaram a proliferação de células NKT autólogas e alogênicas, mas não em quantidade significativa também foi demonstrado que houve estimulação de produção de IFN-γ por células NKT em pacientes leucêmicos. No entanto, observou-se que a cultura prolongada dessas células resultou na polarização das células NKT para um perfil Th2 e resultou em altos níveis de citocinas associadas à tolerância ao tumor[22].

As células MAIT, como sua alta frequência em humanos e sua capacidade de secretar rapidamente um repertório de mediadores que induzem ativação e regulação de outras células do sistema imunológico, além da capacidade de reconhecer antígenos restritos a MR1, a pesquisa com células MAIT, bem como outras populações de células T restritas a MR1, tem despertado grande interesse na área da oncologia. Atualmente, o papel funcional desencadeado por essas células T inatas no câncer não é claro e tem sido objeto de vários estudos[23].

As células T não convencionais podem promover a rejeição do tumor e oferecer vantagens que as indicam como alvos potenciais para a imunoterapia baseada em células T. Embora eficazes, é importante notar que as células T não convencionais não estão isentas da influência dos receptores de checkpoint, uma vez que essas células regulam positivamente o receptor PD1 inibitório em sua superfície celular após a ativação [185-187]. No entanto, a terapia de bloqueio de checkpoint usando drogas baseadas em anti-PD1 e anti-CTLA-4 está provando ser uma abordagem poderosa para impedir que as células efetoras entrem em um estado de anergia causado por células cancerígenas, proporcionando assim uma resposta imune persistente [188-24].

O fato é que o papel das células T não convencionais durante o processo neoplásico costumam estar relacionado a uma melhor vigilância imunológica ou resposta antitumoral em pacientes com leucemia, e que, até o momento, as células T não convencionais ainda são pouco exploradas. Fatores, como a ausência de barreiras relacionadas à histocompatibilidade, já que as moléculas que apresentam Ag para células T não convencionais são monomórficas; ativação por mecanismos dependentes e independentes de TCR; capacidade de reunir respostas rápidas e poderosas; além da alta frequência em tecidos específicos em humanos, todos demonstram a necessidade de mais estudos sobre o potencial imunoterapêutico dessas células e, principalmente, a tradução desses estudos em ensaios clínicos.

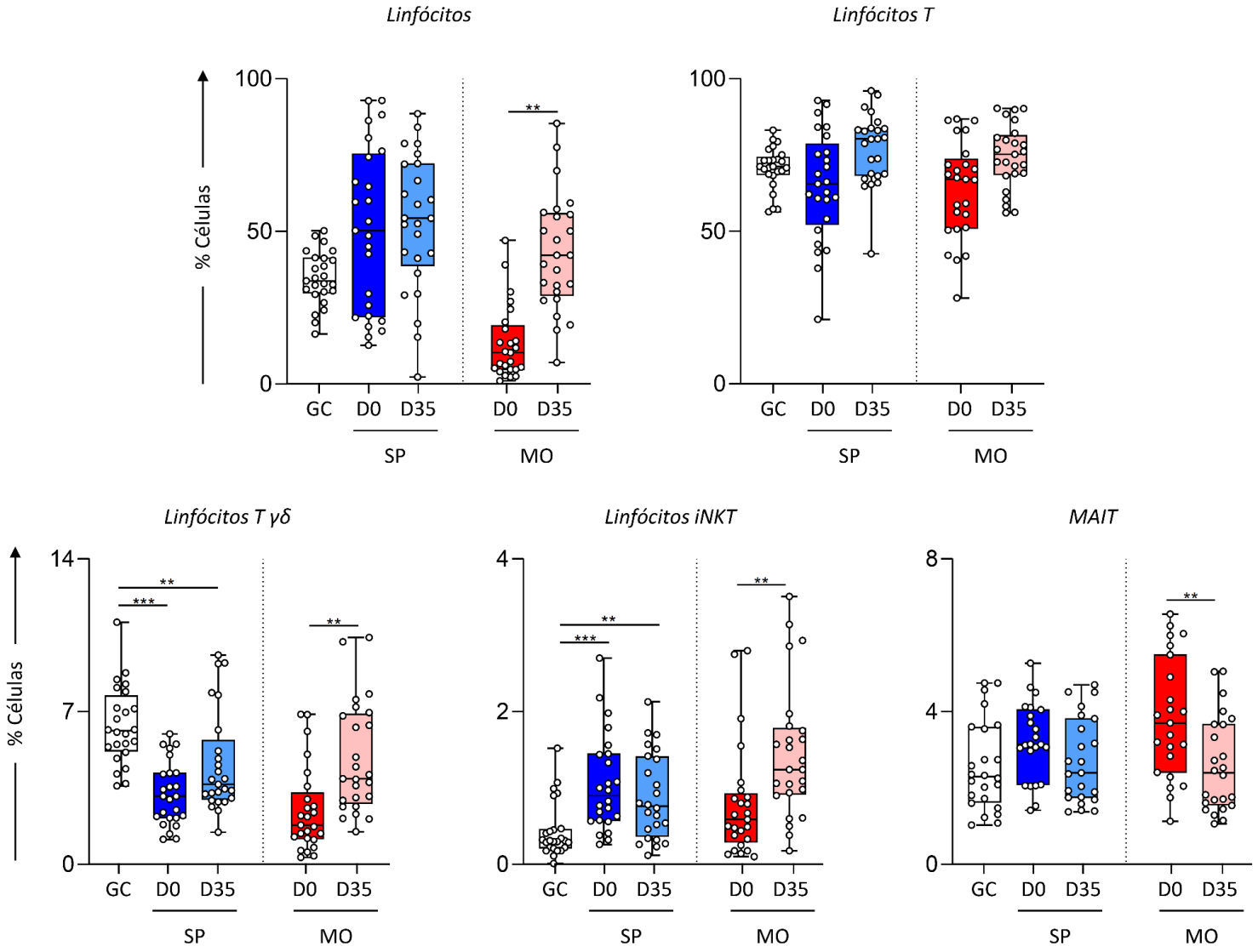


Figura 05. Frequência de células Tγδ, NKT e MAIT no sangue periférico (SP) e medula óssea (MO) de pacientes com LLA-B nos tempos D0 e D35. O Grupo Controle (GC) foi composto apenas por amostras de Sangue Periférico de crianças atendidas na Fundação HEMOAM. Para verificar a normalidade dos dados, foram realizadas análises através do teste Shapiro-Wilk. As comparações de valores entre dois grupos de dados foram realizadas com Mann-Whitney. Enquanto para a comparação das variáveis com três ou mais grupos, foi realizada o teste de Kruskal-Wallis. Diferenças significativas são indicadas por linhas de conexão asteriscos para p <0,01 (*), p <0,05 (**) ou p <0,001 (***).

Dados sobre a complexa rede de mediadores imunológicos solúveis na circulação e, especialmente na medula óssea de pacientes com LLA-B ainda são limitados, representando um vasto campo para investigações. Nesse sentido, com objetivo de fornecer um panorama sobre a complexa rede imunológica na LLA, bem como sua correlação com as células T não convencionais, foi realizado a dosagem de 26 analitos, incluindo quimiocinas, citocinas pró-inflamatórias, citocinas regulatórias e fatores de crescimento celular (**Figuras 7A, 7B, 7C e 7D, respectivamente**).

De maneira geral, os dados demonstram que os pacientes pediátricos com LLA exibiram um aumento significativo nos níveis de mediadores imunológicos solúveis, ao D0 e D35, em comparação aos níveis observados em amostras de sangue periférico do GC, indicativo de uma intensa e complexa resposta imunológica. Diferentemente do perfil da maioria dos mediadores solúveis, foi observado uma diminuição significativa da quimiocina CXCL10 e da citocina regulatória IL-10, tanto na circulação, quanto no compartimento medular. Esses achados corroboram com estudos anteriores realizados pelo grupo de pesquisa, que demonstraram o declínio de CXCL10 e IL-10 ao D35, no compartimento medular. Além disso, através de redes biológicas, o estudo demonstrou uma forte correlação estabelecida entre os dois mediadores[19].

A quimiocina CXCL10, juntamente com CXCL9 e CXCL11, correspondem a ligantes seletivos para CXCR3. Em condições normais, o eixo CXCL9-10-11/CXCR3 regula a migração e ativação de células imunes e exibe um efeito antitumoral[20]. No entanto, investigações mostraram que, no contexto do câncer, o eixo CXCL9-10-11/CXCR3 é capaz de contribuir para a proliferação e metástase de células cancerígenas [21]. Estudo envolvendo pacientes pediátricos com LLA, demonstrou que a CXCL10 induzia quimiotaxia de células leucêmicas que expressavam CXCR3, e diminuiu a apoptose induzida por quimioterapia nas células leucêmicas CXCR3^{+} [22,24,27,28].

De maneira similar, a IL-10 também tem demonstrado exibir um importante papel negativo, relacionado a diminuição de respostas citotóxicas especificas e a estimulação da imunossupressão celular apresentada por estes pacientes no momento do diagnostico, [25]. Altos níveis de IL-10 na circulação e no microambiente tumoral têm sido usualmente correlacionados com um pior prognóstico em neoplasias sólidas e malignidades hematológicas, incluindo LLA, onde estudos relataram um aumento nas porcentagens de células T regulatórias (Treg) junto a níveis elevados de IL-10 em amostras de sangue

periférico, indicando a importância do perfil Treg no processo de imunossupressão destes pacientes[26].

Surpreendentemente, os dados aqui observados indicam que o tratamento quimioterápico pode reverter a imunossupressão celular apresentada por estes pacientes ao D0, visto que é responsável pela eliminação das células neoplásicas. Em concordância, foi observado que os pacientes com LLA-B apresentaram um aumento significativo de IFN-γ ao D35, o que é consistente com achados de estudos anteriores[27]. Além disso, estudos realizados em pacientes com LMA, relatam que as células leucêmicas segregam fatores solúveis que impedem as células T de secretar as citocinas relacionadas ao perfil Th1[28]. O que apoia nosso achado, uma vez que se espera que ao D35 haja a eliminação ou redução da carga leucêmica a células residuais. Por fim, ao D35 também foi observado aumento significativo nos níveis dos fatores de crescimento PDGF, VEGF e GM-CSF, indicando um aumento na atividade hematopoiética [29,30.]

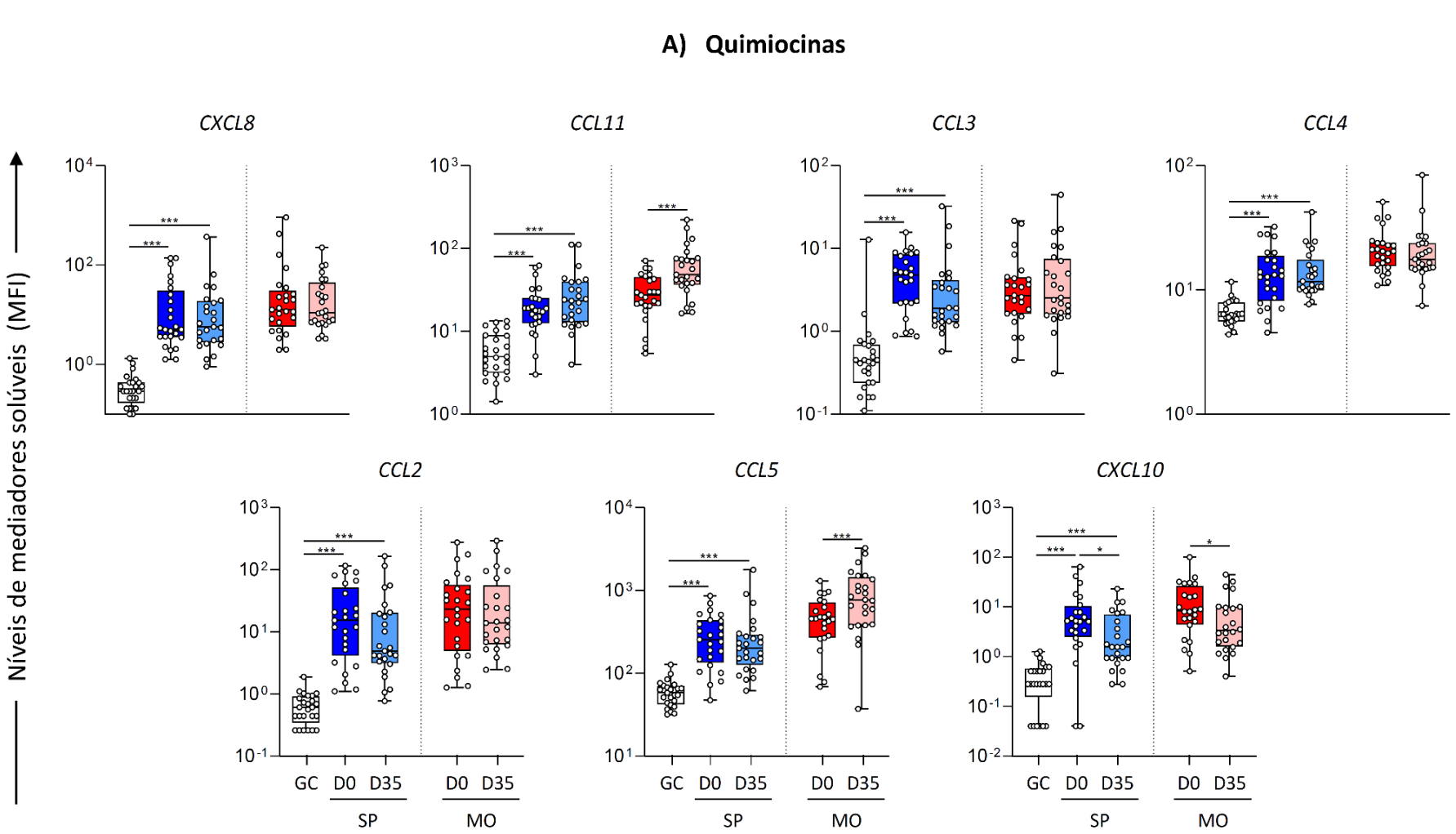


Figura 6a. Dosagem de Quimiocinas no sangue periférico (SP) e medula óssea (MO) de pacientes com LLA-B nos tempos D0 e D35. O Grupo Controle (GC) foi composto apenas por amostras de Sangue Periférico de crianças atendidas na Fundação HEMOAM. Para verificar a normalidade dos dados, foram realizadas análises através do teste de Shapiro-Wilk. As comparações de valores entre dois grupos de dados foram realizadas com Teste *t* (Student) ou Mann-Whitney. Enquanto para a comparação das variáveis com três ou mais grupos, foi realizada o teste de Kruskal-Wallis. Diferenças significativas são indicadas por linhas de conexão asteriscos para p <0,01 (*), p <0,05 (**) ou p <0,001 (***).

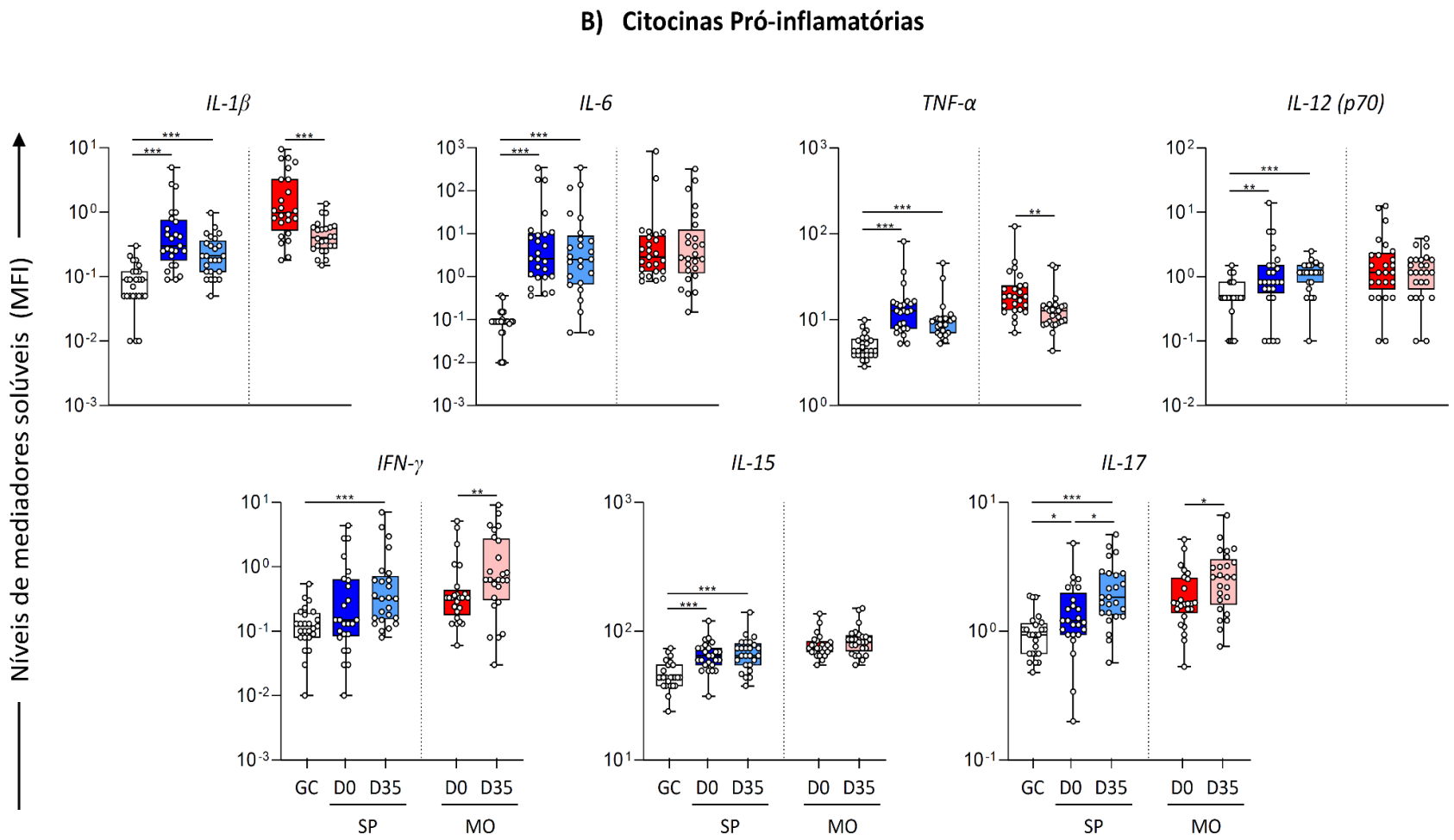


Figura 6b. Dosagem de Citocinas pró-Inflamatórias no sangue periférico (SP) e medula óssea (MO) de pacientes com LLA-B nos tempos D0 e D35. O Grupo Controle (GC) foi composto apenas por amostras de Sangue Periférico de crianças atendidas na Fundação HEMOAM. Para verificar a normalidade dos dados, foram realizadas análises através do teste de Shapiro-Wilk. As comparações de valores entre dois grupos de dados foram realizadas com Teste *t* (Student) ou Mann-Whitney. Enquanto para a comparação das variáveis com três ou mais grupos, foi realizada o teste de Kruskal-Wallis. Diferenças significativas são indicadas por linhas de conexão asteriscos para p <0,01 (*), p <0,05 (**) ou p <0,001 (***).

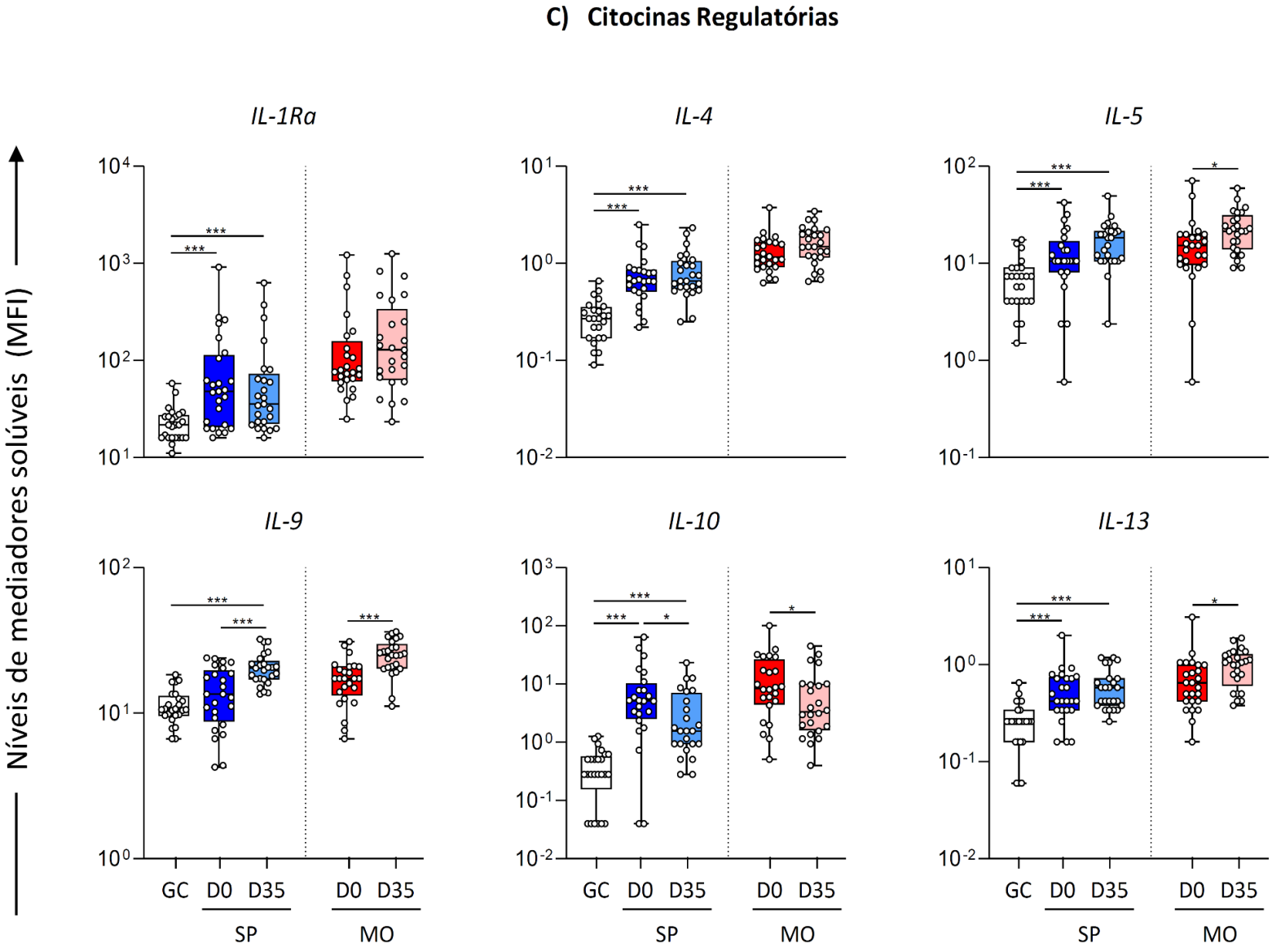


Figura 6c. Dosagem de Citocinas Regulatórias no sangue periférico (SP) e medula óssea (MO) de pacientes com LLA-B nos tempos D0 e D35. O Grupo Controle (GC) foi composto apenas por amostras de Sangue Periférico de crianças atendidas na Fundação HEMOAM. Para verificar a normalidade dos dados, foram realizadas análises através do teste de Shapiro-Wilk. As comparações de valores entre dois grupos de dados foram realizadas com Teste *t* (Student) ou Mann-Whitney. Enquanto para a comparação das variáveis com três ou mais grupos, foi realizada o teste de Kruskal-Wallis. Diferenças significativas são indicadas por linhas de conexão asteriscos para p <0,01 (*), p <0,05 (**) ou p <0,001 (***).

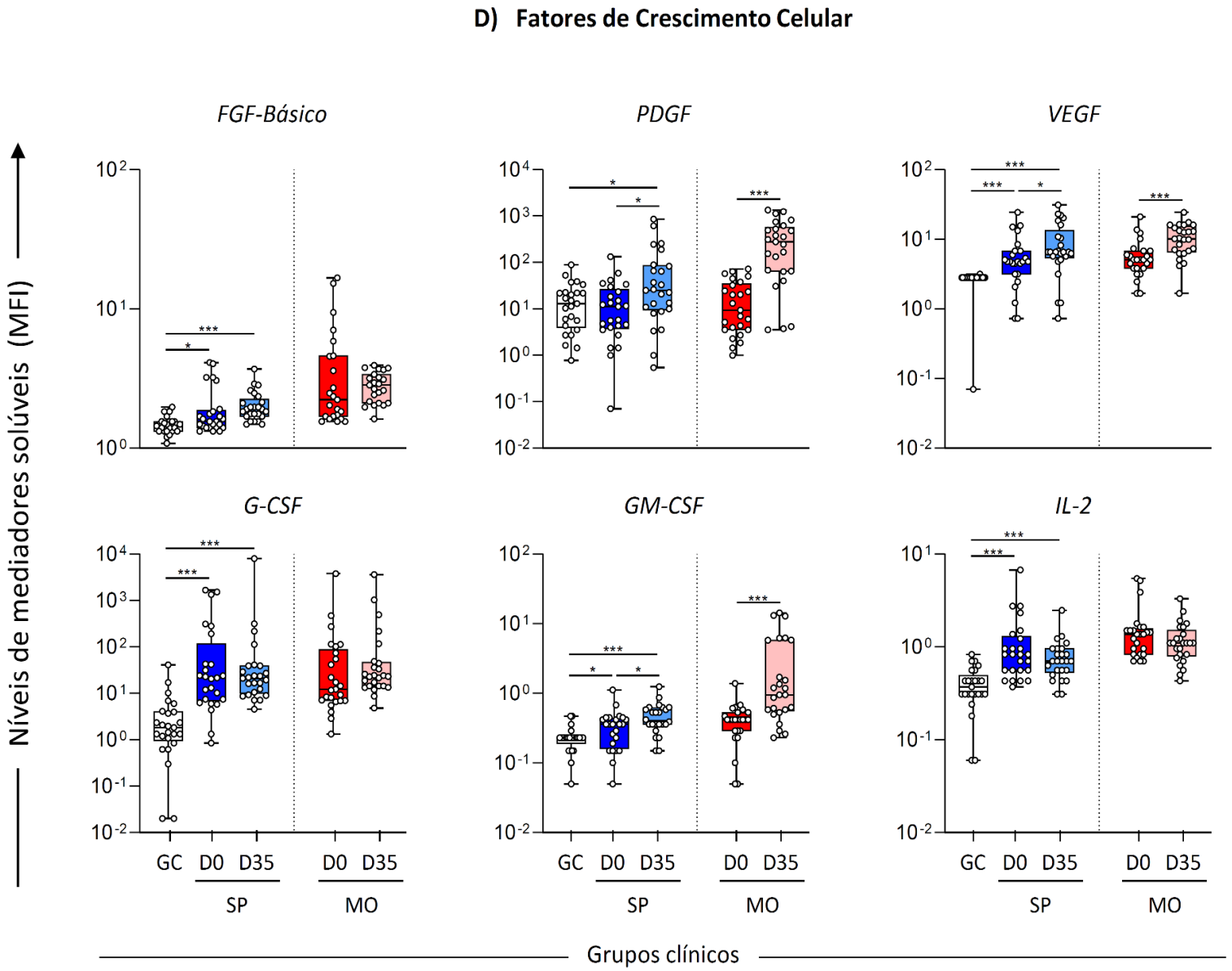


Figura 6d. Dosagem de Fatores de Crescimento no sangue periférico (SP) e medula óssea (MO) de pacientes com LLA-B nos tempos D0 e D35. O Grupo Controle (GC) foi composto apenas por amostras de Sangue Periférico de crianças atendidas na Fundação HEMOAM. Para verificar a normalidade dos dados, foram realizadas análises através do teste de Shapiro-Wilk. As comparações de valores entre dois grupos de dados foram realizadas com Teste *t* (Student) ou Mann-Whitney. Enquanto para a comparação das variáveis com três ou mais grupos, foi realizada o teste de Kruskal-Wallis. Diferenças significativas são indicadas por linhas de conexão asteriscos para p <0,01 (*), p <0,05 (**) ou p <0,001 (***).

Foram construídas redes biológicas integrativas entre as moléculas imunológicas solúveis e as células de interesse ao estudo **(Figura 3).** A análise dos dados demonstrou que pacientes com diagnóstico de LLA-B possuem uma rede de interações imunológicas distintas do Grupo Controle e também entre os compartimentos analisados (Sangue Periférico e Medula Óssea) nos diferentes tempos observados (D0 e D35). Ao D0, no Sangue Periférico vemos a evidente participação das células NKT e Tγδ. Ao comparar no mesmo compartimento ao D35 observamos uma mudança no perfil de participação, com as células NKT mais evidentes, com correlações negativas entre células e moléculas durante o seguimento clínico.

Em comparação com a Medula óssea, ao D0 observa-se a participação massiva e evidente de Linfócitos, com correlações moderadas e positivas entre quimiocinas, citocinas regulatórias e fatores de crescimento. Ao D35 observamos um menor número de correlações entre as células e moléculas, com a ausência da participação dos linfócitos. É observado que o Sangue Periférico (LLA-B SP) tende a refletir o perfil da MO (LLA-B MO) durante a terapia de indução, porém com um número menor de interações que podemos observar entre os compartimentos ao D0. Este fato pode ser explicado pela maior complexidade do microambiente medular, portanto, um maior número de correlações.

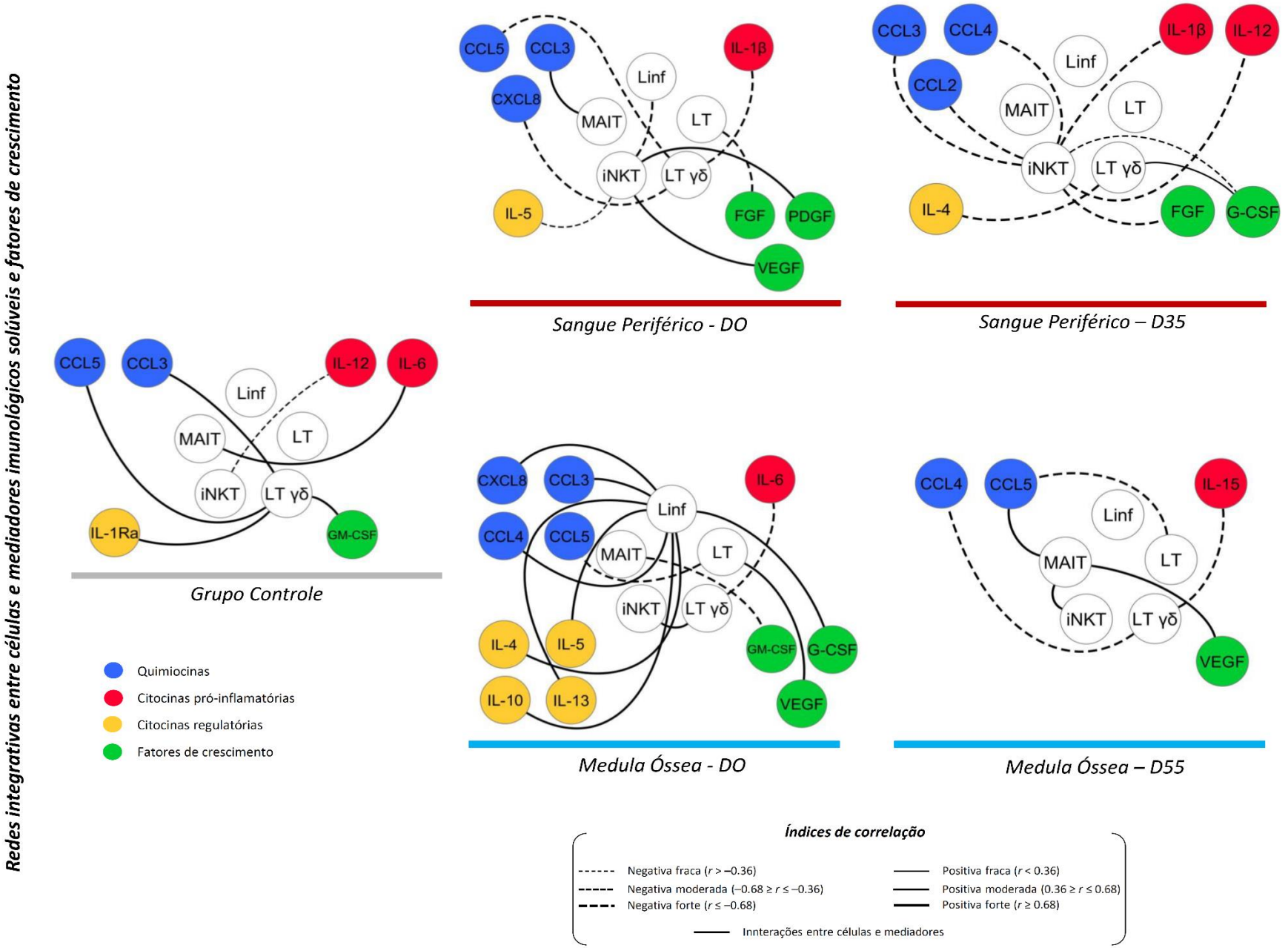


Figura 7. Rede de correlações demostra as interações entre os mediadores inflamatórios e células durante o seguimento de estudo. Cada grupo de cores é usado para identificar as moléculas e suas interações, sendo estas as quimiocinas (■), citocinas pró-inflamatórias (■), citocinas regulatórias (■) e fatores de crescimento (■) nos diferentes compartimentos, Sangue Periférico e Medula Óssea no grupo LLA-B. As linhas tracejadas entre as moléculas indicam uma correlação negativa, enquanto as linhas sólidas indicam uma correlação positiva. A espessura destes indica a força da correlação. As linhas cinzas indicam a correlação entre os parâmetros laboratoriais e moléculas solúveis. O índice de correlação (r) foi utilizado para categorizar a força da correlação em fraca (r≤0,35), moderada (r≥0,36 a r≤0,67) ou forte (r≥0,68).

Esse estudo apresentou algumas limitações, tais como o número de pacientes (n), o painel de marcadores disponíveis para avaliar imunofenotipicamente cada população de células T não convencionais, o número de óbitos.

No entanto, nossos dados demonstraram que a frequência de células T não convencionais na MO e SP podem estar relacionados à forte imunossupressão que os pacientes com LLA-B exibem no momento do diagnóstico. Isto pode ser explicado, em parte, pela alta carga leucêmica, que contribui criticamente para um desequilíbrio imunológico. Além disso, uma tendência de aumento de células T não convencionais na MO sugere que uma resposta imune local esteja ocorrendo neste compartimento; no entanto, é importante que estudos adicionais sejam realizados. Um número maior de amostras e um GC para MO poderia revelar com mais precisão o real significado destas perturbações induzidas pelo microambiente leucêmico e o seu impacto prognóstico.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos imensamente aos pacientes e a ***Fundação Hospitalar de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas (HEMOAM)*** por ceder os espaços e equipamentos necessários para a execução do projeto.

AGENCIAS FINANCIADORAS

Este trabalho foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) (Programa Pró-Estado - nº 002/2008, Programa PAPAC - nº 005/2019 e Programa POSGRAD - nº 006/2020), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científi co e Tecnológico (CNPq), ***Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES),*** pela Bolsa de Doutorado ***e a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM),*** pelo auxílio financeiro via Programa Pró-Estado (Resoluções n.º 002/2008, n.º 007/2018 e n.º 005/2019).

REFERÊNCIAS

1. A. Ehsanpour, N. Saki, M. Bagheri, M. M. Behzad, and S. Abroun, “The expression of microvesicles in leukemia: prognostic approaches,” **Cell Journal**, vol. 21, pp. 115–123, 2018.

2. R. A. Van Etten, “Mechanisms of transformation by the_BCR-ABL_ oncogene: new perspectives in the post- imatinib era,” **Leukemia Research**, vol. 28, pp. 21–28, 2004.

3. R. A. Van Etten, “Aberrant cytokine signaling in leukemia,” **Oncogene**, vol. 26, no. 47, pp. 6738–6749, 2007.

4. F. Chiarini, A. Lonetti, C. Evangelisti et al., “Advances in understanding the acute lymphoblastic leukemia bone mar- row microenvironment: from biology to therapeutic target- ing,” Biochimica et Biophysica Acta (BBA) - **Molecular Cell Research**, vol. 1863, no. 3, pp. 449–463, 2016.

5. J. Huan, N. I. Hornick, M. J. Shurtleff et al., “RNA trafficking by acute myelogenous leukemia exosomes,” **Cancer Research**, vol. 73, no. 2, pp. 918–929, 2013.

6. P. Yotnda, P. Mintz, K. Grigoriadou, F. Lemonnier, E. Vilmer, and P. Langlade-Demoyen, “Analysis of T-cell defects in the specific immune response against acute lymphoblastic leukemia cells,” **Experimental Hematology**, vol. 27, pp. 1375–1383, 1999.

7. T. Ahrends and J. Borst, “The opposing roles of CD4+ T cells in anti-tumour immunity,” **Immunology**, vol. 154, pp. 582– 592, 2018.

8. N. R. Maimela, S. Liu, and Y. Zhang, “Fates of CD8+ T cells in tumor microenvironment,” Computational and Structural Biotechnology Journal, vol. 17, pp. 1–13, 2019.

9. D. I. Godfrey, A. P. Uldrich, J. McCluskey, J. Rossjohn, and D. B. Moody, “The burgeoning family of unconventional T cells,” **Nature Immunology**, vol. 16, pp. 1114–1123, 2015.

10. D. I. Godfrey, J. Le Nours, D. M. Andrews, A. P. Uldrich, and J. Rossjohn, “Cell targets for cancer immunotherapy,” **Immunity**, vol. 48, pp. 453–473, 2018.

11. Jiménez-Morales S, Aranda-Uribe IS, Pérez-Amado CJ, Ramírez-Bello J, Hidalgo-Miranda A. Mechanisms of Immunosuppressive Tumor Evasion: Focus on Acute Lymphoblastic Leukemia. Vol. 12, **Frontiers in Immunology**. Frontiers Media S.A.; 2021. p. 4787.

12. Hohtari H, Brück O, Blom S, Turkki R, Sinisalo M, Kovanen PE, et al. Immune cell constitution in bone marrow microenvironment predicts outcome in adult ALL. **Leukemia.** 2019 Jul 1;33(7):1570–82.

13. Dander E, Palmi C, D’amico G, Cazzaniga G. The bone marrow niche in b-cell acute lymphoblastic leukemia: The role of microenvironment from pre-leukemia to overt leukemia. **Int J Mol Sci** [Internet]. 2021 Apr 23;22(9):4426. Available from: https://www.mdpi.com/1422-0067/22/9/4426.

14. Farias MG, Castro SM de. Diagnóstico laboratorial das leucemias linfóides agudas. J **Bras Patol e Med Lab**. 2004;40(2):91–8.

15. Chiaretti S, Zini G, Bassan R. Diagnosis and subclassification of acute lymphoblastic leukemia. Vol. 6, **Mediterranean Journal of Hematology and Infectious Diseases**. 2014.

16. Coustan-Smith E, Behm FG, Sanchez J, Boyett JM, Hancock ML, Raimondi SC, et al. Immunological detection of minimal residual disease in children with acute lymphoblastic leukaemia. **Lancet** [Internet]. 1998.

17. Muffly L. Measurable Residual Disease in Acute Lymphoblastic Leukemia: Techniques and Therapeutic Utility [Internet]. Vol. 20, **Clinical Advances in Hematology and Oncology.** 2022 [cited 2023 Jan 17]. p. 419–21. Available from: https://haematologica.org/article/view/haematol.2022.280638.

18. BRANDALISE S, PINHEIRO V, Lee M, ALL, Leukemia BG. Protocolo de Tratamento da Leucemia Linfóide Aguda da Criança e do Adolescente **GBTLI LLA-2009.** 2009. 121–350 p.

19. P. Yotnda, P. Mintz, K. Grigoriadou, F. Lemonnier, E. Vilmer, and P. Langlade-Demoyen, "Analysis of T-cell defects in the specific immune response against acute lymphoblastic leukemia cells," ***Experimental Hematology***, vol. 27, pp. 1375–1383, 1999.

20. A. Benyamine, A. le Roy, E. Mamessier et al., "BTN3A mole- cules considerably improve Vγ9Vδ2T cells-based immuno- therapy in acute myeloid leukemia," ***Oncoimmunology,*** vol. 5, no. 10, article e1146843, 2016.

21. V. Lafont, J. Liautard, J. P. Liautard, and J. Favero, "Produc- tion of TNF-α by human Vγ9Vδ2 T cells via engagement of FcγRIIIA, the low affinity type 3 receptor for the Fc portion of IgG, expressed upon TCR activation by nonpeptidic anti- gen," ***Journal of Immunology,*** vol. 166, pp. 7190–7199, 2001.

22. R. Tokunaga, W. Zhang, M. Naseem et al., "CXCL9, CXCL10, CXCL11/CXCR3 axis for immune activation–a target for novel cancer therapy," **Cancer Treatment Reviews**, vol. 63, pp. 40–47, 2018.

23. R. Weinkove, C. R. Brooks, J. M. Carter, I. F. Hermans, and F. Ronchese, "Functional invariant natural killer T-cell and CD1d axis in chronic lymphocytic leukemia: implications for immunotherapy," ***Haematologica***, vol. 98, no. 3, pp. 376–384, 2013.

24. G. Zhu, H. H. Yan, Y. Pang et al., "CXCR3 as a molecular target in breast cancer metastasis: inhibition of tumor cell migration and promotion of host anti-tumor immunity," **Oncotarget,** vol. 6, no. 41, pp. 43408–43419, 2015.

25. K. Bhattacharya, S. Chandra, and C. Mandal, "Critical stoichiometric ratio of CD4+ CD25+ FoxP3+ regulatory T cells and CD4+ CD25− responder T cells influence immunosuppression in patients with B-cell acute lymphoblastic leukaemia," Immunology, vol. 142, no. 1, pp. 124–139, 2014.

26. C.-P. Wu, X. Qing, C.-Y. Wu, H. Zhu, and H.-Y. Zhou, “Immunophenotype and increased presence of CD4+ CD25+ regulatory T cells in patients with acute lymphoblastic leukemia, **Oncology Letters,** vol. 3, no. 2, pp. 421–424, 2011.

27. S. Nabarro, N. Himoudi, A. Papanastasiou et al., “Coordinated oncogenic transformation and inhibition of host immune responses by the PAX3-FKHR fusion oncoprotein,” Journal of Experimental Medicine, vol. 202, no. 10, pp. 1399–1410, 2005.

28. Luczyński, w.; stasiak-barmuta, a.; krawczuk-rybak, m.; malinowska, i. Assessment of selected co-stimulatory, adhesion and activatory molecules and cytokines of Th(1)/Th(2) balance in acute lymphoblastic leukemia in children. **Archivum immunologiae et therapiae experimentalis**, v. 53, n. 4, p. 357–63, 2005. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16088321>.

29. Orleans-lindsay, j. K.; barber, l. D.; prentice, h. G.; lowdell, m. W. Acute myeloid leukaemia cells secrete a soluble factor that inhibits T and NK cell proliferation but not cytolytic function--implications for the adoptive immunotherapy of leukaemia. **Clinical and experimental immunology**, v. 126, n. 3, p. 403–11, 2001. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11737054>.

30. F. Chiarini, A. Lonetti, C. Evangelisti et al., “Advances in understanding the acute lymphoblastic leukemia bone mar- row microenvironment: from biology to therapeutic target- ing,” Biochimica et Biophysica Acta (BBA) - Molecular Cell **Research**, vol. 1863, no. 3, pp. 449–463, 2016.

CONCLUSÃO

Em conclusão, nosso estudo indica que:

(i) As populações de células T não convencionais têm sido associadas a um repertório de respostas anti- ou pró-tumorais e desempenham papéis importantes na dinâmica de tumores sólidos e malignidades hematológicas, incentivando assim o desenvolvimento de novas investigações na área;

(ii) A revisão 1 que realizamos deu enfoque aos conhecimentos atuais sobre o papel de populações de células T não convencionais na resposta imune antitumoral na leucemia e discutiu porque mais estudos sobre o potencial imunoterapêutico dessas células são necessários;

(iii) Além disso, os avanços na biotecnologia e a compreensão atual da engenharia de células T levaram a novas abordagens nessa luta, melhorando assim a resposta imune mediada por células contra o câncer, principalmente células Tγδ, como demonstrado na revisão 2;

(iv) Nesse sentido, destacamos várias características das células Tγδ e suas interações na leucemia, explorando estratégias para maximizar suas funções antitumorais, visando ilustrar os achados destinados a uma melhor mobilização de células Tγδ contra o tumor.

(v) Finalmente, delineamos nossas perspectivas sobre sua aplicabilidade terapêutica e indicamos questões pendentes para futuras pesquisas básicas e clínicas na leucemia, na esperança de contribuir para o avanço dos estudos sobre células Tγδ na imunoterapia do câncer.

(vi) Por fim, demonstramos com nossos dados originais que pacientes com LLA-B apresentaram uma alta frequência para as células T não convencionais analisadas: Tγδ, NKT e células MAIT, quando comparado com o GC no grupo do SP e também quanto comparado entre o compartimento medular nos tempos D0 e D35.

(vii) Até onde sabemos, este é o primeiro estudo que descreve os percentuais da frequência de células T não convencionais em compartimento medular em pacientes com LLA-B comum.

(viii) A produção de citocinas está diretamente relacionada com a resposta imune antitumoral de pacientes com leucemia linfoblástica aguda de células B comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABEL, A. M. et al. Natural Killer Cells: Development, Maturation, and Clinical Utilization. **Frontiers in Immunology**, [s. l.], v. 9, n. AUG, 2018. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fimmu.2018.01869/full>. Acesso em: 27 jan. 2020.

ALMEIDA, A. R. et al. Delta one T cells for immunotherapy of chronic lymphocytic leukemia: Clinical-grade expansion/differentiation and preclinical proof of concept. **Clinical Cancer Research**, [s. l.], v. 22, n. 23, p. 5795–5804, 2016.

ALTMAN, J. B. et al. Antitumor Responses of Invariant Natural Killer T Cells. **Journal of Immunology Research**, [s. l.], v. 2015, p. 1–10, 2015. Disponível em: <http://www.hindawi.com/journals/jir/2015/652875/>

ARRENBERG, P. et al. Oligoclonality and innate-like features in the TCR repertoire of type II NKT cells reactive to a β -linked self-glycolipid. [s. l.], v. 107, n. 24, p. 1–6, 2010.

BAE, E.-A. et al. Roles of NKT cells in cancer immunotherapy. **Archives of Pharmacal Research**, [s. l.], v. 42, n. 7, p. 543–548, 2019. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s12272-019-01139-8>. Acesso em: 13 jan. 2020.

BARTKOWIAK, J. et al. Molecular diversity of gammadelta T cells in peripheral blood from patients with B-cell chronic lymphocytic leukaemia. **Neoplasma**, [s. l.], v. 49, n. 2, p. 86–90, 2002.

BARYAWNO, N. et al. A Cellular Taxonomy of the Bone Marrow Stroma in Homeostasis and Leukemia. **Cell**, [s. l.], v. 177, n. 7, p. 1915- 1932.e16, 2019.

BASSIRI, H. et al. iNKT cell cytotoxic responses control T-lymphoma growth in vitro and in vivo. **Cancer immunology research**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 59–69, 2014.

BEHRMANN, L.; WELLBROCK, J.; FIEDLER, W. Acute myeloid leukemia and the bone marrow niche - Take a closer look. **Frontiers in Oncology**, [s. l.], v. 8, n. OCT, p. 1–13, 2018.

BENLAGHA, K. et al. A thymic precursor to the NK T cell lineage. **Science**, [s. l.], v. 296, n. 5567, p. 553–555, 2002.

BENYAMINE, A. et al. BTN3A molecules considerably improve Vγ9Vδ2T cells-based immunotherapy in acute myeloid leukemia. **OncoImmunology**, [s. l.], v. 5, n. 10, 2016.

BERZINS, S. P. et al. Limited correlation between human thymus and blood NKT cell content revealed by an ontogeny study of paired tissue samples. [s. l.], p. 1399–1407, 2005.

BLAZQUEZ, J. L. et al. New insights into the regulation of γδ T cells by BTN3A and other BTN/BTNL in tumor immunity. **Frontiers in Immunology**, [s. l.], v. 9, n. JUL, p. 1–11, 2018.

BOJARSKA-JUNAK, A. et al. Intracellular IL-4 and IFN-γ expression in iNKT cells

from patients with chronic lymphocytic leukemia. **Oncology Letters**, [s. l.], v. 15, n. 2, p. 1580–1590, 2018.

BRANDES, M.; WILLIMANN, K.; MOSER, B. Immunology: Professional antigen-presentation function by human γδ cells. **Science**, [s. l.], v. 309, n. 5732, p. 264–268, 2005.

BROSSAY, L. et al. CD1d-mediated Recognition of an α-Galactosylceramide by Natural Killer T Cells Is Highly Conserved through Mammalian Evolution. **Journal of Experimental Medicine**, [s. l.], v. 188, n. 8, p. 1521–1528, 1998. Disponível em: <http://www.jem.org>. Acesso em: 13 jan. 2020.

CACCAMO, N. et al. CXCR5 Identifies a Subset of Vγ9Vδ2 T Cells which Secrete IL-4 and IL-10 and Help B Cells for Antibody Production. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 177, n. 8, p. 5290–5295, 2006. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17015714/>. Acesso em: 12 sep. 2020.

CACCAMO, N. et al. Differentiation, phenotype, and function of interleukin-17-producing human vγ9vδ2 T cells. **Blood**, [s. l.], v. 118, n. 1, p. 129–138, 2011. Disponível em: <https://ashpublications.org/blood/article-pdf/118/1/129/1340431/zh802711000129.pdf>. Acesso em: 12 sep. 2020.

CAMPO, E. et al. The 2008 WHO classification of lymphoid neoplasms and beyond: evolving concepts and practical applications. **Blood**, [s. l.], v. 117, n. 19, p. 5019–5032, 2011.

CARDOSO, B. A. The Bone Marrow Niche – The Tumor Microenvironment That Ensures Leukemia Progression. In: **Advances in Experimental Medicine and Biology**. [s.l.] : Springer, 2020. v. 1219p. 259–293.

CASORATI, G.; DE LALLA, C.; DELLABONA, P. Invariant natural killer T cells reconstitution and the control of leukemia relapse in pediatric haploidentical hematopoietic stem cell transplantation. **OncoImmunology**, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 355–357, 2012. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.4161/onci.18399>

CAZÉ, M. O.; BUENO, D.; SANTOS, M. E. Referential study of a chemotherapy protocol for acute lymphocytic leukemia in childhood. **Revista HCPA**, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 5–12, 2010.

CHEN, Q.-Y. et al. Human CD1D Gene Expression Is Regulated by LEF-1 through Distal Promoter Regulatory Elements. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 184, n. 9, p. 5047–5054, 2010.

CHIARINI F, LONETTI A, EVANGELISTI C, BUONTEMPO F, ORSINI E, EVANGELISTI C, CAPPELLINI A, NERI LM, MCCUBREY JA, MARTELLI AM. Advances in understanding the acute lymphoblastic leukemia bone marrow microenvironment: From biology to therapeutic targeting. ***Biochim Biophys Acta - Mol Cell Res*** 1863:449–463, 2016.

COMPTE, E. et al. Frontline: Characterization of BT3 molecules belonging to the B7 family expressed on immune cells. **European Journal of Immunology**, [s. l.], v. 34, n.

8, p. 2089–2099, 2004. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/15259006/>. Acesso em: 23 oct. 2020.

CONSONNI, M. et al. Harnessing the CD1 restricted T cell response for leukemia adoptive immunotherapy. **Cytokine & Growth Factor Reviews**, [s. l.], v. 36, p. 117–123, 2017. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1359610117300825>

CORBETT, A. J. et al. T-cell activation by transitory neo-antigens derived from distinct microbial pathways. **Nature**, [s. l.], v. 509, n. 7500, p. 361–365, 2014. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/nature13160>

CORREIA, D. V. et al. Differentiation of human peripheral blood Vδ1+ T cells expressing the natural cytotoxicity receptor NKp30 for recognition of lymphoid leukemia cells. **Blood**, [s. l.], v. 118, n. 4, p. 992–1001, 2011.

CROWTHER, M. D. et al. Genome-wide CRISPR–Cas9 screening reveals ubiquitous T cell cancer targeting via the monomorphic MHC class I-related protein MR1. **Nature Immunology**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 178–185, 2020. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/s41590-019-0578-8>

CUBILLOS-RUIZ, J. R. et al. CD277 is a negative co-stimulatory molecule universally expressed by ovarian cancer microenvironmental cells. **Oncotarget**, [s. l.], v. 1, n. 5, p. 329–338, 2010. Disponível em: <www.impactjournals.com/oncotarget/www.impactjournals.com/oncotarget329>. Acesso em: 23 oct. 2020.

DAVEY, M. S. et al. Recasting Human Vδ1 Lymphocytes in an Adaptive Role. **Trends in Immunology**, [s. l.], v. 39, n. 6, p. 446–459, 2018. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1471490618300590>

DE WEERDT, I. et al. Chronic Lymphocytic Leukemia (CLL) Cells Are Susceptible to γδ-T Cell Mediated Killing, Provided CLL-Derived γδ-T Cell Dysfunction Can be Reversed. **Blood**, [s. l.], v. 126, n. 23, p. 2914–2914, 2015.

DEBARROS, A. et al. CD70-CD27 interactions provide survival and proliferative signals that regulate T cell receptor-driven activation of human γδ peripheral blood lymphocytes. **European Journal of Immunology**, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 195–201, 2011. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/eji.201040905>. Acesso em: 12 sep. 2020.

DELLABONA, P. et al. On the use of donor-derived iNKT cells for adoptive immunotherapy to prevent leukemia recurrence in pediatric recipients of HLA haploidentical HSCT for hematological malignancies. **Clinical Immunology**, [s. l.], v. 140, n. 2, p. 152–159, 2011. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1521661610007758>

DHODAPKAR, M. V; KUMAR, V. Type II NKT Cells and Their Emerging Role in Health and Disease. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 198, n. 3, p. 1015–1021, 2017.

DI LORENZO, B. et al. Broad cytotoxic targeting of acute myeloid leukemia by polyclonal delta one T cells. **Cancer Immunology Research**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 552–

558, 2019.

DI MARCO BARROS, R. et al. Epithelia Use Butyrophilin-like Molecules to Shape Organ-Specific γδ T Cell Compartments. **Cell**, [s. l.], v. 167, n. 1, p. 203- 218.e17, 2016. Disponível em: </pmc/articles/PMC5037318/?report=abstract>. Acesso em: 23 oct. 2020.

DUSSEAUX, M. et al. Human MAIT cells are xenobiotic-resistant, tissue-targeted, CD161hi IL-17–secreting T cells. **Blood**, [s. l.], v. 117, n. 4, p. 1250–1259, 2011. Disponível em: <https://ashpublications.org/blood/article/117/4/1250/28598/Human-MAIT-cells-are-xenobioticresistant>

ECKLE, S. B. G. et al. Recognition of Vitamin B Precursors and Byproducts by Mucosal Associated Invariant T Cells. **Journal of Biological Chemistry**, [s. l.], v. 290, n. 51, p. 30204–30211, 2015. Disponível em: <http://www.jbc.org/lookup/doi/10.1074/jbc.R115.685990>

EHSANPOUR, A et al. The expression of microvesicles in leukemia: Prognostic approaches. ***Cell J***, 21:115–123, 2018.

FAIS, F. et al. CD1d expression on B-precursor acute lymphoblastic leukemia subsets with poor prognosis. **Leukemia**, [s. l.], v. 19, n. 4, p. 551–556, 2005.

FARIAS, M. G.; CASTRO, S. M. De. Diagnóstico laboratorial das leucemias linfóides agudas. **Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial**, [s. l.], v. 40, n. 2, p. 91–98, 2004.

FARNAULT, L. et al. **Clinical evidence implicating gamma-delta T cells in EBV control following cord blood transplantation**, Nature Publishing Group, 2013. Disponível em: <www.nature.com/bmt>. Acesso em: 23 oct. 2020.

FAVREAU, M. et al. Both mucosal-associated invariant and natural killer T-cell deficiency in multiple myeloma can be countered by PD-1 inhibition. **Haematologica**, [s. l.], v. 102, n. 7, p. e266–e270, 2017. Disponível em: <http://www.haematologica.org/lookup/doi/10.3324/haematol.2017.163758>

FIEDLER, T. et al. Regulation of CD1d expression by murine tumor cells: Escape from immunosurveillance or alternate target molecules? **International Journal of Cancer**, [s. l.], v. 98, n. 3, p. 389–397, 2002. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/ijc.10141>. Acesso em: 13 jan. 2020.

FLAMENT, C. et al. CD48 may serve as an accessory molecule for the activation of a subset of human γ/δ T cells. **Human Immunology**, [s. l.], v. 46, n. 2, p. 82–92, 1996. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/0198885996000109>. Acesso em: 11 sep. 2020.

FONSECA, S. et al. Human Peripheral Blood Gamma Delta T Cells: Report on a Series of Healthy Caucasian Portuguese Adults and Comprehensive Review of the Literature. **Cells**, [s. l.], v. 9, n. 3, p. 729, 2020.

GAN, Y. H.; LUI, S. S. N.; MALKOVSKY, M. Differential susceptibility of naïve and activated human γδ T cells to activation-induced cell death by T-cell receptor cross-

linking. **Molecular Medicine**, [s. l.], v. 7, n. 9, p. 636–643, 2001. Disponível em: </pmc/articles/PMC1950068/?report=abstract>. Acesso em: 12 sep. 2020.

GAO, Y. et al. γδ T cells provide an early source of interferon γ in tumor immunity. **Journal of Experimental Medicine**, [s. l.], v. 198, n. 3, p. 433–442, 2003. Disponível em: </pmc/articles/PMC2194096/?report=abstract>. Acesso em: 12 sep. 2020.

GARBER, K. γδ T cells bring unconventional cancer-targeting to the clinic — again. **Nature Biotechnology**, [s. l.], v. 38, n. 4, p. 389–391, 2020. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/s41587-020-0487-2>

GENTLES, A. J. et al. The prognostic landscape of genes and infiltrating immune cells across human cancers. **Nature Medicine**, [s. l.], v. 21, n. 8, p. 938–945, 2015.

GERTNER-DARDENNE, J. et al. Human Vγ9Vδ2 T Cells Specifically Recognize and Kill Acute Myeloid Leukemic Blasts. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 188, n. 9, p. 4701–4708, 2012.

GHERARDIN, N. A. et al. Diversity of T Cells Restricted by the MHC Class I-Related Molecule MR1 Facilitates Differential Antigen Recognition. **Immunity**, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 32–45, 2016. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1074761315005063>

GHERARDIN, N. A. et al. Enumeration, functional responses and cytotoxic capacity of MAIT cells in newly diagnosed and relapsed multiple myeloma. **Scientific Reports**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 4159, 2018. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/s41598-018-22130-1>

GODFREY, D. I. et al. NKT cells: what's in a name? **Nature Reviews Immunology**, [s. l.], v. 4, n. 3, p. 231–237, 2004. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/nri1309>. Acesso em: 13 jan. 2020.

GODFREY, D.I et al. The burgeoning family of unconventional T cells. **Nat Immunol.16**:1114–1123, 2015.

GODFREY, D. I. et al. Unconventional T Cell Targets for Cancer Immunotherapy. **Immunity**, [s. l.], v. 48, n. 3, p. 453–473, 2018. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1074761318300852>

GODFREY, D. I. et al. The biology and functional importance of MAIT cells. **Nature Immunology**, [s. l.], v. 20, n. 9, p. 1110–1128, 2019. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/s41590-019-0444-8>

GODFREY, D. I.; KRONENBERG, M. Going both ways: Immune regulation via CD1d-dependent NKT cells, **Journal of Clinical Investigation**, 2004. Disponível em: <http://www.jci.org>. Acesso em: 13 jan. 2020.

GOMES, A. Q. et al. Identification of a panel of ten cell surface protein antigens associated with immunotargeting of leukemias and lymphomas by peripheral blood γδ t cells. **Haematologica**, [s. l.], v. 95, n. 8, p. 1397–1404, 2010.

GORINI, F. et al. Invariant NKT cells contribute to chronic lymphocytic leukemia surveillance and prognosis. **Blood**, [s. l.], v. 129, n. 26, p. 3440–3451, 2017. Disponível em: <https://ashpublications.org/blood/article-pdf/129/26/3440/1401462/blood751065.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

GREAVES, M. Leukaemia "firsts" in cancer research and treatment. **Nature Reviews Cancer**, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 163–172, 2016. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/nrc.2016.3>

GREAVES, M. A causal mechanism for childhood acute lymphoblastic leukaemia. **Nature Reviews Cancer**, [s. l.], v. 18, n. 8, p. 471–484, 2018. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/s41568-018-0015-6>

GRUENBACHER, G.; THURNHER, M. Mevalonate Metabolism in Immuno-Oncology. **Frontiers in Immunology**, [s. l.], v. 8, n. DEC, p. 1714, 2017. Disponível em: <http://journal.frontiersin.org/article/10.3389/fimmu.2017.01714/full>. Acesso em: 12 sep. 2020.

GBTLI-LLA-2009. Grupo Brasileiro de Tratamento da Leucemia na Infância. Protocolo de tratamento da leucemia linfoblástica aguda na infância. **Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica.** Campinas, 2009.

GU, S. et al. Phosphoantigen-induced conformational change of butyrophilin 3A1 (BTN3A1) and its implication on Vγ9Vδ2 T cell activation. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, [s. l.], v. 114, n. 35, p. E7311–E7320, 2017. a.

GU, S. et al. Phosphoantigen-induced conformational change of butyrophilin 3A1 (BTN3A1) and its implication on Vγ9Vδ2 T cell activation. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, [s. l.], v. 114, n. 35, p. E7311–E7320, 2017. b. Disponível em: <www.pnas.org/cgi/doi/10.1073/pnas.1707547114>. Acesso em: 23 oct. 2020.

GUNDERMANN, S. et al. A comprehensive analysis of primary acute myeloid leukemia identifies biomarkers predicting susceptibility to human allogeneic Vγ9Vδ2 T cells. **Journal of Immunotherapy**, [s. l.], v. 37, n. 6, p. 321–330, 2014.

HAERYFAR, S. M. M.; SHALER, C. R.; RUDAK, P. T. Mucosa-associated invariant T cells in malignancies: a faithful friend or formidable foe? **Cancer Immunology, Immunotherapy**, [s. l.], v. 67, n. 12, p. 1885–1896, 2018. Disponível em: <http://link.springer.com/10.1007/s00262-018-2132-1>

HARLY, C. et al. Key implication of CD277/butyrophilin-3 (BTN3A) in cellular stress sensing by a major human γδ T-cell subset. **Blood**, [s. l.], v. 120, n. 11, p. 2269–2279, 2012. Disponível em: <http://ashpublications.org/blood/article-pdf/120/11/2269/1357878/zh803712002269.pdf>. Acesso em: 23 oct. 2020.

HASEEB, M. et al. Wnt Signaling in the Regulation of Immune Cell and Cancer Therapeutics. **Cells**, [s. l.], v. 8, n. 11, 2019.

HERRMANN, T.; FICHTNER, A. S.; KARUNAKARAN, M. M. An Update on the Molecular Basis of Phosphoantigen Recognition by Vγ9Vδ2 T Cells. **Cells**, [s. l.], v. 9,

n. 6, p. 1433, 2020. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2073-4409/9/6/1433>

HINZ, T. et al. Identification of the complete expressed human TCR V(γ) repertoire by flow cytometry. **International Immunology**, [s. l.], v. 9, n. 8, p. 1065–1072, 1997. Disponível em: <https://academic.oup.com/intimm/article/9/8/1065/752821>. Acesso em: 12 sep. 2020.

HÖPKEN, U. E.; REHM, A. Targeting the Tumor Microenvironment of Leukemia and Lymphoma. **Trends in Cancer**, [s. l.], v. 5, n. 6, p. 351–364, 2019. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2405803319300755>

HORNER, A. A. et al. γ/δ T lymphocytes express CD40 ligand and induce isotype switching in B lymphocytes. **Journal of Experimental Medicine**, [s. l.], v. 181, n. 3, p. 1239–1244, 1995. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/7869041/>. Acesso em: 12 sep. 2020.

HUAN J, HORNICK NI, SHURTLEFF MJ, SKINNER AM, GOLOVIZNINA NA, ROBERTS CT, KURRE P. RNA trafficking by acute myelogenous leukemia exosomes. ***Cancer Res.*** 73:918–929, 2013

IL, I.; CELLS, D. The Natural Killer T (NKT) Cell Ligand α-Galactosylceramide Demonstrates Its Immunopotentiating Effect by Inducing Interleukin (IL)-12 Production by Dendritic Cells and IL-12 Receptor Expression on NKT Cells. [s. l.], v. 189, n. 7, 1999.

KABELITZ, D. et al. Clonal expansion of Vγ3/Vδ3-expressing γδ T cells in a HIV-1/2-negative patient with CD4 T-cell deficiency. **British Journal of Haematology**, [s. l.], v. 96, n. 2, p. 266–271, 1997.

KABELITZ, D. Effector functions and control of human γδ T-cell activation. **Microbes and Infection**, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 255–261, 1999. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1286457999800422>. Acesso em: 12 sep. 2020.

KALYAN, S.; WESCH, D.; KABELITZ, D. Aminobisphosphonates and Toll-Like Receptor Ligands: Recruiting Vγ9Vδ2 T Cells for the Treatment of Hematologic Malignancy. **Current Medicinal Chemistry**, [s. l.], v. 18, n. 34, p. 5206–5216, 2011. Disponível em: <http://www.eurekaselect.com/openurl/content.php?genre=article&issn=0929-8673&volume=18&issue=34&spage=5206>. Acesso em: 11 sep. 2020.

KARANTANOU, C.; GODAVARTHY, P. S.; KRAUSE, D. S. Targeting the bone marrow microenvironment in acute leukemia. **Leukemia & Lymphoma**, [s. l.], v. 59, n. 11, p. 2535–2545, 2018. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10428194.2018.1434886>

KARUNAKARAN, M. M. et al. Butyrophilin-2A1 Directly Binds Germline-Encoded Regions of the Vγ9Vδ2 TCR and Is Essential for Phosphoantigen Sensing. **Immunity**, [s. l.], v. 52, n. 3, p. 487- 498.e6, 2020.

KENNA, T. et al. Distinct subpopulations of γδ T cells are present in normal and tumor-bearing human liver. **Clinical Immunology**, [s. l.], v. 113, n. 1, p. 56–63, 2004.

KNIGHT, A. et al. The role of Vδ2-negative γδ T cells during cytomegalovirus reactivation in recipients of allogeneic stem cell transplantation. **Blood**, [s. l.], v. 116, n. 12, p. 2164–2172, 2010.

KOAY, H.-F. et al. A three-stage intrathymic development pathway for the mucosal-associated invariant T cell lineage. **Nature Immunology**, [s. l.], v. 17, n. 11, p. 1300–1311, 2016. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/ni.3565>

KONG, Y. et al. The NKG2D ligand ULBP4 binds to TCRγ9/δ2 and induces cytotoxicity to tumor cells through both TCRγδ and NKG2D. **Blood**, [s. l.], v. 114, n. 2, p. 310–317, 2009.

KOVALOVSKY, D. et al. The BTB–zinc finger transcriptional regulator PLZF controls the development of invariant natural killer T cell effector functions. **Nature Immunology**, [s. l.], v. 9, n. 9, p. 1055–1064, 2008. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/ni.1641>

KOZBOR, D. et al. Human TCR-γ+/δ+, CD8+ T lymphocytes recognize tetanus toxoid in an MHC-restricted fashion. **Journal of Experimental Medicine**, [s. l.], v. 169, n. 5, p. 1847–1851, 1989.

KRUGER, S. et al. **Advances in cancer immunotherapy 2019 - Latest trends**, Journal of Experimental & Clinical Cancer Research, 2019.

KUMAR, V.; DELOVITCH, T. L. Different subsets of natural killer T cells may vary in their roles in health and disease. **Immunology**, [s. l.], v. 142, n. 3, p. 321–336, 2014. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/imm.12247>. Acesso em: 13 jan. 2020.

KURIOKA, A. et al. MAIT cells are licensed through granzyme exchange to kill bacterially sensitized targets. **Mucosal Immunology**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 429–440, 2015. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/mi201481>

LAFONT, V. et al. Production of TNF-α by Human Vγ9Vδ2 T Cells Via Engagement of FcγRIIIA, the Low Affinity Type 3 Receptor for the Fc Portion of IgG, Expressed upon TCR Activation by Nonpeptidic Antigen. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 166, n. 12, p. 7190–7199, 2001. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/11390467/>. Acesso em: 12 sep. 2020.

LAMBLE, A. J.; LIND, E. F. **Targeting the immune microenvironment in acute myeloid leukemia: A focus on T cell immunity**, Frontiers Media S.A., 2018.

LANÇA, T. et al. The MHC class Ib protein ULBP1 is a nonredundant determinant of leukemia/lymphoma susceptibility to γδ T-cell cytotoxicity. **Blood**, [s. l.], v. 115, n. 12, p. 2407–2411, 2010.

LANTZ, O.; BENDELAC, A. An invariant T cell receptor alpha chain is used by a unique subset of major histocompatibility complex class I-specific CD4+ and CD4-8- T cells in mice and humans. **The Journal of Experimental Medicine**, [s. l.], v. 180, n. 3, p. 1097–1106, 1994. Disponível em: <https://rupress.org/jem/article/180/3/1097/25234/An-invariant-T-cell-receptor-alpha-chain-is-used>

LE NOURS, J.; SHAHINE, A.; GRAS, S. Molecular features of lipid-based antigen

presentation by group 1 CD1 molecules. **Seminars in Cell & Developmental Biology**, [s. l.], v. 84, p. 48–57, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.semcdb.2017.11.002>

LEE, P. T. et al. Distinct Functional Lineages of Human V ␣ 24 Natural Killer T Cells. [s. l.], v. 195, n. 5, p. 637–641, 2002.

LENG, T. et al. TCR and Inflammatory Signals Tune Human MAIT Cells to Exert Specific Tissue Repair and Effector Functions. **Cell Reports**, [s. l.], v. 28, n. 12, p. 3077-3091.e5, 2019. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S2211124719310988>

LEPORE, M. et al. Functionally diverse human T cells recognize non-microbial antigens presented by MR1. **eLife**, [s. l.], v. 6, 2017. Disponível em: <https://elifesciences.org/articles/24476>

LIAO, C.-M.; ZIMMER, M. I.; WANG, C.-R. The Functions of Type I and Type II Natural Killer T Cells in Inflammatory Bowel Diseases. **Inflammatory Bowel Diseases**, [s. l.], v. 19, n. 6, p. 1330–1338, 2013. Disponível em: <www.ibdjournal.org>. Acesso em: 13 jan. 2020.

LING, L. et al. Circulating and tumor-infiltrating mucosal associated invariant T (MAIT) cells in colorectal cancer patients. **Scientific Reports**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 20358, 2016. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/srep20358>

LO PRESTI, E. et al. γδ cells and tumor microenvironment: A helpful or a dangerous liason? **Journal of Leukocyte Biology**, [s. l.], v. 103, n. 3, p. 485–492, 2018.

MAMI-CHOUAIB, F. et al. Further evidence for a gamma/delta T cell receptor-mediated TCT.1/CD48 recognition. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 147, n. 9, 1991.

MANGAN, B. A. et al. Cutting Edge: CD1d Restriction and Th1/Th2/Th17 Cytokine Secretion by Human Vδ3 T Cells. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 191, n. 1, p. 30–34, 2013.

MANIAR, A. et al. Human γδ T lymphocytes induce robust NK cell-mediated antitumor cytotoxicity through CD137 engagement. **Blood**, [s. l.], v. 116, n. 10, p. 1726–1733, 2010. Disponível em: </pmc/articles/PMC3324253/?report=abstract>. Acesso em: 12 sep. 2020.

MANUSCRIPT, A. Multiple tissue-specific isoforms of sulfatide activate CD1d-restricted type II NKT cells. [s. l.], v. 39, n. 7, p. 1726–1735, 2014.

MAO, C. et al. Tumor-activated TCRγδ+ T cells from gastric cancer patients induce the antitumor immune response of TCRαβ+ T cells via their antigen-presenting cell-like effects. **Journal of Immunology Research**, [s. l.], v. 2014, 2014. Disponível em: </pmc/articles/PMC3988731/?report=abstract>. Acesso em: 12 sep. 2020.

MARLIN, R. et al. Sensing of cell stress by human γδ TCR-dependent recognition of annexin A2. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, [s. l.], v. 114, n. 12, p. 3163–3168, 2017.

MARTIN, E. et al. Stepwise Development of MAIT Cells in Mouse and Human. **PLoS Biology**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. e1000054, 2009. Disponível em: <https://dx.plos.org/10.1371/journal.pbio.1000054>

MARTINO, A. et al. Central Memory Vγ9Vδ2 T Lymphocytes Primed and Expanded by Bacillus Calmette-Guérin-Infected Dendritic Cells Kill Mycobacterial-Infected Monocytes. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 179, n. 5, p. 3057–3064, 2007. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17709520/>. Acesso em: 12 sep. 2020.

MCEWEN-SMITH, R. M.; SALIO, M.; CERUNDOLO, V. The Regulatory Role of Invariant NKT Cells in Tumor Immunity. **Cancer Immunology Research**, [s. l.], v. 3, n. 5, p. 425–435, 2015. Disponível em: <http://cancerimmunolres.aacrjournals.org/lookup/doi/10.1158/2326-6066.CIR-15-0062>

MEEH, P. F. et al. Characterization of the γδ T cell response to acute leukemia. **Cancer Immunology, Immunotherapy**, [s. l.], v. 55, n. 9, p. 1072–1080, 2006.

MEERMEIER, E. W. et al. Human TRAV1-2-negative MR1-restricted T cells detect S. pyogenes and alternatives to MAIT riboflavin-based antigens. **Nature Communications**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 12506, 2016. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/ncomms12506>

MESSAL, N. et al. Differential role for CD277 as a co-regulator of the immune signal in T and NK cells. **European Journal of Immunology**, [s. l.], v. 41, n. 12, p. 3443–3454, 2011. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/21918970/>. Acesso em: 23 oct. 2020.

METELITSA, L. S. et al. Expression of CD1d by myelomonocytic leukemias provides a target for cytotoxic NKT cells. [s. l.], p. 1068–1077, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. INSTITUTO NACIONAL DO CÂNCER – **INCA**. Estimativas da incidência e mortalidade por câncer. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020.

MOREIRA-TEIXEIRA, L. et al. Proinflammatory Environment Dictates the IL-17 − Producing Capacity of Human Invariant NKT Cells. [s. l.], 2020.

MOULIN, M. et al. Vγ9Vδ2 T cell activation by strongly agonistic nucleotidic phosphoantigens. **Cellular and Molecular Life Sciences**, [s. l.], v. 74, n. 23, p. 4353–4367, 2017.

MUTO, M. et al. Myeloid molecular characteristics of human γδ T cells support their acquisition of tumor antigen-presenting capacity. **Cancer Immunology, Immunotherapy**, [s. l.], v. 64, n. 8, p. 941–949, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25904200/>. Acesso em: 12 sep. 2020.

NAJERA CHUC, A. E. et al. Low number of invariant NKT cells is associated with poor survival in acute myeloid leukemia. **Journal of Cancer Research and Clinical Oncology**, [s. l.], v. 138, n. 8, p. 1427–1432, 2012.

NESS-SCHWICKERATH, K. J.; JIN, C.; MORITA, C. T. Cytokine Requirements for the Differentiation and Expansion of IL-17A– and IL-22–Producing Human Vγ2Vδ2 T

Cells. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 184, n. 12, p. 7268–7280, 2010. Disponível em: </pmc/articles/PMC2965829/?report=abstract>. Acesso em: 12 sep. 2020.

PANDYRA, A. et al. Immediate utility of two approved agents to target both the metabolic mevalonate pathway and its restorative feedback loop. **Cancer Research**, [s. l.], v. 74, n. 17, p. 4772–4782, 2014.

PARKER, M. E.; CIOFANI, M. **Regulation of γδ T Cell Effector Diversification in the Thymus**, Frontiers Media S.A., 2020.

PAYNE, K. K. et al. BTN3A1 governs antitumor responses by coordinating ab and gd T cells. **Science**, [s. l.], v. 369, n. 6506, p. 942–949, 2020.

PETERS, C. et al. Human Vδ2 T cells are a major source of interleukin-9. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, [s. l.], v. 113, n. 44, p. 12520–12525, 2016.

PETRASCA, A. et al. Human Vδ3 + γδ T cells induce maturation and IgM secretion by B cells. **Immunology Letters**, [s. l.], v. 196, p. 126–134, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.imlet.2018.02.002>

POGGI, A. et al. Vδ1 T lymphocytes from B-CLL patients recognize ULBP3 expressed on leukemic B cells and up-regulated by trans-retinoic acid. **Cancer Research**, [s. l.], v. 64, n. 24, p. 9172–9179, 2004.

PORCELLI, S. et al. Analysis of T cell antigen receptor (TCR) expression by human peripheral blood CD4-8- alpha/beta T cells demonstrates preferential use of several V beta genes and an invariant TCR alpha chain. **The Journal of Experimental Medicine**, [s. l.], v. 178, n. 1, p. 1–16, 1993. Disponível em: <https://rupress.org/jem/article/178/1/1/57482/Analysis-of-T-cell-antigen-receptor-TCR-expression>

PRESTI, E. Lo et al. **Current advances in γδ T cell-based tumor immunotherapy**, Frontiers Media S.A., 2017.

PRESTI, E. Lo et al. γδ T cells and tumor microenvironment: From immunosurveillance to tumor evasion. **Frontiers in Immunology**, [s. l.], v. 9, n. JUN, p. 1–10, 2018.

RAHIMPOUR, A. et al. Identification of phenotypically and functionally heterogeneous mouse mucosal-associated invariant T cells using MR1 tetramers. **Journal of Experimental Medicine**, [s. l.], v. 212, n. 7, p. 1095–1108, 2015. Disponível em: <https://rupress.org/jem/article/212/7/1095/41839/Identification-of-phenotypically-and-functionally>

RAJORIYA, N. et al. Gamma delta T-lymphocytes in hepatitis C and chronic liver disease. **Frontiers in Immunology**, [s. l.], v. 5, n. AUG, p. 1–9, 2014.

RAMSTEAD, A. G.; JUTILA, M. A. **Complex role of γδ T-cell-derived cytokines and growth factors in cancer**, Mary Ann Liebert, Inc., 2012. Disponível em: </pmc/articles/PMC3514002/?report=abstract>. Acesso em: 12 sep. 2020.

REANTRAGOON, R. et al. Antigen-loaded MR1 tetramers define T cell receptor

heterogeneity in mucosal-associated invariant T cells. **The Journal of Experimental Medicine**, [s. l.], v. 210, n. 11, p. 2305–2320, 2013. Disponível em: <https://rupress.org/jem/article/210/11/2305/41566/Antigenloaded-MR1-tetramers-define-T-cell-receptor>

REI, M.; PENNINGTON, D. J.; SILVA-SANTOS, B. The emerging protumor role of γδ T lymphocytes: Implications for cancer immunotherapy. **Cancer Research**, [s. l.], v. 75, n. 5, p. 798–802, 2015.

RHODES, D. A. et al. Activation of Human γδ T Cells by Cytosolic Interactions of BTN3A1 with Soluble Phosphoantigens and the Cytoskeletal Adaptor Periplakin. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 194, n. 5, p. 2390–2398, 2015. Disponível em: <http://www.jimmunol.org/content/194/5/2390>. Acesso em: 23 oct. 2020.

RICHARD-CARPENTIER, G.; KANTARJIAN, H.; JABBOUR, E. Recent Advances in Adult Acute Lymphoblastic Leukemia. **Current Hematologic Malignancy Reports**, [s. l.], 2019.

RIGAU, M. et al. Butyrophilin 2A1 is essential for phosphoantigen reactivity by gd T cells. **Science**, [s. l.], v. 367, n. 6478, 2020.

ROSSIGNOL, A. et al. Evidence for BCR-ABL-dependent dysfunctions of iNKT cells from chronic myeloid leukemia patients. **European Journal of Immunology**, [s. l.], v. 42, n. 7, p. 1870–1875, 2012. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/eji.201142043>

RYTTING, M. E. et al. **Acute lymphoblastic leukemia in adolescents and young adults**, Rinsho Ketsueki, 2017.

SALIM, M. et al. BTN3A1 Discriminates γδ T Cell Phosphoantigens from Nonantigenic Small Molecules via a Conformational Sensor in Its B30.2 Domain. **ACS Chemical Biology**, [s. l.], v. 12, n. 10, p. 2631–2643, 2017. Disponível em: <https://pubs.acs.org/doi/abs/10.1021/acschembio.7b00694>. Acesso em: 23 oct. 2020.

SALIO, M. et al. Activation of Human Mucosal-Associated Invariant T Cells Induces CD40L-Dependent Maturation of Monocyte-Derived and Primary Dendritic Cells. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 199, n. 8, p. 2631–2638, 2017. Disponível em: <http://www.jimmunol.org/lookup/doi/10.4049/jimmunol.1700615>

SANDSTROM, A. et al. The intracellular B30.2 domain of butyrophilin 3A1 binds phosphoantigens to mediate activation of human Vγ9Vδ2T Cells. **Immunity**, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 490–500, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24703779/>. Acesso em: 23 oct. 2020.

SARTER, K. et al. Btn2a2, a T cell immunomodulatory molecule coregulated with MHC class II genes. **Journal of Experimental Medicine**, [s. l.], v. 213, n. 2, p. 177–187, 2016. Disponível em: </pmc/articles/PMC4749920/?report=abstract>. Acesso em: 23 oct. 2020.

SEACH, N. et al. Double Positive Thymocytes Select Mucosal-Associated Invariant T Cells. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 191, n. 12, p. 6002–6009, 2013. Disponível em: <http://www.jimmunol.org/lookup/doi/10.4049/jimmunol.1301212>

SEBESTYEN, Z. et al. RhoB Mediates Phosphoantigen Recognition by Vγ9Vδ2 T Cell Receptor. **Cell Reports**, [s. l.], v. 15, n. 9, p. 1973–1985, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1016/j.celrep.2016.04.081>. Acesso em: 23 oct. 2020.

SEO, H. et al. IL-21-mediated reversal of NK cell exhaustion facilitates anti-tumour immunity in MHC class I-deficient tumours. **Nature Communications**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 15776, 2017. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/ncomms15776>

SERRIARI, N.-E. et al. Innate mucosal-associated invariant T (MAIT) cells are activated in inflammatory bowel diseases. **Clinical & Experimental Immunology**, [s. l.], v. 176, n. 2, p. 266–274, 2014. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/cei.12277>

SIEGERS, G. M. et al. Human Vδ1 γδ T cells expanded from peripheral blood exhibit specific cytotoxicity against B-cell chronic lymphocytic leukemia-derived cells. **Cytotherapy**, [s. l.], v. 13, n. 6, p. 753–764, 2011. a.

SIEGERS, G. M. et al. Anti-leukemia activity of in vitro-expanded human gamma delta T cells in a xenogeneic Ph+leukemia model. **PLoS ONE**, [s. l.], v. 6, n. 2, 2011. b.

SIEGERS, G. M. **Anti-leukemia activity of human gamma delta T cells**, Taylor & Francis, 2012.

SILVA-JUNIOR AL et al. Acute lymphoid and myeloid leukemia in a Brazilian Amazon population: Epidemiology and predictors of comorbidity and deaths. **PLoS ONE** 14(8): 2019.

SILVA-SANTOS, B.; SERRE, K.; NORELL, H. γδT cells in cancer. **Nature Reviews Immunology**, [s. l.], v. 15, n. 11, p. 683–691, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1038/nri3904>

SILVA-SANTOS, B.; STRID, J. **Working in "NK mode": Natural killer group 2 member D and natural cytotoxicity receptors in stress-surveillance by γδ T cells**, Frontiers Media S.A., 2018. Disponível em: <www.frontiersin.org>. Acesso em: 11 sep. 2020.

SILVA, A. L. et al. Acute lymphoid and myeloid leukemia in a Brazilian Amazon population: Epidemiology and predictors of comorbidity and deaths. **PLoS ONE**, [s. l.], v. 14, n. 8, p. e0221518, 2019.

SIMÕES, A. E.; DI LORENZO, B.; SILVA-SANTOS, B. Molecular determinants of target cell recognition by human γδ T cells. **Frontiers in Immunology**, [s. l.], v. 9, n. APR, p. 1–7, 2018.

SINGH, A. K.; TRIPATHI, P.; CARDELL, S. L. Type II NKT Cells: An Elusive Population With Immunoregulatory Properties. **Frontiers in Immunology**, [s. l.], v. 9, n. August, p. 1969, 2018. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fimmu.2018.01969/full>

SOMMER C, W. F. Cytokines, Chemokines, and Pain. **Pharmacology of Pain**, [s. l.], v. 1st Ed, p. 279–302, 2010.

SPARROW, E. Granulysin : The attractive side of a natural born killer. **Immunology**

Letters, [s. l.], v. 217, n. July 2019, p. 126–132, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.imlet.2019.11.005>

STRATI, F. License to Kill : When iNKT Cells Are Granted the Use of Lethal Cytotoxicity. [s. l.], n. Figure 1, p. 1–17, 2020.

SUNDSTRÖM, P. et al. Human Mucosa-Associated Invariant T Cells Accumulate in Colon Adenocarcinomas but Produce Reduced Amounts of IFN-γ. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 195, n. 7, p. 3472–3481, 2015. Disponível em: <http://www.jimmunol.org/lookup/doi/10.4049/jimmunol.1500258>

SWERDLOW, S. H. et al. The 2016 revision of the World Health Organization classification of lymphoid neoplasms. **Blood**, [s. l.], v. 127, n. 20, p. 2375–2390, 2016.

TAN, J. et al. Type I natural killer T cells : naturally born for fighting. [s. l.], p. 1123–1132, 2010.

TERABE, M.; BERZOFSKY, J. A. NKT cells in immunoregulation of tumor immunity: a new immunoregulatory axis. **Trends in Immunology**, [s. l.], v. 28, n. 11, p. 491–496, 2007. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S1471490607002293>

TERABE, M.; BERZOFSKY, J. A. Tissue-specific roles of NKT cells in tumor immunity. **Frontiers in Immunology**, [s. l.], v. 9, n. AUG, p. 1–11, 2018.

TERWILLIGER, T.; ABDUL-HAY, M. Acute lymphoblastic leukemia: a comprehensive review and 2017 update. **Blood cancer journal**, [s. l.], v. 7, n. 6, p. e577, 2017.

TILLOY, F. et al. An Invariant T Cell Receptor α Chain Defines a Novel TAP-independent Major Histocompatibility Complex Class Ib–restricted α/β T Cell Subpopulation in Mammals. **Journal of Experimental Medicine**, [s. l.], v. 189, n. 12, p. 1907–1921, 1999. Disponível em: <https://rupress.org/jem/article/189/12/1907/25609/An-Invariant-T-Cell-Receptor-α-Chain-Defines-a>

TOUBAL, A. et al. Mucosal-associated invariant T cells and disease. **Nature Reviews Immunology**, [s. l.], v. 19, n. 10, p. 643–657, 2019. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/s41577-019-0191-y>

TOWNSEND, M. J. et al. T-bet Regulates the Terminal Maturation and Homeostasis of NK and V ⎵ 14 i NKT Cells. [s. l.], v. 20, p. 477–494, 2004.

TREINER, E. et al. Selection of evolutionarily conserved mucosal-associated invariant T cells by MR1. **Nature**, [s. l.], v. 422, n. 6928, p. 164–169, 2003. Disponível em: <http://www.nature.com/articles/nature01433>

USSHER, J. E. et al. CD161 ++ CD8 + T cells, including the MAIT cell subset, are specifically activated by IL-12+IL-18 in a TCR-independent manner. **European Journal of Immunology**, [s. l.], v. 44, n. 1, p. 195–203, 2014. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1002/eji.201343509>

VAN ACKER, H. H. et al. Empowering gamma delta T cells with antitumor immunity by dendritic cell-based immunotherapy. **OncoImmunology**, [s. l.], v. 4, n. 8, 2015.

VAN KAER, L.; PAREKH, V. V.; WU, L. Invariant natural killer T cells: bridging innate and adaptive immunity. **Cell and Tissue Research**, [s. l.], v. 343, n. 1, p. 43–55, 2011. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3624763/pdf/nihms412728.pdf>

VANTOUROUT, P.; HAYDAY, A. Six-of-the-best: Unique contributions of γδ T cells to immunology. **Nature Reviews Immunology**, [s. l.], v. 13, n. 2, p. 88–100, 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1038/nri3384>

VAVASSORI, S. et al. Butyrophilin 3A1 binds phosphorylated antigens and stimulates human γδ T cells. **Nature Immunology**, [s. l.], v. 14, n. 9, p. 908–916, 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23872678/>. Acesso em: 23 oct. 2020.

VIVIER, E. et al. **Targeting natural killer cells and natural killer T cells in cancer**, 2012.

VYBOROVA, A. et al. γ9δ2T cell diversity and the receptor interface with tumor cells. **Journal of Clinical Investigation**, [s. l.], v. 130, n. 9, p. 4637–4651, 2020.

WALDOWSKA, M.; BOJARSKA-JUNAK, A.; ROLIŃSKI, J. A brief review of clinical trials involving manipulation of invariant NKT cells as a promising approach in future cancer therapies. **Central European Journal of Immunology**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 181–195, 2017. Disponível em: <https://www.termedia.pl/doi/10.5114/ceji.2017.69361>

WANG, H.; HOGQUIST, K. A. How lipid-specific T cells become effectors: The differentiation of iNKT subsets. **Frontiers in Immunology**, [s. l.], v. 9, n. JUN, 2018.

WANG, L. et al. The feature of distribution and clonality of tcr γ / δ subfamilies T cells in patients with b-cell non-Hodgkin lymphoma. **Journal of Immunology Research**, [s. l.], v. 2014, 2014.

WEINKOVE, R. et al. Functional invariant natural killer T-cell and CD1d axis in chronic lymphocytic leukemia: Implications for immunotherapy. **Haematologica**, [s. l.], v. 98, n. 3, p. 376–384, 2013.

WESCH, D.; GLATZEL, A.; KABELITZ, D. Differentiation of resting human peripheral blood γδ T cells toward Th1- or Th2-phenotype. **Cellular Immunology**, [s. l.], v. 212, n. 2, p. 110–117, 2001.

WILLCOX, B. E.; MOHAMMED, F.; WILLCOX, C. R. **γδ TCR Recognition of MR1: Adapting to Life on the Flip Side**, Elsevier Ltd, 2020.

WILLCOX, C. R. et al. Butyrophilin-like 3 Directly Binds a Human Vγ4+ T Cell Receptor Using a Modality Distinct from Clonally-Restricted Antigen. **Immunity**, [s. l.], v. 51, n. 5, p. 813- 825.e4, 2019.

WILLCOX, C. R.; DAVEY, M. S.; WILLCOX, B. E. **Development and selection of the human Vγ9Vδ2+ T-Cell Repertoire**, Frontiers Media S.A., 2018. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fimmu.2018.01501/full>. Acesso em: 13

jun. 2020.

WON, E. J. et al. Clinical relevance of circulating mucosal-associated invariant T cell levels and their anti-cancer activity in patients with mucosal-associated cancer. **Oncotarget**, [s. l.], v. 7, n. 46, p. 76274–76290, 2016. Disponível em: <https://www.oncotarget.com/lookup/doi/10.18632/oncotarget.11187>

WU, C. et al. Extracellular vesicles derived from natural killer cells use multiple cytotoxic proteins and killing mechanisms to target cancer cells. [s. l.], v. 3078, 2019.

WU, D. et al. Human γδT-cell subsets and their involvement in tumor immunity. **Cellular and Molecular Immunology**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 245–253, 2017.

WU, L. et al. **Invariant natural killer T cells: Innate-like T cells with potent immunomodulatory activities**, 2009. Disponível em: <http://doi.wiley.com/10.1111/j.1399-0039.2009.01256.x>. Acesso em: 13 jan. 2020.

WU, Y. L. et al. **γδ T cells and their potential for immunotherapy**, 2014. Disponível em: <http://www.ijbs.com>. Acesso em: 9 jan. 2020.

YAMAGUCHI, H. et al. A Highly Conserved Major Histocompatibility Complex Class I-Related Gene in Mammals. **Biochemical and Biophysical Research Communications**, [s. l.], v. 238, n. 3, p. 697–702, 1997. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0006291X97973794>

YAMAZAKI, T. et al. A Butyrophilin Family Member Critically Inhibits T Cell Activation. **The Journal of Immunology**, [s. l.], v. 185, n. 10, p. 5907–5914, 2010. Disponível em: <http://www.jimmunol.org/content/185/10/5907http://www.jimmunol.org/content/185/10/5907.full#ref-list-1>. Acesso em: 23 oct. 2020.

YAN, J. et al. MAIT Cells Promote Tumor Initiation, Growth, and Metastases via Tumor MR1. **Cancer Discovery**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 124–141, 2020. Disponível em: <http://cancerdiscovery.aacrjournals.org/lookup/doi/10.1158/2159-8290.CD-19-0569>

YANG, Y. et al. A Structural Change in Butyrophilin upon Phosphoantigen Binding Underlies Phosphoantigen-Mediated Vγ9Vδ2 T Cell Activation. **Immunity**, [s. l.], v. 50, n. 4, p. 1043- 1053.e5, 2019. a.

YANG, Y. et al. A Structural Change in Butyrophilin upon Phosphoantigen Binding Underlies Phosphoantigen-Mediated Vγ9Vδ2 T Cell Activation. **Immunity**, [s. l.], v. 50, n. 4, p. 1043- 1053.e5, 2019. b. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/30902636/>. Acesso em: 23 oct. 2020.

ZHANG, Y. et al. **α-GalCer and iNKT cell-based cancer immunotherapy: Realizing the therapeutic potentials**, 2019. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/article/10.3389/fimmu.2019.01126/full>. Acesso em: 13 jan. 2020.

ZHAO, Y.; NIU, C.; CUI, J. Gamma-delta (γδ) T Cells: Friend or Foe in Cancer Development. **Journal of Translational Medicine**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 1–13, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12967-017-1378-2>

ANEXO - Carta de aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Fundação HEMOAM.

FUNDAÇÃO DE HEMATOLOGIA E HEMOTERAPIA DO

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Biomarcadores celulares e moleculares envolvidos na resposta imunológica de pacientes com Leucemia Linfoblástica Aguda: Novas abordagens aplicadas ao diagnóstico, prognóstico e terapêutica

Pesquisador: Allyson Guimarães da Costa

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 51257921.2.0000.0009

Instituição Proponente: Fundação de Hematologia e Hemoterapia do Amazonas - HEMOAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.982.395

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo observacional, do tipo longitudinal, retrospectivo e prospectivo para avaliação dos componentes celulares e moleculares envolvidos na resposta imunológica de pacientes com LLA, durante a terapia de indução da remissão e terapia de consolidação da remissão dos protocolos de tratamento. As amostras serão coletadas na Fundação HEMOAM, durante os procedimentos de rotina dos pacientes. As coletas ocorrerão em 4 momentos da quimioterapia de remissão, referidos como: diagnóstico (D0), dia 15 da terapia de indução da remissão (D15), final da terapia de indução da remissão (D35) e no dia 84 da terapia de consolidação da remissão (D84) dos protocolos de tratamento, sendo coletados 2 mL de MO e 3mL de SP em tubos com sistema a vácuo, contendo anticoagulante EDTA (Ethylenediaminetetraacetic) pela Equipe Médica da Fundação HEMOAM. Serão incluídas no estudo 158 amostras de DNA e plasma de pacientes com LLA criopreservadas e 203 amostras de DNA e plasma de doadores de sangue. A identificação de biomarcadores imunológicos como instrumento preditivo de prognóstico e resposta terapêutica fornecerá meios para identificar os pacientes que apresentarão uma boa resposta à quimioterapia ou a ausência dela, indicando neste último caso, a necessidade de intervenções terapêuticas alternativas ou mais assertivas de maneira antecipada, diminuindo a duração da exposição a terapias ineficazes e potencialmente toxicas, o que proporcionará melhores resultados e maior qualidade de vida aos pacientes.

Endereço: Av. Constantino Nery, 4397, Bloco A, Sala do CEP-HEMOAM (sala 13)
Bairro: Chapada **CEP:** 69.050-002
UF: AM **Município:** MANAUS
Telefone: (92)3655-0114 **Fax:** (92)3655-0112 **E-mail:** cep@hemoam.am.gov.br